Recordações de Infância e Juventude

Obras de

OSORIO BORBA

MEDALHÕES E MEDALHINHAS, Rio, 1925.

A EMBOSCADA (Discursos parlamentares), Rio, Outubro de 1937.

A COMEDIA LITERARIA, — Alba Editora, Rio, 1941

Traduções:

HENRY TORRÈS — PIERRE LAVAL

GOETHE — MEMORIAS — 2º volume,

RENAN — RECORDAÇÕES DE INFANCIA E JUVENTUDE.

ERNEST RENAN E HENRIETTE RENAN — CARTAS ÍNTIMAS (1842-1845) — Precedidas de MINHA IRMÃ HENRIETTE.

MEMÓRIAS
* DIÁRIOS *
CONFISSÕES

ERNEST RENAN
Da Academia Francesa
∫

Recordações de Infância e Juventude

TRADUÇÃO DE
OSÓRIO BORBA

1

1944

LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITORA
Rua do Ouvidor, 110 – Rio de Janeiro

ERNEST RENAN (1823-1892)

Reprodução a bico de pena de Luis Jardim,
segundo fotografia do quadro de Bonnat.

ÍNDICE

Prefácio

UMA das lendas mais difundidas na Bretanha é a de uma pretensa cidade de Is, que, em época indeterminada, teria sido tragada pelo mar. A gente da região nos mostra, em diferentes pontos do litoral, o local dessa cidade de fábula, e os pescadores contam estranhas coisas a respeito. Nos dias de tempestade – afirmam eles – vêem-se no côncavo das ondas pontas de flechas de igreja, e quando faz bom tempo ouve- se subir do abismo o som dos campanários que tocam as matinas.

Muitas vezes parece-me ter no fundo do coração uma cidade de Is, que ainda faz tanger os seu sinos, convocando, para ofícios sagrados, fiéis que já não os escutam. Frequentemente detenho-me para prestar ouvido a essas trêmulas vibrações que me parecem vir de profundezas insondáveis, como vozes de outro mundo: Sobretudo depois que me fui aproximando da velhice, tenho-me entregue, durante o período de repouso do verão, ao prazer de recolher esses ruídos longínquos de uma Atlântida desaparecida.

Dessas reminiscências nasceram os seis capítulos que compõem este volume. As *Recordações de Infância* não pretendem constituir uma narrativa completa e contínua. São dispostas quase sem ordem, as imagens que me surgiram na memória e as reflexões que me ocorreram ao espírito enquanto eu evocava, assim, um passado de cinquenta anos.

Goethe escolheu, para título de suas memorias, estas palavras: *Verdade e Poesia*, indicando, com isto, que não se pode fazer a própria biografia como se faz a dos outros. O que alguém diz de si mesmo é sempre poesia. Imaginar alguém que os detalhes miúdos de sua própria vida valem a pena de ser fixados é dar prova de uma bem mesquinha vaidade. O indivíduo escreve tais coisas para transmitir aos outros a teoria do universo que traz em si mesmo. A forma de *Recordações* me pareceu apropriada para exprimir certas nuanças de

pensamento que meus outros escritos não podiam transmitir. Não me propus, de modo nenhum, fornecer antecipadamente informações aos que tenham de escrever sobre mim notícias ou artigos. O que em história constituem uma qualidade, aqui teria sido um defeito. Tudo neste pequeno volume é verdadeiro, mas não daquela espécie de verdade que se exige para uma *Biografia Universal*. Muita coisa foi incluída no livro para provocar riso. Se o uso o permitisse, em mais de uma vez teria escrito à margem: *cum grano salis*. A simples discrição me impunha reservas. Muitas das pessoas de quem falo podem estar vivas ainda. Ora, aqueles que não estão familiarizados com a publicidade têm dela uma espécie de pavor. Julguei, assim, conveniente mudar vários nomes próprios. Outras vezes, mediante ligeiras inversões de tempo e de lugar, despistei todas as identificações que se pretendessem estabelecer. O caso do "Batedor de linho" aconteceu como eu o relato. Somente o nome da herdade foi inventado por mim. No que se refere ao velho *Sistema* o Sr. Duportal du Goasmeur me forneceu detalhes, que não confirmam certas suposições de minha mãe em torno do que havia de misterioso nos modos do solitário ancião. Nada quis, entretanto, mudar na redação que dera inicialmente ao capítulo por pensar que era preferível deixar ao Sr. Duportal o cuidado de tornar pública a verdade, que ele é o único a conhecer, sobre essa singular personagem.

O de que eu deveria pedir desculpas, se este livro tivesse a menor pretensão de constituir verdadeiras memórias, são as lacunas que nele se encontram. A pessoa que exerceu maior influência sobre minha vida, minha irmã Henriette, não ocupa no volume quase nenhum lugar.[1] Em setembro de

[1] No dia mesmo em que eu ia entregar à tipografia esta página, a morte de meu irmão veio romper definitivamente o último laço que me vinculava às recordações do teto paterno. Meu irmão Alain foi para mim um bom amigo, um amigo certo; sempre me compreendeu e foi solidário comigo, sempre gostou de mim. Sua clara e firme inteligência e sua grande capacidade de trabalho o indicavam, ou para uma das carreiras que exigem o estudo das ciências matemáticas, ou para a magistratura. Os infortúnios da nossa família o obrigaram a tomar outro rumo, e ele passou por duras provações, nas quais sua coragem, não foi, um instante sequer, desmentida. Nunca se queixou da vida, ainda que a vida não tivesse para ele quaisquer recompensas senão as que a gente extrai das alegrias íntimas. E estas são, seguramente, as melhores.

1862, um ano depois da morte dessa preciosa amiga, escrevi, para o pequeno número das pessoas que a conheceram, um opúsculo dedicado à sua memória. Desse trabalho tiraram-se apenas cem exemplares. Minha irmã, era tão modesta; sentia tal aversão pelo ruído da vida mundana que se eu houvesse entregue essas páginas ao público teria a impressão de vê-la, do seu túmulo, dirigindo-me recriminações. Algumas vezes pensei em incorporá-las a este volume. Mas depois considerei que isto seria uma espécie de profanação. O opúsculo sobre minha irmã foi lido com simpatia por algumas pessoas que nutriam para com ela e para comigo sentimentos de benevolência. Não devo expor uma memória que me é sagrada aos julgamentos arrogantes, inerentes ao direito que cada um adquire sobre um livro ao comprá-lo. Pareceu-me que, inserindo essas páginas sobre minha irmã num livro exposto à venda, agiria tão mal como se pusesse o seu retrato numa loja para ser vendido. Esse opúsculo não será, portanto, reimpresso senão depois de minha morte. Talvez se possa acrescentar-lhe, então, algumas cartas de minha amiga, que serão selecionadas de antemão por mim mesmo.

A ordem natural deste livro, que não é outra senão a própria ordem dos diversos períodos de minha existência, estabeleceu um contraste entre as narrativas de coisas da Bretanha e as do seminário, todas cheias, estas últimas, das lembranças de uma luta sombria, impregnadas de raciocínio e de uma áspera escolástica, ao passo que as recordações dos meus primeiros anos nada apresentam senão impressões de uma sensibilidade infantil, de candura, de inocência e de amor. Nada há de surpreendente neste antagonismo. Todos nós somos seres duplos. Quanto mais o homem desenvolve a inteligência, mais aspira a colocar-se no polo oposto, isto é, o irracional, o repouso do espírito numa completa ignorância, a mulher que não é mais do que mulher, um ser instintivo que age pelo impulso de uma consciência obscura. Essa rude escola de disputas em que se empenhou o espírito europeu desde Abelardo, produz momen-

---

(Nota do Tradutor:

Todas as notas de pé de página deste volume, não acompanhadas de indicação de autoria, são de Renan, traduzidas do original francês, ed. Nelson, 1936. As notas do tradutor serão seguidas da indicação: N. do T.).

tos de secura, horas de aridez. O cérebro abrasado pelo exercício do raciocínio tem sede de simplicidade, como o deserto tem sede de água pura. Quando a reflexão nos arrasta até as extremas da dúvida, o que há de afirmação espontânea do bem e do belo na consciência feminina nos encanta e liquida para nós a questão. Eis aí por que a religião se mantem no mundo apenas pela influência da mulher. A mulher bela e virtuosa é a miragem que povoa de lagos e de aleias de salgueiros o nosso grande deserto moral.

A superioridade da ciência moderna está em que cada um dos seus avanços é um degrau a mais na ordem das abstrações. Fazemos a química da química, a álgebra da álgebra; afastamo-nos da natureza à força de a sondarmos. Isto é um bem, e deve continuar: ao fim dessa dissecção forçada aparece a vida. Mas que ninguém se espante da ardência febril que, sobrevindo a essas orgias de dialética, só pode ser mitigada pelos beijos do ser ingênuo em que a natureza vive e sorri. A mulher nos repõe em comunicação com a eterna fonte em que Deus se contempla. A candura de uma criança, que ignora sua, beleza e que vê Deus claro como a luz do dia, é a grande revelação do ideal, do mesmo modo que a inconsciente garridice da flor é a prova de que a natureza se engalana tendo em vista um esposo.

Nunca se deve escrever senão sobre aquilo que se ama. O esquecimento e o silencio são o castigo que devemos reservar para o que encontramos de feio ou vulgar neste passeio através da existência. Ao falar de um passado que me é caro, falei dele com simpatia. Não quereria, entretanto, que isto determinasse um mal-entendido e que me tomassem por um grande reacionário. Amo o passado, mas gostaria de viver no futuro. Seria vantajoso passar por este planeta o mais tarde possível. Descartes se sentiria transportado de alegria se pudesse ler qualquer medíocre tratado de física ou de cosmografia escrito nos nossos dias. O mais medíocre dos alunos de escola primária conhece hoje verdades por cuja posse Arquimedes teria sacrificado a vida. Que não daríamos para que pudéssemos lançar um golpe de vista furtivo sobre um livro que será adotado nas escolas primárias de aqui a cem anos?

Não devemos, por força dos nossos gostos pessoais ou, talvez, dos nossos preconceitos, pôr-nos em oposição ao que realiza o nosso tempo. Ele o realiza sem o nosso concurso, e provavelmente tem razão. O mundo caminha para uma espécie de americanismo, que choca as nossas ideias requintadas: mas que, uma vez passadas as crises da hora atual, bem poderá não ser pior que o antigo regime sob o único aspecto que verdadeiramente importa, isto é, a libertação e o progresso do espírito humano. Uma sociedade em que a distinção pessoal tem pouco preço, e o talento e a inteligência não tem cotação oficial, em que as altas funções não enobrecem os que as desempenham, em que a política se torna o emprego dos desclassificados e das pessoas de terceira categoria, em que os proveitos da vida são reservados à vulgaridade, ao charlatanismo que cultiva a arte da propaganda, a velhacaria que habilidosamente se esgueira pelas malhas do Código Penal, uma tal sociedade, dizia eu, não nos poderia agradar. Estamos habituados a um sistema mais protetor, a contar mais com o governo para patrocinar o que é nobre e bom. Mas ao preço de quanto servilismo não pagamos esse patrocínio! Richelieu e Luiz XIV consideravam um dever a concessão de pensões a todas as pessoas de mérito. Como teriam feito melhor, se a época o permitisse, deixando em paz as pessoas de mérito, sem as pensionar nem as constranger! O tempo da Restauração passa por ter sido uma época liberal. Ora, nós, sem dúvida, não quereríamos mais viver sob um regime que amesquinhou um homem de gênio como Cuvier, que sufocou em mesquinhos compromissos o espírito tão vivo de Cousin, que atrasou de cinquenta anos a crítica. As concessões que se tinham de fazer à corte, à sociedade, ao clero, eram piores de que os pequenos dissabores que nos pode infligir a democracia.

A época da monarquia de Julho foi verdadeiramente uma era de liberdade; mas a direção oficial das coisas da inteligência era muitas vezes superficial, apenas acima dos conceitos de uma burguesia mesquinha. Quanto ao segundo Império, se os seus dez últimos anos repararam, até certo ponto, o mal feito nos oito primeiros, não se deve esquecer quanto esse governo se mostrou forte quando se tratava de esmagar o espírito e fraco quando se tratava de o elevar. O tempo presente é sombrio, e não faço bons vaticínios para um futuro próximo.

Nosso pobre país está sempre sob a ameaça da ruptura de um aneurisma, e um mal profundo trabalha o organismo da Europa inteira. Mas, como consolo, lembremo-nos do que já sofremos. Será preciso que os tempos que nos estão reservados sejam muito maus para que não possamos dizer:

O passi graviora, dabit Deus his quoque finem.

A finalidade do mundo é o desenvolvimento do espírito, e a primeira condição do desenvolvimento do espírito é a sua liberdade. A pior organização social, sob este ponto de vista, é o estado teocrático, como o islamismo e o antigo Estado Pontifício, em que o dogma reina diretamente, de maneira absoluta. Os países que têm uma religião de Estado exclusiva, como a Espanha, não valem mais. Aqueles que reconhecem uma religião da maioria também apresentam graves inconvenientes. Em nome dessas crenças, reais ou supostas, da maioria, o Estado se julga obrigado a impor ao pensamento exigências que ele não pode aceitar. A crença ou a opinião de uns seria uma grilheta para os outros. Sempre que houve massas crentes, isto é, opiniões quase universalmente professadas em uma nação, a liberdade de pesquisa e de discussão tornou-se impossível, e o peso colossal da estupidez esmagou o espírito humano. A terrível aventura da Idade Média, essa interrupção de mil anos na história da civilização, resultou menos dos bárbaros que do triunfo do espírito dogmático entre as massas.

Ora, este é um estado de coisas que chegou ao seu fim no nosso tempo, e não devemos nos admirar se daí resulte um abalo. Já não há massas crentes; uma grande parte do povo não mais admite o sobrenatural, e antevemos o dia em que as crenças desse gênero desaparecerão do seio das multidões, do mesmo modo que desapareceu a crença nos duendes e nas almas do outro mundo. Mesmo se tivermos de passar, como é muito provável, por uma reação católica momentânea, não se verá mais o povo voltar para Igreja. A religião tornou-se irrevogavelmente uma questão de foro íntimo. Ora, as crenças não são perigosas senão quando se apresentam com uma espécie de unanimidade ou professadas por uma indiscutível maioria. Tornadas individuais, são o que pode haver de mais legítimo no mundo, e devemos tributar-lhes o respeito que elas nem sempre tiveram para com os seus adversários quando se sentiam prestigiadas.

Seguramente, será preciso algum tempo para que essa liberdade, que é a meta da sociedade humana, se organize entre nós como está organizada na América. A democracia tem ainda alguns princípios essenciais a fazer vingar para que se torne um regime liberal. Precisaríamos, antes de tudo, de leis sobre as associações, as fundações e a liberdade de testar, análogas às que possuem a América e a Inglaterra. Suponhamos obtido esse progresso (se ele é uma utopia para a França não o é para a Europa, onde o gosto inglês da liberdade se torna cada dia dominante), e não teríamos muito que lamentar os favores que o antigo regime concedia à inteligência. Estou certo de que se as ideias democráticas viessem a triunfar definitivamente, a ciência e o ensino científico perderiam, bastante rapidamente, suas modestas dotações; poderíamos rezar por alma delas. As fundações livres poderiam então substituir os institutos do Estado, com alguns prejuízos, que seriam amplamente compensados pela vantagem de não termos mais de fazer aos supostos preconceitos da maioria essas concessões que o Estado impõe em troca das suas esmolas. Nos institutos do Estado, o desperdício de energias é enorme. Pode-se dizer que cada capítulo do orçamento votado em favor da ciência, da arte e da literatura, não produz rendimento útil senão na proporção de cinquenta por cento. As fundações privadas estariam sujeitas a uma dispersão de esforços bem menor.

É certo que a ciência charlatanesca se expandiria, sob um tal regime, ao lado da ciência honesta, com os mesmos direitos, e que não haveria mais um critério oficial, como há ainda um pouco em nossos dias, para estabelecer a distinção entre uma e outra. Mas esse critério torna-se cada dia mais incerto. A razão tem de resignar-se a ser sobrepujada pelos indivíduos que têm o verbo desenvolto e a capacidade de afirmar com arrogância. Por muito tempo ainda os aplausos e o favor do público serão para o que é falso. Mas o verdadeiro tem uma grande força quando é livre. O verdadeiro perdura; o falso muda constantemente e desaparece. Assim é que a verdade, ainda que não seja compreendida senão por uma pequena minoria, sobrenada sempre e termina por vencer.

Em suma, pode muito bem ser que o estado americano, para o qual caminhamos, independentemente de quaisquer formas de governo, não seja mais insuportável para os intelectuais do que as organizações sociais mais bem garantidas que temos

conhecido. Num mundo assim constituído, poderão os homens de inteligência esperar fins de vida muito tranquilos. "Inicia-se a era da mediocridade em tudo – dizia recentemente um distinto pensador.[2] A igualdade engendra a uniformidade, e é sacrificando o excelente, o notável, o extraordinário que a gente se descarta do que é mau. Tudo se torna menos grosseiro, mas tudo fica mais vulgar". Mas, pelo menos, pode-se esperar que a vulgaridade não se faça perseguidora do espírito livre. Descartes, naquele brilhante século XVII, em nenhum lugar se sentia melhor do que em Amsterdam, porque lá, "toda a gente exercendo o comércio", ninguém se preocupava com ele.

Talvez a vulgaridade geral seja um dia a condição de felicidade dos eleitos. A vulgaridade americana não oprimiria Giordano Bruno nem perseguiria Galileu. Não temos o direito de nos fazer muito difíceis. No passado, mesmo nos melhores tempos, fomos apenas tolerados. Devemos esperar menos tolerância do futuro. Um regime democrático, bem o sabemos, toma-se facilmente vexatório. Os homens de inteligência, entretanto, vivem na América, sob a condição de não serem muito exigentes. *Noli me tangere* é tudo o que se deve pedir à democracia. Atravessaremos ainda alternativas de anarquia e de despotismo antes de encontrarmos o repouso num justo meio-termo. Mas a liberdade é como a verdade: quase ninguém a ama por ela mesma, e, no entanto, pela impossibilidade dos extremos, volta-se sempre a ela.

Deixemos, portanto, sem inquietação, que se realizem os destinos do planeta. Nossos clamores nada influirão nisso, nosso mau humor seria intempestivo. Não é certo que a Terra deixe de ver mudado o seu destino, como tem provavelmente acontecido a inumerações outros mundos. Possivelmente mesmo, a nossa época será um dia considerada como o ponto culminante, depois do qual a humanidade não terá feito mais do que declinar. Mas o universo não conhece o desânimo; ele recomeçará indefinidamente a obra malograda, e cada revés o deixa mais jovem, alerta, cheio de ilusões. Coragem, coragem, natureza! Continua, como a asteria cega e surda que vegeta no fundo do oceano, teu obscuro trabalho de reprodução da vida. Obstina-te. Repara pela milionési-

[2] O Sr. Amiel, de Genebra.

ma vez o fio da malha que se rompe. Refaze a broca que cava, até os últimos limites do atingível, o poço de onde a água jorrará. Persegue, ainda e sempre, o fim que te falta atingir, desde a eternidade. Trata de alargar a cavidade imperceptível do túnel que conduz a outro céu. Dispões, para tua experiência, do infinito do espaço e do infinito do tempo. Quando temos o direito de nos enganar impunemente, sempre estamos certos de triunfar.

Felizes aqueles que houverem sido os colaboradores desse grande resultado final, que será o definitivo advento de Deus! Um paraíso perdido é sempre, quando se quer, um paraíso reconquistado. Ainda que Adão tenha muitas vezes lamentado a perda do Éden, acredito que, se ele viveu, como se pretende, novecentos e trinta anos depois do pecado, há de ter frequentemente exclamado: *Felix culpa!* A verdade é, digam o que disserem, superior a todas as ficções. Nunca devemos deplorar o fato de a vermos mais claro. Buscando aumentar o tesouro das verdades que formam o patrimônio da humanidade, seremos os continuadores dos nossos piedosos antepassados, que amaram o bem e a verdade sob a forma consagrada no seu tempo. O erro mais irritante é o de crer que se serve à pátria caluniando aqueles que a fundaram. Todos os séculos da existência de uma nação constituem as folhas de um mesmo livro. Os verdadeiros homens progressistas são aqueles que tomam como ponto de partida um profundo respeito pelo passado. Quanto a mim, nunca me sinto mais firme em minha fé liberal do que quando penso nos milagres da fé antiga, nem mais ardente no trabalho de construção do futuro do que depois de ficar horas inteiras a ouvir soarem os sinos da cidade de Is.

I

O batedor de linho

I

TRÉGUIER, minha cidade natal, é um antigo mosteiro fundado, nos últimos anos do século V, por São Tudwal ou Tual, um dos chefes religiosos daquelas grandes migrações que trouxeram para a península armoricana o nome, a raça e as instituições religiosas da ilha da Bretanha. Um forte acento monacal era a caraterística dominante desse cristianismo britânico. Não havia bispos, pelo menos entre os emigrados. Seu primeiro cuidado, ao pisarem o solo da península hospitaleira, cuja costa setentrional devia ser, por esse tempo, muito pouco povoada, foi estabelecer grandes conventos, cujos abades exerciam sobre as populações circunvizinhas o curato pastoral. Um círculo inviolável de uma ou duas léguas, que era chamado de *minihi*, rodeava o mosteiro, gozando das mais preciosas imunidades.

Os mosteiros, em língua bretã, chamavam-se *pabu*, do nome dos frades (*papae*). Assim, o mosteiro de Tréguier tinha o nome de Pabu-Tual. Foi ele o centro religioso de toda a parte da península que avança para o norte. Os mosteiros análogos de Saint-Pol-de-Léon, de Saint-Brieuc, de Saint-Malo, de Saint-Samson, próximo a Dol, desempenhavam em toda a costa um papel semelhante. Tinham, se assim podemos dizer, sua diocese própria. Nessa região isolada do resto da cristandade, eram inteiramente ignorados o poder de Roma e as instituições religiosas

que reinavam no mundo latino, e, em particular, nas cidades galo-romanas de Rennes e de Nantes, situadas muito perto dali.

Quando Nomenoé, no século IX, organizou, pela primeira vez, de modo mais ou menos regular, essa sociedade de emigrantes meio selvagens, e criou o ducado da Bretanha, reunindo ao país que falava o bretão a *marche de Bretagne*[3], estabelecida pelos carlovingios para conter os saqueadores vindos do Oeste, teve necessidade de estender ao seu ducado a organização religiosa do resto do mundo. Quis que a costa norte ficasse sob a jurisdição dos bispos, como Rennes, Nantes e Vanne. Para isto, erigiu em bispados os grandes mosteiros de Saint-Pol-de-Léon, de Tréguier, de Saint-Brieuc, de Saint-Malo, de Dol. Ele pretendera também possuir um arcebispado e formar, assim, uma província eclesiástica à parte. Foram empregadas toda sorte de piedosas fraudes para provar que S. Samson havia sido metropolitano. Mas os quadros da igreja universal estavam já bastante ordenados para que uma tal intrusão pudesse prevalecer, e os novos bispos tiveram de se agregar à província galo-romana mais próxima: a de Tours.

A noção dessas obscuras origens se perdeu com o tempo. Daquele nome de *Pabu Tual*, *Papa Tual*, encontrado, segundo dizem em antigos vitrais, concluiu-se que S. Tudwal fizera a viagem a Roma; era um sacerdote tão exemplar que naturalmente os cardeais, tendo-o conhecido, o escolheram para a Sé vacante. Coisas semelhantes acontecem todo dia... As pessoas devotas de Tréguier tinham muito orgulho do pontificado do seu padroeiro. Os sacerdotes moderados, entretanto, confessavam que era difícil iden-

[3] *Marche*: denominação que se dava antigamente às províncias militares das fronteiras de um império. (N. do T.).

tificar nas listas dos papas um pontífice que, antes de sua eleição, se chamasse Tudwal.

Formou-se naturalmente em torno do bispa o uma pequena cidade, mas a cidade laica, não tendo outra razão de ser senão a igreja, não se desenvolveu o mínimo que fosse. O porto continuou insignificante; não se constituiu uma burguesia abastada. Uma admirável catedral foi levantada em fins do século XIII; pulularam os conventos a partir do século XVII. Formaram-se ruas inteiras com os altos e compridos muros dessas mansões claustrais. A sede do bispado, bela construção do século XVII, e algumas residências de cônegos, eram os únicos prédios civis de moradia. Na parte baixa da cidade, à entrada da rua principal, flanqueada de edifícios com torreões agrupavam-se algumas estalagens destinadas aos marinheiros.

Somente um pouco antes da Revolução, uma pequena nobreza se estabeleceu ao lado do bispado, procedente dos campos vizinhos. A Bretanha possuiu duas nobrezas bem distintas. Uma delas recebera do rei de França os seus títulos, e apresentava no mais alto grau os defeitos e as qualidades comuns da nobreza francesa; a outra era de origem celta, e verdadeiramente bretã. Esta última compreendia, desde a época da invasão, os chefes de paróquia, os primeiros do povo, pertencentes à mesma raça que ele, possuindo por herança o direito de pôr-se à sua testa e de o representar. Nada mais respeitável do que esses nobres rurais, quando permaneciam camponeses, alheios às intrigas e à preocupação de enriquecer. Mas quando vinham para a cidade perdiam quase todas as suas virtudes e só mediocremente contribuíam para a educação intelectual e moral da região.

A Revolução foi, aparentemente, para esse ninho de padres e frades, uma sentença de morte. O último bispo de Tréguier saiu, uma tarde, pelos fundos do bosque vizinho ao bispado e se refugiou na Inglaterra. A Concordata suprimiu o bispado. A pobre cidade decapitada passou a não ter nem mesmo um sub-prefeito; preferiram para isso Lannion e Guingamp, cidades mais profanas, mais burguesas. Mas acontece que grandes construções, arranjadas de modo a só servirem para um fim determinado, reconstituem quase sempre aquilo para que foram criadas. Sob o aspecto moral, é lícito dizer o que não se aplica ao físico: as cavidades de uma concha, quando muito profundas, têm o poder de modificar a estrutura do animal que lhes está amoldado. Os imensos edifícios monásticos. de Tréguier se repovoaram. No antigo seminário instalou-se um colégio religioso, muito conceituado em toda a província. Tréguier, em poucos anos, voltou a ser o que dela havia feito S. Tudwal mil e trezentos anos antes: uma cidade exclusivamente eclesiástica, estranha ao comercio e à indústria, um vasto mosteiro onde nenhum ruído exterior penetrava, onde se classificava de vaidade tudo aquilo a que os outros homens aspiravam, e onde o que os leigos chamam quimera passava por ser a única realidade.

Foi nesse ambiente que decorreu minha infância, e dele me ficou no espírito e na sensibilidade um vinco imperecível. Aquela catedral, obra-prima de leviandade, louca tentativa de realizar em granito um ideal inatingível, me deformou o espírito desde os primeiros anos de existência. As longas horas que eu lá passava foram a causa da minha completa incapacidade para as coisas práticas. Esse paradoxo arquitetural fez de mim um homem quimérico, discípulo de

S. Tudwal, de S. Iltud e de S. Cadoc, num século e que os ensinamentos desses santos já não têm nenhuma aplicação. Quando eu ia a Guingamp, cidade mais laica, e onde tinha parentes na classe média sentia tedio e certo embaraço. Aí só achava prazer na companhia de uma pobre criada, para quem lia histórias. Queria voltar para minha velha cidade sombria, esmagada por sua catedral, mas onde eu sentia viver nas coisas um ardente protesto contra tudo que fosse medíocre e banal. Reencontrava-me a mim mesmo quando contemplava de novo meu alto campanário, a nave comprida, o claustro com os seus túmulos do século XV. Só me sentia à vontade na companhia dos mortos, junto daqueles cavaleiros e daquelas damas fidalgas que dormiam o seu sono tranquilo, com seu galgo aos pés e um grande archote de pedra na mão.

Os arredores da cidade apresentavam o mesmo caráter religioso e ideal. Nadava-se em pleno sonho, numa atmosfera tão mitológica, pelo menos, quanto a de Benares ou Jagatnata. A igreja de S. Miguel, de cujo átrio se avistava o mar alto, fora destruída por um raio e lá se passavam ainda coisas maravilhosas. Na quinta-feira santa levavam para o templo as crianças afim de assistirem ao espetáculo imaginário da partida dos sinos que iam a Roma. Vendavam-nos os olhos, e então era belo ver todas as peças do carrilhão, por ordem de tamanho, desde a maior à menor, revestidas do lindo pano bordado que traziam na cerimônia do batismo, atravessarem o ar, ressoando surdamente para ir a Roma afim de que o Papa as benzesse. Defronte, na outra margem do rio, ficava o encantador vale de Tromeur, irrigado por uma fonte sagrada que o cristianismo santificou associando-a ao culto da

Virgem. A capela que lá havia ruiu em 1828, mas não tardou em ser reconstruída, e a antiga imagem foi substituída por outra, ainda mais bonita. Esse episódio pôs em evidência a fidelidade, que constitui o fundo do caráter bretão. A imagem nova, toda em branco e ouro, pompeando no altar com seus belos cabelos frisados de fresco, quase não recebia orações; foi preciso conservar a um canto o velho tronco negro, calcinado. Todas as preces se dirigiam a este. Os fiéis consideravam que, se se voltassem para a Virgem nova, cometeriam uma infidelidade para com a antiga.

Santo Yves era objeto de um culto ainda mais popular. O digno padroeiro dos advogados nascera no *minihi* de Tréguier, e sua pequena igreja ainda lá está, cercada da maior veneração. Esse defensor dos pobres, das viúvas, dos órfãos tornou-se na região o grande distribuidor de justiça e reparador de erros. Mediante certas fórmulas, os fiéis invocavam a proteção do santo em sua misteriosa capela de *Santo Yves da Verdade*, contra a perseguição de algum inimigo. Dizendo-lhe: "tu foste justo em vida; mostra que ainda o és", o devoto fica certo de que o inimigo morrerá durante o ano. Todos os desamparados se faziam pupilos do santo. Quando meu pai morreu, minha mãe levou-me à capela e o constituiu meu tutor. Não posso dizer que o bom do santo Yves tenha gerido bem os nossos negócios, sobretudo não posso dizer que ele me haja concedido uma notável compreensão dos meus interesses. Mas devo-lhe mais do que isto: ele me dotou de um prazer de viver que desdenha da riqueza, e de um bom humor natural que me tem conservado a alegria até hoje.

O mês de maio, no qual recaía o dia desse santo excelente, era todo uma sucessão de procissões que se dirigiam ao *minihi*. As paróquias, precedidas dos

seus crucifixos processionais, encontravam-se. nos caminhos, e em sinal de aliança as duas romarias cruzavam os seus emblemas. Na véspera da festa, o povo se reunia à noite na igreja, e a meia-noite o santo estendia o braço para abençoar a assistência prosternada. Mas se havia na multidão um único incrédulo que levantasse os olhos para verificar se o milagre era real, o santo, melindrado, com razão, por essa desconfiança, não se mexia, e, por culpa de um incrédulo, ninguém recebia a benção.

Um clero desinteressado, austero, honesto, velava pela conservação dessas crenças com bastante habilidade para, por um lado, não a enfraquecer no espírito do povo, e por outro, não se comprometer nelas demasiado. Esses dignos sacerdotes foram os meus primeiros preceptores espirituais, e eu lhes devo o que possa haver de bom em mim. Todas as suas palavras me pareciam oraculares. Tinha-lhes um tal respeito, que nunca pus em dúvida nada do que eles me diziam, até a idade de dezesseis anos, quando vim para Paris. Tive, depois, mestres mais brilhantes e sagazes; nunca os tive mais veneráveis, e eis aí um motivo de divergências que surgem frequentemente entre mim e alguns dos meus amigos. Tive a felicidade de conhecer a virtude; sei o que é a fé, e se bem que mais tarde haja reconhecido que o supremo sedutor pôs uma grande dose de ironia em nossas mais santas ilusões, guardei desses velhos tempos preciosas experiências. Sinto que, no fundo, minha vida é sempre governada por uma fé que já não possuo. A fé tem essa peculiaridade: depois que desaparece continua a agir sobre nós. A graça sobrevive, pelo hábito, ao sentimento agudo que dela se teve. Continuamos a fazer maquinalmente o que a princípio fazia-

mos de .verdade e com plena consciência. Depois que Orfeu, tendo perdido seu ideal, foi feito em pedaços pelas bacantes, sua lira continuou a repetir apenas: “Eurídice! Eurídice!”

Os bons costumes eram o ponto sobre o qual esses ons padres mais insistiam, e tinham direito a fazê-lo, porque sua conduta era irrepreensível. Seus sermões sobre o assunto causavam-me uma impressão profunda, que teve poder bastante para me fazer guardar castidade durante toda a juventude. Essas prédicas tinham qualquer coisa de solene, que me assombrava. Deixaram vincos tão profundamente gravados no meu cérebro que ainda hoje não posso recordá-las sem uma espécie de terror. Às vezes o sermão girava em torno do exemplo de Jônatas, que morrera por haver comido um pouco de mel: *Gustans gustavi paululum mellis, et ecce morior*. Isso me obrigava a infindáveis reflexões. O que seria esse bocado de mel que provocava a morte? O pregador se abstinha de o dizer, e acentuava o efeito que desejava causar, com estas palavras misteriosas: *Tetigisse periisse*, pronunciadas num tom soturno e lacrimoso. Outras vezes, o texto era a passagem de Jeremias: *Mors ascendit per fenestras*, que me intrigava ainda mais. Essa morte que sobe pelas janelas, essas asas de borboleta que a gente maculará com o simples toque dos dedos, que poderia ser isso? O padre, ao falar dessas coisas, franzia a testa e erguia os olhos para o céu. O que, porém, levava ao extremo minha inquietação era um trecho da Vida de não sei que santa personagem do século XVII, o qual comparava as mulheres a armas e fogo que ferem à distância. Eu não podia de momento chegar à compreensão da imagem; formulava as mais loucas hipóteses para fazer uma ideia de como uma mulher poderia parecer-se com uma pistola.

Havia nada mais incongruente? A mulher fere de longe, mas acontece que outras vezes a gente se perde por tocá-la. Era absolutamente incompreensível. Para fugir a esses embaraços insolúveis, eu me engolfava no estudo e não pensava mais no assunto. Na boca de pessoas em quem eu tinha uma confiança absoluta, aquelas santas inépcias assumiam uma autoridade que me empolgavam até o fundo do meu ser. Ainda agora, com minha pobre alma ressequida e cinquentenário[4], perdura essa impressão. A comparação das armas de fogo, sobretudo, me tornava extremamente reservado. Foram-me precisos muitos anos, foi-me preciso chegar quase às proximidades da velhice para ver que também aquilo era coisa vã, e que só o Eclesiastes foi sábio quando disse: "Vai, portanto, come teu pão alegremente com a mulher que amas". Minhas ideias a esse respeito sobreviveram às minhas crenças religiosas, e foi isto que me preservou da desastrosa inconveniência que teria havido para mim em deixar o seminário se se presumisse que tal resolução tivera outras razões que não as da filologia. O eterno lugar-comum: "aqui há dedo de mulher", pelo qual os leigos acreditam explicar todos os casos desse gênero, é alguma coisa de estulto que faz sorrir os que conhecem as coisas como elas são na realidade.

Minha infanda se passou nessa grande escola de fé e respeito. A liberdade a que se lançam de um salto tantos estouvados, foi para mim uma aquisição lenta. Só atingi a emancipação – a que tantos outros chegam sem nenhum esforço de reflexão – após haver assado por toda a exegese alemã. Precisei de seis anos de meditação e de árduos estudos para ver que

---

[4] Escrevi este trecho em Ischia, no outono de 1875.

meus mestres não eram infalíveis. O maior pesar de minha vida foi, ao entrar por essa nova estrada, magoar aqueles professores que tanto venerara. Mas estou absolutamente certo de que tinha razão, e que o pesar que eles experimentaram foi a consequência do que havia de limitado, embora respeitável, na sua maneira de encarar o universo.

II

A educação que esses bons padres me davam era a menos literária possível. Fazíamos muitos versos em latim, mas não se admitia que pudesse haver poesia francesa depois do poema da *Religião*, de Racine, o moço. O nome de Lamartine só era mencionado com zombaria, desconhecíamos a existência de Vitor Hugo. Compor versos franceses era um exercício dos mais perigosos, e daria motivo para a exclusão. Daí veio em parte minha inaptidão para deixar o pensamento se governar pela rima – inaptidão que mais tarde lamentei vivamente, porque muitas vezes o movimento e o ritmo do que estou escrevendo me vêm em versos, mas uma irreprimível associação de ideias me leva a afastar a assonância, que me habituaram a encarar como um defeito e pela qual os professores me inspiraram um quase terror. Igualmente nulos eram, no meu internato, os estudos de história e de ciências naturais. Em compensação levavam-nos muito longe no estudo das matemáticas. Eu me entregava a essas disciplinas com extrema paixão. Aquelas combinações abstratas me faziam sonhar dia e noite. Nosso professor, o excelente padre Duchesne, dispensava-nos especiais cuidados a mim e ao me êmulo e amigo do coração, Guyomar, que tinha singular aptidão para esses estudos. Nós voltávamos do colégio sempre juntos. O caminho mais curto era pela praça, e nós éramos bastante sensatos para nos

afastar, um passo que fosse, do itinerário racionalmente indicado. Mas quando tínhamos tido como exercício algum problema curioso, nossas discussões se prolongavam para muito além das horas de aula, e então voltávamos para casa por outro caminho, passando pelo Hospital Geral. Havia desse lado grandes portões para a passagem de carruagens, sempre fechados, e neles traçávamos com giz nossas figuras e cálculos matemáticos. Esses riscos talvez ainda lá estejam, porque os portões pertenciam a grandes conventos, e nas casas desse gênero nada muda nunca.

O Hospital Geral, assim chamado porque lá se reuniam a enfermidade, a miséria e a velhice; era um edifício enorme, ocupando, como todas as construções antigas, muito espaço para abrigar pouca gente. Diane da porta, havia um pequeno alpendre, onde, quando fazia bom tempo, se reuniam os convalescentes e os sãos. O hospital, com efeito, não continha apenas doentes, mas também os pobres que viviam da caridade pública, e mesmo também pensionistas, que, mediante uma taxa insignificante, aí viviam modesta mas despreocupadamente. Toda essa gente vinha, sempre que surgia um raio de sol, sentar-se em cadeiras de palha à sombra do alpendre. Era este o recanto mais cheio de vida da pequena cidade. Passando por lá, Guyomar e eu cumprimentávamos os asilados, que nos saudavam atenciosamente, pois, apesar de muito jovens, éramos já tidos como clérigos. Isto nos parecia natural. Só uma coisa nos causava surpresa. Ainda que fôssemos bastante inexperientes para compreender alguma coisa do que supõe o conhecimento da vida, havia entre os pobres do hospital uma criatura pela qual nunca passávamos sem um certo espanto.

Era uma solteirona de quarenta e cinco anos, com a cabeça coberta por uma touca de feitio impossível de classificar. Habitualmente ela se conservava quase imóvel o ar sombrio e distante, os olhos desbotados e fixos: Quando nos avistava, seus olhos mortiços se animavam. Acompanhava-nos com um olhar estranho, ora doce e triste, ora duro e quase feroz. Quando voltávamos, víamos em sua fisionomia uma expressão cruel e irritada. Entreolhávamo-nos sem compreender nada. Aquilo interrompia as nossas conversas e punha uma nuvem em nossa alegria. Não tínhamos propriamente medo da estranha mulher; ela passava por louca, mas os loucos não eram tratados, então, da maneira atroz inventada posteriormente pelas nossas normas administrativas. Longe de os segregar, deixava-se que eles vagueassem o dia todo.

Tréguier tem, de ordinário, muitos loucos. Como todas as raças sonhadoras, que se consomem na perseguição do ideal, os bretões dessas paragens, quando não assistidos por uma vontade enérgica, abandonam-se facilmente a um estado intermediário entre a embriaguez e a loucura, que muitas vezes não passa da perturbação de um coração insatisfeito. Esses doidos inofensivos, distribuídos por todos os graus da alienação mental, eram como uma instituição, uma parte integrante do patrimônio do município. .Dizia-se "os ossos loucos, como em Veneza se diz *nostre carampane*. Eles eram encontrados quase por toda parte da cidade, cumprimentavam os transeuntes e lhes diziam sempre algum gracejo porco mas que, ainda assim, provocavam riso. Todos os estimavam, e eles prestavam serviços. Nunca esquecerei o pobre maluco Brian, que se julgava padre e passava uma parte o dia na igreja, imitando as cerimônias da missa.

Toda tarde a Catedral ficava cheia de um sussurro fanhoso: era a prece do triste louco, que bem merecia outras orações. A gente tinha o bom gosto e o bom senso de deixá-lo entregue à sua fantasia, e de não estabelecer frívolas distinções entre os simples e humildes que vinham ajoelhar-se diante de Deus.

A doida do Hospital Geral não gozava dessa popularidade devido a sua obstinada melancolia. Não dirigia a palavra a ninguém, e ninguém se preocupava com ela; a história de sua vida estava evidentemente esquecida. Ela nunca nos disse uma única palavra. Mas aquele olhar feroz e espantado nos comovia profundamente e nos perturbava. Muitas vezes, mais tarde, pensei nesse enigma sem conseguir uma explicação. Tive, enfim, a chave do mistério há oito anos, quando minha mãe, que chegara aos oitenta e cinco anos sem enfermidades, foi acometida de uma doença cruel, que a minou lentamente.

Minha mãe pertencia integralmente àquele mundo antigo por seus sentimentos e suas recordações. Falava admiravelmente o bretão, conhecia todos os provérbios dos marinheiros e uma porção de coisas que ninguém no mundo sabe mais hoje em dia. Tudo nela participava da natureza do povo, e sua graça natural dava uma vida surpreendente às longas histórias que contava e que era quase a única pessoa a conhecer. Seus sofrimentos não lhe prejudicaram a prodigiosa alegria; na própria tarde em que morreu, ainda gracejava. De noite, para a distrair, eu ia passar em seu quarto uma hora, sem outra luz (ela gostava dessa meia escuridão) além do clarão mortiço do lampião de gás da rua. Sua viva imaginação despertava nesses momentos, e, como acontece, de ordinário, com os velhos, eram as reminiscências de infância que lhe

vinham mais frequentemente à memória. Ela revia Tréguier e Lannion, tais como eram antes da Revolução. Passava em revista todas as casas, designando cada uma pelo nome do respectivo proprietário de então. Eu lhe alimentava, com as minhas perguntas, essa volta ao passado, que lhe agradava e a distraía dos seus sofrimentos.

Um dia a conversa recaiu sobre o Hospital Geral. E minha mãe me contou toda a história da instituição.

"Assisti – disse-me ela – às muitas transformações por que passou o hospital. Não era vergonha –internar-se nele, porque lá estiveram as pessoas mais respeitáveis. No primeiro Império, antes das indenizações, o hospital serviu de asilo às solteironas da nobreza mais bem educada. Viamo-las alinhadas junto à porta em cadeiras modestas. Nunca se ouviu delas unia queixa, mas quando viam aproximarem-se os compradores dos bens de suas famílias, burgueses relativamente broncos, exibindo estadão e ostentando o seu luxo, entravam e iam para a capela rezar afim de não se encontrarem com eles. Faziam-no menos para se poupar a si mesmas um movimento de lamentação pela perda de bens que haviam oferecido em sacrifício a Deus, do que por uma delicadeza, pelo receio de que sua presença constituísse uma censura a esses arrivistas. Mais tarde mudaram-se sensivelmente os papéis, mas o hospital continuou a receber toda espécie de náufragos da vida. Lá morreu o pobre Pierre Renan, teu tio, que levou sempre uma vida de vagabundo e passava os dias nas tavernas a ler para os beberrões livros que levava de nossa casa, e o velho "Sistema", de quem os padres não gostavam, embora fosse um homem de bem, e Gode, a velha feiticeira, que, no dia seguinte ao do teu nascimento, foi con-

sultar para ti o poço do Minihi, e Marguerite Calvez que fez um falso juramento e foi acometida de uma moléstia consumptiva no dia em que soube que haviam pedido a S. Yves da Verdade que a fizesse morrer naquele ano."[5]

– E aquela doida, perguntei-lhe, que costumava ficar no alpendre e que nos metia medo, a Guyomar e a mim?

Minha mãe refletiu um pouco, para verificar a quem era que eu me referia, e depois falou com vivacidade:

– Ah! Aquela, meu filho, era a filha do batedor de linho.

– Que batedor de linho?

– Eu nunca te contei esta história. Tu sabes meu filho, hoje ninguém mais entende umas tantas coisas; são coisas muito antigas. Depois que estou nesta Paris, há fatos que não me animo a contar... Aqueles nobres rurais inspiravam tanto respeito! Sempre os considerei os verdadeiros nobres. Ah! se nós contássemos aquelas coisas a estes parisienses, eles ririam. Não admitem nada mais além da sua Paris; no fundo, acho-os tacanhos... Não, já ninguém pode compreender como aqueles velhos nobres do campo eram respeitáveis, apesar de pobres. E minha mãe parou por um instante para, depois, retornar a narrativa:

[5] Contarei talvez um dia essas histórias.

III

“LEMBRAS-TE da pequena comuna de Trédarzec, cujo campanário se avistava do torreão da nossa casa? A menos de um quarto de légua da aldeia composta, nesse tempo, quase exclusivamente da igreja, da *mairie* e do presbitério, erguia-se a mansão de Kermelle. Era uma herdade como tantas outras, bem cuidada, de aparência antiquada, cercada de um muro alto e comprido pintado de uma bonita cor cinzenta. Penetrava-se no pátio por uma grande porta em arco, encimada por um abrigo de ardósias, ao lado do qual ficava uma porta menor para serventia quotidiana. No fundo do pátio estava a casa, de teto alongado e a parede recoberta de hera. Um pombal, um torreão, duas ou três janelas bem construídas, quase como janelas de igreja, mostravam" tratar-se de uma vivenda nobre, um daqueles velhos castelos que eram habitados, antes da Revolução, por uma classe de pessoas cujo caráter e cujos costumes é impossível hoje imaginar.

“Esses nobres do campo eram camponeses como os outros, mas com honras de chefes dos demais. Antigamente não havia mais de um nobre em cada paróquia. Eles eram os cabeças da população; ninguém lhes contestava esse direito, e todos lhes tributavam grandes honras. Mas naqueles tempos da Revolução já se tinham tornado raros. Os campo-

neses os consideravam chefes[6] leigos da paróquia, como o vigário era o chefe eclesiástico. Aquele de Trédarzec, de quem te falo, era um bonito velho, alto e forte como um rapaz, de fisionomia franca e leal. Usava os cabelos compridos, presos por um pente, e só os deixava cair nos domingos, quando ia comungar. Ainda o estou vendo (ele ia frequentemente visitar-nos em Tréguier) sério, grave, um pouco triste, pois era quase o último sobrevivente de sua classe. Essa pequena nobreza de sangue havia em grande parte desaparecido; outra espécie de nobres tinha vindo fixar-se na cidade desde muito tempo. Toda a gente da região o adorava. Ele tinha um banco à parte na igreja; todo domingo víamo-lo sentado na primeira fila dos fiéis, com seu traje à antiga e suas luvas de gala que chegavam quase aos cotovelos. No momento da comunhão, caminhava pela nave, desprendia os cabelos, depositava as luvas na mesinha preparada para isto junto ao púlpito, e atravessava então o recinto, sozinho, com toda a imponência de sua elevada estatura. Ninguém ia receber a comunhão antes que ele houvesse voltado ao seu lugar e acabado de calçar de novo as luvas.

"Kermelle era muito pobre, mas disfarçava a pobreza por julgar que isto era um dever inerente à sua condição. Os nobres rurais gozavam antigamente de certos privilégios, que os ajudavam a viver de modo um pouco diferente dos camponeses; tudo isto desapareceu com o tempo. Kermelle viu-se em grande embaraço. Sua qualidade de nobre o impedia de trabalhar nos serviços de campo. Por isto, metia-se em casa o dia inteiro e entregava-se, a portas fechadas, a

[6] Que belos chefes de *Landwehr* teriam dado esses homens! Ninguém os substituirá.

uma tarefa que não exigia o ar livre. O linho, depois de curtido, é submetido a uma espécie de descorticação para que fique da planta apenas a fibra têxtil. Foi a esse trabalho que o pobre Kermelle julgou poder entregar-se sem desaire. Ninguém o via nessa ocupação; a honra da classe, portanto, estava salva. Mas todo mundo sabia do fato, e como cada um tinha então um apelido, Kermelle logo passou a ser conhecido em toda a região como o *batedor de linho*. Esse apelido, como costuma acontecer, tomou o lugar do nome verdadeiro, e era assim que todos o chamavam.

"Era como um patriarca. Tu vais rir se eu disser com que era que o batedor de linho supria a insuficiente remuneração do seu diminuto trabalho. Segundo a crença geral, o fidalgo era o depositário de todo o poder do seu sangue e possuía em grau elevado os dons de sua raça, e assim podia, com uma gota de sua saliva e o toque dos seus dedos, reanima-la quando enfraquecida. O povo estava convencido de que para operar tais curas era necessária uma grande linhagem de nobreza e que somente ele a possuía. Sua casa ficava rodeada, certos dias, de gente vinda de vinte léguas em redor. Quando uma criança custava a andar, tinha as pernas fracas, levavam-na a Kermelle. Ele molhava os dedos em saliva e traçava cruzes sobre os rins da criança; isto a tornava forte. Fazia essas operações com toda gravidade e circunspecção. Que queres? Naquele tempo havia fé; a gente era tão simples e tão boa! Ele não aceitava, por nada deste mundo, remuneração. E, mesmo, seus clientes eram pobres demais para pagar em dinheiro; davam-lhe presentes: uma dúzia de ovos, um pedaço de toucinho, um molho de linho, manteiga, batatas, frutas. Isto ele aceitava. Os nobres da cidade zom-

bavam de Kermelle, mas sem razão: ele conhecia a sua terra, era a alma, ,a encarnação da sua terra.

“Quando sobreveio a Revolução, Kermelle emigrou para Jersey, não se sabe bem por que, pois ninguém lhe faria mal algum; mas os nobres lhe disseram que o rei ordenara a partida, e ele foi com os outros. Cedo voltou, e encontrou sua velha casa, que ninguém quisera ocupar, no mesmo estado em que a deixara. No tempo das indenizações tentaram persuadi-lo de que tinha sofrido prejuízo, e havia mais de uma razão aceitável para fazer valer isto. Os outros nobres se constrangiam, de vê-lo tão pobre e desejavam reerguê-lo. Mas aquele espírito simples não se compenetrou dos argumentos que lhe apresentaram para reclamar indenização. Quando lhe pediram que declarasse o que havia perdido, respondeu: “Eu não possuía nada; portanto nada poderia perder.” Não se pôde arrancar dele outra resposta, e continuou tão pobre como antes.

“A mulher dele morreu, creio, em Jersey. Tinham uma filha, nascida na época da emigração. Era uma moça alta e bonita (tu já a conheceste envelhecida). Tinha viço, cores esplêndidas, um sangue puro e vigoroso. Devia ter casado cedo, mas isto era impossível. Esses nobres pobretões de cidade pequena, que não prestam para nada e não valem uma quarta parte do antigo nobre rural, não a quereriam para esposa de um filho, e os princípios de casta a impediam de casar com um camponês. E assim a pobre moça ficou como uma alma penada: não havia lugar para ela neste mundo. Seu pai era o último de sua estirpe, e ela parecia ter sido jogada por uma pilheria do destino sobre a terra para não encontrar nela um recanto onde

casar. Era doce e resignada. Um corpo bonito, quase destituída de espírito, toda instinto. Por isto seria uma excelente mãe. Na falta de um casamento, deveriam tê-la feito religiosa; a disciplina monástica e a austeridade da vida em clausura a teriam acalmado. Mas é provável que o pai não dispusesse dos recursos necessárias para pagar o dote, e sua condição não lhe permitia fazê-la irmã-leiga. Coitada! Atirada a uma vida falsa, estava condenada a sucumbir.

"Nascera reta e boa, tivera sempre a noção exata dos seus deveres, sem outra culpa senão a de possuir sangue nas veias. Nenhum outro rapaz na aldeia ousaria levantar os olhos para ela, tanto respeitavam o pai. O sentimento de sua superioridade a impedia de olhar para os jovens camponeses. Para estes, ela era uma "senhorita", na qual não se animavam a pensar. E a coitada vivia assim numa completa solidão. Na casa só havia um menino de doze ou treze anos, sobrinho de Kermelle, que este havia recolhido e a quem o vigário, homem digno como quem mais o fosse, ensinava o que sabia: o latim.

Restava a igreja, como única diversão para a pobre menina. Ela era piedosa por natureza, ainda que muito pouco inteligente para que pudesse compreender qualquer coisa da nossa religião. O vigário, um bom sacerdote, muito absorvido pelos seus deveres, tinha pelo batedor de linho o devido respeito. Passava na casa dele as horas que lhe deixavam livre o seu breviário e as tarefas do seu ministério. Cuidava da educação do menino. Em relação à moça, guardava aquelas maneiras reservadas que os nossos padres bretões têm para com as "pessoas do sexo", como eles dizem. Cumprimentava-a, perguntava-lhe como

ia, mas nunca lhe falava senão de coisas insignificantes. A infeliz se afeiçoava cada vez mais a ele. O padre era a única pessoa de sua categoria social que ela vira na vida, se assim se pode dizer. Além disto, o jovem sacerdote era uma criatura muito atraente. À requintada pudicícia que respirava, exteriormente, toda a sua pessoa, aliviava-se um ar triste, resignado, discreto. Percebia-se que tinha um coração e sentimentos, mas que uma ideia mais elevada os dominava, ou, antes, que nele o coração e os sentimentos se transformaram em alguma coisa de superior.

"Tu conheces o infinito encanto de certos dos nossos bons sacerdotes bretões. As mulheres são muito sensíveis a esse encanto. Aquela invencível fidelidade a um voto que é, ao seu modo, uma homenagem ao poder feminino, as encoraja, lisonjeia-as, conquista-as. O padre torna-se para elas um irmão em que confiam, que renunciou, devido a elas, ao seu sexo e às alegrias da vida. Resulta disto, nas mulheres, um sentimento em que se misturam a confiança, a piedade, a pena, o reconhecimento. Casem o padre e terão destruído um dos elementos mais necessários, uma das nuanças mais delicadas da nossa vida social. As mulheres protestarão, porque há uma coisa da qual a mulher faz mais questão do que ser amada: é atribuir-se importância ao amor. Nunca se lisonjeia mais a mulher do que quando se demonstra ter-lhe medo. A Igreja, impondo, como o primeiro dever aos seus ministros, a castidade, acaricia a vaidade feminina no que ela tem de mais íntimo.

"A pobre rapariga se deixou assim possuir de um profundo amor pelo vigário, sentimento que logo ocupou todo o ser. A raça mística e virtuosa a que

ela pertencia não conhece a vontade indomável que leva de vencida todos os obstáculos e acha que nada tem se não tiver tudo. Oh! ela se teria contentado com muito pouco. Seria feliz se ele simplesmente tomasse conhecimento de sua existência. Não lhe pedia um olhar: bastar-lhe-ia um pensamento. O vigário era naturalmente o seu confessor; não havia outro padre na paroquia. As normas da confissão católica, tão bonitas mas tão perigosas, excitavam perigosamente a imaginação da moça. Uma vez por semana, aos sábados, era para ela uma sensação de doçura inexprimível ficar meia hora sozinha com o padre, como se estivesse face a face com Deus, vê-lo, senti-lo preenchendo o lugar de Deus, respirar-lhe o hálito, sofrer a doce humilhação das suas reprimendas, contar-lhe seus pensamentos mais íntimos, seus escrúpulos, suas apreensões. Não se pense, porém, que ela abusasse disso. Muito raramente uma mulher religiosa se serve da confissão para uma confidência de amor. Ela pode sentir nisto um grande prazer, arriscar-se a se entregar a sentimentos que não deixam de ser perigosos; mas aquilo que em tais sentimentos se reveste de um certo misticismo é inconciliável com o horror de um sacrilégio! De qualquer modo, nossa pobre rapariga era tão tímida que qualquer confissão que desejasse fazer do seu amor teria morrido na garganta. Sua paixão era uma chama silenciosa, interior, devorante. E, nestas condições, vê-lo todos os dias, várias vezes no dia, a ele que era bonito, moço, sempre ocupado nas suas funções majestosas, oficiando para uma multidão genuflexa, ministro, juiz e diretor de sua própria alma! Era muito para ela. O espírito da desgraçada não suportou mais; transtornou-se. Desordens cada vez mais graves se produziram naquela organização vigo

rosa, que não suportaria ser desviada dos seus pendores. O velho pai atribuía a uma certa debilidade mental aquilo que era o resultado das tempestades íntimas, de sonhos irrealizáveis num coração que o amor partira em dois pedaços.

“Como um violento curso d’água que, encontrando um obstáculo intransponível, renuncia ao rumo direito e se desvia, a infeliz, não tendo nenhum meio de manifestar seu amor àquele a quem amava, se resignava a pequeninos desejos e aspirações: obter por um instante sua atenção, não ser para ele urna devota como as outras, poder prestar-lhe pequenos serviços, poder imaginar que lhe era útil, – bastava-lhe isto. “Meu Deus, quem sabe? – pensaria, talvez. Ele é, antes de tudo, homem. Talvez no fundo não seja indiferente a mim, e só se contenha por força da disciplina da sua condição de padre...” Mas todos esses esforços encontraram uma barreira de aço, um muro gelado. O vigário não se afastou da sua frieza absoluta. Ela era a filha do homem a quem mais o sacerdote respeitava; mas era urna mulher. Oh! Se ele a houvesse evitado, a tivesse tratado com aspereza, isso seria para ela um triunfo, a prova de que conseguira de qualquer modo interessar-lhe. Mas aquela polidez invariável, aquela resolução de não ver os mais evidentes indícios de amor, era alguma coisa terrível. O padre não a repreendia, não lhe fugia, não se afastava da resolução inabalável de não tornar conhecimento de sua existência senão como uma abstração. . .

“Ao fim de algum tempo, a situação tomou-se cruel. Repelida, desesperada, a infeliz enlanguescia. Seu olhar se tornou vago, porém ela ainda se dava conta da situação. Ninguém devassava o seu segre-

do, e isso a consumia interiormente. “Oh! – consigo mesma. Não consigo dele um olhar? não se aperceberá da minha existência? não serei, para ele, por mais que faça, senão uma sombra, um fantasma, uma alma entre cem outras? Desejar seu amor seria muito; mas sua simples atenção, um olhar seu? ... Ser seu igual, dele que é tão sábio, que está tão perto de Deus, eu não poderia pretender; ser mãe por ele, oh! seria um sacrilégio; mas viver para ele, ser-lhe como uma Marta, a primeira de suas servas, incumbida dos humildes serviços de que sou capaz, e assim ter tudo em comum com ele, isto é, a casa, que é o que importa à pobre mulher que não foi iniciada em mais altos pensamentos oh! seria o paraíso!” E ficava tardes inteiras imóvel, sentada em sua cadeira, presa a essa ideia fixa. Nesses momentos julgava estar com o padre, cercando-o de cuidados, governando-lhe a casa, beijando a fímbria de sua batina. Afinal, conseguia afastar esses sonhos insensatos, mas, depois se haver entregue a eles horas seguidas, estava pálida, semi-morta. Já não vivia para os que a rodeavam. Seu pai devia ter percebido essa situação. Mas que podia o bom velhinho contra um mal que sua alma honesta não chegaria sequer a conceber?

As coisas continuaram assim talvez por um ano. É provável que o vigário nada tivesse percebido, tanto os nossos padres vivem neste particular integrados nos imperativos da virtude, numa espécie de resolução de nada verem. Aquela admirável castidade só fazia excitar a imaginação da moça. Seu amor transformou-se em culto, adoração pura, exaltação, e isto lhe trouxe relativo repouso. Sua fantasia voltava-se para uma série de ilusões inofensivas: procurava convencer-se de que trabalhava para o vigário, de que se

ocupava em fazer alguma coisa para ele. Chegava a sonhar acordada, a praticar como uma sonâmbula atos de que tinha apenas meia consciência. Noite e dia, não tinha mais do que um pensamento: imaginava-se servindo-lhe, cuidando dele, contando sua roupa branca, ocupando-se desses pequenos misteres que estavam muito abaixo da posição do padre para o preocuparem. Essas quimeras foram tomando corpo e a arrastaram à prática de um ato estranho que só pode ser explicado pelo estado de loucura a que ela positivamente chegara depois de algum tempo."

O que se seguiu, na verdade, não seria compreensível se não levássemos em conta certo traços do caráter bretão. O que há de mais peculiar nos povos de raça bretã é o amor. O amor é entre eles um sentimento terno, profundo, afetuoso, bem mais do que uma paixão. É uma volúpia interior, que gasta e que mata. Nada menos parecido com o ardor fácil dos povos meridionais. O paraíso sonhado pelos bretões é fresco, verde, sem ardências. Nenhuma raça conta maior número de mortos por amor. O suicídio é raro entre eles: o que domina é a morte por uma lenta consumpção. Esses casos são frequentes entre os jovens conscritos bretões. Incapazes de procurar distração em amores vulgares e venais, sucumbem a uma espécie de langor indefinível. A nostalgia é apenas uma aparência: a verdade é que neles o amor está associado indissoluvelmente à aldeia, ao campanário, ao toque do *Angelus*, à paisagem favorita. O homem do sul, apaixonado, mata o rival, mata o objeto do seu amor. O sentimento de que falamos só mata aquele que o experimenta, e eis aí por que os individuas de raça bretã se entregam facilmente à castidade: com sua imaginação ardente e delicada, criam para si

um mundo fictício que os satisfaz. A verdadeira expressão poética de uma tal modalidade de amor é a canção da primavera do Cântico dos Cânticos, poema admirável, bem mais voluptuoso do que apaixonado. *Hiems transiit; imber abiit et recessit... Vox turturis audita est in terra nostra... Surge, amica mea, et veni!*

IV

MINHA mãe continuou:

“Todas as coisas, no fundo, não passam de uma grande ilusão, e a prova disto é que, em muitos casos, nada mais fácil do que enganar a natureza por meio de imitações que ela não sabe distinguir da realidade. Nunca me esquecerei da filha de Marzin, o marceneiro da rua principal, que tendo enlouquecido, também pela insatisfação do sentimento maternal, pegava de uma acha de lenha, enfeitava-a com rolos de papel, dava-lhe a uma das extremidades a aparência de uma cabeça de criança com barrete, e passava os dias a ninar nos braços esse bebê imaginário, apertando-o contra o seio, cobrindo-o de beijos. De noite, punha o boneco num berço ao lado de sua cama, e dormia quieta até o amanhecer. Há certos instintos que se contentam com as aparências e que podem ser enganados com ficções. Foi assim que a pobre Kermelle conseguiu realizar o que imaginava. O que ela sonhava era a existência em comum com aquele a quem amava, e a vida que partilhava com ele em espírito não era naturalmente a vida do padre, era a vida de um casal. A pobre nascera para a vida conjugal. Sua loucura era uma espécie de loucura matrimonial, uma inclinação para o casamento contrariada. Imaginava concretizado o paraíso dos seus sonhos, via-se dona da casa daquele a quem amava, e como já não conseguia distinguir o que era sonho do que era reali-

dade, foi arrastada a uma incrível aberração. Que queres? essas pobres loucas provam, com seus desvios, as sagradas leis da natureza e a sua inelutável fatalidade.

“Ela passava os dias a fazer bainha nas peças de roupa-branca, a marcá-las. Ora, em sua imaginação, essa roupa-branca se destinava à casa que sonhava, àquele ninho onde deveria passar a vida junto ao homem a quem adorava. Sua alucinação ia tão longe que marcava os lençóis e os guardanapos com as iniciais do vigário, muitas vezes misturando-as com as suas próprias iniciais. Fazia muito bem esses pequenos trabalhos femininos. Sua agulha ia e vinha incessantemente, e ela gozava assim horas deliciosas, entregue aos devaneios do seu coração, acreditando que fazia com o padre uma só pessoa. Iludia, desse modo, sua paixão e conseguia momentos de voluptuosidade que a satisfaziam por alguns dias.

“Passava semanas inteiras traçando ponto por ponto as letras do nome do vigário, associando-as às letras do seu nome, e encontrava nesse passatempo um grande consolo. Suas mãos estavam sempre a serviço dele. Aquelas peças que ela bordava pareciam-lhe a sua própria pessoa. Elas estariam sempre junto do seu amado, roçariam por ele, servir-lhe-iam. Era como se fosse ela mesma junto ao padre. Que alegria encontrava neste pensamento! Estaria sempre privada dele, é certo; mas o impossível é o impossível; ficaria tão perto dele quanto fosse permitido. Durante um ano gozou em imaginação sua pobre felicidade. Quando só, os olhos fixos no trabalho que executava, pertencia a outro mundo, acreditava ser a mulher do homem amado, na precária medida do possível. Sentia as horas se escoarem numa lentidão igual à da sua

agulha; sua pobre imaginação experimenta um alívio. E, depois, ainda alimentava às vezes alguma esperança: quem sabe se um dia ele não se deixaria comover, e uma lágrima não lhe escaparia ante aquela surpresa que seria o sinal de um tão grande amor? "Ele verá então quanto o amo, pensará em quanto seria agradável estarmos juntos". E ainda se perdia durante dias nos seus devaneios, que geralmente terminavam em acessos de verdadeira prostração.

"Chegou afinal o dia em que o enxoval ficou completo. Que fazer agora? Apossou-se inteiramente dela a ideia de o forçar a aceitar um serviço. Queria, se assim posso dizer, roubar-lhe a gratidão, forçá-lo a ficar-lhe de qualquer modo agradecido. E eis o que imaginou para chegar resultado. Era um plano destituído de senso comum, e que não passaria despercebido, mas sua razão bruxoleava, e desde muito ela somente se guiava pelos fogos-fátuos da imaginação transtornada.

"Estávamos na época das festas de Natal. O vigário, depois da missa da meia-noite, recebia no presbitério o *maire* e os notáveis da cidade para a consoada. O presbitério era contiguo à igreja. Além da entrada principal, dando para a praça, a casa tinha duas saídas: uma para o interior da sacristia, comunicando assim a igreja com o curato, e a outra nos fundos do quintal, dando para o mato. A herdade de Kermelle ficava a um quarto de légua dali. Para que o rapazinho que vinha tomar lições com o vigário pudesse encurtar caminho, tinham-lhe fornecido uma chave da porta dos fundos. A pobre obsedada se apossou dessa chave durante a missa da meia-noite e penetrou no curato. A criada do vigário tinha posto a mesa antecipadamente para ir à missa. Nossa louca retirou apressadamente toda a roupa de mesa e a ocultou em casa.

“Finda a missa notou-se imediatamente o furto, e isto provocou extrema emoção a todos. Desde logo causou espanto o fato de que somente a roupa de mesa houvesse desaparecido. O padre não queria que seus convidados se retirassem sem ter ceado. No momento em que era maior o embaraço, apareceu a filha de Kermelle, e falou: “Oh! por esta vez o Sr. aceitará nossos préstimos, Sr. cura. Dentro de um quarto de hora nossa roupa de mesa estará em sua casa”. O velho Kermelle secundou o oferecimento, e o vigário aceitou sem suspeitar, naturalmente, de tão requintada astúcia numa criatura considerada como de espírito mais acanhado.

“No dia seguinte todos começaram a refletir nesse furto singular. Não havia nenhum sinal de arrombamento. A porta principal do presbitério e a do jardim estavam intactas e fechadas como de hábito. Quanto à hipótese de que a chave confiada a Kermelle pudesse ter servido para a execução do furto, tal ideia teria parecido extravagante; não ocorreu a ninguém. Restava a porta da sacristia; parecia evidente que o furto só poderia ter sido feito por ali. O sacristão fora visto na igreja durante todo o tempo que durou a missa. A sacristã, ao contrário, tinha se ausentado algumas vezes; fora à lareira do presbitério buscar brasas para os incensórios, e saíra também para duas ou três outras pequenas tarefas: as suspeitas, portanto, se concentraram nela. Era uma excelente mulher, sua culpabilidade parecia absolutamente inverossímil. Mas que fazer diante de coincidências assim esmagadoras? Ninguém podia fugir a este raciocínio: “O gatuno entrou pela porta da sacristia; ora, só a sacristã podia ter passado por essa porta, e está provado que passou várias vezes; ela própria o confessa”. Naquele tempo

todos concordavam em que era conveniente que a todo crime se seguisse uma prisão. Isto dava uma ideia elevada da extraordinária sagacidade da justiça, da rapidez do seu golpe de vista, da segurança com que surpreendia a pista de um crime. Levaram a inocente pela rua a pé, entre dois guardas. O efeito que causava a *gendarmerie* quando chegava a uma cidade, com suas armas reluzentes e suas belas capas de pele de búfalo, era imenso. Todo mundo chorava; só a sacristã continuava calma, afirmando a todos que estava certa de que sua inocência ficaria provada.

"Efetivamente, logo no dia seguinte, ou dois dias depois, reconheceu-se a improcedência da suposição. No terceiro dia, a gente da aldeia mal podia parar para conversar e transmitir, uns aos outros, suas reflexões. Todos na verdade pensavam a mesma coisa e não ousavam dizê-la. Essa ideia lhes parecia ao mesmo tempo evidente e absurda: era a de que só a chave de Kermelle poderia ter sido utilizada para o furto. O vigário evitava sair para não ter de formular uma suspeita que o obcecava. Até então ele não havia examinado a roupa que lhe deram em substituição à sua. Foi por acaso que seus olhos caíram sobre as marcas; teve um espanto, pôs-se a refletir tristemente e apercebeu do mistério das duas letras, tão difícil era adivinhar as extravagantes alucinações de uma pobre louca.

"Ele estava mergulhado nos mais sombrios pensamentos quando viu entrar o batedor de linho, alto e digno, com uma palidez de morte no rosto. O velho ficou em pé, desfeito em lágrimas. Depois falou: "Foi ela. Oh! a desgraçada! Eu deveria tê-la vigiado mais, penetrar melhor nos seus pensamentos, mas, sempre melancólica, ela escapava aos meus cui-

dados”. E Kermelle desvendou o mistério. Um instante depois traziam ao presbitério a roupa que havia sido furtada.

“A desgraçada, no seu desequilíbrio, esperava que o escândalo amortecesse e ela então pudesse gozar os efeitos do seu pequeno estratagema amoroso. A prisão da sacristã e a emoção que isto causara haviam transtornado todo o plano. Se não tivesse o senso moral tão obliterado só teria pensado em promover a soltura da inocente; mas, nem pensou nisto. Ficara mergulhada numa espécie de estupor, que nada tinha de comum com o remorso. O que a abatia era o malogro evidente de sua tentativa sobre o espírito do vigário. Qualquer outro que não um padre se teria comovido com a revelação de um tão violento amor. O vigário não sentiu nada disto. Evitou pensar nesse estranho acontecimento, e desde que chegou à perfeita convicção da inocência da sacristã, dormiu, disse sua missa e leu seu breviário com a mesma serenidade de todos os dias.

“Apareceu então aos olhos de todos, em toda a sua enormidade, o erro da prisão da sacristã. Não fosse isto, o caso poderia ter sido abafado. Não houvera um furto real, mas desde que uma inocente havia passado vários dias na prisão por um fato qualificado de furto, era bem difícil deixar-se impune a verdadeira culpada. Sua loucura não era evidente; deve-se dizer mesmo que essa loucura era apenas interior. Antes do caso, não ocorrera a ninguém que a filha de Kermelle estivesse louca. Exteriormente ela portava-se como toda gente, salvo seu mutismo quase absoluto. Podia-se, portanto, contestar a alienação mental; por outro lado, a verdadeira explicação do fato era tão estranha, tão inacreditável, que ninguém ousava sequer formulá-la.

Não estando comprovada a loucura, o fato de haver a moça deixado que prendessem a sacristã tornava-se imperdoável. Se o furto não passara de uma simulação, o autor da brincadeira deveria ter-lhe posto fim desde o momento em que uma terceira pessoa fora vítima dela. A desgraçada foi presa e levada a Saint-Brieuc para ser submetida a julgamento. Não saiu um instante da sua completa prostração; parecia alheia ao mundo. Estava findo o seu sonho; verdadeiramente já não existia desde que se despedaçara a fantasia que alimentara e sustentara durante algum tempo. Seu mal nada tinha de violento, era um silêncio morno. Os médicos examinaram-na e julgaram o caso com clarividência.

"No tribunal, o julgamento foi rápido. Não se conseguiu arrancar da moça uma única palavra. Kermelle entrou no recinto, direito e firme, com um ar de resignação. Aproximou-se da mesa do pretório, depôs nela as luvas, a cruz de S. Luiz e a capa, dizendo: "Senhores, não posso recriminar-vos por terdes mandado fazer isto; minha honra vos pertence. Foi minha filha quem fez tudo, e, não é uma ladra... É uma doente". O bom homem estava desfeito em lágrimas, sufocava. "Basta! Basta!" – gritavam os assistentes, de todos os lados. O promotor agiu com tato; desistindo de fazer uma dissertação sobre tão raro caso de psicologia amorosa, abandonou a tribuna da acusação.

"Não foi mais demorada a deliberação do júri. Todos choravam. Quando se proclamou a absolvição, o batedor de linho retomou suas insígnias e se retirou rapidamente com a filha, chegando de volta à aldeia de noite.

"Em meio a esse escândalo público o vigário pôde evitar de se inteirar da verdade sobre uma série

de detalhes a que desejava manter-se estranho. Mas nem por isto se deixou comover. Fingia ignorar fatos evidentes que todos comentavam. Não pediu transferência, nem o bispo pensou em lhe sugerir isto. Pode-se imaginar que a primeira vez que ele reviu Kermelle e a filha, após esses fatos, tenha sentido certa perturbação. Nada disto. Dirigiu-se à herdade na hora em que sabia que encontraria lá, de volta, pai e filha. Disse à moça: "Você cometeu um pecado grave, menos por sua loucura, que Deus lhe perdoará, do que por deixar prender a melhor das mulheres. Uma inocente, por culpa sua, foi tratada durante alguns dias como uma ladra. A mais honesta mulher da paróquia foi levada pelas ruas por dois guardas, à vista de todos. Você lhe deve uma reparação. Domingo, a sacristã estará no seu banco, na última fila, perto da porta da igreja. No momento do Credo, você irá ao encontro dela e a levará pela mão para o seu banco de honra, pois ela merece mais sentar-se ali do que você."

A louca fez maquinalmente tudo o que recomendara o padre. Não era mais um ser sensível. Depois disso, quase nunca mais se viu o batedor de linho nem sua família. A casa tornou-se uma espécie de túmulo, onde não se via o menor sinal de vida.

"A sacristã morreu primeiro. A emoção causada pelo episódio fora forte demais para aquela criatura simplória. Ela não havia duvidado um momento da Providência: mas ficara abalada com tudo aquilo. Começou a enfraquecer pouco a pouco. Era uma santa. Possuía uma profunda sensibilidade religiosa. São coisas que não se compreenderiam hoje em Paris, onde a Igreja pouco significa. Uma tarde de sábado, a sacristã sentiu que chegara o seu fim.

uma grande alegria. Mandou chamar o vigário. Sua imaginação estava tomada pela ideia de uma graça inaudita: desejava que, durante a missa solene do domingo, seu corpo ficasse exposto sobre o pequeno aparelho que serve para carregar os ataúdes. Assistir à missa ainda uma vez, se bem que morta; ouvir aquelas palavras consoladoras, aqueles cânticos que redimem as criaturas; permanecer sob a mortalha, no meio da assembleia de fiéis, família que ela tanto amara, ouvir tudo sem ser vista, enquanto todos pensavam nela, rezavam por ela, se ocupavam dela; comunicar-se ainda uma vez com as pessoas piedosas antes de descer para o seio da terra – que alegria! Sua vontade foi satisfeita. O vigário proferiu à beira do túmulo da boa mulher palavras edificantes.

“O velho Kermelle viveu ainda alguns anos, morrendo aos poucos, sempre trancado em casa, não falando mais com o vigário. Ia à igreja mas não se sentava no seu banco. Era de constituição tão forte que resistiu oito ou dez anos a essa lenta agonia.

“Seus passeios se limitavam a alguns passos sob os altos pés de tilia que protegiam a casa. Um dia avistou ao longe no horizonte alguma coisa de insólito. Era a bandeira tricolor que flutuava sobre o campanário de Tréguier; acabara de consumar-se a revolução de Julho. Quando Kermelle soube que o rei havia partido, compreendeu melhor do que nunca que pertencia a um mundo extinto. Aquele dever profissional a que teria tudo sacrificado já não tinha objeto. Não deplorou haver se apegado a uma concepção muito elevada do dever, não pensou em que poderia ter enriquecido como os outros, mas passou a duvidar de tudo, exceto de Deus. Os carlistas de Tréguier repetiam por toda parte que o rei legítimo ia voltar.

Kermelle sairia dessas insensatas profecias. Morreu pouco depois, assistido pelo vigário, que comentou para ele esta bela passagem que se lê no oficio dos mortos:
“Não sejais como os pagãos, que não têm esperança”.

“Depois de sua morte, a filha se viu sem recursos. Combinou-se interná-la no hospício; foi lá que a conheceste. Hoje sem dúvida também já é morta, e outros ocupam o leito que lhe pertenceu no Hospital Geral”.

II

Oração na Acrópole

São Renan

Meu tio Pierre

O velho "Sistema"

A pequena Noémi

I

SOMENTE muito tarde foi que comecei a entregar-me às recordações. O dever imperioso que, nos anos a juventude, me fazia resolver, por minha conta, não com a displicência dos especulativos, mas com a febre dos que lutam pela vida, os mais altos problemas da filosofia e da religião, não me deixava livre um quarto de hora para um olhar retrospectivo. Lançado, em seguida, na torrente da vida do meu século, que eu até então ignorava completamente, vi-me em face de um espetáculo na realidade tão novo para mim quanto seria a sociedade de Saturno ou Vênus para a criatura do nosso planeta a quem fosse dado contemplá-la. Tudo nesse novo cenário me pareceu mesquinho, inferior, do ponto de vista moral, ao que conhecera em Issy e em Saint-Sulpice. Entretanto, a superioridade, em matéria de ciência e ele crítica, de homens como Eugène Burnouf, a força incomparável de vida que esplendia nas conversas do Sr. Cousin, a grande renovação que a Alemanha operava em quase todas as ciências históricas, e depois as viagens, depois, ainda, a febre de produzir, me empolgaram, impedindo-me de pensar nos anos que já iam longe. Minha estada na Síria distanciou-me ainda mais das recordações de coisas antigas. As sensações inteiramente novas que ali encontrei, a visão que tive, então, de um mundo divino, estranho aos nossos frios e melancólicos rincões, absorveram-me totalmente. Durante algum

tempo só tive o espírito voltado para a cordilheira calcinada de Galaad, o pico de Safed, onde apareceu o Messias, o Carmelo e seus campos de anêmonas semeados por Deus, o golfo de Aphaca, onde nasce o rio Adônis. Coisa singular – foi em Atenas, em 1865, que experimentei pela primeira vez uma viva sensação de volta ao passado, alguma coisa como o efeito de uma brisa fresca, penetrante, vinda de muito longe.

A impressão que Atenas causou em meu espírito foi muito mais forte do que qualquer outra recebida em qualquer tempo. Há um único lugar onde existe a perfeição: é aquele. Eu jamais imaginara nada de parecido. Era o ideal cristalizado em mármore pentélico, que se apresentava aos meus olhos. Até então, acreditara que a perfeição não era deste mundo; só uma revelação me parecia aproximar-se do absoluto. Desde muito tempo, não mais acreditava no milagre, no verdadeiro sentido da palavra. Entretanto, o destino, sem símile, do povo judeu, desembocando em Jesus e no cristianismo, me aparecia como alguma coisa inteiramente à parte. Ora, eis que, ao lado do milagre judeu, vinha colocar-se para mim o milagre grego, uma coisa que só uma vez existiu, que jamais se tinha visto, que nunca mais se verá, mas cujos efeitos durarão eternamente, quero dizer, um padrão de beleza eterna, sem nenhum acento local ou nacional. Eu já sabia, perfeitamente, antes de minha viagem, que a Grécia havia criado a ciência, a arte, a civilização, mas faltava-lhe um estalão pelo qual avaliar esses prodígios. Quando vi a Acrópole, tive a revelação do divino, como a tivera a primeira vez que senti viver o Evangelho avistando das alturas de Casyoun o vale do Jordão. O mundo inteiro, nesse momento, pareceu-me bárbaro. O Oriente me chocou por sua pom-

pa, sua ostentação, suas imposturas. Os romanos não passavam de grosseiros soldados. A majestade do mais belo romano, de um Augusto, de um Trajano, pareceu-me apenas uma afetação ao lado da naturalidade, da nobreza simples desses cidadãos altivos e tranquilos. Celtas, germânicos, eslavos se me afiguraram umas espécies de citas sensatos, mas só a muito custo civilizados. Achei a nossa Idade Média uma época sem elegância nem sutileza, infestada de falsa altivez e de pedantismo. Carlos Magno surgiu-me como um bronco palafreneiro alemão; nossos cavaleiros me pareceram uns labregos de quem Temístocles e Alcebíades sorririam. Existiu um povo de aristocratas, todo um público composto de sabedores, uma democracia que apreendeu nuanças de arte tão sutis que os nossos próprios espíritos mais requintados custam a perceber. Houve um público capaz de compreender o que faz a beleza dos Propileus e a superioridade das esculturas do Partenon. Essa revelação da grandeza verdadeira e simples me tocou até o fundo do meu ser. Tudo que eu tinha conhecido até então pareceu-me o resultado do esforço canhestro de uma arte jesuítica, um rococó composto de pompa boçal, de charlatanismo e de caricatura.

Foi principalmente na Acrópole que essas sensações me empolgaram. Um excelente arquiteto com quem eu viajara costumava dizer-me que, para ele, a verdade dos deuses estava na proporção da sólida beleza dos templos que lhes foram erguidos. Considerada sob esse ponto de vista, Atenas estaria acima de qualquer competição. O que surpreende, realmente, é que, aqui, o belo não é mais do que a honestidade absoluta, a razão, o próprio respeito para com a divindade. As partes ocultas do edifício, foram tão cuida-

das quanto as que estão à vista. Nenhum desses *trompe-l'oeil* que, em nossas igrejas, especialmente, são como uma permanente tentativa de induzir em erro a divindade sobre o valor da oferenda. Esta seriedade, esta retidão, me fez corar mais de uma vez por ter sacrificado a um ideal menos puro. As horas que eu passava na colina sagrada eram horas de prece. Toda a minha vida passava de novo, ante os meus olhos, como numa confissão geral. Mas o que havia de mais singular era que, confessando meus pecados, eu acabava por amá-los; minhas resoluções no sentido de tornar-me clássico terminavam por me atirar, cada vez mais, no polo oposto. Um velho papel que encontro agora em meio às minhas notas de viagem contém o que se segue.

ORAÇÃO QUE FIZ NA ACRÓPOLE QUANDO CHEGUEI À COMPREENSÃO DA SUA BELEZA PERFEITA

"Ó nobreza! ó beleza simples e verdadeira, deusa cujo culto significa razão e sabedoria, tu cujo templo é uma lição eterna de consciência e de sinceridade, chego atrasado ao limiar dos teus mistérios, e trago ao teu altar muitos remorsos. Para te encontrar tive de fazer pesquisas infinitas. A iniciação que tu conferias, com um sorriso, ao ateniense recém-nascido eu só a conquistei à força de reflexões, ao preço de longos esforços. Nasci, deusa dos olhos azuis, de pais bárbaros, entre os bons e virtuosos cimerianos que habitam as margens dum mar sombrio, eriçado de rochedos e constantemente batido pelas tempestades. Nessa região, mal se conhece o sol. As flores que lá existem são os musgos marinhos, as algas e as conchas coloridas que se encontram no fundo das baías solitárias.

Lá as nuvens parecem não ter cor, e a própria alegria é um pouco triste; fontes de agua fria brotam do rochedo, e os olhos das raparigas são como essas verdes fontes, nas quais, sobre um fundo coberto de ervas ondulantes, se espelha o firmamento.

"Meus antepassados, até onde lhes podemos remontar às origens, dedicavam-se à navegação por paragens longínquas, em mares que os teus argonautas não conheceram. Ouvi, quando jovem, as canções que falavam das viagens polares, fui acalentado pela recordação dos gelos flutuantes, dos mares brumosos que parecem de leite, das ilhas povoadas de pássaros que cantam às suas horas, e são tantos que, quando alçam voos, juntos, escurecem o céu.

"Sacerdotes dum culto estrangeiro, proveniente dos sírios da Palestina, incumbiram-se da minha educação. Esses padres eram sábios e santos... Eles me ensinaram as longas histórias de Cronos, que criou o mundo, e do seu filho, que, dizem, realizou uma viagem à volta da terra. Seus templos são três vezes mais altos do que os teus, ó Euritmia, e semelhantes a florestas; apenas, falta-lhes solidez, e desmoronam-se ao fim de quinhentos ou seiscentos anos. São fantasias de bárbaros, que imaginam poder-se fazer alguma causa de bom fora das regras que tu traçaste aqueles a quem inspiras, ó Razão. Mas esses templos me agradavam, porque eu ainda não estudara tua Arte divina e neles encontrava Deus. Lá se cantavam cânticos de que ainda me recordo: "Salvé, Estrela do Mar... Rainha dos que gemem neste vale de lágrimas"; ou então: "'Rosa Mística, Torre de Marfim, Casa de Ouro, Estrela Matutina..." Ouve, deusa, quando me lembro desses cânticos, meu coração desfalece, torno-me quase um apóstata. Perdoa-me este ridículo;

não podes imaginar o filtro de que os mágicos bárbaros impregnaram aqueles versos, e quanto me custa seguir os ditames da razão em toda a sua pureza.

"E, depois, se soubesses como se tornou penoso servir-te! Desapareceu da face da terra toda a nobreza. Os citas conquistaram o mundo. Não há mais república de homens livres; hoje só há reis que provêm de um sangue espesso, majestades de que tu sorririas. Pesados hiperbóreos chamam levianos àqueles que te servem... uma terrível *panbeocia*, aliança de todas as tolices, estende sobre o universo uma abóbada de chumbo, sob a qual sufocamos. Mesmo os que te honram como devem inspirar-te piedade! Lembras-te daquele caledônio que, há cinquenta anos, despedaçou teu templo a golpes de martelo afim de o levar para Tule? Assim fazem todos eles... Eu escrevi, segundo algumas das regras que tu amas, ó Theonoé, a vida do jovem deus a quem servi na minha infância. Pois por causa disto eles me tratam como a um Evêmero, escrevem-me para me perguntar o que é que pretendo com essa obra; só estimam o que serve para fazer prosperar seus negócios de onzenários. Para que se escreve a vida dos deuses, ó céus, senão para fazer amar o divino que houve neles e para mostrar que esse divino vive ainda e viverá eternamente no coração da humanidade?

"Lembras-te daquele dia em que, sob o poder do arconte Dionisodoro, um pequeno e feio judeu, falando o grego dos sírios, veio até aqui, percorreu teus adros e acreditou encontrar em teu recinto um altar dedicado a um deus que seria o *Deus Desconhecido?* Pois bem, esse pequeno judeu triunfou. Durante mil anos, chamaram-te de ídolo, ó Verdade. Durante mil anos, o mundo foi um deserto onde não desabro-

chava uma flor. Todo esse tempo, tu te conservaste muda, ó Salpinx, clarão do pensamento. Deusa da ordem, imagem da estabilidade celeste, amar-te era crime, e hoje, que, à custa de porfiados esforços, conseguimos reaproximar-nos de ti, acusam-nos de haver cometido um crime contra o espírito humano, rompendo os grilhões de que Platão desdenhava.

"Só tu és jovem, ó Cora, só tu és pura, ó Virgem, só tu és sã, ó Higia, só tu és forte, Ó Vitória. As cidades, tu as guardas, ó Promacos; obténs o que queres de Marte, ó Aréia; a paz é o teu fim, ó Pacífica. Legislatriz, fonte das constituições justas; Democracia[7], tu cujo dogma fundamental é que todo bem vem do povo, e que onde não haja um povo a nutrir e a inspirar o gênio nada existirá, ensina-nos a extrair o diamante da ganga das multidões impura. Providencia de Júpiter, divina operária, mãe de toda indústria, protetora do trabalho, ó Ergané, tu que fazes a nobreza do trabalhador civilizado e o colocas tão acima do cita preguiçoso; Sabedoria, tu que Zeus gerou após haver-se dobrado sobre si mesmo e respirado profundamente; tu que habitas em teu pai, inteiramente unida à sua essência; tu que és sua companheira e sua consciência; Energia de Zeus, fagulha que ateias e alimentas a chama sagrada da alma dos heróis e dos homens de gênio, faze de nós espiritualistas completos. No dia em que os atenienses e os rodios lutaram pelo sacrifício, tu te decidiste a ir morar entre os atenienses por serem eles os mais sábios. Teu pai, entretanto, fez descer Pluto numa nuvem de ouro sobre a cidade dos rodios, porque eles também haviam prestado homenagem à sua filha. Os rodios foram ricos, mas os atenienses tiveram o espírito, isto é, a verdadeira alegria, a eterna alacridade, a divina infância do coração.

[7] ΑΘΗΝΑΣ ΔΗΜΟΚΡΑΤΙΑΣ. Le Bas, *Inscr*. I, 32.ᵉ.

"O mundo só poderá salvar-se voltando a ti, repudiando suas afeições bárbaras. Corramos, vamos em tropel. Que dia magnífico será aquele em que todas as cidades que arrebataram os destroços do teu templo – Veneza, Paris, Londres, Copenhague – repararem seu crime, formarem cortejos sagrados para restituir as relíquias de que se apossaram, dizendo: "Perdoa-nos, deusa, nós as guardamos para salvá-las dos maus gênios da noite", e reconstruírem teus muros ao som da avena, para expiar o crime do infame Lisandro! Depois irão a Esparta amaldiçoar o solo em que viveu essa mestra de erros sombrios e insultá-la por que ela já não existe.

Firme em ti, resistirei aos meus fatais conselheiros, ao meu ceticismo, que me faz duvidar do povo; a minha inquietação de espírito, que, quando encontro a verdade, me induz a continuar a procurá-la; à minha fantasia que, depois de a razão haver dado sua sentença, me impede de conservar-me em repouso. Ó Arquegeta, ideal que o homem de gênio encarna em suas obras-primas, prefiro ser o último em tua casa a ser o primeiro em qualquer outra parte. Sim, eu me agarrarei ao estilobato do teu templo; esquecerei toda a disciplina que não seja a tua; far-me-ei estilita sobre tuas colunas, minha *cela* será a tua arquitrave. E, o que é mais difícil, por ti me farei, se puder, intolerante, parcial. Só a ti amarei. Vou aprender tua língua, desaprender tudo mais. Serei injusto para tudo que não te diga respeito. Far-me-ei o servo do último dos teus filhos. Exaltarei e lisonjearei os atuais habitantes da terra que deste a Erecteu. Procurarei amar até os seus defeitos. Persuadir-me-ei, ó Hipias, de que eles descendem dos cavaleiros que celebram lá em cima, sobre o mármore do teu friso, sua festa permanente. Arrancarei de meu coração toda fibra que

não seja razão e arte pura. Deixarei de amar as minhas moléstias, de deliciar-me com minha febre. Sustenta-me neste firme propósito, ó Salutar; ajuda-me, ó tu que salvas!

"Com efeito, quantas dificuldades prevejo! Quantos hábitos mentais não terei de mudar! Quantas recordações encantadoras, não terei de arrancar do coração! Tentarei fazê-lo; mas não estou seguro de mim. Tardiamente te conheci, beleza perfeita. Terei recuos, fraquezas. Uma filosofia, sem dúvida perversa, levou-me a crer que o bem e o mal, o prazer e a dor, o belo e o feio, a razão e a loucura se transformam uns nos outros mediante nuanças tão difíceis de distinguir como as das penas do pescoço da pomba. Nada amar, nada odiar, converte-se, então, numa sabedoria. Se uma sociedade, se uma filosofia, se uma religião houvesse possuído a verdade absoluta, essa sociedade, essa filosofia, essa religião teria vencido as outras desde o primeiro instante de sua existência, Todos aqueles que até agora acreditaram estar com a razão enganaram-se, é o que vemos claramente. Podemos nós, a não ser por insensata presunção, crer que o futuro não nos julgará como julgamos o passado? São estas as blasfêmias que, me inspira o meu espírito profundamente viciado. Uma literatura que, como a tua, fosse inteiramente sã, nada mais provocaria hoje senão o tédio.

"Sorris da minha ingenuidade. Sim, o tédio.... Estamos pervertidos: que fazer? Irei mais longe, deusa ortodoxa, expor-te-ei a depravação íntima do meu coração. Razão e bom senso não bastam! Há poesia no Strymon gelado e na embriaguez do Trácio. Séculos virão em que teus discípulos passarão por discípulos do tédio. O mundo é maior do que tu o crês.

Se tivesses visto as neves do polo e os mistérios do céu austral, tua fronte, ó deusa sempre calma, já não seria tão serena; tua cabeça, mais ampla, abrangeria diversos gêneros de beleza.

“Tu és verdadeira, pura, perfeita; teu mármore não tem mácula. Mas o templo de Hagia-Sofia, que fica em Bizâncio, produz também um efeito divino com seus ladrilhos e sua caliça. É a imagem da abóbada celeste. Ele se desmoronará. Mas se tua nave fosse bastante vasta para conter uma multidão, também se desmoronaria.

“Um imenso rio de esquecimento nos arrasta para um pélago sem nome. O abismo, tu és o Deus único. As lágrimas de todos os povos são lágrimas verdadeiras, os devaneios de todos os sábios contêm uma parte da verdade. Tudo no mundo não é mais do que símbolo e sonho. Os deuses passam, como os homens e não seria bom que fossem eternos. A fé que se teve um dia não deve ser uma grilheta para toda a vida. Ficamos quites com ela quando a enrolamos cuidadosamente na mortalha de púrpura em que repousam os deuses mortos.”

II

QUANDO me analiso a mim mesmo, vejo que no fundo, em verdade, pouco mudei. O destino, de algum modo me modelou, desde a infância, para as funções que viria a exercer. Ao chegar a Paris eu já estava formado; ainda na Bretanha, o curso de minha vida já se achava traçado por antecipação. Para o bem ou para o mal, e não obstante todos os meus esforços em contrário, estava predestinado a ser o que fui, um romântico protestando. contra o romantismo, um utopista pregando, em política, o terra-a-terra, um idealista impondo-se inúteis sofrimentos para parecer burguês, um tecido de contradições semelhante àquele *hircocerf* da escolástica, que tinha duas naturezas. Uma das metades do meu ser teria de se ocupar sempre em destruir a outra, como aquele animal fabuloso de Ctsétias, que comia sem vacilar as próprias patas. É o que disse, com muita felicidade, esse grande observador Challemel-Lacour: "Ele pensa como um homem, sente como uma mulher, age como uma criança". Não me queixo disto, pois a essa constituição moral devo os mais vivos prazeres espirituais que alguém possa conhecer.

Minha raça, minha família, minha cidade natal, o ambiente peculiar em que me desenvolvi vedavam-me as aspirações burguesas tornando-me inapto para qualquer atividade que não fosse o puro exercício das coisas do espírito; fizeram de mim um idealista fecha-

do a tudo mais. A aplicação das minhas faculdades pode ter variado; o fundo permaneceu sempre o mesmo. A verdadeira marca de uma vocação é a impossibilidade: de fugir a ela, isto é, de obter êxito em qualquer outra atividade senão aquela para a qual se nasceu. O homem que possui uma vocação tudo sacrifica, mesmo contra a vontade, à tarefa que o absorve. Circunstâncias exteriores poderiam, como acontece frequentemente, desviar minha vida e impedir-me de seguir a rota natural, mas a absoluta impossibilidade em que eu me encontraria de vencer em tarefas que não eram o meu destino, seria como o protesto do dever contrariado, e a predestinação triunfaria à sua maneira, mostrando-me de todo impotente fora da profissão para que me escolhera. Em qualquer ocupação intelectual eu venceria. Em qualquer carreira tendo por objeto a perseguição de um interesse, teria sido nulo, canhestro, abaixo do medíocre.

O traço caraterístico da raça bretã, em todas as suas camadas, é o idealismo, a busca de um fim moral ou intelectual, às vezes errôneo mas sempre desinteressado. Nenhuma raça jamais foi menos apta para a indústria, para o comércio. Tudo se obtém dos bretões pela invocação do sentimento de honra, tudo que significa lucro lhe parece pouco digno de um cavalheiro. Para eles, ocupação nobre é aquela em que nada se lucra – por exemplo, a do soldado, a do marinheiro, a do padre, a do verdadeiro gentil-homem, que extrai de suas terras apenas os frutos que se convencionou serem lícitos, sem procurar aumentá-los; a do magistrado, a do homem que se dedica ao trabalho mental. No fundo da maior parte dos seus raciocí-

nios está a idéia, falsa, sem dúvida, de que não se adquire fortuna explorando os outros e escorchando os pobres.

A consequência de um tal modo de ver é que o rico deixa de merecer consideração; é mais estimado o homem que se consagra ao bem público ou que representa a inteligência do país. Esses bretões se indignam com a pretensão daqueles que fizeram fortuna, de que com isto prestam um serviço à sociedade. Quando outrora se lhes dizia: "O Rei faz caso dos bretões", isto lhes bastava. O rei gozava por eles, era rico por eles. Persuadidos de que tudo que se ganha é tomado a outrem, consideravam a avidez de lucro uma coisa rasteira.

Semelhante concepção de economia tornou-se muito anacrônica mas o consenso dos homens voltará a ela talvez algum dia. Honra seja feita, pelo menos, aos pequenos grupos de sobreviventes de um mundo antigo em que esse erro inofensivo manteve a tradição do sacrifício! Não procureis melhorar sua sorte; isto não os faria felizes. Não os enriqueçais, pois com isto eles se tornariam menos abnegados; não os constranjais a ir à escola primária, pois isto os levaria a perder talvez alguma coisa das suas qualidades sem adquirir aquelas que dá a alta cultura; mas não os desprezeis. O desdém é a única coisa confrangedora para as naturezas simples; perturba-lhes a crença no bem ou as leva a duvidar de que as pessoas de uma classe superior saibam apreciá-lo.

Esta disposição de espírito, que eu chamaria de romantismo moral, manifestou-se em mim no mais alto grau por uma espécie de atavismo. Eu recebera, antes de nascer, o toque de alguma fada. Era o que me dizia sempre Gode, a velha feiticeira. Nasci pre-

maturamente, e tão fraco que durante dois meses todos pensavam que não me criaria. Gode procurou minha mãe para lhe dizer que tinha um meio seguro de me salvar. Pegou de uma das minhas camisinhas e foi de manhã ao poço sagrado. Voltou com a fisionomia iluminada, gritando: "Ele quer viver! Ele quer viver! Assim que atirei a camisa na água ela se levantou". Mais tarde, sempre que a encontrava, seus olhos brilhavam. Dizia-me: "Oh! se Você tivesse visto como as duas mangas da camisa se ergueram!"

Desde esse tempo, passei a ser amado das fadas e a amá-las. Não riam de nós outros os celtas. Não construiremos um Partenon: falta-nos o mármore. Mas sabemos levar a sério as coisas do coração e do espírito. Sabemos golpes da vara de condão que são privativos da nossa raça. Mergulhamos as mãos nas entranhas da criatura humana e, como as feiticeiras de Macbeth, as retiramos cheias dos segredos do infinito. A grande profundeza da nossa arte está em sabermos fazer da nossa enfermidade um encantamento. Esta raça tem no coração uma eterna fonte de loucura. O "reino de magia" mais bonito que há sobre a terra é o seu domínio. Apenas ela sabe preencher as estranhas condições que a fada Glorianda impõe a quem queira entrar nesse reino. A tuba que somente soa tocada por lábios puros, a taça mágica que só o amante fiel pode encher, só a nós pertencem verdadeiramente.

A religião é a forma sob a qual as raças célticas disfarçam sua sede de ideal. Mas engana-se completamente quem pensar que a religião é para elas um cativeiro. Nenhuma raça possui um sentimento religioso mais independente. Só a partir do século XII, e consequentemente ao apoio que os normandos da França deram à Sé de Roma, foi que o cristianismo bretão

entrou nitidamente para a corrente da catolicidade. Teriam bastando algumas circunstâncias favoráveis para que os bretões da França se tornassem protestantes, como seus irmãos os gauleses da Inglaterra. No século XVII, nossa Bretanha francesa assimilou completamente os hábitos jesuíticos e o gênero de piedade que dominava o resto do mundo. Até então, a religião ali tivera um caráter inteiramente à parte. Ela se caracterizava sobretudo pelo culto dos santos. Entre tantas peculiaridades da Bretanha a agiologia local é a mais singular. Quando se visita a pé a região, uma coisa ressalta ao primeiro olhar. As igrejas paroquiais, onde se celebra o culto do domingo, não diferem essencialmente das de outras partes da França. Quando se percorre o campo, ao contrário, encontramos às vezes numa mesma paróquia até dez, doze capelas, miniaturas de casas que as mais das vezes não possuem mais de uma porta e uma janela, e que são consagradas a um santo do qual nunca ouvimos falar no resto do mundo católico. Esses lugares sagrados, que se contam por centenas, são todos do século V ou VI, isto é, da época da imigração. Celebram personagens que na maior parte realmente existiram mas que a lenda cercou da mais formosa teia de fábulas. Essas fábulas, duma incomparável ingenuidade, verdadeiro tesouro da mitologia e da imaginação popular, nunca foram completamente escritas. As excelentes coletâneas reunidas pelos beneditinos e os jesuítas, mesmo o ingênuo e curioso trabalho de Albert Legrand, dominicano de Morlaix, só contém uma pequena parte delas. Longe de estimular essas velhas devoções populares, o clero apenas as tolera, e, se pudesse, as suprimiria. Ele sente bem que isto é o que resta de um mundo antigo, de um mundo pouco ortodoxo. Os padres vêm,

uma vez por ano, dizer missa nessas capelas. Os santos que nelas se cultuam são bastante senhores da região para que se pense em expulsá-los, mas não se fala muito sobre eles na paróquia. O clero deixa que o povo visite os pequenos santuários, segundo os ritos antigos, e vá pedir a cura de uma ou outra enfermidade e praticar os seus cultos bizarros; finge ignorá-lo. Onde então se oculta o tesouro dessas velhas histórias? Na memória do povo. Ide de capela em capela, fazei falar aquela boa gente e, se ela tiver confiança em vós, contará, meio a sério, meio em tom de gracejo, inestimáveis narrativas das quais a mitologia comparada e a história saberão um dia tirar o mais rico partido[8].

Essas narrativas exerceram a maior influência sobre o feitio da minha imaginação: As capelas de que falei são sempre solitárias, isoladas nas charnecas, em meio a rochedos ou em terrenos baldios, inteiramente desertos. O vento soprando sobre os campos recobertos de urzes, gemendo nas giestas, causava-me verdadeiro terror. Muitas vezes fugia desses lugares sinistros em carreira desabalada, como perseguido pelos fantasmas do passado. Em outras ocasiões, olhava, pela porta entreaberta da capela, os vitrais ou as estatuetas de madeira pintada que ornavam o altar. Isto me fazia perder-me em devaneios sem fim. A fisionomia estranha, terrível, desses santos que eram mais druidas do que cristãos, selvagens, vingadores, me perseguia como um pesadelo. Santos que eram, não deixavam, entretanto, de estar sujeitos a estranhas fraquezas. Gergorio de Tours contou-nos a história daquele Winnoch, que passou por Tours em viagem para Jerusalém, trazendo como única vestimenta peles de ovelha des-

[8] Um consciencioso e infatigável pesquisador, o Sr. Luzel, será, espero, o Pausanias das pequenas capelas locais da Bretanha e fará por escrito todo esse magnífico lendário a pique de se perder.

pojadas de sua lã. Ele pareceu tão piedoso que o acolheram ali, e o fizeram padre. Comia apenas ervas silvestres e levava o copo de vinho à boca de tal maneira que dir-se-ia fazê-lo apenas para o tocar com os lábios. Mas tendo a liberalidade dos devotos proporcionado ao recém-vindo, frequentemente, copos cheios desse licor, Winnoch se habituou a beber e muitas vezes foi visto embriagado. O demônio se apossou de sua alma a tal ponto que, armado de facas, de pedras, de cacetes, de qualquer instrumento ao alcance de suas mãos, atacava todas as pessoas que ia encontrando. Foram forçados a prendê-lo com correntes em sua cela. Ainda assim, foi santo. S. Cadoc, S. Iltud, S. Conéry, S. Renan ou Ronan, me pareciam uns gigantes. Mais tarde, quando conheci a Índia, vi que os meus santos eram verdadeiras *richis*, e que, através deles, eu tinha entrado em contato com o que o nosso mundo ariano tem de mais primitivo. Eram como solitários senhores da natureza, dominando-a. pelo ascetismo e pelo poder da vontade.

Naturalmente o último dos santos que acabo de citar era o que mais me preocupava, pois o seu nome era o que eu trazia.[9] Entre todos os santos da Bretanha não há, aliás, nenhum tão original. Sua vida foi-me contada duas ou três vezes, e cada vez apresentando circunstâncias mais extraordinárias. Morava na Cornouaille, perto da pequena cidade que traz o seu nome. (S. Renan) Era – mais do que um santo – um espírito da terra. Exercia um terrível poder sobre os elementos. Possuía um caráter violento e um pouco extravagante. Nunca se sabia antecipadamente, em cada instante, o que ele ia fazer, o que desejava. To-

[9] A forma antiga do nome Renan é Ronan, que se encontra nas designações de lugar, como *Loc-Ronan*, águas de São Ronan (país de Gales), etc.

dos o respeitavam. Mas aquela obstinação em seguir solitário o seu caminho inspirava um certo pavor, tanto que no dia em que foi encontrado morto no chão de sua cabana, estabeleceu-se grande terror nas redondezas. O primeiro que, passando por ali, olhou pela janela aberta e viu o corpo caído por terra, fugiu em disparada. Em vida, ele fora tão excêntrico e reservado que ninguém se podia gabar de adivinhar o destino que desejara para seu corpo depois de morto. Receava-se que, se não o sepultassem de maneira conveniente, sobreviria uma peste, alguma cidade seria tragada pelo mar ou toda a região convertida em pântano, ou surgiria uma daquelas epidemias que ele, em vida, tinha o poder de desencadear. Conduzi-lo à igreja comum a toda gente não era seguro. Ele parecia às vezes ter-lhe aversão. Seria capaz de se revoltar, provocar um escândalo. Todos os principais da terra estavam reunidos na cela do morto, diante do grande corpo enegrecido, estendido no chão, quando um deles formulou um sábio alvitre: “Nunca pudemos compreendê-lo quando vivo. Seria mais fácil traçar de antemão o trajeto do voo da andorinha no céu do que seguir o rumo dos pensamentos desse homem. Morto, deve ele ainda resolver pela própria cabeça o destino a dar ao seu corpo. Cortemos algumas árvores, façamos uma carreta, atrelemo-lhe quatro bois. Ronan saberá conduzi-los ao lugar onde quer se enterrado”. Todos concordaram com esta solução. Ajustaram as traves, fizeram umas rodas com os toros dos grandes carvalhos serrados na parte mais grossa e, improvisada assim a carreta, puseram-lhe em cima o corpo do santo.

Os bois, conduzidos pela mão invisível de Ronan, marcharam à frente deles para o ponto mais espesso da floresta. As árvores se inclinavam ou se quebravam sob as patas dos animais com estalidos medonhos.

Chegando enfim ao centro da floresta, no lugar onde encontravam os maiores carvalhos, o carro parou. Todos compreenderam; enterraram o santo ali e depois construíram sua igreja no local.

Tais narrativas me transmitiram, desde cedo, o gosto da mitologia. A ingenuidade com que o povo as aceitava era um fenômeno que remontava a milhares de anos. Ouvi contar o modo por que meu pai, em criança, fora curado das febres. De madrugada, antes do sol nascer, conduziram-no à capela do santo que curava essas doenças. Veio, ao mesmo tempo, um ferreiro, com sua forja, seus cravos, suas torquesas. Acendeu a fornalha, comburiu as tenazes, e, aproximando o ferro incandescente do rosto do santo, falou-lhe: "Se não acabas a febre deste menino, vou te ferrar como a um cavalo". O santo obedeceu imediatamente.

A escultura em madeira floresceu durante muito tempo na Bretanha. Essas estátuas de santos são dum realismo assombroso; vivem pela força da imaginação plástica. Lembro-me de um excelente homem, não muito mais louco que os demais, que, sempre que podia, escapava da cidade à noite. Pela manhã, encontravam-no numa igreja, em mangas de camisa, suando água e sangue. Passara a noite ocupado em tirar os cravos dos Cristos crucificados e em arrancar as flechas do corpo de S. Sebastião.

Minha mãe, que, por um lado, era gascã (meu avô materno era de Bordeaux) contava essas velhas histórias com espírito e sutileza oscilando habilmente entre o real e o imaginário, de um modo que deixava perceber não ser tudo aquilo verdade senão na imaginação do povo. Ela gostava daquelas fábulas como bretã, e ria delas como gascã, e nesse dualismo residia o segredo da vivacidade e da alegria de toda a sua

existência. Quanto a mim, esse estranho ambiente foi que me conferiu as aptidões que possa ter para os estudos históricos. Nele contraí o hábito de ver o âmago das coisas e discernir ruídos que outros ouvidos não percebem. A essência da crítica está em saber compreender condições diferentes daquelas em que vivemos. Eu vi o mundo primitivo, Na Bretanha de 1830, o passado mais remoto ainda vivia. O século XIV e o XV eram o mundo que tínhamos quotidianamente sob os olhos nas cidades. A um olhar exercitado na retrospecção, era visível no campo a época da imigração gálica (séculos V e VI). Sob a camada cristã estava o paganismo, às vezes transparente.

A esses aspectos misturavam-se traços de um mundo ainda mais velho, que eu fui encontrar depois entre os lapônios. Visitando em 1870, com o príncipe Napoleão, as choupanas dum aldeamento de lapônios, perto de Tromsoe, acreditei muitas vezes ver ressuscitar, diante de mim, em certos tipos de mulheres e de crianças, em certos traços daquela gente, em certos costumes, o mundo das minhas mais antigas reminiscências.

Veio-me, então, a ideia de que, em tempos recuados, podia ter havido miscigenações entre ramos dispersos da raça céltica e as raças semelhantes aos lapônios que habitavam a região quando eles chegaram. Assim, minha fórmula étnica seria: “Um celta, misturado com sangue gascão, cruzado com lapônio”. Tal fórmula representaria, creio, segundo as teorias dos antropologistas, o cúmulo da cretinice e da imbecilidade. Mas o que a antropologia considera estupidez, nas velhas raças inacabadas, não é mais do que uma força extraordinária de entusiasmo e de intuição.

III

TUDO, portanto, me predestinava, na realidade, ao romantismo. Não digo ao romantismo da forma (bem cedo compreendi que o romantismo da forma era um erro, que, se há duas maneiras de sentir e de pensar, só uma existe para se exprimir o que se pensa e o que se sente), mas ao romantismo da alma e da imaginação, ao ideal puro. Eu vinha da velha raça idealista no que ela possuía de mais autêntico. Há na região de Goëlo, ou de Avaugour, banhada pelo Trieux, um recanto a que se deu o nome de Lédano, porque lá o rio se alarga e forma uma laguna antes de se lançar ao mar. À margem do Lédano havia uma grande herdade chamada Keranbélec, ou Meskanbélec. Ali estava o núcleo do clã dos Renan, boa gente vinda do Cardigan, sob a direção de Fragan, por volta do ano de 480. Eles viveram ali mil e trezentos anos uma vida obscura, fazendo economias de pensamentos e de sensações, patrimônio que veio a caber-me por herança. Sinto que penso por eles e que eles vivem em mim. Nenhum desses excelentes homens procurou, como dizem os normandos, *gaaingner*, e assim, permaneceram todos pobres. Minha incapacidade de ser mau, ou mesmo, de apenas parecê-lo, vem deles. Somente conheciam dois gêneros de ocupação: cultivar a terra e aventurar-se em barco pelos estuários e os arquipélagos rochosos que o Trieux forma em sua embocadura. Pouco antes da Revolução, três dentre eles

armaram um barco em comum e se fixaram em Lézardrieux. Viviam juntos na embarcação, a maior parte do tempo recolhida a uma enseada do Lédano. Navegavam para sua recreação, ao sabor da fantasia. Não eram burgueses, porque não tinham inveja dos nobres; eram marinheiros abastados e não dependiam de ninguém.

Meu avô, que era um deles, fez uma etapa a mais na vida citadina; veio para Tréguier. Quando estalou a Revolução, mostrou-se um patriota ardente mas honesto. Tinha algum dinheiro. Todos os que se encontravam nas mesmas condições compravam bens nacionais; ele não os quis, achava-os mal adquiridos por essa forma. Julgava que não era honesto obter, de súbito, grandes lucros sem trabalho algum. Os acontecimentos de 1814 e 1815 o puseram fora de si. Hegel ainda não havia descoberto que o vencedor tem sempre razão, e, de qualquer modo, aquele homem simples dificilmente compreenderia que a França era que havia vencido em Waterloo. Ele me reservava o privilégio dessas belas teorias, das quais, de resto, começo a me desgostar. No dia 19 de março de 1815 foi visitar minha mãe e disse-lhe: "Amanhã, levanta-te cedo e olha para a torre." Efetivamente, durante a noite, não tendo o sacristão consentido em entregar-lhe a chave da torre da igreja, ele a escalou, com alguns outros patriotas, atravessando uma floresta de pilares e de sinos, e correndo vinte vezes o risco de quebrar o pescoço, para arvorar lá em cima o pavilhão nacional. Alguns meses mais tarde, quando a bandeira contrária triunfou, o velho Renan perdeu literalmente a razão. Saiu à rua com sua enorme *cocarde* tricolor. E gritou: "Quero ver quem é capaz de vir tirar-me esta *cocarde*! Todos o estimavam no bairro. Responderam-lhe:

"Ninguém, capitão, ninguém." E o levaram para casa, delicadamente, pelo braço. Meu pai participava dos mesmos sentimentos. Ele tomou parte nas campanhas do almirante Villaret-Joyeuse. Aprisionado pelos ingleses, passou alguns anos nos navios-prisões. Cada ano, quando se ia fazer o sorteio dos conscritos, seu prazer era humilhar os novos recrutas com as suas recordações de voluntário. Olhando com desprezo aqueles que metiam a mão na urna, dizia: "Antigamente não fazíamos assim." E com um gesto ostensivamente desdenhoso, acentuava a decadência dos tempos.

Pelo que vi desses excelentes marinheiros, e pelo que li e ouvi dos camponeses da Lituânia e mesmo da Polônia, foi que formei minhas ideias sobre a virtude inata das nossas raças quando estão organizadas de acordo com o tipo do clã primitivo. Jamais se compreenderá o que havia de bondade nesses velhos celtas, e mesmo de polidez e de doçura de costumes. Ainda conheci o modelo dessas qualidades, em vias de extinguir-se, há trinta anos, na formosa ilhazinha de Bréhat, com seus hábitos patriarcais, dignos da época dos feacios. O desprendimento dessa boa gente, sua incapacidade para as coisas práticas, ultrapassavam toda imaginação. O que atestava sua nobreza era o fato de que sempre que procuravam fazer alguma coisa parecida com um negócio se viam infalivelmente enganados. Desde que o mundo é mundo, nunca houve quem se arruinasse com mais entusiasmo, mais imaginação, mais arrojo, mais alegria. Era um fogo de artifício de paradoxos práticos, de alegres fantasias. É impossível desprezar alguém com maior satisfação todas as leis do bom senso positivo e da sã economia.

Perguntei um dia a minha mãe, nos últimos anos de sua vida: "Mamãe, é verdade que todos aqueles da

nossa família que conheceste eram tão refratários à fortuna quanto os que eu conheci?”

– Todos pobres como Job, respondeu ela. Que estás pensando? Como querias que fosse de outro modo? Nenhum deles nasceu rico, e nenhum saqueou nem extorquiu nada de ninguém. Naquele tempo não havia ricos além do clero e dos nobres. Houve, porém, uma exceção: foi Z..., que se tornou milionário. Ah! aquele era um homem conceituado, com uma boa situação social, quase um deputado, pelo menos em condições de o ser.

– Como, então, Z... juntou uma fortuna considerável quando todos em torno dele continuavam pobres?

– Não posso dizer-te... Há pessoas que nascem para ser ricas e outras que nunca o serão. Há que ter garras, servir-se em primeiro lugar. Ora, é o que nós nunca soubemos fazer. Quando se trata de pegar o melhor bocado da travessa, nossa natural polidez se opõe a isso. Nenhum dos teus ascendentes ganhou dinheiro. Não tomaram nada dos outros, não empobreceram ninguém. Teu avô não quis seguir o exemplo dos outros e comprar bens nacionais. Teu pai era como todos os marinheiros. A prova de que ele nasceu para navegar e combater é que tinha uma completa inaptidão para os negócios. Quando nasceste, nós estávamos tão tristes que eu te pus no colo e chorei amargamente. Os marinheiros, como vês, não se parecem com o resto da humanidade. Conheci muitos deles que, ao se engajarem, recebendo quantias elevadas, entregavam-se a um estranho divertimento. Mandavam esquentar os escudos numa frigideira e os atiravam aos pobres na rua, dando grandes risadas com os esforços que eles faziam para agarrar as moedas. Era um modo

de acentuar que não se faziam matar por seis francos e que a coragem e o cumprimento do dever não eram objeto de remuneração. E teu pobre tio Pierre, eis aí um que me deu cuidados. Deus do céu!

– Fala-me sobre o tio Pierre. Eu o aprecio, não sei por que.

– Tu o viste um dia. Ele nos encontrou, perto do porto, cumprimentou-te mas não se animou a vir falar contigo porque tu eras muito respeitado na terra e eu não quis dizer-te de quem se tratava. Era a melhor das criaturas, mas nunca pudemos obrigá-lo a trabalhar. Estava sempre a andar e passava as noites nos botequins. Apesar de tudo, bondoso e honesto; mas foi sempre impossível dar-lhe uma situação. Não podes imaginar que homem encantador era ele, antes de ser estragado pela vida que levava. Era verdadeiramente adorado na região, todos disputavam-no. Sabia inconcebíveis histórias, provérbios e anedotas de fazer morrer de rir. Todos o requestavam. E, depois, bastante instruído, tinha lido muito. Nos botequins, faziam roda em torno dele, aplaudiam-no. Era a vida, a alma, o divertimento de todos. Fez por aqui uma verdadeira revolução literária. Até então, *Os Quatro Filhos de Aymdon* e o *Renaud de Montauban* estavam em voga. Toda gente conhecia essas velhas personagens, sabia sua vida de cor. Cada um tinha seu herói preferido, preferido, pelo qual se apaixonava. Pierre divulgou histórias mais novas, que ele tirava dos livros, adaptando-as, porém, ao gosto da região.

“Nesse tempo nós possuíamos uma boa biblioteca. Quando chegaram os padres missionários, sob o reinado de Carlos X, o pregador fez um sermão tão bonito contra os livros perigosos que cada um destruiu todos os volumes que tinha em casa. O missionário disse

que era melhor destruí-los a mais do que a menos, e que, aliás, todo livro podia ser perigoso conforme as circunstâncias. Eu fiz como toda gente, mas teu pai jogou um certo número de volumes em cima do armário, explicando-me: “Estes são muito bonitos”. Eram o *D. Quixote*, *Gil Blas*, *O Diabo Coxo*. Pierre os desentocou desse recanto e os lia para a gente do povo e para o pessoal do porto. Toda a nossa biblioteca circulou por esse meio. Levando tal vida, Pierre comeu todo o pouco que possuía, um pequeno pecúlio, e tornou-se um verdadeiro vagabundo, o que não o impedia de ser muito afável, uma excelente criatura, incapaz de fazer mal a uma mosca.

– Mas por que, perguntei a minha mãe, os tutores de Pierre não o fizeram embarcar como marinheiro? Isto o teria corrigido, teria posto um pouco de ordem em sua vida.

– Impossível. Toda gente o teria acompanhado. Gostavam muito dele. Se soubesses que imaginação aquela! Pobre Pierre! Apesar de tudo, eu gostava dele. Vi-o algumas vezes tão encantador! Em certos momentos, uma palavra dele fazia estourar de rir. Tinha uma espécie de ironia, uma maneira de gracejar com um ar de seriedade como eu nunca vi em ninguém mais. Nunca esquecerei a noite em que vieram avisar de que o haviam encontrado morto à beira da estrada de Langoat. Fui até lá, mandei vesti-lo convenientemente. No enterro, o padre disse umas coisas bonitas sobre a morte desses vagabundos cujo coração nem sempre está tão longe de Deus como se possa acreditar.

Pobre tio Pierre! lembrei-me dele muitas vezes. Essa tardia estima será sua única recompensa. O paraíso metafísico não seria o lugar dele. Sua imaginação, seu entusiasmo, sua viva sensualidade fizeram-no

uma figura à parte em seu meio. O caráter de meu pai não se parecia em nada com o dele. Meu pai era, antes, um temperamento calmo e triste. Nasci, quando ele já estava velho e voltava de uma longa viagem. Nos primeiros albores do meu ser, senti as frias brumas do mar, experimentei a brisa da manhã, passei pelas ásperas e melancólicas vigílias do "quarto".

IV

POR parte de minha avó materna, eu estava vinculado a uma burguesia mais graduada. Vovó era um modelo muito simpático da burguesia de outrora. Fora extremamente bonita. Conheci-a nos seus últimos anos de vida, sempre fiel à moda do tempo em que enviuvara. Fazia questão de ser da sua classe, nunca deixou de usar suas toucas de burguesa, nunca consentiu que a tratassem de outro modo que não *mademoiselle*. As senhoras nobres votavam-lhe uma alta estima. Quando encontravam minha irmã Henriette, faziam-lhe festas. Diziam-lhe: "Minha filha, sua avó era uma criatura muito distinta, nós a apreciávamos muito; seja como ela." Efetivamente, minha irmã gostava em extremo da avó, e a tomou como exemplo. Mas minha mãe, sempre rindo e cheia de espírito, era muito diferente de minha avó. Mãe e filha formavam, em tudo, um perfeito contraste.

Aquela boa burguesia de Lannion era admirável de candura, de respeitabilidade, e de honradez. Várias das minhas tias ficaram solteiras, mas nem por isto eram menos felizes, graças a um espírito de inocência infantil que tornava suportáveis todas as adversidades. A família vivia em comum; todos se estimavam, todos participavam das mesmas crenças. Minhas tias X... tinham um único divertimento, que era, aos domingos, depois da missa, o brinquedo de fazer voar uma pluma, soprando-a, cada uma por sua vez, para evitar que caís-

se no chão. As gargalhadas que esse jogo lhes provocava constituíam uma provisão de alegria para a semana. A religiosidade de minha avó, sua polidez, seu culto pela ordem estabelecida me ficaram na memória como uma das melhores imagens dessa sociedade que se baseava em Deus e no rei, dois esteios que não é certo possam ser substituídos.

Quando estalou a Revolução, minha avó tomou-se de horror por ela, e logo se pôs à testa do grupo de pessoas religiosas que ocultavam os padres não juramentados. No seu salão é que se rezava a missa. Estando emigradas as damas nobres, minha avó julgava do seu dever substituí-las para esse efeito. Meus tios, em sua maioria, eram, ao contrário, grandes patriotas. Quando havia luto público, como, por exemplo, pela traição de Dumouriez, meus tios deixavam crescer a barba, saíam à rua com fisionomias compungidas, gravatas enormes e roupa em desalinho. Minha avó, então, dirigia-lhes motejos sutis que não deixavam de ser perigosos: "Oh meu pobre Tanneguy, que tem você? Que desgraça nos aconteceu? Será que houve alguma coisa com minha prima Amélia? Ou foi tia Angelina que piorou da asma? – Nada disto, minha prima. É que a República está em perigo. – Só isto? Oh meu caro Tanneguy, como você me tranquilizou! Tirou-me um peso do coração!"

E ela assim brincou durante dez anos com a guilhotina, e só por um milagre escapou-lhe. Tinha como companheira nesse devotamento uma senhora Taupin, muito religiosa, como ela. Os padres alternavam o asilo entre a casa da minha avó e a da Sra. Taupin. Meu tio Y..., ardentemente revolucionária, e no fundo uma excelente pessoa, dizia muitas vezes: "Minha prima, tome cuidado. Se eu chegasse a saber que havia

padres ou aristocratas escondidos em sua casa a denunciaria.” Minha avó respondia afirmando que só conhecia verdadeiros amigos da República, mas o que se chama verdadeiros amigos!...

Na verdade, quem acabou na guilhotina foi a Sra. Taupin. Minha mãe não me contava a cena sem a mais viva emoção. Mostrou-me quando eu era criança, o lugar onde o drama se passara. No dia da execução, minha avó levou toda a família para fora de Lannion, afim de não participar do crime que se ia consumar. Chegaram todos, antes do amanhecer, a uma capela situada num lugar deserto e dedicada a S. Roque. Muitas pessoas religiosas lá se reuniram. Um sinal convencionado as avisaria do momento em que a cabeça caísse, para que todos estivessem orando quando a alma da mártir fosse apresentada pelos anjos ao trono de Deus.

Todos esses fatos criavam vínculos de cuja profundeza atualmente não fazemos ideia. Minha avó gostava dos padres, da sua coragem, do seu devotamento. Ela teve ocasião de experimentar a frieza glacial dos sacerdotes. Durante o Consulado, quando se restabeleceu o culto, o padre que ela havia escondido com perigo de vida foi nomeado cura de uma paroquia próxima, a Lannion. Tomou minha mãe, então criança, pela mão, e juntas fizeram uma viagem de duas léguas sob um sol abrasador. A perspectiva de rever aquele que ela vira, em tão trágicas circunstâncias, oficiar em sua casa, de noite, fazia-lhe palpitar o coração. O orgulho sacerdotal, ou, talvez, o sentimento do dever inspirou ao padre uma estranha conduta. Mal reconheceu minha avó; recebeu-a de pé e despediu-a depois de duas ou três frases. Nem um agradecimento, uma palavra de congratulações, uma alusão àqueles fatos. Não lhe

ofereceu um copo d'agua. Minha avó teve a sensação de que ia desmaiar. Voltou para Lannion com minha mãe, desfeita em lágrimas, ou porque se recriminasse de um erro do seu coração de mulher ou porque estivesse revoltada com tanto orgulho.

Minha mãe nunca soube se das emoções que lhe ficaram desse dia prevaleceu no espírito da boa mulher o ressentimento ou a admiração. Talvez ela tenha acabado por compreender a profunda sabedoria desse sacerdote que parecia dizer-lhe bruscamente: "Mulher, que há de comum entre nós dois?" e não quisera reconhecer que lhe devia gratidão pelo bem que dela recebera. As mulheres têm dificuldade em admitir uma tal abstração. A causa a que servem personifica-se sempre, para elas, em alguém, e não podem achar natural que as pessoas combatam lado a lado sem se conhecerem e se estimarem.

Minha mãe, alegre, expansiva, curiosa, estava mais inclinada a gostar da Revolução do que a odiá-la. Às escondidas de minha avó, punha-se a escutar as canções patrióticas. O *Canto da Partida* lhe causara viva impressão. Ela nunca recitava o belo verso que as mães costumam repetir:

De nos yeux maternels ne craignez point les larmes...[10]

sem que sua voz denunciasse a emoção de que se sentia possuída. Aquelas grandes e terríveis cenas deixaram no seu espírito um vinco inapagável. Quando se perdia nessas recordações indissoluvelmente ligadas ao despertar de sua primeira juventude, quando se lembrava de tantos entusiasmos, de tantas bonitas loucuras

[10] "Não temais as lágrimas dos nossos olhos matemos" – N. do T.

que alternavam com as cenas de terror, sua vida parecia renascer por completo. De suas conversas ficou-me uma simpatia invencível pela Revolução, que me fazia amá-la apesar do meu raciocínio e de todo o mal que disse dela. Não renego nada do que escrevi sobre o assunto, mas quando observo a espécie de raiva com que escritores estrangeiros procuram demonstrar que a revolução francesa não foi mais do que vergonha e loucura e constitui um fato sem importância na história do mundo, começo a acreditar que foi ela talvez o que fizemos de melhor, pois que provoca tanta inveja.

V

UMA personagem singular, que permaneceu muito tempo para nós um enigma, inclui-se, de certo modo, entre as causas que fizeram de mim, afinal, bem mais um filho da Revolução do que um filho dos cruzados. Era um velho, cuja vida, cujos hábitos e ideias formavam o mais singular contraste com o da terra. Eu o via todos os dias, coberto com um capote surrado, ir comprar numa vendinha dois *sous* de leite numa vasilha de folha. Era pobre mas não propriamente miserável. Não falava com pessoa alguma, porem seu olhar tinha uma grande doçura. Os que, por circunstancias excepcionais, entravam em relações com ele, mostravam-se encantados com sua amenidade de trato, seu sorriso, sua sensatez.

Nunca lhe soube o nome, e creio mesmo que ninguém o sabia. Não era do lugar e não tinha família. Sua placidez era profunda, e a singularidade de sua vida provocava apenas admiração. Mas conseguira essa situação desde sua chegada. Havia cometido bastantes erros. Houve um tempo em que manteve relações com a gente da terra, a quem enunciou algumas das suas ideias; ninguém compreendeu nada delas. A palavra *sistema* que o velho pronunciou duas ou três vezes, pareceu engraçada. Passaram a chamá-lo de *Sistema* e logo ninguém mais o chamou por outro nome. Se houvesse continuado a expor suas ideias, teria sido mal sucedido, as crianças dariam para lhe atirar

pedras. Como um verdadeiro sábio, calou-se, não disse mais uma palavra a ninguém, e assim alcançou a tranquilidade. Saía diariamente para ir comprar suas modestas provisões. De tarde, passeava por algum lugar afastado. Sua fisionomia era séria mas não triste, e antes amável do que hostil. Mais tarde, quando li a *Vida de Spinoza* de Colerus, vi que tivera sob os olhos, quando criança, um exemplar muito semelhante ao santo de Amsterdam. A gente da terra o deixava inteiramente tranquilo; respeitava-o, mesmo. Sua resignação, sua cara sorridente pareciam uma visão de outro mundo. Todos sentiam nele alguma coisa de superior, que não compreendiam, mas diante da qual se inclinavam.

Nunca ia à igreja e evitava todas as oportunidades de manifestar, materialmente, qualquer crença religiosa. O clero o olhava com muita prevenção. Os padres não falavam contra ele nas prédicas porque em sua vida nada havia de escandaloso, mas, nas conversas, só lhe pronunciavam o nome com um certo pavor. Uma circunstância particular aumentava essa animosidade e criava em torno do velho solitário uma espécie de atmosfera de terror demoníaco.

Sistema possuía uma biblioteca bem considerável, composta de escritos do século XVIII. Toda aquela grande filosofia que, em suma, fez mais do que Lutero e Calvino, lá estava. O estudioso velhinho a sabia de cor e vivia da pequena renda do empréstimo desses volumes a algumas pessoas que tinham o hábito da leitura. Isto representava para o clero um poço de perdição, do qual falava com horror. Os padres proibiam em absoluto aos fiéis tomarem emprestado esses livros. A água-furtada de *Sistema* era considerada o receptáculo de todas as impiedades.

Eu naturalmente participava desse terror, e somente muito mais tarde, quando minhas ideias filosóficas estavam bem assentadas, foi que me apercebi de que tivera na infância a felicidade de conhecer um verdadeiro sábio. Reconstituí, sem esforço, suas ideias, ligando algumas palavras que outrora me haviam parecido ininteligíveis e que guardara na memória. Deus era, na concepção do velho *Sistema*, a ordem da natureza, a razão íntima das coisas. Não admitia que negassem a Deus. Amava a humanidade porque ela representava a razão, detestava a superstição porque esta negava a razão. Destituído do sopro poético que o século XIX soube acrescentar a essas grandes verdades, *Sistema*, estou certo disto, viu muito alto e muito longe. Estava no caminho certo. Longe de desconhecer a existência de Deus, sentia vergonha por aqueles que imaginavam poder comunicar-se com a divindade. Entregue a uma paz profunda e a uma sincera humildade, encarava os erros dos homens com mais com piedade do que com ódio. É evidente que desprezava o seu século. O renascimento da superstição, que ele julgara enterrada por Voltaire e Rousseau, parecia-lhe o sinal de um completo embrutecimento das novas gerações.

Certa manhã encontraram-no morto no seu quarto pobre, em meio aos livros empilhados. Foi isto depois de 1830. O *maire* promoveu-lhe um enterro decente. O clero comprou toda a biblioteca do finado a preço vil e mandou destruí-la. Não se encontrou na cômoda nenhum papel que ajudasse a desvendar o mistério que cercava o solitário. Apenas, num canto, apareceu, cuidadosamente embrulhado, um ramalhete de flores seca, atado por uma fita tricolor. Pensou-se a princípio que fosse alguma recordação amorosa,

e muitas pessoas armaram sobre esse bosquejo o romance do desconhecido. Mas a fita tricolor perturbava tal hipótese. Minha mãe não acreditava de modo nenhum que fosse essa a verdadeira explicação. Se bem que ela tivesse um respeito instintivo por *Sistema*, dizia-me sempre: "É um velho terrorista. Parece-me, às vezes, estar vendo-o em 1793. E, depois, ele tem exatamente as mesmas maneiras e as mesmas ideias de M..., que aterrorizou Lannion e manteve a guilhotina em função enquanto viveu Robespierre.

Há quinze ou vinte anos li, nos *faits-divers* de um jornal, mais ou menos o que se segue:

> Ontem, numa rua afastada, nos confins do bairro de Saint-Jacques, expirou quase sem agonia um velhinho cuja existência muito intrigava a vizinhança. Ele era respeitado no quarteirão como um modelo de pacatez e de bondade, mas evitava tudo que pudesse oferecer uma pista para o conhecimento do seu passado. Estavam espalhados sobre sua mesa alguns livros, entre os quais o *Catecismo* de Volney e alguns volumes avulsos de Rousseau. Todos os seus haveres se resumiam em um baú. Chamado para abri-lo, o comissário somente encontrou nele alguns pobres trastes, entre os quais um *bouquet* murcho, embrulhado caprichosamente num papel em que se lia o seguinte: "Bouquet que eu levei à festa do Ser Supremo, a 20 pradial, ano II."

Isto foi para mim uma réstia de luz. Não duvidei mais que o ramalhete de *Sistema* se prendia a uma recordação idêntica. Lembrei-me dos raros adeptos da Igreja jacobina que eu ainda conhecera, da sua ardente convicção, do seu apego sem limites as reminiscências de 1793 e 1794, da sua incapacidade para falar de qualquer assunto que não esse. Aquele sonho que durou um, ano foi tão ardente que nenhum dos que passaram por ele pôde mais reintegrar-se na vida. Ficaram todos sob os efeitos de uma ideia fixa, entorpeci-

dos, num estado de estupefação. Tinham o *delirium tremens* das embriaguezes sangrentas. Eram crentes absolutos; o mundo, que já não correspondia à sua concepção, parecia-lhes vazio e infantil. Ficando sós, de pé, como os restos de um mundo de gigantes de fábula, carregados de ódio contra o gênero humano, não tinham mais comércio possível com os vivos. Compreendi então o efeito produzido por Lakanal quando voltou da América em 1833 e apareceu aos seus confrades da Academia de Ciências Morais e Políticas como um espectro... Compreendi Daunou e sua obstinação em ver em Cousin e em Guizot os mais perigosos dos jesuítas. Por um contraste bastante comum, esses sobreviventes, às vezes horríveis, de lutas titânicas transformam-se em cordeiros. O homem não precisa, para ser bom, de encontrar uma base lógica para a sua bondade. Os mais cruéis inquisidores da Idade Média, como, por exemplo, Conrado de Marbourg, eram homens dos mais afáveis. É o que ficará demonstrado quando o nosso grande mestre; Vitor Hugo, publicar o seu *Torquemada* e mostrar como pode alguém tornar-se um queimador de homens por sensibilidade, por espírito de caridade.[11]

[11] Escrevi essas palavras em 1876. A bela obra do Sr. Vitor Hugo apareceu posteriormente.

VI

SE bem que minha educação religiosa e prematuramente sacerdotal me houvesse vedado as ligações juvenis com pessoas do outro sexo, tinha pequenas amigas de infância, de uma das quais, sobretudo, guardei muito viva recordação. Bem cedo pronunciou-se em mim o gosto da convivência com as moças. Gostava muito mais da companhia delas que da dos meninos. Estes não me apreciavam. Meu ar delicado os irritava. Não podia brincar com eles: chamavam-me *mademoiselle* e faziam-me toda sorte de picardias. Com as meninas da minha idade, ao contrário, eu me dava perfeitamente bem: elas me achavam quieto e sensato. Eu tinha doze ou treze anos. Não me dava conta absolutamente dos motivos da atração que elas exerciam sobre mim. A ideia vaga a que me inclinava parece-me ter sido, sobretudo, a de que havia coisas permitidas aos homens e que não o eram às mulheres, de modo que elas se me afiguravam criaturas frágeis e bonitas, submetidas, para a conduta de seus pequenos seres, a certas normas com que se conformavam. Todas as meninas que conheci então eram de uma encantadora modéstia. Havia no primeiro despertar dos meus instintos o sentimento de uma vaga comiseração, a ideia de que era preciso ajudar uma submissão tão gentil, apreciar aquele recato e secundá-lo. Tinha a perfeita noção da minha superioridade intelectual, mas desde

esse tempo sentia que a mulher muito bonita ou muito bondosa resolve completamente por sua conta o problema que nós outros, com todo o poder da inteligência, não fazemos mais do que complicar. Somos simples crianças ou pedantes, comparados com elas. Eu não compreendia senão vagamente, mas já entrevia, a verdade de que a beleza é um dom tão superior, que o talento, o gênio, a própria virtude nada valem em comparação com ela, de modo que a mulher verdadeiramente bela tem o direito de desdenhar de tudo, pois reúne, não no que faça, mas na sua própria pessoa, como em um vaso de mirra, tudo o que o gênio apenas esboça com esforço, em traços pálidos, mediante exaustivas reflexões.

Eu disse que entre essas pequenas camaradas uma houve que exerceu sobre mim particular sedução. Chamava-se Noémi. Era um pequeno modelo de sabedoria e graça. Seus olhos tinham um delicioso langor, espelhando um misto de bondade e de finura. Seus cabelos eram de um louro adorável. Podia ter mais dois anos do que eu, e o modo por que ela me falava ficava num meio termo entre o tom de uma irmã mais velha e o das confidencias entre duas crianças. Nós nos entendíamos às maravilhas. Quando entre suas amiguinhas surgia qualquer discussão, nós dois tomávamos sempre o mesmo partido. Eu me esforçava por apaziguar as dissidentes. Ela não acreditava no êxito das minhas tentativas. “Ernest – dizia-me – Você nada conseguirá; quer que todos vivam de acordo.” Essa infantil colaboração em favor da paz, que nos e prestava uma imperceptível superioridade sobre as colegas, estabelecia entre nós dois um vínculo muito agradável. Ainda hoje não posso ouvir cantar

Nous n'irons plus au bois, ou Il pleut, il pleut, bergère[12], sem que sinta bater levemente o coração... Certamente, não fosse o torniquete da disciplina de estudos que me tolhia os movimentos, eu teria amado Noémi dois ou três anos depois. Mas eu estava destinado à vida meditativa; a dialética já se apossara de todo o meu ser. A onda de abstrações que me subia à cabeça aturdia-me e me tornava ausente e distraído em relação a tudo mais.

Além disto, um singular defeito que mais de uma vez na vida viria a me prejudicar, atravessou-se nessa afeição nascente e a desviou. Minha decisão conduz-me facilmente a situações contraditórias cujo nó não sei cortar. Esse traço de caráter se complicou naquela emergência, por efeito de uma qualidade que me levou a cometer tantas inconsequências quanto o faria o pior dos defeitos. Havia entre as crianças uma menina muito menos bonita do que Noémi, boa e amável, sem dúvida, mas menos festejada, menos requestada do que a minha amiguinha. Ela me procurava talvez um pouco mais do que Noémi e não disfarçava um certo ciúme. Nunca pude dar contrariedades a qualquer pessoa. Tinha a vaga ideia de que uma mulher que não fosse muito bonita se sentiria infeliz e devia interiormente consumir-se como se tivesse a certeza de haver falhado ao seu destino. Procurava mais a menina menos querida do que Noémi, porque a via triste. Deixei assim bifurcar-se meu primeiro amor, como mais tarde deixei bifurcar-se minha política do modo mais desastrado. Uma ou duas vezes surpreendi Noémi rindo disfarçadamente da minha ingenuidade. Ela era sempre gentil comigo; tinha porém, às vezes, uma ponta

[12] "Não iremos mais ao bosque", ou "Chove, chove, pastora" – N. do T.

de ironia que não dissimulava e que só a tornava ainda mais encantadora.

A luta que encheu toda a minha adolescência me fez esquecê-la aos poucos. Mais tarde, sua imagem frequentemente surgia em minha memória. Perguntei um dia a minha mãe o que fora feito dela.

"Morreu – respondeu minha mãe; morreu de tristeza. Era pobre, e quando perdeu os pais, a tia, uma mulher muito digna, que era a dona da estalagem de *** – a casa mais honesta do mundo – levou-a para lá. Tratou-a muito bem. Tu só a conheceste em menina; já era encantadora, mas vinte e dois anos era um prodígio. Os cabelos que ela inutilmente prendia sob um gorro pesado, caíam em tranças retorcidas como feixes de trigo maduro. Fazia o possível para esconder sua beleza. Disfarçava com uma pelerine o porte admirável; as mãos longas e brancas ocultavam-se dentro das luvas. Não adiantava. Nas igrejas formavam-se grupos de rapazes para a ver rezar. Ela era muito bonita para a nossa terra, e tão sensata quanto bonita."

Essas palavras me comoveram. Mais tarde ainda pensei mais na minha amiguinha, e quando Deus me deu uma filha pus-lhe o nome de Noémi.

VII

O mundo, na sua marcha, não se preocupa mais com o que vai esmagando do que o carro do ídolo de Jugurnath. Toda aquela antiga sociedade, da qual acabei de tentar um bosquejo, desapareceu. Bréhat já não existe; revendo-a há seis anos, não a reconheci. Na sede do departamento descobriram que certos costumes antigos da ilha não estavam de acordo com um não sei que código; uma população pacata e abastada ficou reduzida à revolta e à miséria. A pequena marinha que essas ilhas e essas costas forneciam não existe mais. Arruinaram-na as estradas de ferro e os navios a vapor. E os velhos bardos – céus – a que situação os vi reduzidos! Encontrei vários deles há alguns anos entre os baixos-bretões que vêm a Saint-Malo procurar as mais humildes ocupações para não morrerem de fome. Um deles desejou ver-me; trabalhava como ajudante de varredor de rua. Expôs-me em bretão (não conhecia uma palavra do francês) suas ideias sobre a morte de toda poesia e a inferioridade das novas escolas. Era adepto do gênero antigo, da narrativa lamentosa, e pôs a cantar para mim a que lhe parecia mais bonita. O assunto era a morte de Luiz XVI. O velho cantador estava desfeito em pranto, e ao chegar ao rufar de tambores de Santerre não pôde continuar. "Se houvessem permitido ao rei falar, o povo não se teria revoltado" – disse, levantando-se com um ar altivo. Pobre alma honesta!

Em face de semelhantes exemplos, o caso do opulento Z... tornava-se para mim cada vez mais enigmático. Quando pedia a minha mãe uma explicação dessa singularidade, ela respondia sempre com uma evasiva, falava-me vagamente de aventuras nos mares de Madagascar, recusava esclarecer o caso. Um dia insisti, mais vivamente, no assunto.

– Mas como – observei-lhe – a cabotagem que nunca enriqueceu ninguém, pôde fazer, nesse caso, um milionário?

– Meu Deus, como és teimoso, Ernest! Já te disse que não me devias perguntar isto. Z... é o único homem um tanto importante entre os nossos. Tem uma bela posição, é rico, estimado, ninguém lhe pede contas da maneira por que adquiriu sua fortuna.

– Dize-me, ainda assim, como foi.

– Bem, que queres? Ninguém enriquece sem se manchar, até certo ponto. Z... fez o tráfico dos negros...

Um povo nobre, próprio para servir a nobres, em harmonia de ideias com eles, é hoje em dia um povo colocado em situação diametralmente oposta ao que se chama a sã economia política, e destinado a morrer de fome. É impossível aos homens de sentimentos delicados, apegados a uma porção de pontos de honra, competir com prosaicos lutadores, decididos firmemente a não renunciar a vantagem alguma na batalha da vida. Foi o que cedo descobri, desde que comecei a conhecer um pouco o planeta em que vivemos. Estabeleceu-se então em mim uma luta, ou melhor, uma dualidade, que foi o segredo de todas as minhas opiniões. Não abandonei de modo nenhum minha paixão pelo ideal, ela se tornou mais viva do que nunca em mim e perdurou para sempre. A menor ação vir-

tuosa, a menor parcela de talento me parecem infinitamente superiores a todas as riquezas e a todos os sucessos do mundo. Mas como eu tinha um espírito justo, vi ao mesmo tempo que o ideal e a realidade nada podem fazer juntos, que o mundo, até nova ordem, está fadado, sem apelo, à vulgaridade, à mediocridade; que é certa a derrota da causa mais grata às almas bem nascidas; que o que é verdadeiro em literatura e em poesia, aos olhos das pessoas requintadas, é sempre tido como falso, no mundo grosseiro dos fatos consumados. Os acontecimentos que se seguiram à revolução de 1848 me firmaram nesse ponto de vista. Verificou-se que os mais belos sonhos, transportados para o domínio dos fatos, foram funestos, e que as coisas humanas somente começaram a marchar bem quando os ideólogos deixaram de se preocupar com elas. Habituei-me desde logo a seguir uma norma singular, que é de tomar para meus julgamentos sobre coisas práticas exatamente o oposto dos meus conceitos teóricos, de somente encarar como possível o que contradizia as minhas aspirações. Uma experiência constante me mostrara que a causa que eu tinha como boa malograva sempre, e que aquela que me repugnava era a que tinha de triunfar. Quanto mais mesquinha fosse uma solução política, mais possibilidade me parecia ter para vencer no mundo das realidades.

Na verdade só amo os caracteres de um idealismo absoluto, mártires, heróis, utopistas, amigos do impossível. Somente deles me ocupo; são, se assim posso dizer, minha especialidade. Mas vejo o que não conseguem ver os exaltados. Quero dizer, vejo que esses grandes transportes de idealismo não têm mais utilidade, e que, daqui por diante, e por muito tempo, as

loucuras heroicas que o passado divinizou não mais prevalecerão. O entusiasmo de 1792 foi uma grande e bela coisa, mas não se pode renovar. O jacobinismo, como Thiers demonstrou bem, salvou a França; hoje ele a perderia. Os acontecimentos de 1870 não me curaram precisamente do meu pessimismo. O que eu aprendi naquele ano foi o valor da malícia, foi que uma confissão vergonhosa, não sentimental, nem generosa, nem cavalheiresca, é o que agrada a toda a gente, e faz sorrir de satisfação, e triunfa sempre. O egoísmo é justamente o contrário daquilo que eu me habituara a encarar como o bem e o belo. Ora, o espetáculo do mundo nos mostra que só o egoísmo é premiado. A Inglaterra foi, nestes últimos anos, a primeira das nações por ser a mais egoísta. A Alemanha conquistou a hegemonia mundial renegando solenemente os princípios da moralidade política que outrora pregara tão eloquentemente.

Aí está a explicação da singularidade pela qual, tendo eu, em várias oportunidades, de emitir juízos de caráter prático no interesse do meu país, essas opiniões foram contraditórias com minhas opiniões de artista. Agi como homem de consciência. Preveni-me contra a causa normal dos meus erros; coloquei-me no lado oposto ao da minha inclinação; pus-me de guarda contra o meu idealismo. Temo, sempre, que os meus hábitos de espírito me iludam, me escondam uma face das questões. É por isto que, amando tanto o bem, tenho uma indulgência talvez chocante para aqueles que encaram a vida sob outro aspecto, e que, levando tão a sério as coisas, pergunto-me incessantemente a mim mesmo se não são os frívolos que têm razão.

Sou tão entusiasta quanto quem mais o for. Mas penso que a realidade já não requer entusiasmo, e que,

sobrevindo O reino dos homens de negócios, dos industriais, da classe operária (a mais interessada de todas as classes) dos judeus, dos ingleses da velha escola, dos alemães da nova escola, iniciou-se uma era materialista em que será tão difícil fazer triunfar um pensamento generoso como tirar um som argentino do sino de Notre Dame com uma peça de chumbo ou estanho. É curioso, de resto, que, sem contentar a uns, não tenha eu enganado os outros. Os burgueses não souberam demonstrar-me reconhecimento pelas minhas concessões. Eles viram mais claro que eu próprio. Sentiram que eu era um conservador precário e que, embora com a maior boa-fé do mundo, eu os trairia vinte vezes por uma debilidade para com minha antiga amante – a idealidade. Tiveram a intuição de que as coisas enérgicas que eu lhes dizia não passavam de aparência, e que fraquejaria ao primeiro sorriso dessa amante.

É preciso criar o reino de Deus, isto é, do ideal, dentro de nós. Não estamos mais no tempo em que se podiam formar pequenos mundos, delicados Thélèmes, fundados na estima e no amor recíprocos; mas a vida bem compreendida e bem praticada, num pequeno círculo de pessoas que se compreendem, constitui a sua própria recompensa. O comercio das almas é a maior e única realidade. Eis aí porque eu gosto de me lembrar daqueles bons padres que foram meus primeiros mestres, daqueles excelentes marinheiros que viviam apenas para o dever; da pequena Noémi que morreu por ser bela demais; do meu avô que não quis adquirir bens nacionais; do velho *Sistema*, que foi feliz porque teve um momento de ilusão.

A felicidade consiste no devotamento a um sonho ou a um dever; o sacrifício é o meio mais seguro de atin-

gir à tranquilidade de espírito. Um dos antigos budas anteriores a Sakya-Muni alcançou o Nirvana de maneira estranha. Viu um dia um falcão perseguindo um pequeno pássaro. E disse à ave de rapina: "Rogo-te que deixes em paz essa criaturinha; dar-te-ei o peso dela em carne do meu corpo." Uma pequena balança desceu imediatamente do céu, e começou a execução do negócio proposto. O passarinho instalou-se comodamente num dos pratos, e na outra o santo homem colocou um grande pedaço de carne arrancada ao seu próprio corpo: o fiel da balança não se mexeu. O corpo do buda passou todo para o prato respectivo, aos pedaços: a balança continuava imóvel. No momento em que o último pedaço de carne foi posto no prato, o fiel deslocou-se afinal. O passarinho, então, alçou voo e o buda entrou no Nirvana. E o falcão, que, no final de contas, fizera um bom negócio, empanturrou-se da carne do santo.

O passarinho do apólogo representa as parcelas de beleza e de inocência que o nosso triste planeta encerrará sempre, quaisquer que sejam suas fraquezas. O falcão é a porção infinitamente maior de egoísmo e de grosseria que caracteriza o mundo. O homem sábio recupera a liberdade do bom e do belo entregando sua carne aos cúpidos, que, devorando esses despojos materiais, o deixam em paz juntamente com tudo aquilo que ele ama. As balanças que baixam do céu representam a fatalidade. Ninguém a dobra nem se substitui a ela. Mas, por meio da abnegação absoluta, atirando-lhe nossa própria carne, como uma presa, escapamos do seu jugo porque ela deixa de ter qualquer poder sobre nós. Quanto ao falcão, estará satisfeito de que a virtude, com seu sacrifício, lhe propor-

cione vantagens superiores àquelas que ele poderia esperar da sua própria violência. Tirando proveito da virtude, ele tem interesse nas ações virtuosas. Assim, ao preço do abandono da parte material do seu ser, o sábio atinge a única meta de suas aspirações que é gozar em paz o ideal.

III

O seminário menor Saint-Nicolas du Chardonnet

I

MUITAS pessoas que me reconhecem um espírito clarividente admiram-se de que eu tenha podido, na infância e na juventude, aderir a crenças cujo absurdo se me revelou a mim mesmo, depois, de um modo evidente. Nada mais simples, entretanto, e é bem provável que, se um incidente exterior não tivesse vindo tirar-me bruscamente do meio honesto mas limitado que se passara minha infância, eu haveria conservado toda a vida a fé que se me afigurara, a princípio, a expressão absoluta da verdade. Contei já como fui educado num pequeno colégio de excelentes padres, que me ensinaram o latim à maneira antiga (que era a boa maneira), isto é, com livros elementares detestáveis, sem método, quase sem gramática, como o aprenderam nos séculos XV e XVI Erasmo e os humanistas que desde a antiguidade melhor o souberam. Esses dignos sacerdotes eram os homens mais respeitáveis do mundo. Sem nada do que hoje se chama pedagogia, praticavam a primeira das regras da educação que é a de não tornar demasiado fáceis exercícios cujo fim está em vencer a dificuldade. Procuravam, acima de tudo, formar homens honestos. Suas lições de bondade eram, para mim, inseparáveis do dogma que eles ensinavam. O ensino de história que me ministraram consistiu unicamente em fazer-me ler Rollin. De crítica, de ciências naturais, de filosofia, não se podia ainda, naturalmente, cogitar. Quanto ao século XIX, a estas ideias novas em história e literatura, professa-

das, já então, por tantas bocas eloquentes, eram o que os meus excelentes mestres mais ignoravam. Nunca se vi um mais completo isolamento do meio ambiente. Um legitimismo implacável vedava até a possibilidade de se mencionar sem horror a Revolução e Bonaparte. Nada conheci do Império senão por intermédio do porteiro do colégio. Ele tinha em seu quarto muitas imagens populares. E disse-me um dia, mostrando-me um desses retratos: "Olhe para Bonaparte. Ah! Este era.um patriota!"

Da literatura contemporânea nunca ouvimos uma palavra. A literatura francesa terminava no Pe. Delille. Conhecíamos Chateaubriand, mas, com um instinto mais justo do que o dos pretensos neo-católicos, cheios de ingênuas ilusões, aqueles bons padres desconfiavam dele. Um Tertuliano que tornasse sua Apologética mais alegre com o *Atala* e *René* lhes inspirava pouca confiança. Lamartine os perturbava ainda mais. Adivinhavam nele uma fé pouco sólida. Anteviam suas escapadas ulteriores.

Todas essas observações atestavam a sagacidade ortodoxa dos sacerdotes, mas daí resultava para os alunos um horizonte singularmente restrito. O *Tratado dos Estudos*, de Rollin, é um livro de largas perspectivas comparado com o círculo de piedosa mediocridade em que se fechavam, pelo sentimento do dever, esses mestres raros.

Assim, depois da revolução de 1830, a educação que recebi foi aquela que se ministrava duzentos anos antes nas sociedades religiosas mais austeras. Nem por isto era pior. Era a sólida e sóbria educação, muito piedosa, porém muito pouco jesuítica, que formou as gerações da França antiga e da qual se saía ao mesmo tempo tão sério e tão cristão. Educado por

mestres que eram os continuadores daqueles de Port-Royal, menos a heresia, mas também menos o talento para escrever, era desculpável que eu, com a idade de dez ou quinze anos, admitisse, como um discípulo de Nicole ou do Sr. Hermant, a verdade do cristianismo. Minha situação não diferia da de tantos belo espíritos do século XVII, que punham fora de qualquer dúvida a religião – o que não os impedia de ter, sobre tudo o mais, ideias muito lúcidas. Aprendi, mais tarde, coisas que me levaram a renunciar às crenças cristãs, mas é preciso ignorar profundamente a história para desconhecer as grilhetas que aquelas simples, sólidas e honestas disciplinas criavam para as melhores inteligências.

A base das antigas normas de educação era uma severa moralidade, considerada inseparável das práticas religiosas, um modo de entender a vida como implicando deveres para com a verdade. A própria luta em que o indivíduo se empenha para desembaraçar-se de opiniões em parte pouco racionais tinha suas vantagens. Do fato de qualquer garoto de Paris repelir, mediante uma atitude de zombaria, crenças de que o raciocínio de um Pascal não consegue libertar-se, não se há de concluir que Gavroche seja superior a Pascal. Sinto-me às vezes humilhado – confesso – por haver precisado de cinco ou seis anos de pesquisas afanosas, do estudo do hebraico, das línguas semíticas, de Gesenius e Ewald, para chegar ao mesmo resultado que um rapazola zombeteiro atinge desde logo. Aquela superposição de Ossa a Pélion parecia-me, a esse tempo, uma enorme ilusão. Mas o Pe. Hardouin dizia que não levara quarenta anos levantando-se às quatro horas da manhã para pensar como todo mundo. Parece mais admissível que eu me houvesse entregue a tantas canseiras para combater uma pura *chimaera*

bombinans. Não, não posso crer que meus esforços tenham sido vãos, nem que em teologia se possa chegar a uma convicção assim tão facilmente quanto o acreditam os irreverentes. Na realidade, poucas pessoas têm o direito de descrer do cristianismo. Se todos soubessem como é sólida a rede tecida pelos teólogos, como é difícil romper-lhe as malhas, quanta erudição empregaram para a compor, que tenacidade se torna necessária para deslindar tudo aquilo!... Observei que magníficas inteligências, tendo-se entregue muito tarde a esses estudos, ficaram presas ao visgo que eles têm e não mais puderam desprender-se.

Por outro lado, meus professores me ensinaram alguma coisa que valia infinitamente mais do que a crítica ou a astucia filosófica: ensinaram-me o amor à verdade, o respeito pela razão, a seriedade da vida. Eis aí a única coisa que em mim nunca variou. Saí das mãos daqueles mestres com um senso moral tão resistente a todas as provas, que a leviandade parisiense, logo em seguida, resvalou sobre ele sem conseguir alterá-lo. De tal modo nasci para o bem e a verdade que me teria sido impossível dedicar-me a uma carreira que não fosse consagrada às coisas do espírito. Meus mestres me tornaram de tal modo inapto para qualquer ocupação de caráter temporal, que me senti marcado por uma vocação inelutável para a vida espiritual. Esta era, para mim, a única vida nobre: todas as profissões lucrativas me pareciam servis e indignas de mim. A esse bom e são programa de vida, que meus professores me inculcaram, nunca renunciei. Já não acredito que o cristianismo seja o resumo sobrenatural de tudo que o homem deve saber, mas persisto na convicção de que a existência é a coisa mais frívola do mundo se não a entendemos como um grande e con-

tínuo dever. Velhos e queridos mestres, que agora estais todos mortos, cuja imagem aparece muitas vezes nos meus sonhos, não como uma recriminação, mas como uma doce saudade, não vos fui tão infiel quanto o acreditais. Sim, reconheço que vossa história era insuficiente, que vossa crítica não existia, que vossa filosofia natural estava muito abaixo daquela que nos faz acreditar como dogma fundamental esta sentença: "Não há sobrenatural particular"; contudo, continuo sempre vosso discípulo. A vida somente vale pelo devotamento ao bem e à verdade. O bem, vós o entendíeis de um modo um pouco estreito. A verdade, vós a tornáveis muito material, muito concreta; no fundo, entretanto, tínheis razão, e eu vos sou grato por me haverdes comunicado, como uma segunda natureza, este princípio, funesto para o sucesso terreno, mas fecundo para a felicidade interior, de que a finalidade de uma existência nobre deve ser uma busca ideal e desinteressada.

Tudo no ambiente em que eu vivia me inspirava os mesmos sentimentos, o mesmo modo de encarar a vida. Meus condiscípulos eram, na sua maioria, jovens camponeses os dos arredores de Tréguier, vigorosos, sadios, bravos e, como todos os indivíduos de um grau inferior de civilização, tendentes a uma espécie de afetação de virilidade, a um apreço exagerado pela forca física, a um certo desprezo pelas mulheres e por tudo que lhes parecesse feminino. Quase todos trabalhavam para se fazer padres. O que então testemunhei me trouxe uma grande aptidão para compreender os fenômenos históricos que se passam no primeiro contato de uma enérgica barbaria com a civilização. A situação intelectual dos germânicos na era carlovingia, o estado psicológico e literário de um Saxo Grammaticus, dum Habranus Maurus, são hoje coisas muito

claras para mim. O latim produzia naquelas naturezas vigorosas efeitos estranhos. Eram como mastodontes que se pusessem a estudar humanidades. Levavam todas as coisas muito a sério, como o fazem os lapônios quando se lhes dá a ler a Bíblia. Trocávamos, a propósito de Salustio ou de Tito Livio, reflexões que deviam parecer muito com aquelas que permutavam entre si os discípulos de S. Gall ou de S. Colomban no estudo do latim. Resolvíamos que Cesar não fora um grande homem por não ter sido virtuoso. Nossa filosofia da história era a de um gepidio ou um herulio, por sua ingenuidade e seu simplismo.

Os costumes dessa mocidade entregue a si mesma, sem vigilância, eram irrepreensíveis. Havia, então, do colégio de Tréguier poucos internos. Na sua maioria, os alunos estranhos à cidade moravam em casas particulares; os parentes do campo lhes traziam, nos dias de feira, suas modestas provisões. Lembro-me de uma dessas casas, vizinha da de minha família, onde eu tinha vários condiscípulos. A dona da casa, mulher animosa como a que mais o fosse, morreu um dia. Seu marido era inteiramente desajuizado; e o pouco que possuía gastou-o em canecas de cidra. Uma criadinha, menina extremamente sensata, salvou a situação. Os jovens estudantes resolveram cooperar com ela. A casa continuou, apesar do velho bêbedo. Ouvi sempre meus camaradas falar com a maior estima dessa criadinha, que era realmente um modelo de virtudes e que a isto aliava um físico o mais agradável e suave.

O fato é que tudo do que se diz dos costumes clericais é, segundo a minha experiência, inteiramente infundado. Passei treze anos entre os padres e nunca vi a menor sombra de um escândalo. Só conheci bons sacerdotes. A confissão pode também, em certas regiões, apresentar graves inconvenientes. Deles

não vi nenhum traço em minha juventude eclesiástica. O velho livro em que eu fazia meus exames de consciência era como a própria consciência. Um único pecado provocava a minha curiosidade e me inquietava. Eu acreditava ter cometido esse pecado inconscientemente. Um dia reuni toda a minha coragem e mostrei ao meu confessor o artigo que me perturbava. Eis o que ele dizia: “Praticar a simonia na concessão de benefícios”. Perguntei ao confessor o que isso significava e se eu já teria cometido esse pecado. O bom homem me tranquilizou, dizendo-me que tais coisas não se coadunavam com o meu feitio.

Persuadido pelos meus mestres de duas verdades absolutas: “a primeira, que quem quer que se respeite só pode trabalhar para uma obra ideal, que o resto é secundário, ínfimo, quase vergonhoso, *ignomilia seculi*; a segunda, que o cristianismo é a síntese de todo ideal – era inevitável que eu me acreditasse destinado ao sacerdócio. Essa ideia não foi o resultado de uma reflexão, de um conselho, de um raciocínio. Era, de certo modo, um instinto. Não me ocorria, sequer, a possibilidade de seguir uma carreira profana. Com efeito, tendo-me compenetrado, com a mais perfeita seriedade e docilidade, dos princípios dos meus mestres, encarando, com eles, todas as profissões burguesas como inferiores, baixas, humilhantes, apropriadas, quando muito, aos que não houvessem obtido êxito em seus estudos, era natural que eu quisesse ser o que eles eram. Tomei-os como padrão para minha vida, e não tive outro sonho além do de ser, como eles, professor do colégio de Tréguier, pobre, despreocupado das coisas materiais, benquisto e respeitado como eles.

Não que os instintos que mais tarde me desviaram dessa pacífica trilha ainda não existissem em mim;

apenas estavam adormecidos. Pela minha origem racial, sentia-me solicitado e dividido por forças contrárias. Na família de minha mãe, como já disse ,havia elementos de sangue basco e bordelês. Sem que eu tivesse consciência disso, um gascão, dentro de mim, pregava peças incríveis ao bretão e lhe fazia caretas de símio.... Minha própria família participava de uma dualidade de caracteres. Meu pai, meu avô paterno, meus tios, nada tinham de clericais. Mas minha avó materna era o centro de uma sociedade onde o realismo não se separava da religião. Recentemente, pondo em ordem velhos papéis, encontrei uma carta dessa minha avó que me comoveu. Era dirigida a uma excelente mulher, Mlle. Guyón, bondosa solteirona, que me tratava com grande carinho quando eu era criança, e que nesse momento estava sendo minada por um terrível câncer. Essa carta é a seguinte:

Tréguier, 19 de março de 1831.

Dois meses depois que Natalia me comunicou sua partida para Tréglamus, tive um momento disponível para lhe exprimir, minha boa e querida amiga, toda a preocupação que me causa o seu triste estado. Seus sofrimentos me tocam o coração; somente circunstancias muito imperiosas me impediram de lhe escrever. A morte de um sobrinho, filho mais velho de minha falecida irmã, nos mergulhou na dor mais profunda. Poucos dias depois, o pobre pequeno Ernest, filho de minha filha mais velha, e irmão de Henriette; aquela criança para quem você era tão bondosa e que não a esqueceu, caiu doente. Esteve quarenta dias entre a vida e a morte, e está no 55º dia da doença sem que a convalescença progrida. Passa os dias sofrivelmente, mas as noites são cruéis para ele: agitação, febre, delírio, desde as dez horas da noite até as cinco ou seis da manhã, e isto constantemente, todas as noites. Basta dizer isto para me justificar junto à amiga a quem

me dirijo. Conheço seu coração; terá a necessária indulgência para me desculpar não estar eu ao seu lado, minha amiga, para lhe proporcionar os mesmos cuidados que Você me prodigalizou com tanto carinho, tanto zelo e bondade! Tudo que me aflige é não poder ser-lhe útil.

20 de março

Chamaram-me para junto do meu querido neto; fui, por isto, obrigada a interromper esta conversa com Você. Retomo-a, minha boa e cara amiga, para exortá-la a depositar em Deus toda a sua confiança. Ele nos aflige mas nos dá o consolo da esperança de uma recompensa bem superior e sem comparação com os nossos sofrimentos. Tenhamos coragem. Nossas aflições e dores duram um tempo que sua providência restringe, e a recompensa será eterna.

A boa Natalia me falou de sua submissão, de sua paciência e resignação em meio às dores mais agudas. Ah! Eu bem conheço esses seus belos sentimentos! Nem uma queixa – acentuou-me ela – nas horas de maiores sofrimentos! Como Você, minha cara amiga, é agradável a Deus por sua paciência e sua resignação à sua santa vontade! Ele a aflige porque castiga aqueles a quem ama. Ser amada de Deus, há uma felicidade comparável a esta? Envio-lhe o *Âme sur le Calvaire;* Você encontrará nesse livro motivos para uma grande consolação no exemplo de um Deus que sofre e morre por nós. Madame D... terá a bondade, se Você mesma não puder ler, de fazer-lhe a leitura de um capítulo por dia. Transmita-lhe a minha sincera estima. Peço encarecidamente que ela me mande suas notícias e as de Você – o que esperarei impacientemente. De agora em diante, se isto não a importuna, escrever-lhe-ei mais assiduamente. Adeus; minha boa e cara amiga. Que Deus a cumule de suas graças e de suas bondades! Paciência e coragem, são os votos muito sinceros de sua dedicada amiga.

VVA. * * *

Minha comunhão de hoje foi em sua intenção. Henriette e Ernest, que passou bem melhor a noite, mandam-lhe recomendações, bem como Clara. Nós conversamos frequentemente sobre Você. Mande suas notícias, rogo-lhe! Quando

Você tiver lido o *Âme sur le Calvaire* me devolva, que eu lhe enviarei *L'Esprit Consolateur*.

Nem a carta nem o livro seguiram. Minha mãe, que estava incumbida de expedi-los, soube da morte de Mlle. Guyon e guardou a carta. Algumas das palavras de consolação que ela contém podem parecer fracas. Mas teremos melhores palavras para oferecer a uma pessoa atacada de câncer? Elas valem bem o láudano.

Na realidade, não tinha havido a Revolução para o mundo em que eu vivia. Não afetara as ideias religiosas do povo; as congregações se reformavam; as religiosas, da antiga ordem, transformadas em professoras de escola, davam às mulheres a mesma educação que outrora. Minha irmã teve, assim, por primeira mestra, uma irmã ursulina que muito a estimava e a fazia aprender de cor os salmos que se cantam nas igrejas .Depois de um ou dois anos a boa velha esgotou os seus conhecimentos de latim, e, conscienciosamente, procurou minha mãe para dizer-lhe: "Nada mais posso ensinar à menina; ela sabe tudo o que eu sei, e melhor do que eu." O catolicismo revivia naqueles cantões perdidos com toda a Sua respeitável gravidade, e para felicidade sua, desembaraçado das grilhetas mundanas e temporais a que o antigo regime o chumbara.

Esta complexidade de origem é, em grande parte, creio, a causa das minhas aparentes contradições. Sou duplo; às vezes, uma parte do meu ser ri quando a outra chora. Aí está a explicação da minha alegria. Como existem em mim dois homens, sempre acontece que um deles esteja contente. Se, por outro lado, eu só tinha uma aspiração, que era a de me fazer vigário no campo ou professor de seminário, havia em mim também um sonhador. Durante a missa, eu caía em ver-

dadeiros devaneios. Meu olhar se perdia pela abóbada da capela, na qual lia não sei o quê. Pensava na celebridade dos grandes homens de quem falam os livros. Um dia (eu tinha seis anos) brincava com um dos meus primos e outros camaradas. Divertíamo-nos em escolher nossas profissões futuras. Meu primo perguntou-me: "– E tu o que vais ser?" Eu respondi: "– Farei livros." "– Ah! Queres ser livreiro?" "– Não, disse eu. Quero fazer livros, escrevê-los."

Essas disposições nascentes, para se desenvolverem, precisavam de tempo e de circunstâncias favoráveis. O que faltava totalmente, em redor de mim, era talento. Meus virtuosos mestres não tinham nenhuma sedução intelectual. Com sua inquebrantável solidez moral, eram em tudo o oposto do homem do sul, do napolitano, por exemplo, para quem todas as coisas brilham e soam. No espírito deles as ideias não agitavam no que tivessem de sonoro. Suas inteligências eram como um boné chinês sem guizos; poderíamos sacudi-lo como quiséssemos que ele não tintilaria. O que constitui a essência do talento, a vontade de apresentar o pensamento sob uma forma brilhante, parecer-lhes-ia uma frivolidade, como os adornos das mulheres, que eles chamam cruamente de pecaminosos. Essa abnegação exasperada, essa facilidade excessiva em repelir o que agrada ao mundo com um *Abrenuntio tibi, Satana,* é mortal para a literatura. Meu Deus! talvez a própria literatura implique, até certo ponto, num pecado. Se a tendência gascã, que minha mãe me transmitiu, para eliminar grandes dificuldades com um sorriso, tivesse ficado perpetuamente adormecida em mim, talvez minha salvação estivesse mais assegurada. De qualquer modo, se eu houvesse ficado na Bretanha teria continuado sempre alheio a esta vaidade de que o mundo gostou e incentivou, quero dizer,

uma certa habilidade na arte de arranjar a música das palavras e das ideias. Na Bretanha eu escreveria como Rollin. Em Paris, logo que mostrei o pequeno carrilhão que havia em mim, o público gostou, e, talvez para minha desgraça, fui induzido a continuar.

Contarei mais tarde como circunstancias particulares determinaram essa transformação, depois da qual fiquei, no fundo, coerente comigo mesmo. A ideia muito alta que eu fazia da fé e do dever foi o que tomou impossível que eu, tendo perdido a fé, continuasse com a máscara a que tantos outros se resignam. Mas eu tinha contraído o sestro. Não fui padre de profissão; fui em espírito. Prendem-se a isto todos os meus defeitos; são defeitos de padre. Meus mestres me haviam ensinado o desprezo pelos leigos e me incutido a ideia de que os homens que não têm uma missão nobre são a escória da criação. Assim fui sempre, por instinto, mais injusto com a burguesia. Pelo povo, pelos pobres, tenho, ao contrário, uma viva simpatia. Fui o único, no meu século, que pôde compreender Jesus e S. Francisco de Assis. Era de recear que isto fizesse de mim um democrata à feição de Lamennais. Mas Lamennais trocou uma fé por outra; somente na velhice atingiu a atitude crítica e a serenidade de espírito, enquanto que o esforço que me desligou do cristianismo tornou-me, do mesmo golpe, incapaz de qualquer entusiasmo por atividades de natureza prática. Foi a própria filosofia do conhecimento que, em minha revolta contra a escolástica, se modificou profundamente em mim.

Um inconveniente mais grave foi que, não tendo me divertido quando jovem, e sendo, entretanto, fortemente dotado de ironia e de bom humor, ao chegar

à idade em que se aprecia o que há de vaidade em todas as coisas, tornei-me de uma extrema indulgência para com certas fraquezas de que eu estava isento, de modo que pessoas talvez não mais criteriosas do que eu mostravam-se às vezes escandalizadas da minha indulgência. Em política, sobretudo, é que os puritanos nada compreendem do meu feitio. A política é a ordem de coisas em que me sinto mais contente de mim mesmo, e no entanto, uma porção de gente me atribui, nesse domínio, um grande relaxamento. Não posso fugir à ideia de que, talvez, em última análise, o libertino é quem tem razão e quem pratica a verdadeira filosofia da vida. Daí algumas surpresas, algumas admirações exageradas. Sainte-Beuve e Theóphile Gauthier me agradaram um pouco demasiado. Sua afetação de imoralidade impediu-me de ver o descosido de sua filosofia. O medo de parecer um fariseu, a ideia, de todo evangélica, afinal, de que o impoluto tem direito de ser indulgente, o receio de um engano se por acaso tudo que dizem os professores de filosofia não fosse verdade, emprestaram à minha moral um ar vacilante. É que, na realidade, era uma moral à toda prova. Essas pequenas liberdades são a desforra que tomo da minha fidelidade em observar os preceitos comuns. Do mesmo modo, em política, apego-me a opiniões reacionárias para não assumir o ar de um sectário liberal. Não quero que me julguem mais ingênuo do que o sou na realidade. Teria horror de tirar vantagens de minhas opiniões. Temo sobretudo dar-me a mim mesmo a impressão de ser como um passador de cédulas falsas. Neste particular, Jesus foi, mais do que se pensa, o meu mestre, Jesus que gosta de provocar e zombar da hipocrisia, e que, com a parábola do filho pródigo, colocou a moral na sua verdadeira base, que é

a bondade de coração, com o ar, entretanto, de quem lhe subvertesse os fundamentos.

A essa mesma causa se prende outro dos meus defeitos, uma espécie de frouxidão na comunicação verbal do meu pensamento, que quase me anulou, a certos respeitos. O padre nunca perde de vista sua política sagrada; tudo que ele diz implica em muito de convencional. Sob esse aspecto, continuei padre, e isto é tanto mais absurdo quanto não me traz nenhum benefício, nem para mim nem para minhas opiniões. Em meus escritos tenho sido de uma sinceridade absoluta. Não somente nunca digo nada mais do que realmente penso; ou além: digo tudo que penso, o que é coisa bem mais rara e mais difícil. Mas em minha conversação e em minha correspondência tenho às vezes estranhas debilidades.

Não me domino, e, salvo com o pequeno número de pessoas nas quais reconheço uma fraternidade intelectual, digo sempre a cada um o que suponho causar-lhe prazer. Minha fraqueza junto à gente mundana ultrapassa tudo que se possa imaginar a respeito. Comprometo-me, atrapalho-me, gaguejo, deixo-me emaranhar numa rede de inépcias. Destinado, por uma espécie de resolução preconcebida, a uma polidez exagerada, uma polidez de padre, procuro sempre saber o que o interlocutor deseja que eu lhe diga. Meu cuidado, quando converso com alguém, é adivinhar suas ideias, e, por um excesso de deferência, antecipar-me em lhe expor essas ideias. Tal norma se prende à suposição de que bem poucos homens são bastante capazes de se desprenderem de suas opiniões para que não se sintam molestados se lhe dizemos coisa diferente do que eles pensam. Só me manifesto livremente com as pessoas que sei desprendidas de qualquer opinião e colocadas no ponto de vista de uma indulgente ironia para com

todas as coisas. Quanto à minha correspondência, será uma vergonha para mim se, depois de morto, a publicarem. Escrever uma carta é para mim uma tortura. Compreendo que se faça o *virtuose* diante de dez ou dez mil pessoas. Mas diante de um só!... Antes de escrever, hesito, reflito, faço um plano para quatro páginas, muitas vezes adormeço nesse trabalho. Basta reparar nas letras de contornos pesados, retorcidas pelo tédio, para ver que tudo aquilo foi composto no torpor de uma semi-sonolência. Quando vou reler o que escrevi, noto que a carta está muito mal feita, que introduzi nela uma porção de coisas de que não estou certo. Desesperado, fecho-a então, com a impressão de que vou pôr no correio alguma coisa digna de lástima.

Em suma encontro em todos os meu defeitos atuais os defeitos do pequeno seminarista de Tréguier. Nasci padre *a priori*, como tantos outros nascem militares ou magistrados. Bastava como índice dessa vocação o fato do êxito que eu obtinha nos meus estudos. Para que aprender tão bem o meu latim senão para servir à Igreja? Um camponês, vendo, um dia, os meus dicionários, disse-me: "São esses naturalmente os livros que a gente estuda quando vai ser padre." Realmente, no colégio todos aqueles que aprendiam alguma coisa destinavam-se à carreira eclesiástica. O sacerdócio equiparava aquele que o professava aos nobres. Diziam-me: "Quando Você encontrar um nobre cumprimente-o porque ele representa o rei; quando encontrar um padre cumprimente-o porque ele representa Deus." Formar um padre era a obra meritória por excelência. As velhas solteiras que tinham alguns haveres não imaginavam melhor emprego para sua pequena fortuna do que manter no colégio um jovem

camponês, pobre e esforçado. Ordenando-o padre, viam nele sua glória, seu filho, sua felicidade. Acompanhavam-no em sua carreira, velavam por seus bons costumes com uma espécie de ciúme.

O sacerdócio era, portanto, a consequência de minha aplicação aos estudos. Acresce que eu era sedentário, inapto, por minha debilidade física, para qualquer exercício corporal. Tinha um tio voltairiano, o melhor dos homens, que via com maus olhos essas minhas predisposições. Ele era relojoeiro e achava que eu devia ser o seu continuador no ofício. Meus sucessos de estudante o desolavam, porque sabia que todo aquele latim solapava surdamente seus projetos e ia fazer de mim uma coluna da Igreja, da qual ele não gostava. Não perdia ocasião de repetir-me seu dito favorito: "Um burro carregado de latim!" Mais tarde, quando publiquei meus primeiros escritos, meu tio sentiu-se triunfante.

Recrimino-me às vezes de haver contribuído para a vitória do Sr. Bornais sobre o seu cura. Que querem? É o Sr. Homais quem tem razão. Não fosse o Sr. Homais, nós seriamos todos queimados vivos. Mas, repito, quando se teve muito trabalho para encontrar a verdade, é penoso confessar que os frívolos, os que se obstinaram em não ler nunca Santo Agostinho ou Santo Tomás de Aquino, é que são os verdadeiros sábios. É bem duro pensar em Gavroche e o Sr. Homais chegando de um salto e sem esforço à última palavra de filosofia!

Meu jovem compatriota e amigo Quellien, poeta bretão de uma veia tão original, o único homem do nosso tempo em quem encontrei a faculdade de criar mitos, definiu essa feição do meu destino com uma ficção muito engenhosa. Ele pretende que minha alma irá habitar, sub a forma de uma gaivota branca, no

espaço em redor da igreja arruinada de S. Miguel, velho pardieiro atingido por um raio, e que domina Tréguier. O pássaro voejará todas as noites soltando gritos lamentosos em torno da porta e das janelas do templo defendidas por barricadas, buscando penetrar no santuário mas ignorando a entrada secreta. E assim, por toda a eternidade, ficará naquela colina a minha pobre alma gemendo o seu gemido sem fim. Um camponês, passando por ali, murmurará: "É a alma de um padre que quer rezar sua missa". Outro lhe replicará: "Ele jamais encontrará um menino para lhe ajudar a missa". Realmente é o que eu sou: um padre falhado. Quellien compreendia muito bem o que faltará sempre à minha Igreja: um menino de coro. Minha vida é como uma missa sobre a qual pesa um mau destino, um eterno *Introibo ad altare Dei*, e ninguém para responder: *Ad Deum qui laetificat fuventutem meam*. Minha missa não terá ajudante. Na falta dele, eu mesmo me dou as respostas litúrgicas, mas não é a mesma coisa.

Desse modo, tudo me destinava a uma modesta carreira eclesiástica na Bretanha. Eu seria um padre muito bom, indulgente, paternal, caridoso, irrepreensível nos costumes. Teria sido como padre o que sou como pai de família, muito amado de minhas ovelhas, tão pouco opressor quanto possível no exercício de minha autoridade. Certos dos meus defeitos se teriam transformado em qualidades. Certos erros que professo seriam inerentes a um homem que tem o espírito de sua profissão. Teria eliminado de minha pessoa alguns defeitos que, na minha condição de leigo, não me dei seriamente ao trabalho de extirpar, mas que só dependeria de mim suprimir.

Minha carreira teria sido esta: aos vinte e dois anos, professor do colégio de Tréguier; nas proximida-

des dos cinquenta anos, cônego, talvez vigário-geral em Saint-Brieuc, homem muito sensato, muito estimado, bom e seguro diretor espiritual. Mediocremente partidário dos novos dogmas, teria levado minha afoiteza a este respeito a dizer como muitos bons sacerdotes após o concílio do Vaticano: *Posui custodiam ori meo*. Exprimiria minha antipatia pelos jesuítas nunca falando sobre eles. Um fundo de galicanismo atenuado se teria dissimulado sob a capa de um profundo conhecimento do direito canônico.

Um incidente da minha vida exterior veio mudar todas essas perspectivas. Da mais obscura cidadezinha da mais remota província, vi-me jogado, sem preparação para isso, no meio parisiense mais agitado. Revelou-se-me, então, o mundo. Meu ser se desdobrou: o gascão superou o bretão. Novas *custodia oris mei*. E adeus ao cadeado que eu incessantemente conservara na boca. No fundo, permaneci o mesmo. Mas, céus! como mudaram as atividades a que me entreguei. Eu vivera até então num hipogeu mal iluminado por lâmpadas fumarentas; agora ia conhecer o sol e a grande luz do dia.

II

EM dias de abril de 1838, o Sr. de Talleyrand, em sua residência da rua Saint-Florentin, sentindo aproximar-se o fim dos seus dias, julgou dever às convenções humanas a homenagem de uma derradeira mentira, e resolveu reconciliar-se, só na aparência, com a Igreja, cuja verdade, uma vez reconhecida por ele, o convenceria de sacrilégio e de opróbrio. Para essa delicada operação tornava-se necessário, não um padre circunspecto da velha igreja galicana, que poderia lembrar-se de exigir retratações fundamentadas, reparações e penitências, e nem um jovem ultramontano da nova escola, que inspiraria, de início, ao velho, uma completa antipatia, mas sim um padre mundano, letrado, tão pouco filósofo quanto possível, sem nada de teólogo, mantendo com as classes antigas essas relações de origem de vida social, sem as quais o Evangelho tem poucas possibilidades de acesso a círculos para os quais não foi feito. O padre Dupanloup, já conheceu êxitos no catecismo da Assunção, junto a um público mais exigente de frases bonitas do que em matéria de doutrina, era exatamente o homem necessária participar inocentemente de um conchavo que as almas fáceis de se deixarem comover poderiam encarar como uma edificante manifestação da graça. Suas relações com a Sra. Duquesa de Dini, e, sobretudo, com a filha da duquesa, a quem ministrara a educação religiosa, seu perfeito entendimento com Mons. de Quélen, as proteções aristocráticas que o

tinham assistido, desde o início de sua carreira, e lhe haviam permitido ser recebido no *faubourg* Saint-Germain como alguém que pertencesse a essa sociedade, o indicavam para uma tarefa antes de tacto mundano que de teologia, na qual era preciso saber enganar ao mesmo tempo o mundo e o céu.

Presume-se que, no primeiro momento, surpreendido com algumas hesitações da parte daquele que ia converter, Talleyrand teria dito: “Eis um jovem padre que não sabe o seu ofício”. Se ele de fato disse isto, enganou-se completamente. Aquele jovem padre sabia a sua arte como jamais alguém a soube. O velho, decidido a não renegar sua vida senão quando já não tivesse mais de uma hora de existência, opunha a todas as súplicas para que recebesse o confessor um obstinado “Ainda não!” O *Sto ad ostium et pulso* tinha de ser processado com a maior habilidade. Um desfalecimento, uma, brusca aceleração na marcha da agonia, poderia deitar tudo a perder. Uma falha quanto à oportunidade poderia resultar em um *não* que transtornaria a obra tão inteligentemente planejada.

A 17 de maio, dia da morte do velho pecador, pela manhã, nenhum sinal havia ainda do desenlace. Reinava em torno uma angustia extrema. Sabemos a importância que os católicos atribuem ao momento da morte. Se as recompensas e os castigos futuros têm alguma realidade, é claro que essas recompensas e esses castigos devem ser proporcionais a uma existência de virtude ou de vicio. O católico não entende assim a questão. Uma boa morte cobre todos os antecedentes. A salvação é concedida ao acaso da hora extrema. Urgia promover a conversão, e resolveu-se empregar qualquer meio. O Pe. Dupanloup se conservava numa peça contigua ao quarto do doente.

A encantadora menina que o velho recebia sempre com um sorriso foi afastada., E então – oh! milagre da graça – a resposta, dessa vez, foi, afinal, um *sim*. O padre entrou. Aquilo durou alguns minutos, e Deus teve motivos para estar contente: foi-lhe conferida a parte que lhe cabia. O jovem catequista da Assunção saiu levando um papel que o moribundo havia firmado com sua longa assinatura completa: *Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, príncipe de Bénévent*.

Foi grande a alegria, senão no céu, ao menos no mundo católico do *faubourg* Saint-Germain e do Saint-Honoré. Agradeceu-se, essa vitória, sem dúvida, antes de tudo, à graça feminina que havia conseguido, cercando de carinhos o velho, fazê-lo retratar-se de todo o seu passado revolucionário, mas também ao jovem sacerdote que soubera, dissessem o que entendessem, levar a bom termo uma negociação tão fácil de malograr.

Dupanloup passou a ser, desde esse dia, um dos primeiros padres da França. A gente mais rica e mais influente de Paris lhe pôs à disposição o que ele quisesse, cargos, honrarias, importância, dinheiro. Aceitou o dinheiro. Não imagineis que o tenha feito por ambição pessoal. Nunca houve um homem que levasse mais longe do que o Pe. Dupanloup o desprendimento. A palavra da Bíblia que ele mais citava, e que apreciava duplamente, por ser bíblica e porque terminava, por acaso, como um verso latino, era esta: *Da mihi animas, cetera tolle tibi*. Apossou-se desde logo do seu espírito um plano geral de ampla propaganda em favor da educação clássica e religiosa, e a ele o sacerdote se devotou com o ardor e a paixão que punha em toda as obras de que se ocupava.

O seminário Saint-Nicólas de Chardonnet, situado ao lado da igreja desse nome entre a rua Saint-Victor e

a de Pontoise, tornara-se, desde a Revolução, o seminário menor da diocese de Paris. Não fora esse o seu primitivo destino. No grande movimento de reforma eclesiástica que marcou, na França, a primeira metade do século XVII, e ao qual estão vinculados os nomes de Vicente de Paulo, de Olier, de Bérulle, do Padre Eudes, a igreja de Saint-Nicolas du Chardonnet desempenhou um papel análogo ao de Saint-Sulpice, se bem que menos considerável. Essa paróquia, que tirara seu nome do campo de cardos (*chardons*) tão conhecido dos estudantes da Universidade de Paris na Idade Média, era então o centro de um bairro opulento habitado sobretudo pela magistratura. Como Olier fundara o Seminário de Saint-Sulpice, Adrien de Bourdoise fundou a companhia dos padres de Saint-Nicolas du Chardonnet, e fez da casa assim constituída um viveiro de jovens clérigos que existiu até a Revolução. Mas a companhia de Saint-Nicolas du Chardonnet não foi, como a Sociedade de Saint-Sulpice, matriz de estabelecimentos do mesmo gênero no resto da França. Além disto, a companhia dos nicolaitas não ressuscitou após a Revolução como a dos sulpicianos. O edifício da rua Saint-Victor continuou sem objeto, e quando da Concordata foi entregue à diocese de Paris para servir de seminário menor. Até 1837 esse estabelecimento não teve nenhuma projeção. O brilhante renascimento do clericalismo letrado e mundano se verificou entre 1830 e 1840. Saint-Nicolas foi, durante o primeiro terço do século, uma obscura casa religiosa. Os estudos ali eram precários, e o número de alunos permaneceu muito abaixo das necessidades da diocese. Entretanto, teve como diretor um sacerdote notável: o Padre Frère, teólogo profundo, muito versado na mística do cristianismo. Ele era, porém, o homem menos talhado para animador dos jovens que faziam seus estudos de

letras. Sob sua direção, Saint-Nicolas foi uma casa exclusivamente eclesiástica, com poucos alunos, tendo em vista apenas a formação de padres, um seminário por antecipação, aberto apenas aos assuntos ligados à missão sacerdotal, e onde os estudos profanos eram totalmente negligenciados.

O Arcebispo, mons. de Quélen, demonstrou uma visão genial confiando a direção dessa casa ao Pe. Dupanloup. O aristocrático prelado não apreciava a direção totalmente clerical do Pe. Frère. Ele apreciava a piedade, mas uma piedade mundana, de bom tom, sem barbaria escolástica nem jargão, místico; a piedade como um complemento de um ideal de boa sociedade que era, na verdade, a sua principal religião. Se Hugues ou Richard de Saint-Victor lhe tivessem aparecido com modos pedantes ou rústicos, não lhe mereceriam grande estima. Pelo Pe. Dupanloup tinha a mais viva afeição. Este era, a esse tempo, legitimista e ultramontano. Foram precisos os excessos dos tempos que se seguiram para que se invertessem os papéis e para que ele pudesse ser considerado um galicano e um orleanista. Mons. de Quélen encontrava nele um filho espiritual, partilhava os seus desdéns, os preconceitos. Conhecia, sem dúvida, o segredo do seu nascimento. As famílias que haviam velado paternalmente pelo jovem sacerdote, que fizeram dele um homem bem educado e o introduziram no seu mundo fechado, eram as mesmas que o fidalgo Arcebispo conhecia e em cujo círculo estavam, para ele, os limites do universo.

Tive ocasião de conhecer pessoalmente Mons. de Quélen; deu-me a impressão do perfeito arcebispo do antigo regime. Guardo a recordação de sua beleza (uma beleza feminina), do seu porte elegante, da graça fascinante dos seus movimentos. Não tinha outra

cultura senão a do homem mundano, de uma excelente educação. A religião era, para ele, inseparável das boas maneiras e dessa dose de relativo bom senso que dão os estudos clássicos. Essa também era a feição intelectual do Pe. Dupanloup. Nem a brilhante imaginação que assegura um valor perdurável a certas obras de Lacordaire e de Montalembert, nem a profunda paixão de Lamennais; o humanismo e a boa educação eram naqueles homens o objetivo, o fim, a meta de tudo, e o favor da gente mundana bem educada constituía para eles o supremo estalão do bem.

Num e noutro caso, ausência completa de teologia. Contentavam-se em reverenciá-la de longe. Os estudos teológicos desses homens distintos haviam sido pouco sólidos. Sua fé era viva e sincera, mas uma fé implícita, não se ocupando de modo nenhum com dogmas em que é necessário acreditar. Tinham a noção do pouco sucesso que alcançaria a escolástica junto ao único público que lhes interessava, o público mundano e bastante frívolo que tem diante de si um pregador de São Roque ou de Santo Tomaz de Aquino.

Foi nessas disposições de espírito que o Arcebispo entregou ao Pe. Dupanloup a austera e obscura fundação do Pe. Frete e de Adrien de Bourdoise. O seminário melhor de Paris fora apenas, até então, nos termos da Concordata, o viveiro de sacerdotes de Paris, e bem insuficiente, limitando-se estritamente ao objetivo que a lei lhe prescrevia. Bem outros eram os projetos do novo superior, levado pela escolha do Arcebispo à função pouco ambicionada de dirigir os estudos dos futuros padres. Tudo ali lhe pareceu necessitado de reconstrução, desde os edifícios, onde o martelo somente deixou de pé os muros, até o plano dos estudos, que o Pe. Dupanloup reformou de alto a baixo. Seu pensamento se resumia em dois pontos essenciais.

Preliminarmente, via que um seminário menor, exclusivamente eclesiástico, não tinha em Paris nenhuma possibilidade de sucesso, e não era suficiente para o recrutamento de sacerdotes de acordo com as necessidades da diocese. Concebeu, então, a ideia de, mediante uma propaganda que se estendesse, sobretudo, pelo oeste da França e Sabóia, sua terra natal, encaminhar a Paris os jovens esperançosos que lhe fossem designados para isso. Depois quis que o seminário se constituísse numa casa de educação modelo, tal como a concebia, e não mais um seminário do tipo ascético e clerical. Pretendia que – coisa mais delicada – a mesma educação servisse aos rapazes que se destinavam ao sacerdócio e a todos os filhos das primeiras família da França. Seu êxito na difícil transação da rua Saint-Florentin o havia posto em voga no mundo legitimista; algumas relações nos círculos orleanistas lhe asseguravam outra clientela, de que não lhe convinha privar-se. Atento ao sopro de todos os ventos da moda e da publicidade, ele não negligenciava nada de que estivesse em favor no momento. Sua concepção do mundo era altamente aristocrática, mas admitia três aristocracias: a nobreza, o clero e a literatura. O que ele queria era uma educação liberal, que pudesse convir igualmente ao clero e à juventude do *faubourg* Saint-Germain, na base da piedade cristã e das letras clássicas. O estudo das ciências estava mais ou menos excluído; o novo diretor não tinha a menor ideia a respeito.

O velho estabelecimento da rua Saint-Victor foi assim, durante alguns anos, a casa da França, onde havia o máximo de nomes históricos ou conhecidos. Obter nela um lugar para um jovem era favor que se vendia muito caro. As somas bem consideráveis pelas quais as famílias ricas compravam esse favor serviam

para a educação gratuita dos rapazes pobres que se notabilizavam por sucessos constantes. A fé absoluta do Pe. Dupanloup nos estudos clássicos aí se patenteava. Esses estudos, para ele, faziam parte da religião. Achava que a mocidade destinada ao sacerdócio e a destinada ao primeiro plano da vida social deviam ser educadas da mesma maneira. Na sua opinião, Virgílio fazia parte da cultura intelectual de um padre tanto, pelo menos, quanto a Bíblia. Esperava que dessa mistura da elite da juventude clerical com os jovens da sociedade, submetidos todos às mesmas disciplinas, resultasse para aquela uma tintura de conhecimentos e hábitos mais distintos do que os resultantes de seminários cheios unicamente de crianças pobres e filhos de camponeses. O certo é o que, neste particular, realizou prodígios. Apesar de composto de dois elementos na aparência irreconciliáveis, o seminário apresentava uma perfeita unidade. A ideia de que o talento primava sobre tudo mais abafava as diferenças de classe, e, ao fim de oito dias, o pobre rapaz vindo da província, desajeitado e tímido, se fizesse um bom tema ou alguns versos latinos bem compostos, tornava-se o objeto da admiração do pequeno milionário, que lhe pagava a pensão sem vacilar.

Naquele ano de 1838 eu obtive com justiça no colégio de Tréguier todos os prêmios da minha classe. O *palmares* caiu sob os olhos dum dos homens esclarecidos que o ardente capitão espalhava pelo interior para recrutar seu jovem exército. Num minuto estava decidido o meu destino. “Mande-o vir” – disse o impetuoso superior. Eu tinha quinze anos e meio. Não tivemos tempo para refletir. Achava-me gozando as férias na casa de um amigo, numa aldeia perto de Tréguier; a 4 de setembro, à tarde, um expresso foi buscar-me. Lembro-me dessa viagem de volta

como se fosse de ontem. Havia uma légua a caminhar através do campo. As piedosas badaladas do *Angelus*, ecoando de paróquia em paróquia, derramavam no ar alguma coisa de calmo, doce e melancólico, imagem da vida que eu ia deixar para sempre. No dia seguinte parti para Paris. A 7, via coisas tão novas para mim como se tivesse sido jogado bruscamente na França vindo de Taití ou de Tombuctú.

III

SIM, um lama budista ou um faquir muçulmano, transportado, num abrir e fechar de olhos, da Ásia para o *boulevard*, ficaria menos surpreso do que eu ao cair subitamente num meio tão diferente daquele dos meus velhos padres bretões, cabeças venerandas, completamente transformadas em madeira ou granito, espécies de colossos osirianos semelhantes aos que eu iria admirar mais tarde no Egito, formando longas fileiras, grandiosas em sua expressão de beatitude.

Minha vinda para Paris foi a passagem de uma religião para outra. Meu cristianismo da Bretanha não era mais parecido com o que vim encontrar aqui do que pode parecer um tecido antigo, duro como uma chapa de cobre, com um percal. Não era a mesma religião. Meus velhos padres, sob sua pesada capa romana, surgiam-me aos olhos como uns magos, dizendo as palavras eternas. Agora o que me aparecia era uma religião de chita e de cetim, uma piedade afetada, enfeitada de fitas, uma devoção de velinhas e vaso de flores, uma teologia para senhoritas, sem solidez, de um estilo indefinível, compósito como o frontispício de um Livro de Horas do editor Lebel.

Foi essa a crise mais grave da minha vida. O bretão jovem é difícil de se transplantar. A viva repulsa moral que experimentei, complicada com uma completa mudança de regime e de hábitos, trouxe-me o mais terrível acesso de nostalgia. O internato me

matava. As recordações da vida livre que até então levara, junto a minha mãe, me traspassavam o coração. E não era o único a sofrer.

O Pe. Dupanloup não calculara todas as consequências do que fazia. Sua maneira de agir, imperiosa, à feição de um general no seu exército, não levava em conta os mortos e feridos entre os seus jovens recrutas. Nós confidenciávamos, uns aos outros, nossas tristezas. Meu melhor amigo, um rapaz de Coutances, creio, arrebatado e sensível como eu, excelente coração, isolou-se, não quis mais saber de nada, morreu. Os saboianos mostravam-se muito menos aclimatáveis ainda. Um deles, mais velho do que eu, confessou-me que, toda noite, media a altura do dormitório do terceiro andar que dava para a calçada da rua Saint-Victor. Eu caí doente. Segundo todas as aparências, estava perdido. O bretão que há no fundo do meu ser perdia-se em melancolias infinitas. O último *Angelus* cujos sons eu ouvira espraiar-se sobre as nossas caras colinas e o último sol que eu vira por-se por cima dos nossos campos tranquilos, voltavam à minha memória varando-a como pontas de flecha.

Normalmente eu devia ter morrido; talvez tivesse sido melhor assim. Dois amigos que trouxe comigo da Bretanha no ano seguinte deram esta grande demonstração de fidelidade à terra: não puderam habituar-se àquele mundo novo e voltaram. Penso às vezes que o bretão morreu em mim; o gascão, ai de mim, teve razões suficientes para sobreviver. Este último se apercebeu, mesmo, de que aquele novo mundo era muito curioso e valia a pena apegar-se a ele.

No fundo, quem me salvou foi aquele mesmo que me submeteu a uma tão cruel prova. Devo ao Pe. Dupanloup duas coisas: ter-me feito vir para Paris e ter impedido que eu morresse ao chegar aqui. Todo

o seu ser respirava vida, e foi ele quem me reanimou. Naturalmente ocupou-se pouco da minha pessoa. O homem mais em voga no clero parisiense, tendo um seminário com duzentos alunos a dirigir ou, antes, a fundar, não podia preocupar-se pessoalmente com a mais obscura dessas crianças. Uma circunstância singular estabeleceu um vínculo entre nós dois. A causa do meu sofrimento era uma saudade muito viva de minha mãe. Tendo sempre vivido sozinho ao lado dela, não podia desprender-me das imagens da existência tão agradável que gozara durante anos. Fora feliz, sendo pobre, com ela. Mil detalhes dessa própria pobreza, tornados mais comoventes pela ausência, me aguilhoavam o coração. Durante a noite só pensava em minha mãe, não conseguia dormir um minuto. Meu único consolo era escrever-lhe cartas impregnadas de uma grande ternura e umedecidas pelo pranto. Nossas cartas, segundo o uso dos internatos religiosos, eram lidas por um dos diretores. O que estava incumbido dessa censura sentiu-se comovido pelo acento de profundo amor que ressaltava dessas páginas infantis, e transmitiu o teor de uma das minhas cartas ao Pe. Dupanloup, que ficou muito admirado do que ali estava escrito.

O mais belo traço do caráter do Pe. Dupanloup era o amor que tinha por sua mãe. A despeito do fato de o seu nascimento ter sido, por um lado, a maior dificuldade da sua vida, honrava sua mãe com um verdadeiro culto. A velha senhora morava perto dele. Nós nunca a víamos mas sabíamos que o Pe. Dupanloup todos os dias passava algum tempo com ela. Dizia, frequentemente, que o valor de um homem estava na proporção do respeito que tivesse por sua mãe. Ensinava-nos, sobre o assunto, excelentes normas, que eu, aliás, sempre praticara, como a de nunca

tratarmos por “tu” nossas mães e nunca terminarmos uma carta a elas dirigida sem a palavra *respeito*. Por isto houve entre nós dois uma verdadeira centelha de mútua compreensão. Foi numa sexta-feira que lhe chegou às mãos a minha carta. Era o dia solene. À noite o diretor ouvia a leitura das classificações e notas da semana. Dessa vez eu não tinha obtido êxito em minha composição; ficara no quinto ou sexto lugar. “Ah! – disse o diretor – se o assunto fosse o duma carta que eu li de manhã, o primeiro teria sido Ernest Renan.” Desde esse dia, o Pe. Dupanloup nunca mais me perdeu de vista. Eu passei a viver em função dele, que foi para mim o que era para todos: uma fonte de vida, uma espécie de deus. Um culto tomou o lugar de outro, e a influência dos meus antigos mestres declinou muito.

Com efeito, somente aqueles que conheceram Saint-Nicolas du Chardonnet naqueles anos brilhantes de 1838 a 1844, podem fazer uma ideia da vida intensa que lá se desenvolvia[13]. E essa vida tinha uma única fonte, um único princípio: o Pe. Dupanloup. Ele era toda a instituição. O regulamento, os hábitos, a administração, o governo espiritual e o temporal, tudo era ele. O seminário tinha muitos defeitos de detalhe; o diretor supria todas as falhas. Nele o escritor e o orador eram secundários; o educador era absolutamente inigualável. O antigo regulamento continha, como todos os regulamentos de seminário, um exercício chamado a “leitura espiritual”. Meia hora, cada noite, devia ser consagrada à leitura de uma obra ascética; o Pe. Dupanloup se substitui imediatamente a S. João Clímaco e às *Vidas dos Padres do Deserto*.

[13] Esse quadro foi bem traçado pelo Sr. Adolphe Morillon: *Souvenirs de Saint-Nicolas*. París. Lecoffre.

Tomou para si essa meia hora. Punha-se todos os dias em contato direto com a totalidade dos seus alunos mediante uma conversação íntima, muitas vezes comparável, pelo seu tom de abandono e sua naturalidade, às homilias de João Crisóstomo na *Palaea* de Antioquia. Qualquer incidente da vida interna do educandário, qualquer ocorrência concernente à pessoa do superior ou de algum dos alunos, dava ensejo a uma palestra rápida e animada. A sessão das notas das sextas-feiras era alguma coisa de ainda mais apaixonante para cada um. Todos viviam na expectativa desse dia. As observações de que o superior acompanhava a leitura das notas eram a vida ou a morte. Não havia castigos no seminário; a leitura das notas e as ponderações do superior a respeito delas eram a única sanção que mantinha a todos ansiosos e alerta.

É fora dúvida que esse regime tinha seus inconvenientes. Adorado por seus alunos, o Pe. Dupanloup nem sempre era agradável aos seus colaboradores. Diz-se que, mais tarde, em sua diocese, as coisas se passaram do mesmo modo, que ele foi sempre mais estimado dos seus leigos que dos seus padres. É certo que esmagava tudo em redor de si. Mas sua própria violência nos afeiçoava ao diretor, porque sabíamos que éramos o único objeto de suas preocupações. Era um animador incomparável; ninguém o igualava na capacidade de tirar de cada um dos seus discípulos tudo que ele pudesse dar. Conhecia perfeitamente de nome e de vista os seus duzentos alunos. Era para cada um deles o animador sempre presente, o motivo de viver e de trabalhar. Acreditava no talento e fazia dele a base da fé. Dizia sempre que o valor do homem estava na proporção da sua capacidade de admirar. Suas admirações nem sempre eram bastante esclarecias pela ciência, mas nasciam de uma

alma ardente, de um coração verdadeiramente possuído do amor pelo belo. Era o Villemain da escola católica. Villemain foi, entre os leigos; o homem que ele mais amou e melhor compreendeu. Toda vez que voltava de uma visita a Villemain reproduzia-nos a conversação que tivera com ele num tom da mais calorosa simpatia.

Os defeitos da educação que Dupanloup ministrava aos alunos eram os próprios defeitos do seu espírito. Era muito pouco racional, muito pouco científico. Dir-se-ia que os seus duzentos alunos estavam todos destinados a ser poetas, escritores, oradores. Dava pouco apreço à instrução sem o talento. Isto se podia observar sobretudo à entrada dos nicolaitas para Saint-Sulpice, onde o talento não tinha nenhum valor, onde só a escolástica e a erudição contavam. Quando se tratava de exercícios de lógica e filosofia em latim bárbaro, esses espíritos demasiado nutridos de belas letras se mostravam refratários e se recusavam a assimilar tão pesadas disciplinas. Por isto os nicolaitas eram pouco estimados em Saint-Sulpice. Neste nunca se mencionava Dupanloup; consideravam-no muito pouco teólogo. Quando um antigo aluno de Saint-Nicolas se atrevia a aludir a este estabelecimento, havia sempre um velho lente para lhe dizer: "Ah! no tempo do Pe. Bourdoise..." mostrando, claramente, com isto, que não reconhecia àquela casa outros títulos de valor senão os das suas tradições do século XVII.

Fraco, sob alguns aspectos, o estudo em Saint-Nicolas era muito distinto, muito literário. A educação clerical tem uma superioridade sobre a universitária: é a sua liberdade em tudo que não afeta a religião. Nela a literatura se entrega a todas as disputas, sendo menos pesado nesse domínio o jugo do dogma clássico.

É assim que Lamartine, formado exclusivamente pela educação clerical, tem bem mais inteligência do que qualquer universitário; quando vem a emancipação filosófica, surgem espíritos muito compreensivos.

Saí dos meus estudos clássicos sem haver lido Voltaire, mas sabia de cor o *Soirées de Saint-Petersbourg*. Esse estilo, cujos defeitos somente mais tarde percebi, excitava-me vivamente. As discussões do romantismo penetravam no seminário por todos os lados; só se falava de Lamartine, de Vitor Hugo. O superior tomava parte nesses debates, e nas "leituras espirituais", durante perto de um ano, não se tratou de outras questões. A autoridade estabelecia suas reservas. Foi assim que conheci os embates do século. Mais tarde, foi igualmente através dos *Solvuntur objecta* das Teologias que chegou até mim a liberdade de pensar. A grande boa-fé do antigo ensino eclesiástico consistia em nada ocultar da força das objeções; como as respostas eram fracas, uma inteligência ágil podia beneficiar-se a verdade onde a encontrasse.

O curso de história constituiu para mim outra fonte de vivos estímulos. O Padre Richard[14] dava esse curo com o espírito da escola moderna, da maneira mais apreciável. Não sei por que ele deixou de professar a matéria. no nosso ano. Foi substituído por um lente, muito ocupado, aliás, que se limitava a nos ler antigos cadernos, aos quais juntava extratos de livro modernos. Ora, entre esses volumes modernos, que muitas vezes destoavam das velhas rotinas dos cadernos, houve um que produziu em meu espírito um efeito singular. Desde que o encarregado do

[14] Ver a excelente notícia que o Pe. Toulon, hoje arcebispo de Besançon, consagrou ao Padre Richard.

curso pegava dele e se punha a lê-lo, eu ficava incapaz de tomar mais uma nota; uma espécie de música interior se apoderava de mim, embriagava-me. Era Michelet, as passagens admiráveis de Michelet nos tomos V e VI da *História da França*.

Assim, o espírito do século penetrava em mim por todas as fendas de uma argamassa cheia de soluções de continuidade. Eu chegara a Paris já formado moralmente, mas tão ignorante quanto se podia sê-lo. Tinha tudo a descobrir. Foi com espanto que vim a saber que havia leigos sérios e sábios. Percebi que havia alguma coisa fora da antiguidade da Igreja, e, em particular, que havia uma literatura contemporânea digna de alguma atenção. A morte de Luiz XVI deixou de ser para mim o fim do mundo. Tomei conhecimento de ideias e sentimentos que não haviam tido expressão nem na antiguidade nem no século XVII.

Assim foi fecundo o germe que havia em mim. Ainda que sob muitos aspectos antipática à minha natureza, essa educação foi como um reativo que fez tudo despertar e esplender ante os meus olhos. O essencial, realmente, na educação, não é a doutrina que se ensina, é o despertar de atividades que ela provoca. Quanto mais se sentira chocada minha fé religiosa de encontrar sob as mesmas denominações tantas coisas diferentes, mais avidamente meu espírito sorvia a bebida nova que lhe era oferecida. O mundo abriu-se para mim. Apesar da pretensão de constituir um asilo fechado aos ruídos exteriores, Saint-Nicolas era nessa época a casa de ensino mais brilhante e mais mundana. Paris penetrava nela por todos os lados, pelas portas e janelas, Paris todo, menos a corrupção, apresso-me em ressalvar, Paris com suas pequenezes e grandezas, com suas audácias e seus andrajos, sua força revolucionária e suas dissoluções.

Meus velhos padres da Bretanha sabiam bem melhor as matemáticas e o latim do que os nossos novos mestres, mas viviam em catacumbas sem luz e sem ar. Aqui o oxigênio do século circulava livremente. Em nossos passeios a Gentilly e nos recreios da noite entregávamo-nos a intermináveis discussões. Depois de tudo isso, à noite, eu não conseguia dormir: minha cabeça estava cheia de Hugo e Lamartine. Compreendi, afinal, a glória que havia procurado tão vagamente na abóbada da capela de Tréguier. Ao fim de algum tempo, revelara-se-me uma coisa inteiramente desconhecida. Os vocábulos talento, sucesso, reputação, adquiriram, finalmente, um sentido aos meus olhos. Eu estava perdido para o ideal modesto que os antigos mestres me haviam inculcado; vi-me desgarrado num mar onde repercutiam todas as tempestades e todas as correntes do século. Estava escrito que essas correntes e essas tempestades haveriam de arrastar o meu barco para praias onde meus velhos amigos se horrorizariam de me ver aportar.

Meus sucessos nas classes eram inigualáveis. Fiz um dia um *Alexandre* que deve estar no *Caderno de Honra* do seminário, e que eu publicaria se o tivesse comigo. Mas as composições de pura retórica me aborreciam profundamente; jamais consegui fazer um discurso sequer suportável. Festejando uma distribuição de prêmios, fizemos certa vez uma representação do Concílio de Clermont. Os discursos pronunciados nessa ocasião foram objeto de um concurso. Fracassei totalmente em Pedro o Eremita e Urbano II; meu Godefroy de Bouillon foi considerado o mais destituído possível de espírito militar. Julgaram menos mau um hino guerreiro que compus em estrofes sáficas e adônicas. Meu refrão *Sternite Turcas*, contendo uma solução sumaria e terminante para a questão

do Oriente, foi adotado nos recitativos públicos. Eu era muito sério para essas criancices. Mandavam-nos fazer narrativas da Idade Média que terminava sempre por algum belo milagre; eu abusava lamentavelmente das curas de leprosos. Voltava-me frequentemente a lembranças dos meus primeiros estudos de matemáticas, que tinham sido muito rigorosos. Falava deles aos meus condiscípulos, e isto os fazia sorrir. Tais estudos lhes pareciam alguma coisa de inteiramente desprezível, em comparação com os exercícios literários que lhes eram apresentados como sendo o fim supremo do espírito humano. Meu poder de raciocínio somente se revelou mais tarde, no estudo de filosofia, em Issy. A primeira vez, que meus colegas me viram argumentar em latim ficaram surpresos. Perceberam bem, nessa ocasião, que eu era de outra raça que não a deles, e que continuaria a caminhar para a frente quando eles já houvessem parado. Mas em retórica deixei um renome duvidoso. Escrever sem ter alguma coisa a dizer me parecia desde então o mais fastidioso dos jogos de espírito.

Era precário o fundo das ideias que formavam a base dessa educação, mas sua forma era brilhante, e tudo estava dominado e impulsionado por um nobre sentimento. Já disse que não havia no seminário nenhuma forma de punição; seria mais exato dizer que só havia uma: a expulsão. A menos que tivesse havido uma falta muito grave, essa expulsão nada tinha de desairoso. Não se davam os motivos da medida: “Você é um excelente rapaz, mas seu espírito não é o que nos convém. Portanto, separemo-nos como amigos. Em que posso ser-lhe útil?” – tais eram em lavras de adeus do superior ao aluno despedido. Tinha-se em tão alta conta o favor de participar de uma educação considerada excepcional, que

essa paternal declaração era temida como uma sentença de morte.

Aí está uma das razões de superioridade dos estabelecimentos eclesiásticos de ensino sobre os do Estado: naqueles o regime é muito liberal porque ninguém tem o direito de ser liberal, e, assim, a coerção vem a ser, desde logo, a separação. O estabelecimento oficial tem qualquer coisa de militar, de frio, de duro, e isto redunda numa causa de grande fraqueza porque o aluno possui um direito adquirido em concurso do qual não se pode privá-lo. Por mim tenho dificuldade em compreender uma escola normal, por exemplo, onde o diretor não possa dizer, sem antes explicar por que, aos alunos destituídos de vocação: "Você não possui o espírito da nossa profissão; fora daí, pode ter todos os méritos; terá mais êxito em outras atividades. Adeus." O castigo, mesmo o mais leve, implica num princípio servil de obediência pelo temor. Quanto a mim, não creio que em qualquer fase da minha vida haja obedecido; fui, sim, dócil, submisso, mas a um princípio espiritual, nunca a uma força material agindo pelo medo do castigo que inspirasse. Minha mãe nunca me deu ordens. Em minhas relações com os meus mestres eclesiásticos tudo era livre e espontâneo. Quem um dia conheceu esse *rationabile obsequium* nunca mais pode suportar outro. Uma ordem é uma humilhação; quem obedece é um *capitis minor*, maculado no próprio germe da vida nobre. A obediência eclesiástica não rebaixa, porque é voluntária inseparável da vida religiosa.

Numa das formas utópicas de sociedade aristocrática que eu imagino, só haveria uma pena; que seria a pena de morte; ou melhor, a única sanção seria uma ligeira reprimenda das autoridades constituídas, à qual nenhum homem de honra sobreviveria.

Eu não poderia ser um soldado; desertaria ou me suicidaria. Temo que as novas instituições militares, não admitindo nem exceção nem equivalente, tragam consigo um lamentável rebaixamento. Obrigar a todos a suportar a obediência é matar o gênio e o talento. Quem passou anos na carreira das armas à moda alemã está morto para as tarefas delicadas. Desse modo, a Alemanha depois que se entregou inteiramente à vida militar não possuiria mais talento se não contasse, na sua comunhão nacional, com os judeus, para os quais é tão ingrata.

A geração que tinha de quinze a vinte anos na época brilhante de que estou falando, e que foi breve, tem agora de cinquenta e cinco a sessenta anos. Terá ela correspondido às esperanças ilimitadas que inspirara à alma ardente do nosso grande educador? Seguramente, não. Se essas esperanças se houvessem realizado, o mundo inteiro teria mudado de alto a baixo, e ninguém percebe uma tal transformação. Dupanloup apreciava muito pouco o seu século e lhe fazia poucas concessões para que pudesse formar homens à feição da época. Quando evoco uma daquelas "leituras espirituais" em que se expandia tão largamente o espírito do mestre, aquela sala do rés do chão com seus bancos enfileirado, onde se comprimiam duzentos vultos de crianças que a atenção e o respeito imobilizavam, e me pergunto por que ventos do céu foram arrebatadas essas duzentas almas tão fortemente unidas então pela ascendência do mesmo homem, encontro mais de uma queda, mais de um caso singular. Como é natural, encontro de início bispos, arcebispos, sacerdotes dignos de consideração, todos eles relativamente esclarecidos e moderados. Encontro diplomatas, conselheiros de Estado, respeitáveis carreiras nas quais alguns deles teriam sido mais brilhantes se

houvesse triunfado a tentativa de 16 de Maio. M aqui está qualquer coisa de estranho. Ao lado de certo condiscípulo piedoso, predestinado ao episcopado, vejo um que afiará tão bem sua faca para matar seu arcebispo que o ferirá justamente no coração... Recordo Verger; posso dizer dele o que dizia Sachetti daquela pequena florentina que foi canonizada: *Fu mia vicina*, *andava como le altre*[15]. Aquela educação apresentava seus perigos: superaquecia, superexcitava, podia mesmo tornar louca a pessoa (Verger era bem louco).

Um exemplo ainda mais impressionante do *Spiritus ubi vult spirat* foi o de H. de ***. .Quando eu cheguei a Saint-Nicolas, foi ele a minha maior admiração. Seu talento era incomparável; tinha sobre todos os seus colegas de retórica uma imensa superioridade. Seu espírito religioso, sério e verdadeiramente elevado, provinha duma natureza dotada das mais altas aspirações. H. de *** realizava, segundo as nossas ideia, a própria perfeição. Além disto, conforme o velho costume dos colégios religiosos onde os alunos mais adiantados participam das funções dos professores, ele era incumbido dos papéis mais importantes. No seminário de Saint-Sulpice, sua piedade se manteve por vários anos. Durante horas, sobretudo nas festas, era visto na capela, banhado em lágrimas. Lembro-me bem de uma tarde de verão à sombra das árvores de Gentilly, a casa de campo do seminário menor de Saint-Nicolas. Apinhados em torno de alguns antigos alunos e daquele dos lentes que possuía mais acentuado espírito de piedade cristã, nós ouvíamos sua palestra. Havia nesta alguma coisa de grave e de profundo. Tratava-se do problema eter-

[15] "Foi minha vizinha, andava como as outras." – N. do T.

no, que constitui o fundo do cristianismo, a eleição divina, o temor em que toda alma permanece, até a hora extrema, quanto à salvação. O santo padre insistia nessa dúvida terrível: não, ninguém absolutamente ninguém está certo de que mesmo depois dos maiores favores do céu não virá a ser abandonado pela graça de Deus. “Creio – disse ele – haver conhecido um predestinado”. Fez-se um silêncio. O padre hesitou um instante, depois concluiu: “Esse predestinado é H. de ***. Se há alguém que possa estar certo de sua salvação é ele. Mas não. Não é seguro que H. de *** não seja condenado.”

Revi H. de *** alguns anos mais tarde. Ele havia feito, nesse interregno, sólidos estudos bíblicos. Não pude saber se se tinha desligado inteiramente do cristianismo, mas já não trazia batina e desenvolvia uma forte reação contra o espírito clerical. Mais tarde o encontrei possuído de ideias políticas muito exaltadas. Seu caráter fundamentalmente apaixonado se voltara para a democracia. Sonhava com a justiça e dela falava em tom sombrio e irritado. Pensava na América; acredito que deve estar por lá. Há alguns anos, um dos nossos antigos condiscípulos me disse que lhe parecia ter lido entre os nomes dos fuzilados da Comuna o de H. de ***. Penso que ele se enganou. Mas seguramente houve na vida desse pobre H. de *** algum grande naufrágio. Ele estragou, pela paixão, qualidades superiores. Foi a criatura mais eminente que tive como colega em meus estudos eclesiásticos. Mas não teve a prudência de se conservar sóbrio em política. Do modo por que ele encarava as coisas, não haveria ninguém que não tivesse na vida vinte oportunidades de se fazer fuzilar. Os idealistas como nós só se devem aproximar do fogo da paixão partidária com muitas precauções; se não,

arriscam-se a queimar nele as asas quando não perder a própria cabeça. É, decerto, grande, no padre que abandona a Igreja, a tentação de se fazer democrata. Ele reencontrará assim o absoluto que perdera, confrades, amigos; não faz mais, na realidade, do que mudar de seita. Tal foi o destino de Lamennais. Uma das provas da grande sabedoria do Padre Loyson foi resistir, nesse ponto, a todas as seduções e de se esquivar aos agrados em que a corrente avançada nunca deixa de procurar envolver aqueles que rompem os seus vínculos oficiais.

Durante três anos sofri essa influência profunda que operou no meu ser uma transformação completa. Dupanloup me havia, literalmente, transfigurado. Do provincianozinho o mais apegado à sua formação, tirou um espírito aberto e ativo. Sem dúvida, alguma coisa faltava a essa educação, e enquanto me limitei a ela tive uma lacuna em minha mentalidade. Faltava a ciência positiva, a ideia de uma procura crítica da verdade. Esse humanismo superficial pôs-me em inatividade, três anos, o raciocínio, ao mesmo tempo que destruiu a primitiva ingenuidade da minha fé. Meu cristianismo ficou grandemente reduzido; entretanto nada havia no meu espírito que se pudesse chamar de dúvida. Todos os anos, na época das férias, eu ia à Bretanha. Aí, apesar de mais de uma perturbação interior, encontrava-me a mim mesmo, íntegro, tal como me haviam formado os primeiros mestres.

Segundo a norma, após ter terminado meu curso de retórica, fui para Issy, casa de campo do seminário de Saint-Sulpice. Passei assim da direção de Dupanloup para uma disciplina absolutamente oposta à de Saint-Nicolas du Chardonnet. Saint-Sulpice me ensinou preliminarmente a considerar como infantilidades

tudo que Dupanloup me havia ensinado a apreciar acima de tudo. Que podia haver de mais simples? Se o cristianismo é coisa revelada, a tarefa principal do cristão não é o estudo dessa mesma revelação, isto é, a teologia?' A teologia e o estudo da Bíblia iam, desde logo, me absorver, dar-me as verdadeiras razões de acreditar no cristianismo e também as verdadeiras razões de não aderir a ele. Durante quatro anos uma terrível luta se apoderou totalmente de mim, até que estas palavras: “Isto não é verdade!”, que eu repeli muito tempo como a uma obsessão demoníaca, passaram a ressoar no meu ouvido interior com uma persistência invencível. Contarei tudo isto nos capítulos seguintes. Descreverei tão exatamente quanto puder aquela extraordinária casa de Saint-Sulpice, que está mais distanciada do nosso tempo do que se a rodeasse um silêncio de três mil léguas. Tentarei, enfim, mostrar como o estudo direto do cristianismo, empreendido com a maior seriedade de espírito, não me deixou bastante fé para ser um padre sincero, e me inspirou, por outro lado, muito respeito para que pudesse me conformar em desempenhar uma odiosa comédia com as crenças mais respeitáveis.

IV

O seminário de Issy

I

O seminário menor Saint-Nicolas du Chardonnet não tinha no seu curso um ano de filosofia, pois esta matéria, segundo o plano do ensino eclesiástico, estava reservada para o seminário superior. Quando terminei meus estudos clássicos na casa tão brilhantemente dirigida por Dupanloup, passei, juntamente com os demais alunos da classe, para o seminário superior destinado ao ensino mais especificamente eclesiástico. O seminário da diocese de Paris é o Saint-Sulpice, que, por sua vez, se compõe, de certo modo, de dois estabelecimentos, o de Paris e a sucursal de Issy, onde se fazem dois anos de filosofia. Esses dois seminários constituem, mais propriamente, um só. Um é a continuação do outro; os dois se fundem em determinadas circunstâncias, e é uma só a congregação que fornece os professores para ambos.

O instituto de Saint-Sulpice exerceu em mim uma tal influência e tão completamente decidiu do rumo da minha vida que me sinto obrigado a lhe esboçar rapidamente a história, e expor os seus princípios e o seu espírito para mostrar como esse espírito passou a ser a lei mais profunda de todo o meu desenvolvimento intelectual e moral.

Saint-Sulpice deve sua origem a um homem cujo nome não atingiu a grande celebridade, porque a celebridade raramente vai no encalço daqueles que tiveram por norma de vida fugir da glória e cuja qualidade dominante foi a modéstia. Jean-Jacques Olier, originário de uma família que deu ao Estado um gran-

de número de servidores capazes, foi contemporâneo e colaborador de Vicente de Paulo, de Bérulle, de Adrien de Bourdoise, do Padre Eudes, de Charles de Gondren, daqueles fundadores de congregações que tinham por objeto a reforma da educação eclesiástica e desempenharam um papel tão considerável na preparação do século XVII.

Não há termo de comparação para o rebaixamento dos costumes clericais sob o reinado de Henrique IV e nos começos do de Luiz XIII. O fanatismo da Liga, longe de beneficiar os bons costumes, havia muito contribuído para o relaxamento. Tudo era permitido a quem tinha manejado a escopeta e carregado o mosquete em prol da boa causa. A verve gaulesa do tempo de Henrique IV era pouco favorável ao misticismo. Nem tudo era mau, na franca alegria rabelaisiana que, nessa época, não era considerada incompatível com a condição de sacerdote. A muitos respeitos, preferimos a religiosidade afável e espiritual de Pierre Camus, o amigo de Francisco de Sales, à maneira rígida e empolada que se tornou mais tarde a norma do clero francês e fez dele uma espécie de exército negro, isolado do mundo e em guerra contra ele. Mas é certo que pelas alturas de 1640 a educação do clero não estava ao nível do espírito de sobriedade e de medida que se tornava cada vez mais a lei do século.

De todos os lados reclamava-se a reforma. Francisco de Sales confessava não ter obtido êxito nessa tarefa. Dizia a Bourdoise: “Após ter-me ocupado dezessete anos em formar apenas três padres, tais como os imaginava, para me ajudarem a reformar o clero da minha diocese, não consegui formar mais de um e meio.” Aparecem, então, os homens de um espírito

religioso grave e raciocinante, que eu citava a cada instante. Mediante congregações de um novo tipo, diverso das antigas regras monacais e imitado, em certos pontos, dos jesuítas, eles criam o seminário, isto é, o viveiro cuidadosamente murado onde se formam os jovens padres. Foi profunda a transformação. Da escola desses grandes mestres da vida espiritual saiu esse clero de uma fisionomia tão peculiar, o mais disciplinado, o mais regular, o mais nacional, e mesmo o mais instruído dos cleros, que encheu a segunda metade do século XVII e todo o século XVIII, e cujos últimos representantes desapareceram há quarenta anos. Paralelamente a esses esforços de uma piedade ortodoxa levanta-se Port-Royal, muito superior a Saint-Sulpice, a Saint-Lazare, à Doutrina Cristã e mesmo à Oratória, pela firmeza da razão e o talento de escrever, mas ao qual falta a mais essencial das virtudes católicas – a docilidade. Port-Royal teve, como o protestantismo, a última das desgraças. Desagradou à maioria, esteve sempre em oposição. Quando alguém provoca a antipatia de seu país é muitas vezes levado a tomar-se também de antipatia por ele. Dupla desgraça cai sobre o perseguido, porque, além do sofrimento que lhe é infligido, a perseguição o atinge em sua pessoa moral. Quase sempre a perseguição falseia o espírito e amesquinha o coração.

Nesse grupo de reformadores católicos, Olier apresenta um caráter à parte. Seu misticismo pertence a um gênero que lhe é peculiar. Seu *Catecismo Cristão para a Vida Interior*, que quase não se lê mais fora de Saint-Sulpice, é um livro dos mais extraordinários, cheio de poesia e de uma pesada filosofia, oscilando sem cessar entre Louis de Léon e Spinoza. Olier entende como o ideal da vida do cristão o que ele chama “o estado de morte”:

Que é o estado de morte? É um estado em que o coração não é passível de comoção profunda e, ainda que o mundo procure tentá-lo com suas belezas, suas honrarias, suas riquezas, é como tudo isto fosse oferecido a um morto, que permanece sem movimento e sem desejos, insensível a tudo que se lhe mostre... O morto pode bem ser agitado externamente e receber algum movimento em seu corpo. Mas essa agitação é exterior, não vem do íntimo do indivíduo que está sem vida, sem vigor e sem força. Assim, uma alma que está interiormente morta pode perfeitamente sofrer choques de agentes externos e ser agitada de fora, mas dentro de si permanece morta e incapaz de reações diante de quaisquer coisas que se lhe apresentem.

Mas não é só. Olier imagina como bem superior ao estado de morte o estado de sepultura:

O morto ainda tem a figura terrena e carnal. O homem morto ainda parece um pedaço de Adão. Às vezes, ainda se pode agitá-lo. Ainda interessa de certo modo ao mundo. Mas do sepulto não se diz mais uma palavra, ele não está mais na categoria dos homens, está putrefato e causa horror. Não tem mais como causar nenhum prazer. Todos pisam sobre ele num cemitério sem que ninguém se admire disto, tanto o mundo está convencido de que ele já nada mais é, e não figura mais no número dos homens.

Os sombrios devaneios de Calvino são quase um otimismo pelagiano comparados com os terríveis pesadelos que o pecado original provoca no nosso piedoso contemplativo:

Poderíeis ainda acrescentar alguma coisa para me fazer conceber como a carne não é mais do que pecado? – De tal modo a carne é pecaminosa, que vem dela toda inclinação e todo impulso para o pecado e mesmo para todos os pecados, de sorte que se o Espírito Santo não sustentasse a nossa alma e não a assistisse com os socorros de sua graça, ela seria arrastada pelas inclinações da carne, que tendem, todas elas, para o pecado.

– Deus meu! Que é, então, a carne?

– É o efeito do pecado, é a fonte do pecado...

– Se assim é, porque não caís a todo instante no pecado?

– É que a misericórdia de Deus nos livra disto...

– Devo, então, dar graças a Deus pelo fato de que não cometo todos os pecados do mundo?

– Sim, este é o sentimento normal dos santos, porque a carne está impelida por um tal peso para o pecado que somente Deus pode impedi-la de cair nele...

– Mas podereis ainda dizer-me alguma coisa a respeito?

– O que vos posso dizer é que não há nenhuma espécie de pecado imaginável, não há imperfeição nem desordem, não há erro nem desregramento de que a carne não esteja impregnada, do mesmo modo que não há nenhuma espécie, de leviandade, nem de loucura, nem de tolice; que a carne não seja capaz de cometer a todo instante.

– Como? Então eu ficarei e me portarei como louco pelas ruas e não tiver a assistência de Deus? Não é bem isto, que se relaciona somente com a conduta civil, mas é preciso saber que, sem a graça de Deus, sem as virtudes que o seu espírito nos inspira não há impureza, vilania, infâmia, embriaguez, blasfêmia, não há, numa palavra, um pecado a que o homem não se abandone.

– A carne é, então, muito corrompida?

– É como vedes.

– Não me espanto se dizeis que devemos fugir da nossa carne, ter horror de nós mesmos, e que o homem, em sua condição atual, deve ser amaldiçoado, caluniado, perseguido; não, não me surpreendo com isto. Não há males nem desgraças que não recaiam sobre o homem devido à sua carne.

– Decerto. Toda a cólera, toda a maldição, toda a perseguição que pesam sobre o demônio devem recair também sobre a carne e sobre todos os seus movimentos.

– Não há, então, nenhuma espécie de injuria que não devamos suportar e não devamos aceitar como bem merecida?

– Não.

– O desprezo, as injúrias, as calúnias, portanto, não nos devem perturbar de modo nenhum, não é assim?

– Não. Devemos fazer como aquele santo que, em época remota, foi arrastado ao suplício por um crime que não cometera e do qual não quis justificar-se, dizendo consigo mesmo

que o teria praticado e outros ainda muita maiores, se Deus não o houvesse impedido de praticá-lo.

– Os homens, os anjos e o próprio Deus nos deveriam então perseguir incessantemente?

– Perfeitamente. Devia ser assim.

– Como? Então os pecadores deveriam ser pobres e despojados de tudo como os demônios?

– Sim. E os pecadores deveriam mesmo ser privados de todas as suas faculdades temporais e espirituais e despojados de todos os dons divinos.

Herói da humildade cristã, Olier acreditava fazer bem em escarnecer da natureza humana, em arrastá-la na lama. Tinha visões, iluminações interiores, que eram registradas num caderno de notas, conservado até hoje em Saint-Sulpice. Interrompia-se de vez em quando para fazer reflexões como esta: "Minha coragem às vezes baqueia à leitura das impertinências que escrevo. Elas se me afiguram grandes perdas de tempo no serviço do meu caro diretor, que eu receio se divirta comigo. Deploro as horas que ele tem de empregar em lê-las, e me parece que devia proibir-me de escrever essas tolices e essas impertinências inteiramente insuportáveis."

Mas em Olier, como em quase todos os místicos, ao lado do sonhador extravagante, havia um poderoso organizador. Ingressando jovem na vida eclesiástica, foi nomeado, por influência de sua família, vigário da paróquia de Saint-Sulpice que era, então, uma dependência da abadia de Saint-Germain des Prés. Seu terno e sensível espírito religioso via-se chocado por uma série de coisas que até então haviam parecido inocentes, como, por exemplo, um botequim no lugar do ossuário da igreja, onde os chantres bebiam. Ele imaginou um clero feito à sua imagem, fervoroso, cheio de zelo e de devotamento às suas funções. Muitas

outras santas personagens trabalhavam para o mesmo fim, mas o modo por que Olier encarou essa tarefa foi completamente original. Só Adrien de Bourdoise compreendeu como ele a reforma eclesiástica. A ideia verdadeiramente nova desses dois fundadores foi a de procurar o aperfeiçoamento do clero secular mediante institutos de padres em contato com o mundo e associando ao ministério das paróquias o cuidado de educar os jovens destinados ao sacerdócio.

Realmente, Olier e Bourdoise, tornando-se reformadores e chefes de congregações, continuaram, entretanto, curas, um de Saint-Sulpice, o outro de Saint-Nicolas du Chardonnet. Foi a vigararia que engendrou o seminário. Esses santos homens reuniram os seus padres em comunidades e essas comunidades se tornaram escolas de sacerdócio, uma espécie de pensões onde se formavam para a piedade os rapazes que se destinavam ao estudo eclesiástico. Uma circunstância facilitava a tarefa de tais instituições e afastava o perigo que nela pudesse haver para o Estado: elas não tinham professorado interno. Todo o professorado teológico estava na Sorbonne. Os jovens sulpicianos e nicolaitas que faziam seu curso de teologia ali iam assistir às aulas dessa disciplina. O ensino continuava assim nacional e comum. A clausura do seminário só existia para efeito dos bons costumes e das as religiosas. Era um sistema análogo ao dos internatos que hoje mandam seus alunos ao liceu. Somente havia um curso de teologia em Paris: o curso oficial professado na faculdade. Dentro do seminário, tudo se limitava a repetições e conferências. É verdade que tudo isto cedo se tornou uma ficção. Ouvi dos veteranos de Saint-Sulpice que, os fins do século XVIII, quase não se ia à Sorbonne, consideran-

do-se que aí não se aprendia grande coisa; que a conferência interna, em suma, passou a preponderar sobre a lição oficial.

Uma tal organização, como se vê, assemelhava-se muito ao sistema atual da Escola Normal e suas relações com a Sorbonne. Depois da Concordata o ensino no seminário passou a ser todo interno. Napoleão não pensou em estabelecer o monopólio da faculdade de teologia. Para isto seria preciso pedir à corte de Roma uma instituição canônica de que o governo imperial não cogitava. Émery, aliás, se absteve de sugerir-lhe a ideia. Ele não guardara boa recordação do antigo sistema; preferia conservar sob suas ordens os futuros sacerdotes. As conferencias *intra muros* transformaram-se assim em cursos. Entretanto como em Saint-Sulpice nada muda, permaneceram as antigas nominações. O seminário não possui *professores*; todos os membros da congregação têm o título uniforme de *diretor*.

A companhia fundada por Olier conservou até a Revolução seu respeitável caráter de modéstia e de virtude prática. Na teologia, foi fraco o seu papel. Não teve a independência nem a altitude de Port-Royal. Foi mais molinista do que era preciso, e não evitou essas mesquinharias que. são como a consequência das ideias atrasadas do ortodoxo e o preço de suas virtudes. O mau humor de Saint-Simon contra aqueles piedosos sacerdotes tinha, porém, alguma coisa de injusto. Eles eram, no grande exército da Igreja, sub-oficiais instrutores, aos quais não é justo exigir a distinção dos oficiais gerais. A companhia, mediante suas numerosas casas na província, teve uma influência decisiva na educação do clero francês, e no Canadá conquistou uma espécie de suserania religiosa so-

bre o país, a qual se conciliou perfeitamente com a dominação inglesa; conservadora dos antigos direitos, e que permanece até os nossos dias.

A Revolução não teve nenhum efeito sobre Saint-Sulpice. Um desses espíritos frios e perseverantes, como a sociedade sempre os possuiu, restaurou a instituição exatamente sobre as mesmas bases. Émery, padre instruído e galicano moderado, obteve a necessária autorização graças à confiança absoluta que soube inspirar a Napoleão. Ele se surpreenderia fortemente se alguém lhe dissesse que o pedido de uma tal autorização constituía uma grosseira concessão ao poder civil e uma espécie de heresia. Tudo foi então restabelecido como antes da Revolução. Cada porta girou sobre seus velhos gonzos, e como de Olier à Revolução nada havia mudado, houve um lugar em Paris no qual o século XVII continuou sem a menor modificação.

Saint-Sulpice foi, em meio a uma sociedade tão diferente, o que havia sido sempre – moderado, respeitador do poder civil, desinteressado das lutas políticas[16]. Em boa harmonia com a lei, graças às sábias medidas tomadas por Émery, nada sabia do que se passava no mundo. Depois de 1830, houve um momento de viva emoção. Os ecos das discussões apaixonadas da época transpunham às vezes as paredes da instituição; os discursos de Mauguin, sobretudo (não sei bem por que), tinham o privilégio de emocionar os jovens. Um destes leu um dia para o superior, Duclaux, um fragmento de debate que lhe parecera de uma violência terrível. O velho padre, já meio mergulhado no Nirvana, mal escutou a leitu-

[16] Minhas reminiscências se reportam aos anos de 1842 a 1845. Suponho que depois disto nada mudou.

ra, e ao fim, despertando e apertando a mão do rapaz, disse-lhe: “Bem se vê, meu amigo, que esses homens não fazem orações.” Essas palavras me voltaram ultimamente ao espírito a propósito de certos discursos. Quantas coisas explica o fato de que o Sr. Clemenceau provavelmente não reza!

Aqueles velhos sábios consumados não se deixavam emocionar por coisa alguma. O mundo era para eles como um Órgão de Barbárie que mói sempre sua invariável música mecânica. Um dia ouviu-se um ruído na praça de Saint-Sulpice. “Vamos para a capela morrer todos juntos!” – exclamou o excelente Pe. ***, sempre pronto a se inflamar. “Não vejo necessidade disto” – respondeu o Pe. ***, mais calmo, mais prevenido contra os excessos de zelo. E todos continuaram a passear em grupo sob os alpendres do pátio.

Em meio às dificuldades religiosas da época, os homens de Saint-Sulpice conservaram a mesma atitude prudente e neutra, somente demonstrando um pouco de ardor quando a autoridade episcopal se via ameaçada. Cedo reconheceram o veneno que havia em Lamennais e o repeliram. O romantismo teológico de Lacordaire e de Montalembert encontraram também neles pouca simpatia. A ignorância dogmática e a extrema fraqueza dessa escola em questão de raciocínio os chocavam. Enxergaram sempre o perigo do jornalismo católico. O ultramontanismo pareceu a princípio àqueles mestres austeros apenas um modo cômodo de apelar para uma autoridade distante, muitas veze mal informada, dos atos de uma autoridade próxima e difícil de enganar. Os veteranos que haviam feito seus estudos na Sorbonne antes da Revolução tinham em alta conta as quatro proposições de 1682. Bossuet era, em tudo, o seu oráculo. Um dos

diretores mais respeitados, o Pe. Boyer, quando de sua viagem a Roma, teve uma discussão com Gregório XVI sobre as proposições galicanas. Ele pretendia que o Papa não pudera responder aos seus argumentos. Diminuía, é verdade, sua vitória, confessando que em Roma ninguém o levara a sério e que riram muito no Vaticano do *uomo antediluviano*: assim o chamava a *entourage* do Papa. Teriam feito melhor escutando-o. Em 1840 tudo isto mudou. Os velhos, anteriores à Revolução; estavam mortos; os moços aderiram todos à tese da infalibilidade papal. Mas continuou a haver uma profunda diferença entre esses ultramontanos de última hora e os audaciosos negadores da escolástica e da igreja galicana saídos da escola de Lamennais. Saint-Sulpice nunca julgou prudente fazer tabua rasa desse ponto das regras estabelecidas.

Não se pode negar que houvesse em tudo isto a influência de uma certa antipatia pelo talento e alguma coisa da rotina dos escolásticos contrariados em suas velhas teses por importunos inovadores. Mas havia também nas normas seguidas por aqueles prudentes mestres um tato muito seguro. Eles viam o perigo de ser mais realistas do que o rei e sabiam que facilmente se passa de um a outro extremo. Homens que fossem menos desprendidos de todo amor próprio teriam triunfado no dia em que o mestre desses brilhantes paradoxos, Lamennais, que os havia quase arguido de heresia e de indiferença pela Santa Sé, tornou-se, ele próprio, herético e se pôs a chamar a Igreja de Roma de túmulo das almas e de mãe de erros. O que é velho deve permanecer velho; como tal é respeitável. Nada mais chocante do que ver um homem idoso disfarçar esta condição e adotar maneiras de rapaz.

É pela franqueza no encarar todas as coisas que Saint-Sulpice representa em religião alguma coisa de totalmente honesto. Em Saint-Sulpice não se admitia nenhuma atenuação dos dogmas da Escritura; lá os concílios e os doutores eram considerados as fontes do cristianismo. Lá não se fazia a prova da divindade de Jesus Cristo com Maomé ou a batalha de Marengo. Essas chocarrices teológicas que em Notre Dame se fazia aplaudir, pelo poder da elegância e da eloquência, não tinham nenhum sucesso junto àqueles cristãos austeros. Eles não achavam que o dogma precisasse de ser adoçado, mascarado, vestido à feição da jovem França. Revelavam falta de espírito crítico imaginando que o catolicismo, dos teólogos fora a própria religião de Jesus e dos apóstolos, mas não inventavam para a gente mundana um cristianismo revisto e adaptado às suas ideias. Eis por que o estudo (poderei dizer a reforma) a sério do cristianismo virá antes de Saint-Sulpice do que de direções como a de Lacordaire ou Gratry ou, ainda menos da de Dupanloup, nas quais tudo é adoçado, falseado, despolpado, nas quais se apresenta o cristianismo, não como ele resultou do concílio de Trento e do concílio do Vaticano, mas um cristianismo de certo modo desossificado, sem estrutura, destituído daquilo que constitui a sua essência. As conversões operadas pelas pregações desta ordem não servem nem à religião nem ao espírito humano. Acredita-se que assim se fazem cristãos: na realidade fazem-se espíritos falsos, políticos fracassados. Abaixo o que é vago. É preferível o falso. “A verdade, como bem disse Bacon, sai antes do erro do que da confusão.”

Assim, em meio à ênfase pretensiosa que invadiu, em nossos dias, a apologética cristã, conservou-se uma escola de sólida doutrina, que repudia o brilho, que

detesta o sucesso. A modéstia foi sempre o dom peculiar à companhia de Saint-Sulpice. Eis por que ela não faz nenhum caso da literatura, quase a exclui, não a quer no seu seio. A norma dos sulpicianos é nada publicar senão sob o anonimato e escrever sempre no estilo mais apagado, o mais opaco. Eles percebem perfeitamente a vaidade e os inconvenientes do brilho e os evitam. Uma palavra os caracteriza: a mediocridade; mas é uma mediocridade voluntária, sistemática. Fazem questão de ser medíocres. "Casamento da morte com o vácuo", dizia Michelet da aliança dos jesuítas e sulpicianos. Sem dúvida, mas Michelet não compreendeu que o vazio é aí apreciado em si mesmo Ele torna-se alguma coisa de tocante: evita-se pensar pelo medo de pensar mal. O erro literário afigura-se aqueles piedosos mestres o mais perigoso dos erros, e é justamente por isto que eles excelem na verdadeira maneira de escrever. Só em Saint-Sulpice se escreve como em Port-Royal, isto é, com esse esquecimento total da forma, que é a prova da sinceridade. Nem por um momento aqueles excelentes mestres imaginavam que entre os seus alunos teria de aparecer um escritor ou um orador. O princípio que eles mais insistentemente pregavam era o de nunca falar a gente de si mesma e o de que, se a pessoa tem alguma coisa a dizer, deve dizê-lo com simplicidade, como se ocultando.

Vós faláveis muito à vontade sobre esta questão, caros mestres, e com essa ignorância das coisas do mundo que tanto vos honra. Mas se soubésseis a que ponto o mundo desencoraja a modéstia, veríeis que dificuldade teria a literatura em se acomodar aos vossos princípios. Que teria acontecido se o Sr. de Chateaubriand fosse modesto? Tendes razão em ser severos com os processos charlatanescos de uma teologia

em desespero, buscando aplausos por métodos inteiramente mundanos. Mas pobre de vossa teologia! Quem dela se ocupa? Vossa teologia tem apenas um defeito: é que é morta. Vossos princípios literários se pareciam com a retórica de Crisipo, da qual dizia Cícero que era excelente para ensinar a calar. Desde que alguém fala ou escreve procura, fatalmente, o sucesso. O essencial é não se fazer ao sucesso nenhum sacrifício, e era isto o que vossa seriedade, vossa retidão, vossa honestidade ensinavam com perfeição.

Sem o querer, Saint-Sulpice, cuja literatura é olhada com desprezo, constitui assim uma excelente escola de estilo. Porque a lei fundamental do estilo é ter unicamente em vista o pensamento que se deseja transmitir, e, por consequência, ter um pensamento. Isto valia bem mais do que a retórica de Dupanloup e o gongorismo da escola neo-católica. Saint-Sulpice somente se preocupa com o fundo das coisas. Nele a teologia é tudo, e se a direção dos estudos aí se ressente de força, é porque o conjunto do catolicismo, sobretudo do catolicismo francês, não estimula muito os grandes esforços. Afinal de contas, Saint-Sulpice teve, em nossos dias, como teólogo o Pe. Carrière, cuja obra imensa é, sob alguns aspectos, notavelmente aprofundada; como eruditos o Pe. Gosselin e o Pe. Faillon, a quem se devem tão conscienciosas pesquisas; como filólogos o Pe. Garnier e, sobretudo, o Pe. Faillon, os únicos mestres eminentes que a escola católica na França produziu no campo da crítica sacra.

Mas não é sob esses aspectos que esses pios educadores desejam ser louvados. Saint-Sulpice é, antes de tudo, uma escola de virtude. É principalmente pela virtude que Saint-Sulpice constitui uma coisa arcaica, um fóssil de duzentos anos. Muitas das minhas opiniões a respeito surpreenderão os leigos por-

que eles não viram o que eu vi. Vi em Saint-Sulpice, associados a ideias estreitas, confesso-o, os milagres que a nossa raça pode produzir em matéria de bondade, de modéstia, de abnegação pessoal. O que há de virtudes em Saint-Sulpice bastaria para governar um mundo, e isto me tornou dificilmente adaptável ao que encontrei cá fora. Só encontrei no século um homem que merecesse ser comparado àqueles: o Sr. Damiron. Aqueles que conheceram o Sr. Damiron conheceram um sulpiciano. Os outros não saberão nunca o que essas velhas escolas de silencio, de seriedade e de respeito encerram em tesouros para a conservação do bem no seio da humanidade.

Tal era a casa em que passei quatro anos na fase mais decisiva da minha vida. Lá me senti como no meu elemento. Enquanto a maioria dos meus condiscípulos, enfraquecidos pelo humanismo um tanto sensaborão de Dupanloup, não podiam suportar a escolástica, eu me deixei tomar, desde o começo, de um gosto singular por essa casca amarga; afeiçoei-me a ela como um mico à sua noz. Nesses graves e bondosos sacerdotes, cheios de convicção e da ideia do bem, eu revia meus primeiros mestres da baixa Bretanha. Saint-Nicolas du Chardonnet e sua superficial retórica não passavam, para mim, de um parêntesis, de valor duvidoso. Eu desprezava as palavras pelas coisas. Ia, enfim, estudar a fundo, analisar em seus últimos detalhes, esta fé cristã que, mais do que nunca, me parecia o centro de toda a verdade.

II

Como já disse, os dois andas de filosofia que servem de Introdução ao estudo de teologia não são feitos em París, e sim na casa de campo de Issy, situada na aldeia deste nome, um pouco para lá das últimas casas de Vaugirard. A construção estende-se em comprimento ao fundo de um vasto parque, e nada tem de assinalável além de um pavilhão que desperta a atenção dos entendidos pela finura e elegância do seu estilo. Esse pavilhão foi a residência de subúrbio de Marguerite de Valois, a primeira mulher de Henrique IV, desde 1606 até sua morte em l615. A inteligente e leviana princesa, a respeito de quem não devemos ser mais severos do que o foi aquele que tinha o direito de o ser mais do que ninguém, cercou-se ali de todas as atenções dos intelectuais da época, e *O Pequeno Olimpo de Issy*, de Michel Bouteroue[17], nos apresenta um quadro dessa corte a que não faltava a alegria nem o espírito:

> Je veux d'un excellent ouvrage,
> Dedans un portrait racourcy,
> Représenter la païsage
> Du petit Olympe d'Issy,
> Pourveu que la grande princesse,
> La perle et fleur de l'univers,
> A qui cest ouvrage s'addresse
> Veuille favoriser mes vers.

[17] Paris, 1609, in-12.

Que l'ancienne poésie
Ne vante plus en ses écrits
Les lauriers du Daphné d'Asie
Et les beaux jardins de Cypris,
Les promenoirs et le bocage
Du Tempé frais et ombragé,
Qui parut lors qu'un marescage
En la mer se fust deschargé.

Qu'on ne vante plus la Touraine
Pour son air doux et gracieux,
Ny Chenonceaus, qui d'une reyne
Fut le jardin délicieux,
Ny le Tivoly magnifique
Où, d'un artifice nouveau,
Se faict une dauce musique
Des accords du vent et de l'eau.

Issy de beauté les surpasse
En beaux jardins et prés herbus,
Digne d'estre au lieu de Parnasse
Le séjour des soeurs de Phébus.
Mainte belle source ondoyante,
Découlant de cent lieux divers,
Maintinent sa terre verdoyante
Et ses arbrisseaux toujours verds.
....

Un vivier est à l'advenüe
Près la porte de ce verger,
Qui, par une sente cognüe,
En l'estang se va descharger;
Comme on voit les grandes rivieres
Se perdre au giron de la mer,
Ainsi ces sources fontenières
En l'estang se vont renfermer.
....

Une autre mare plus petite,
Si l'on retourne vers le mont,
Par l'ombre de son boys invite

De passer sur un petit pont,
Pour aller au lieu de délices,
Au plus doux séjour du plaisir,
Des mignardises, des blandices,
Du doux repos et du loysir.[18]

Depois da morte da rainha Margot, o cassino foi vendido e pertenceu sucessivamente a diversas famílias parisienses, que o habitaram até quase 1655. Olier santificou essa casa que até então não tinha condições para um destino religioso, morando nela até os últimos anos de sua vida. O Pe. de Bretonvilliers, seu sucessor, doou-a à companhia de Saint-Sulpice e fez dela a sucursal do seminário de Paris. Nada foi alterado no pequeno pavilhão da rainha; acrescentaram-lhe amplas dependências laterais e retocaram-lhe ligeiramente a pintura. As Vênus que a adornavam foram

---

[18] Quero com uma obra excelente – Dentro de um quadro em miniatura – Representar a paisagem – Do pequeno Olimpo de Issy – Desde que a grande princesa – Pérola e flor do universo – Queira favorecer meus versos.

Que a poesia antiga – Não mais decante em seus escritos – Os loureiros do Daphne da Ásia – Nem os belos jardins de Cipris – E os passeios e os bosques – do Tempé fresco e umbroso – Que surgiu de um brejo – Deixado pelas marés.

Não mais se louve a Touraine – Por seu ar ameno e gracioso – Nem Chenonceaus, que duma rainha – Foi o jardim delicioso – Nem o Tivoly magnífico – Onde por um novo sortilégio – se compõe uma doce música – Com os acordes do vento e da água.

Issy os supera em beleza – Em belos jardins e prados relvosos – Dignos de ser, em lugar do Parnaso, – A morada das irmãs de Febo. Muitas fontes ondulosas – Nascendo de cem recantos diversos – Mantêm seu solo verdejante – E seus arbustos sempre viçosos.

....

Um viveiro está à entrada – Junto à porta desse vergel – O qual, por uma vereda conhecida – Vai despejar-se no lago – Do mesmo modo que os grandes rios – Se perdem no seio do mar – Assim a água desses mananciais – No lago vai concentrar-se.

....

Outro lençol d'água menor, – Se nos dirigimos ao monte, – Com a sombra do seu bosque com vida – A passar por uma pontezinha –Para chegar ao lugar de delícias, – À mais doce morada do prazer – Dos atrativos, das blandícias – Do suave repouso e do ócio.

transformadas em Virgens; dos Amores fizeram-se Anjos. Os emblemas com alegorias espanholas, que enchiam os espaços inaproveitados, não chocavam ninguém. Uma bela peça adornada com quadros inteiramente profanos foi, há cinquenta anos, recoberta de cal; ainda hoje bastaria talvez uma lavagem para que ressurgissem todas essas pinturas. Quanto ao parque cantado no poema de Bouteroue continuou como estava; apenas foram-lhe acrescentados pequenos oratórios e estatuas de santos. Uma cabana, decorada com uma inscrição e dois bustos, foi o lugar onde Bossuet e Fénelon, Tronson e de Noailles tiveram longas conferencias sobre o "quietismo" e se puseram de acordo em torno dos trinta e quatro artigos da vida espiritual, chamados os "artigos de Issy". Mais ao longe, ao fundo de uma alameda de grandes árvores, perto do pequeno cemitério da companhia, vê-se uma imitação do interior da Santa Casa de Lorette, que a piedade sulpiciana escolheu como o seu lugar predileto, e decorou com aquelas pinturas simbólicas que lhe são tão caras. Estou ainda hoje a ver a Rosa Mística, a Torre de Marfim, a Porta de Ouro, diante das quais passei longas manhãs num estado de meio torpor. *Hortus conclusus*, *fons signatus*, muito bem representados numas espécies de miniaturas murais, inspiravam-me grandes devaneios, mas minha imaginação, completamente casta, permanecia num suave acento de vaga religiosidade. Oh! creio que a guerra e a Comuna devastaram aquele belo parque de Issy. Ele foi, depois da catedral de Tréguier, o segundo berço do meu pensamento. Passava horas inteiras sob aqueles extensos renques de árvores, sentado num banco de pedra. Foi ali que contraí (justamente com muitos reumatismos, talvez) um gosto extremo pela nossa natureza úmida, outonal, do norte da França. Se, mais

tarde, amei o Hermon e os flancos dourados do Antiliban, foi por força dessa espécie de polarização, que é a lei do amor e que nos faz procurar, os nossos contrários. Meu ideal primeiro é uma fria alameda jansenista do século XVII, em outubro, com a impressão bem viva do ar e o aroma penetrante das folhas caídas. Nunca vejo uma velha casa francesa de Seine-et-Oise ou de Seine-et-Marne, com seu jardim de árvores podadas, sem que me venham à imaginação os livros austeros que li à sombra de ideias como essas. Desgraçado do que não sente essas melancolias e não sabe quantos suspiros precederam as alegrias atuais dos nossos corações.

As relações dos lentes de Saint-Sulpice com os alunos têm um caráter a um tempo indulgente e austero. Não há, certamente, no mundo uma casa de ensino onde o aluno seja mais livre. Em Saint-Sulpice de Paris poderíamos passar três anos sem uma aproximação maior com qualquer dos professores. Supõe-se que o regime do estabelecimento age por si mesmo. Os lentes orientam com toda a precisão a vida dos alunos e se ocupam deles o menos possível. Se se quer estudar, há as melhores condições para isto. Se não se tem amor ao estudo, pode-se ficar sem fazer coisa alguma, e devemos reconhecer que um grande número de alunos se utiliza amplamente dessa permissão. As inquirições, os exames são quase nulos, não existe nenhuma espécie de emulação, e ela seria considerada um mal. Se considerarmos que a idade dos alunos está entre os dezoito e os vinte e quatro anos, pode-se achar que uma tal reserva é um tanto exagerada. Prejudica, sem dúvida, os estudos. Mas se refletirmos melhor, chegamos à conclusão de que esse supremo respeito pela liberdade, esse modo de tratar como homens feitos rapazes já consagrados

pela escolha do sacerdócio, são a única norma conveniente na espinhosa tarefa de formar homens para o mais elevado ministério que existe segundo as ideias cristãs. Julgo mesmo, de minha parte, que se poderia aplicar essa norma com excelentes resultados à instrução pública, e que a Escola Normal, especialmente, deveria inspirar-se nesse espírito, sob certos aspectos.

O superior de Issy, quando eu passei por lá, era o Pe. Gosselm. Foi o homem mais polido e mais amável que jamais conheci. Sua família pertencia àquela parte da antiga burguesia que, sem estar filiada aos jansenistas, participava do extremo apego destes à religião. Sua mãe, com quem, suponho, ele se parecia muito, ainda vivia, e o filho a cercava de comoventes provas de veneração. Gostava de recordar as primeiras lições de polidez que dela recebera por volta de 1799. Em sua infância, o Pe. Gosselin contraíra um hábito ao qual era perigoso subtrair-se: o de dizer “cidadão”. Desde os primeiros dias em que se celebrou a missa após a Revolução, sua mãe levou-o a assisti-la. Os dois se acharam quase sós com o padre. A Sra. Gosselin disse, então, ao filho: “– Vá se oferecer ao reverendo para ajudar a missa”. O menino se aproximou do padre e balbuciou, corando: “– Cidadão, permite que lhe ajude a missa?” “– Psiu, observou-lhe a mãe. Nunca se deve chamar “cidadão” a um padre”.

Não é possível imaginar mais encantadora afabilidade, mais requintada doçura de trato. Era uma criatura de extrema debilidade, e só conseguiu chegar à velhice graças aos seus prodígios de cuidado consigo mesmo e a severas normas de higiene. Sua cara pequenina e bonita, magra e delicada, seu corpo delgado, que mal enchia as dobras da batina, sua requintada limpeza, fruto de uma educação que vinha da infân-

cia, os vincos das têmporas que se desenhavam agradavelmente sob o pequeno barrete de seda flutuante que trazia sempre à cabeça, formavam um conjunto de rara distinção.

O. Pe. Gosselin era um erudito antes que um teólogo. Sua crítica se sentia segura dentro dos limites de uma ortodoxia cujos títulos ele nunca discutiu a sério: sua serenidade, absoluta. Compôs uma *História literária de Fénelon*, que é um livro muito apreciado. Seu tratado *Do Poder dos Papas sobre os Soberanos na Idade Média*[19] contém o resultado de largas pesquisas. Estávamos no tempo em que os escritos de Voigt e de Hurter revelaram aos olhos dos católicos a grandeza dos pontífices romanos dos séculos XI e XII. Essa grandeza não deixava de causar mais de um embaraço aos galicanos, porque é preciso confessar que Gregório VII e Inocêncio III conformaram sua conduta às máximas de 1682. O Pe. Gosselin se convenceu de que havia resolvido, por um princípio de direito público, herdado da Idade Média, todas as dificuldades que trazem aos teólogos moderados essas histórias grandiosas. O Pe. Carrière sorria um pouco dessa certeza, e comparava o ensaio do seu sábio confrade aos esforços de uma velha que procura enfiar a linha na agulha mantendo-a bem fixa entre a lâmpada e os óculos. Em certo momento, o fio passa tão perto do fundo da agulha que a velha grita “Enfiei!” Mas, ai dela! Não enfiou. O buraco da agulha fez-se da largura de um átomo. Toca a tentar de novo.

Meus pendores e os conselhos de um sábio e piedoso sacerdote bretão que era o vigário geral do arcebispo mons. de Quélen, o Pe. Tresvaux, me induziram a tomar como professor ao Pe. Gosselin. Guar-

[19] Primeira edição, 1839: 2a edição, muito aumentada,1845.

dei dele preciosas recordações. Era inigualável, inexcedível a sua benevolência, a sua cordialidade, o seu respeito pela consciência de um jovem. Concedia-me uma liberdade absoluta. Como percebia a honestidade do meu caráter, a pureza dos meus costumes e a retidão do meu espírito, nunca lhe ocorreu, nem por um instante, que se levantassem em mim dúvidas em torno de questões sobre as quais ele próprio não tinha dúvida alguma. Uma grande maioria dos eclesiásticos que passaram por suas mãos havia embotado um pouco sua capacidade de diagnosticar. Ele agia por categorias gerais, e direi mais adiante como alguém que não era meu professor viu em minha consciência mais claro do que ele e eu próprio.

Dois lentes, o Pe. Gottofrey, um dos professores de filosofia, e o Pe. Pinault, professor de matemática e de física, formavam, sob todos os aspectos, um contraste absoluto com o Pe. Gosselin. O Pe. Gottofrey, jovem sacerdote de vinte e seis ou vinte e oito anos, era, creio, apenas, meio francês, pelo sangue. Tinha uma encantadora cara rósea de *miss* inglesa, grandes e belos olhos, em que se refletia uma candura triste. Constituía o mais extraordinário exemplo de suicídio por ortodoxia mística. Teria sido, certamente se o quisesse, um mundano consumado. Nunca conheci um homem que tivesse mais possibilidades de ser amado pelas mulheres. Trazia em si um tesouro infinito de amor. Tinha a consciência do dom superior que lhe coubera por sorte, mas procurava, com uma espécie de furor, os meios de se aniquilar a si mesmo. Dir-se-ia que via Satanás nas graças de que Deus fora tão prodígio para com ele. E então uma vertigem se apossava do seu ser, tomava-se de ódio ao se ver tão encantador; era como uma concha de nácar onde algum pequeno gênio mau se ocupasse constantemente em

triturar sua pérola interior. Nos tempos heroicos do cristianismo, o jovem sacerdote teria buscado o martírio. Na falta de martírio, pôs-se a cortejar tão bem a morte que esta noiva gelada, a única que ele amou, acabou por arrebatá-lo. Partiu para o Canadá. O tifo, que grassou em Montreal em 1847, proporcionou-lhe uma boa ocasião de saciar sua sede de sofrimento. Tratou dos doentes com verdadeiro frenesi e morreu.

Sempre pensei que houvera na vida do Pe. Gottofrey um romance secreto, algum erro heroico em matéria de amor. Talvez ele houvesse esperado muito do amor; não encontrando nele o infinito, despedaçou-o como a um falso deus. Ao menos não foi “daqueles que, sabendo amar, não souberam morrer de amor”. Ora eu o vejo perdido no céu entre as hostes de anjos róseos do Corregio, ora imagino ver a mulher que ele teria podido enlouquecer de amor flagelando-o durante toda a eternidade. O que havia de injusto em tudo isto era que ele se vingava das perturbações de sua natureza inquieta na sua razão que talvez nada tivesse a ver com o seu drama. Praticava o absurdo voluntário de Tertuliano, comprazia-se na loucura de S. Paulo. Era encarregado de um dos cursos de filosofia: nunca se viu mais amarga traição. Seu desdém pela filosofia transparecia de cada uma de suas palavras; era um perpétuo sarcasmo em que explendia uma espécie de eloquência selvagem. O Pe. Gosselin, que levava a sério a escolástica, reagia silenciosamente contra esses excessos. Mas o fanatismo faz muitas vezes a cultura sagaz. O Pe. Gottofrey pôs-se a observar-me, acompanhou minha evolução e vislumbrou aquilo que o otimismo paternal do Pe. Gosselin não conseguia ver. Desencadeou o raio em minha consciência, como explicarei mais tarde, e destruiu brutalmente todas as ataduras com que eu dissimulava

a mim mesmo as feridas duma fé que já estava profundamente abalada.

O Pe. Pinault parecia-se muito com o Sr. Littré por sua paixão concentrada e pela originalidade de suas atitudes. Se o Sr. Littré houvesse recebido uma educação católica teria sido um místico exaltado; se o Pe. Pinault houvesse sido educado fora do catolicismo teria sido revolucionário e positivista. As naturezas absolutas têm necessidade desses choques de vocação contrariada.

A fisionomia do Pe. Pinault impressionava à primeira vista. Crivado de afecções reumáticas, parecia acumular em si toda as formas por que um organismo pode ser opresso. Sua extrema fealdade não excluía dos seus traços um singular vigor. Mas não fora educado como o Pe. Gosselin, e levava o desleixo quanto ao asseio a um grau verdadeiramente chocante. No seu curso, a velha capa que usava e as mangas da própria batina serviam para limpar os instrumentos e, em geral, para todas as serventias dos trapos. Seu barrete recheado para preservar das nevralgias o velho crânio formava em torno de sua cabeça uma espécie de horrenda almofada. E, apesar de tudo, eloquente, apaixonado, estranho, às vezes irônico, espirituoso, incisivo. Era pequena a sua cultura literária mas sua palavra explendia em lances imprevistos. Sentia-se nele uma poderosa personalidade que a fé havia avassalado, mas que as normas da vida eclesiástica não conseguiram domar. Era um santo; era apenas um padre, e não chegava a ser um sulpiciano. Violava a primeira das regras da companhia, que é a de renunciar a tudo que se possa chamar talento e originalidade para se curvar à disciplina da mediocridade comum a todos.

O Pe. Pinault havia começado por ser professor

de matemática na Universidade. Como associou ele a estudos que, segundo nós outros, excluem a fé no sobrenatural, um catolicismo fervoroso? Da mesma maneira que Cauchy foi, ao mesmo tempo, um matemático de primeira ordem e um crente dos mais dóceis; da mesma maneira que a Academia das Ciências possui ainda hoje um grande número de crentes. O cristianismo se apresenta como um fato sobrenatural. É pelas ciências históricas que se pode estabelecer (e, julgo eu, de maneira peremptória) que esse fato nada tem de sobrenatural. Não é de modo nenhum por um raciocínio *a priori* que nós destruímos a hipótese do milagre, mas por um raciocínio crítico ou histórico. Provamos sem dificuldade que não acontecem milagres no século XIX, e que os relatos de acontecimentos milagrosos, dados como tendo ocorrido em nossos dias, se baseiam na impostura ou na crendice. Mas os testemunhos apresentados em favor dos pretensos milagres do século XVIII, do século XVII ou do século XVI, ou da Idade Média, são ainda mais precários, e outro tanto se pode dizer dos séculos anteriores, porque quanto mais recuamos no tempo mais difícil se torna a prova de um fato sobrenatural. Para compreender bem isto, é preciso ter o hábito da crítica dos textos e do método histórico. Ora, eis aí uma aptidão que falta inteiramente aos matemáticos. Não vimos, em nossos dias, um matemático eminente incidir em ilusões que a mais elementar familiaridade com as ciências históricas lhe teria ensinado a evitar?

A fé ardente do Pe. Pinault o conduziu ao sacerdócio. Ele estudou pouco a teologia; contentaram-se, quanto a ele, com um mínimo dessa disciplina, e o aproveitaram, desde o início, nos cursos de ciências que, no quadro dos estudos eclesiásticos, acompanhavam

necessariamente os dois anos de filosofia. Em Saint-Sulpice de Paris, com sua nulidade em teologia, e sua cálida imaginação mística, teria parecido estranho. Mas em Issy, em contato com estudantes extremamente jovens, que não haviam estudado os textos, cedo conquistou uma influência considerável. Foi o chefe daqueles que se deixavam arrebatar por uma ardente religiosidade, os "místicos", como eram chamados. Todos o tinham como seu mestre; daí resultou um grupo à parte, uma espécie de escola de onde eram excluídos os profanos, e que tinha os seus altos segredos. Um poderoso auxiliar desta corrente era o porteiro leigo do instituto, a quem chamavam o velho Hanique. Causo espanto sempre aos realistas quando lhes digo que vi com os meus olhos uma criatura a quem o insuficiente conhecimento do mundo não permitiu a esses realistas encontrar em seu caminho, quero dizer, o porteiro sublime que atingiu aos mais altos páramos da especulação. Em seu pobre cubículo de porteiro, Hanique tinha quase tanta importância quanto o Pe. Pinault. Aqueles que ambicionavam a santidade o consultavam e o admiravam. Todos opunham a simplicidade de Hanique à frieza de alma dos sabedores, citavam-no como um exemplo da gratuidade absoluta dos dons distribuídos por Deus.

Tudo isto constituía uma separação profunda entre os alunos. Os "místicos" viviam num estado de tensão tão extraordinária que alguns deles morreram. Isto só fez aumentar a exaltação dos outros. O Pe. Gosselin tinha bastante tato para não levantar bandeira contra bandeira. Havia, entretanto, perfeitamente definidos, dois partidos no jovem batalhão desse Saint-Cyr eclesiástico: os místicos aceitando a direção espiritual do Pe. Pinault e do porteiro Hanique, e os "bons rapazes" (era assim que nós outros nos chamá-

vamos, com uma modéstia de bastante bom gosto) sob a direção chã, simples, direta e singelamente cristã do Pe. Gosselin. Essa separação não despertava muito a atenção dos mestres. Mas o sábio Pe. Gosselin, contrário a todos os excessos, alerta contra todas as originalidades e as novidades, franzia o sobrolho ante certas extravagâncias. No recreio, procurava manter uma conversação alegre e quase profana, em oposição às palestras sempre transcendentais do Pe. Pinault. Dava pouca atenção ao velho Hanique e não gostava que se falasse dele com muita admiração. Talvez achasse que, do ponto de vista da correção hierárquica, havia mais de um inconveniente em que um porteiro fosse um grande doutor. Condenava solenemente e proibia alguns dos livros que eram a leitura favorita dos místicos, tais como os de Marie d'Agreda.

O curso do Pe. Pinault era a coisa mais singular do mundo. Ele não dissimulava seu desprezo pelas ciências que ensinava e pelo espírito humano em geral. Algumas vezes adormecia, quase, na aula. Desviava por todos os meios, do estudo, os seus adeptos. E entretanto, subsistiam nele certos traços do espírito científico que não conseguira destruir. Tinha às vezes centelhas surpreendentes. Algumas das lições que nos deu sobre história natural constituíram uma das bases do meu pensamento filosófico. Devo-lhe muito. Mas a vontade de aprender que há em mim e que, espero, me fará aprender até a hora da morte, impedia-me de alistar no seu grupo. Ele gostava muito de mim mas não procurava atrair-me. Seu ardente espírito apostolar indignava-se com os meus modos pacatos, com o meu gosto pela pesquisa. Um dia, encontrou-me numa alameda do parque, sentado num banco de pedra: Lembro-me de que estava lendo o tratado de Clarke sobre *A Existência de Deus*. Se-

gundo meu hábito, estava envolvido num grosso capote. "Oh! o rico tesouro, disse Pe. Pinault, aproximando-se. Meu Deus como ele está bonito, tão bem embrulhado. Oh! não o perturbemos. Eis aí como ele será sempre. Estudará, estudará incessantemente. Quando o cuidado das pobres almas exigir sua atenção continuará estudando. Bem agasalhado em seu capote, dirá aos que vierem procurá-lo: – "Oh deixem-me, deixem-me!" Percebeu que a flecha atingira o alvo. Eu estava perturbado, mas não convertido. Vendo que eu nada respondia, apertou-me a mão. "Vai ser um pequeno Gosselin" – disse com um ligeiro acento de ironia, e deixou-me continuar a leitura.

O Pe. Pinault era, decerto, muito superior ao Pe. Gosselin pela força da sua natureza e pela ousadia dos seus pontos de vista. Verdadeiro Diógenes, enxergava o vazio de uma porção de convenções que eram artigos de fé para o meu excelente professor. Mas não me abalou sequer um instante. Sempre acreditei no espírito humano; e o Pe. Gosselin, com sua confiança na escolástica, me estimulava em meu racionalismo.

Outro lente, o Pe. Manier, um dos professores de filosofia, me encorajava ainda mais. Era um perfeito homem de bem, cujas opiniões se aproximavam das da escola universitária moderada, tão desacreditada, então, no seio do clero. Apreciava a filosofia escocesa e me fez ler Thomas Reid. Sua influência serenou muito meu pensamento. Sua autoridade e a do Pe. Gosselin me ajudaram a repelir os exageros do Pe. Pinault. Minha consciência estava tranquila. Eu chegava mesmo a crer que o desprezo da escolástica e da razão, abertamente professado pelos místicos, chegava à heresia, e justamente àquela das heresias que os

sulpicianos ortodoxos julgav.am a mais perigosa, isto é, o *fidelismo* do sr. de Lamennais.

Abandonei-me, assim, sem escrúpulos ao meu gosto pelo estudo. Vivia em absoluta solidão. Durante dois anos não vim nem uma vez a Paris, embora fosse muito fácil obter licença para isso. Nunca brincava; passava as horas de recreio sentado, procurando defender-me do frio, triplicando as roupas do corpo. Os padres, mais experientes de que eu, observavam-me que esse regime sedentário, na idade em que eu estava, era prejudicial à saúde. Mal saíra da fase de crescimento e ia ficando encurvado. Mas deixei-me empolgar por minha paixão. Entreguei-me a ela com tanto maior tranquilidade quanto a julgava boa. Era uma espécie de furor; mas como poderia eu acreditar que o ardor de pensamento, que eu via louvar em Malebranche e em tantos outros homens ilustres e santos, fosse censurável e capaz de me levar a um resultado que eu teria repelido com todas as minhas forças se o houvesse entrevisto?

O ensino filosófico no seminário constava da escolástica em latim, não a escolástica do século XVIII, bárbara e ingênua, mas aquela que se pode chamar a escolástica cartesiana, isto é, esse cartesianismo atenuado que foi adotado em geral para o ensino da escolástica no século XVIII e fixado nos três volumes conhecidos sob o nome de *Filosofia de Lyon*. Esse nome originou-se do fato de que o livro fez parte de um curso completo de estudos eclesiásticos elaborado há cem anos por ordem de Montazet, o arcebispo jansenista de Lyon. A parte teológica da obra, acoimada de heresia, está hoje esquecida. Mas a parte filosófica, impregnada de um racionalismo muito respeitável, era, ainda em 1848, a base do ensino nos seminários, com grande escândalo da escola neo-cató-

lica, que considerava o livro perigoso e inepto. Nele os problemas estavam, pelo menos, bem apresentados, e toda essa dialética em silogismos constituía uma ginástica intelectual excelente. Devo a clareza do meu espírito, e, em particular, uma certa habilidade na arte de separar os diversos termos das questões (arte capital, uma das condições da arte de escrever) aos exercícios de escolástica e, sobretudo, aos da geometria, que é a aplicação por excelência do método silogístico. O Pe. Manier associava a essas velhas teses as análises psicológicas da escola escocesa. Ele devia às leituras de Thomas Reid uma grande aversão pela metafísica e uma absoluta confiança no bom senso. *Posuit in visceribus hominis sapientiam* era o seu texto predileto; não atentava em que, se para encontrar a verdade e o bem, o homem não precisa mais do que voltar ao mais profundo do seu coração, o *Catecismo* do Pe. Olier caía pela base. Começava a se tornar conhecida a filosofia alemã, e o que eu assimilava dela me fascinava de modo estranho. O Pe. Manier me observava que essa filosofia mudava muito rapidamente, e que, para a julgar, precisaríamos de esperar que ela houvesse completado a sua evolução. “A Escocia tranquiliza – dizia-me ele – e conduz ao cristianismo”, e citava aquele bom Reid, ao mesmo tempo filósofo e ministro do Santo Evangelho. Assim, Reid foi, por muito tempo, o meu ideal. Meu sonho era a vida quieta de um sacerdote laborioso, devotado aos seus deveres, e, por suas pesquisas, dispensado do ministério ordinário. A contradição entre os trabalhos filosóficos assim entendidos e a fé cristã não surgia ainda aos meus olhos com toda a clareza que logo depois viria a me tirar a possibilidade de escolha entre o abandono do cristianismo e a mais inconfessável inconsequência.

Os escritos da filosofia moderna, em particular os dos Pes. Cousin e Jouffroy, quase não tinham acesso ao seminário. Lá, entretanto, não se falava de outra coisa, graças às agitadas polêmicas que esses escritos provocavam então da parte do clero. Estávamos no ano em que morreu Jouffroy. As belas páginas desse desesperado da filosofia nos arrebatavam; eu as sabia de cor. Apaixonávamo-nos pelos debates que a publicação de suas obras póstumas provocara. Na realidade, conhecíamos Cousin, Jouffroy, Pierre Leroux, como eram conhecidos Valentin e Basilide, isto é, através dos que os combatiam. O rígido formalismo da escolástica não permitia rematar a demonstração de uma proposição sem fazê-la seguir da rubrica: *Solvuntur objecta*. Na escolástica expõem-se honestamente as objeções contra a proposição que se trata de estabelecer; essas objeções são em seguida resolvidas, muitas vezes, de uma maneira que deixa às ideias heterodoxas que se pretende reduzir a nada toda a sua força. Assim, sob a capa de refutações precárias, todo o conjunto das ideias modernas chegava até nós. Vivíamos muito, aliás, uns dos outros. Aquele dentre nós que havia feito seu curso de filosofia na Universidade recitava para os outros Cousin; outro, que tinha estudos históricos bastante desenvolvidos, nos transmitia as ideias de Augustill Thierry; um terceiro vinha da escola de Montalembert e Lacordaire. Este nos agradava por sua imaginação, mas a *Filosofia de Lyon* o irritava, não pôde acostumar-se ao pão grosseiro da escolástica e foi embora.

Cousin nos encantava. Entretanto Pierre Leroux nos impressionava ainda mais vivamente por seu tom de convicção e sua profunda percepção dos grandes problemas. Não enxergávamos a insuficiência dos seus estudos e a falsidade do seu espírito. Minhas leituras

habituais eram Pascal, Malebranche, Euler, Locke, Leibniz, Descartes, Reid, Dugald Stewart. Quanto a livros religiosos, lia sobretudo os *Sermões* de Bossuet e as *Elevações sobre os Mistérios*. Também conhecia muito bem Francisco de Sales, graças à leitura que se fazia constantemente, no seminário, de suas obras e, principalmente, do livro encantador que Pierre Camus escreveu baseado nele. Quanto aos escritos de um misticismo mais requintado, tais como os de Santa Teresa, Marie d'Agreda, Inacio de Loiola, Olier, eu não os lia. O Pe. Gosselin, como já disse, me dissuadia disso. As Vidas de santos, escritas de uma maneira muito exaltada, lhe desagradavam. Fénelon era a sua norma e o seu limite. Certo santo antigo provocar-lhe-ia prevenção invencível devido ao seu pouco cuidado com o asseio, sua deficiente educação, seu medíocre bom senso.

Meu vivo entusiasmo pela filosofia não me impedia de ter a noção exata dos seus resultados. Cedo perdi toda a confiança nessa metafísica abstrata, que tem a pretensão de ser uma ciência à margem das outras ciências e de resolver por si só os mais altos problemas da humanidade. A ciência positiva passou a ser para mim a única fonte da verdade. Mais tarde experimentei uma espécie de irritação ao observar a reputação exagerada de Augusto Comte, erigido em grande homem de primeira ordem por ter dito em mau francês o que todos os espíritos científicos durante duzentos anos tinham visto tão claramente quanto ele.

O espírito científico constituía a essência da minha natureza. O Pe. Pinault teria sido meu verdadeiro mestre se não houvesse, pelo mais estranho dos erros, posto uma espécie de furor em dissimular e falsear a parte mais bela do seu gênio. Meus primeiros professores da Bretanha me haviam proporcionado um

preparo de matemáticas bastante sólido. As matemáticas e a indução física sempre foram os elementos fundamentais do meu espírito, as únicas pedras das fundações do meu espírito que nunca mudaram de lugar e que perduram como tais. O que o Pe. Pinault me ensinou de história natural geral e de fisiologia foi que me iniciou no conhecimento das leis da vida. Apercebi-me da insuficiência do que se chama espiritualismo; sempre me pareceram muito precárias as provas cartesianas da existência de uma alma distinta do corpo.

Desde esse tempo eu era um idealista e não um espiritualista no sentido que se dá a esse vocábulo: Um permanente *fieri*, uma infindável metamorfose parecia-me ser a lei do mundo. A natureza me surgia aos olhos como um conjunto onde não havia lugar para a criação particular e onde, por consequência, tudo se transformava[20]. Por que essa concepção, já bastante clara, duma filosofia positiva não afastava do meu espírito a escolástica e o cristianismo? Porque eu era jovem, inconsequente, e faltava-me o espírito crítico. Detinha-me o exemplo de tantos grandes espíritos que tinham visto tão profundamente na natureza e que, entretanto, permaneceram cristãos. Eu pensava, sobretudo, em Malebranche, que toda a vida continuou dizer a sua missa, professando sobre a providência que dirige o universo ideias pouco diferentes daquelas às quais eu havia chegado. As *Conversações sobre a Metafísica* e as *Meditações Cristãs* eram o objeto permanente das minhas reflexões.

[20] Um escrito que representa minhas ideias filosóficas desta época, o meu ensaio sobre *A Origem da Linguagem*, publicado pela primeira vez em *Liberté de Penser* (setembro e dezembro de 1848), marca bem a maneira pela qual eu concebia o quadro da natureza viva como o resultado e o testemunho de um desenvolvimento histórico muito antigo.

O gosto da erudição é inato em mim. Pe. Gosselin contribuía muito para desenvolvê-lo. Ele teve a bondade de me tomar como seu leitor. Todos os dias, às sete horas da manhã, ia para o seu quarto e lia para ele, que, enquanto isto, passeava num e noutro sentido, sempre vivaz, animado, ora detendo-se, ora acelerando o passo, interrompendo-se frequentemente com suas reflexões judiciosas ou pilhéricas. Desse modo li para ele as longas histórias do velho Maimbourg, escritor atualmente esquecido, mas que foi no seu tempo apreciado por Voltaire; diversas publicações de Benjamin Guérard, cuja ciência lhe interessava muito; algumas obras do Sr. de Maistre, especialmente sua *Carta sobre a Inquisição Espanhola*. Este último opúsculo não lhe agradou quase nada. A cada instante ele me dizia, esfregando as mãos: "Oh, como se percebe claramente, meu caro, que o Sr. de Maistre não é um teólogo!" O Pe. Gosselin só apreciava a teologia, e tinha um profundo desprezo pela literatura. Perdia poucas ocasiões de qualificar de frioleiras e futilidades os estudos, tão apreciados, dos nicolaitas. O Pe. Dupanloup, cujo primeiro dogma era que sem uma boa educação literária não haveria salvação, era-lhe pouco simpático. Ele evitava, em geral, pronunciar-lhe o nome.

Quanto a mim, que acredito que a melhor maneira de formar jovens de talento é nunca lhes falar de talento nem de estilo, mas instruí-los e de interessar vivamente o seu espírito nas questões filosóficas, religiosas, políticas, sociais, científicas, históricas, numa palavra, ensinar-lhes o fundo das coisas e não uma retórica vazia, sentia-me inteiramente satisfeito com essa nova direção. Esqueci-me de que existia uma literatura moderna. Chegava algumas vezes até nós a notícia de que havia escritores no século, mas estávamos tão habituados a crer que não podia havê-los bons, que desdenhá-

vamos *a priori* todas as produções contemporâneas. O *Telêmaco* foi o único livro que esteve em nossas mãos, e numa edição em que ainda não havia o episódio de Eucaris, tanto que somente mais tarde foi que conheci essas duas ou três páginas adoráveis.

Eu só via a antiguidade através de *Telêmaco* e *Aristonoüs*. Rejubilo-me com isto. Foi nessas obras que aprendi a pintar a natureza através de traços morais. Até 1865 toda a ideia que fiz da ilha de Chio foi a que se contem nestas palavras de Homero: "a ilha de Chio, a venturosa pátria de Homero". Estas breves palavras, harmoniosas e ritmadas, me pareciam um quadro completo, e ainda que Homero não haja nascido em Chio, ou não tenha nascido em parte alguma, elas me davam uma imagem mais perfeita da (e hoje tão desgraçada) ilha grega do que a que poderiam dar quaisquer combinações de pequenos traços materiais.

Ia-me esquecendo de outro livro, que, com o Telêmaco, constituiu para mim, durante muito tempo, a última palavra em literatura. Um dia, o Pe. Gosselin me chamou de parte e, depois de longo preâmbulo, disse-me que havia pensado em me dar a ler uma boa obra que certas pessoas consideravam perigosa e talvez pudesse sê-lo realmente para alguns, devido à vivacidade com que nela se exprimia a paixão, mas acreditava que eu fosse capaz de suportar essa leitura. Tratava-se de *O Conde de Valmont*.

Muitas pessoas, certamente, perguntarão o que era essa obra para cuja leitura meu respeitável professor acreditava necessária uma capacidade especial de julgamento e a maturidade de espírito. *O Conde de Valmont, ou Os Desvios da Razão*, é um romance do Pe. Gérard, no qual, sob o disfarce de uma intriga das mais ingênuas, o auto refuta as doutrinas do século XVIII

e insinua os princípios de uma religião esclarecida. Saint-Beuve, que conhecia *O Conde de Valmont*, como conhecia tudo em literatura, estourava de rir quando eu lhe contava esta história. Pois bem, é verdade! O Conde de Valmont é um livro bastante perigoso.[21] O cristianismo de que ele faz a apologia não é mais do que o deísmo; a religião do *Telêmaco*, um culto que

[21] Ultimamente fui à Biblioteca Nacional para refrescar minhas lembranças de *O Conde de Valmont*. Sobrevindo, porém, um obstáculo, pedi ao Sr. Soury que lesse por mim a obra. Estava curioso de conhecer sua impressão. Eis o que ele disse a respeito:

"Tardei muito em comunicar-lhe minha impressão de *O Conde de Valmont ou Os Desvios da Razão*. É que precisei de esforços quase heroicos para terminar a leitura. Não que esse livro não seja honestamente pensado e bastante bem escrito. Mas a impressão de tédio mortal que se desprende desses milhares de páginas mal nos permite ser justos com essa obra edificante do excelente Pe. Gérard. Acabamos detestando-o por ser tão aborrecido. Na verdade, ele poderia sê-lo um pouco menos.

"Como frequentemente acontece, o que há de melhor neste livro são as notas, isto é, uma porção de extratos e de trechos escolhidos tirados dos escritores célebres destes dois últimos séculos, sobretudo de Rousseau. Todas essas "provas", todos esses argumentos apologéticos estragam, desgraçadamente, a obra de alto a baixo, pois a eloquência e a dialética de Rousseau, de Diderot, de Helvétius, de Holbach, de Voltaire, diferem profundamente das do Pe. Gérard. O mesmo se passa com as razões do libertino refutadas pelo marquês, pai do conde de Valmont. Como deve ser perigoso apresentar com tanta força as más doutrinas! Elas têm um sabor que torna desinteressantes e insípidas as melhores coisas. E são estas, as boas doutrinas, que enchem os seis ou sete volumes de *O Conde de Valmont!* O Pe. Gérard não queria que se chamasse esse livro de romance. Realmente não há nem drama nem ação nessas intermináveis cartas do marquês, do conde e de Emilia. O Conde de Valmont é um desses incrédulos que a gente encontra frequentemente no mundo. Espírito fraco, pretensioso e fátuo, incapaz de pensar e refletir por si mesmo, e, além disto, ignorante e sem conhecimentos de nenhuma espécie sobre nenhum assunto, opõe ao seu desgraçado pai uma porção de objeções contra a moral, a religião, o cristianismo em particular, como se tivesse o direito de possuir uma opinião sobre matérias cujo estudo exige tanta ilustração e consome tantos anos. O que esse pobre rapaz tem de melhor a fazer é abjurar ao seu desregramento, e ele perde ocasiões de o fazer quase em cada tomo.

"O sétimo volume da edição dessa obra, que eu tive sob os olhos, intitula-se *A Teoria da Felicidade, ou A Arte de se tornar feliz posta ao alcance de todos os homens, como continuação ao Conde de Valmont*, Paris, Bosange, 1801, 11ª edição. É outro livro, a despeito do que diga o editor, e eu confesso não ter me deixado seduzir por essa arte de ser feliz posta assim ao alcance de todo mundo."

não passa da piedade *in abstracto*, sem constituir uma religião especial. Tudo, assim, me reforçava numa paz enganosa. Eu supunha que, sendo polido como o Pe. Gosselin e moderado como o Pe. Manier, era cristão. Não posso dizer, com efeito, que minha fé cristã houvesse realmente diminuído. Minha fé foi destruída pela crítica histórica, não pela escolástica nem pela filosofia. A história da filosofia e a espécie de ceticismo de que eu estava possuído, antes me retinham no cristianismo do que me afastavam dele. Repetia para mim mesmo, frequentemente, estes versos que lera no velho Brucker:[22]

Discussi fateor, sectas attentium omnes,
Plurima quraesivi, per singula quaeque cucurri,
Nec quidquam inveni melius quam credere Cristo.

Uma certa modéstia me continha. Nunca a questão capital da verdade dos dogmas cristãos, da Biblia, se apresentava ante meu espírito. Eu admitia a revelação num sentido geral, como Leibniz, como Malebranche. Decerto que minha filosofia do *fieri* era a própria heterodoxia; mas eu não tirava as consequências. Ao fim de tudo, meus mestres estavam contentes comigo. Pe. Pinault não me perturbava quase nada. Mais místico do que fanático, ele pouco se preocupava com os que não encontrasse no seu caminho. Quem golpeou certo foi o Pe. Gottofrey, com uma audácia e uma justeza de que eu somente me apercebi mais tarde. Num momento, esse homem verdadeiramente superior me arrancou os véus que o prudente Pe. Gosselin e o honesto Pe. Manier haviam disposto em torno de minha consciência para a acalmar e a entorpecer

[22] Estes versos são de Antonius, poeta cristão do século IV.

O Pe. Gotoffrey me falava muito raro, mas me observava atentamente, com uma grande curiosidade. Minhas argumentações em latim, feitas num tom firme e preciso, o surpreendiam e inquietavam. Ora eu tinha inteira razão, ora deixava perceber o que encontrava de precário nas razões apresentadas como válidas. Um dia em que eu havia sustentado com vigor minhas objeções, e que, diante da fraqueza das respostas, houve sorrisos em meio à conferência, ele interrompeu sua argumentação. De noite chamou-me à parte. Falou-me com eloquência do que havia de anti-cristão na confiança que se depositava na razão; do mal que o racionalismo fazia à crença. Animou-se singularmente, censurou o meu gosto pelo estudo. A pesquisa. . . para que serve a pesquisa? Tudo que há de essencial já foi encontrado. Não é de modo nenhum a ciência que salva a alma. E, exaltando-se pouco a pouco, disse-me Gottofrey num tom apaixonado: “Você não é cristão!”

Nunca senti um frêmito comparável ao que experimentei ante essa afirmação dita numa voz vibrante. Ao deixar o Pe. Gottofrey, eu vacilava. Aquelas palavras “Você não é cristão” ressoaram toda a noite nos meus ouvidos como um trovão. No dia seguinte, confiei minha angústia ao Pe. Gosselin. O bom homem me tranquilizou: não viu nada, não quis ver nada. Nem dissimulou mesmo, desde logo, como estava surpreso e descontente com aquele zelo intempestivo por uma consciência pela qual ele era mais do que ninguém responsável. Encarou, estou certo disto, o ato de inspiração do Pe. Gottofrey como uma imprudência, que poderia perturbar uma vocação nascente. Como muitos dos professores, o Pe. Gosselin acreditava que as dúvidas em relação à fé não tinham para os jovens nenhuma gravidade senão quando eles se detivessem em examiná-las, e desapareciam na hora do

compromisso sacerdotal, quando a vida se define. Ele proibiu-me de pensar no que acontecera; senti-o mesmo daí em diante mais afetuoso para comigo do que nunca. Nada compreendeu do feitio do meu espírito, não lhe adivinhou as futuras evoluções lógicas. Só o Pe. Gottofrey viu claro. Ele tinha razão, tinha plenamente razão, hoje o reconheço. Eram necessárias suas luzes transcendentes de mártir para descobrir o que escapava tão completamente aqueles que dirigiam minha consciência com tanta retidão, de resto, e tanta bondade

Conversei também com o Pe. Manier, que me concitou com vivacidade a não fazer depender minha fé cristã de objeções de detalhe. Sobre a questão da profissão eclesiástica era sempre muito discreto. Nunca me dizia nada capaz de me convencer nem de me dissuadir da carreira. Isto era para ele, de certo modo, coisa secundária, O essencial era o verdadeiro espírito cristão, inseparável da verdadeira filosofia. Padre ou professor de filosofia escocesa na Universidade pareciam-lhe o mesmo. Chamava muitas vezes minha atenção para o que uma tal carreira tem de honroso e mais de uma vez mencionou a Escola Normal. Não falei sobre isto ao Pe. Gosselin, porque certamente o só pensamento de deixar o Seminário pela Escola Normal lhe teria parecido uma ideia de perdição.

Ficou então decidido que, depois dos meus dois anos de filosofia, eu passaria para o seminário Saint-Sulpice afim de fazer o curso de teologia. A visão que havia por um momento atravessado o espírito do Pe. Gottofrey não teve consequências. Mas hoje, a trinta e oito anos de distância, reconheço a alta penetração de que ele deu prova naquele momento. Somente ele foi clarividente, porque era um perfeito santo. Sem dúvida, deploro hoje que não houvesse seguido o seu conselho.

Eu teria saído do seminário sem haver estudado hebraico nem teologia. A fisiologia e as ciências naturais me teriam atraído. Ora, posso dizer que a extrema paixão que essas ciências vitais despertavam em meu espírito me fez crer que, se as houvesse cultivado de um modo contínuo, teria chegado a vários dos resultados a que chegou Darwin, e que eu já entrevia. Fui para Saint-Sulpice, aprendi o alemão e o hebraico, e isto mudou tudo. Vi-me atraído pelas ciências históricas, pequenas ciências conjecturais, que se desfazem incessantemente depois de construídas, e que serão desprezadas dentro de cem anos. Já podemos vislumbrar, realmente, uma era em que o homem não terá nenhum interesse pelo seu passado. Receio muito que os nossos escritos de precisão da Academia das Inscrições e das Belas Letras, destinados a dar alguma exatidão à história, se alterem antes de serem lidos. É pela química, de um lado, pela astronomia de outro, e, sobretudo, pela fisiologia, que verdadeiramente nos apossaremos do segredo do ser, do mundo, de Deus, ou como se queira chamá-lo. Todo o pesar da minha vida é o de haver escolhido para os meus estudos um gênero de pesquisas que nunca se imporá e ficará sempre reduzido à condição de interessantes considerações sobre uma realidade que desapareceu para sempre. Mas, para o exercício e o prazer do meu pensamento, tomei, decerto, o melhor partido. Em Saint-Sulpice, com efeito, vi-me em face da Bíblia e das fontes do cristianismo. No próximo capítulo direi o ardor com que me entreguei a estes estudos, e como, por uma série de deduções críticas que se impuseram ao meu espírito, os fundamentos da minha vida, tal como eu a compreendera até então, foram totalmente subvertidos.

V

O seminário Saint-Sulpice

I

A casa fundada por Olier, em 1645, não era a grande construção quadrangular, com aspecto de caserna, que forma hoje um dos lados da praça Saint-Sulpice. O antigo seminário dos séculos XVII e XVIII cobria toda a extensão da atual praça e ocultava completamente a fachada de Servandoni. A área do seminário de hoje era outrora ocupada pelos jardins e pelo colégio de bolsistas, chamados "os robertinos". O edifício primitivo desapareceu na época da Revolução. A capela, cujo forro era considerado a obra prima de Lebrun, foi destruída, e de toda a antiga casa resta apenas um quadro de Lebrun representando o Pentecostes de um modo que assombraria o autor dos *Atos dos Apóstolos*. Nele a Virgem é a figura central e recebe em si todo o eflúvio do Espírito Santo, que dela se esparze sobre os apóstolos. Salvo durante a Revolução, depois incluído na galeria do cardeal Fesch, esse quadro foi adquirido pela companhia de Saint-Sulpice e hoje orna a capela do seminário.

À parte as paredes e os móveis, tudo em Saint-Sulpice é antigo; temos ali a impressão perfeita de estar no século XVII. O tempo e o inevitável desgaste diluíram muitas diferenças. Em Saint-Sulpice se congrega atualmente coisas que eram outrora as mais dissemelhantes. Se quisermos ver o que em nossos dias lembra o melhor Port-Royal, a velha Sorbo e, e, em geral, as instituições do antigo clero da França, é lá que devemos ir. Quando entrei para o seminário Saint-Sulpice em 1843 ainda havia lá alguns lentes que tinham conhecido Émery, não passavam de dois, creio,

os que se recordavam de fatos anteriores à Revolução. O Padre Hugon servira de acólito na sagração de Talleyrand na capela de Issy em 1788. Parece que nessa cerimônia a postura do Padre Périgord fôra das mais inconvenientes. Pe. Hugon contava que, no sábado seguinte, na confissão, se recriminara de haver formado juízos temerários sobre a piedade de um santo bispo. Quanto ao superior geral, M. Garnier, tinha mais de oitenta anos. Era, em tudo por tudo, um escolástico da velha escola. Fizera seus estudos nos robertinos e depois na Sorbonne. Parecia sempre estar a sair da Universidade, e quem o ouvisse falar de "monsieur Bossuet", de "monsieur Fénelon"[23] acreditaria estar diante de um discípulo imediato desses grandes homens. Entre esses eclesiásticos do antigo regime e os de hoje nada havia de comum, além do nome e das vestes. Comparados com os *piétistes* exaltados de Issy, o Pe. Garnier me dava quase a impressão de um leigo. Ausência total de manifestações exteriores, religiosidade sóbria e de todo governada pelo raciocínio. À noite, alguns dos rapazes iam para o quarto do velho superior afim de lhe fazer companhia por uma hora. A conversa nunca tinha um caráter místico. Pe. Garnier desfiava suas reminiscências, falava de Émery, antevia sua morte próxima com tristeza. Isto nos espantava pelo contraste com os abrasantes ardores de Pe. Pinault e Pe. Gottofrey. Tudo naqueles velhos sacerdotes era honestidade, sensatez, sinal dum profundo

[23] Seja-me permitido fazer uma observação a este respeito. Há hoje o costume de empregar um *monseigneur* antes de um nome próprio, de dizer *monseigneur Dupanloup*, *monseigneur Affre*. Há aí um erro de francês, a palavra *monseigneur* só se deve empregar no vocativo ou antes de um vocábulo que indica dignidade. Dirigindo-se a M. Dupanloup, a M. Affre, devia-se dizer: *monseigneur*. Falando-se deles, diria-se: *monsieur Dupanloup, monsieur Affre, monsieur* ou *monseigneur l'archevêque de Paris, monsieur* ou *monseigneur l'évêque d'Orléans*.

sentimento de retidão profissional. Eles observavam suas normas, defendiam seus dogmas como um bom militar defende a posição que lhe foi confiada. As questões transcendentes lhes escapavam. O gosto da ordem e o devotamento ao dever eram o princípio de toda a sua vida.

O Pe. Garnier era um sábio orientalista e o homem mais versado da França na exegese bíblica, tal como era ensinada entre os católicos cem anos atrás. A modéstia sulpiciana o impedia de publicar qualquer trabalho seu. O resultado dos seus estudos constituiu uma imensa obra manuscrita, que representava um curso completo das Sagradas Escrituras, segundo as ideias relativamente moderadas que dominavam entre os católicos e os protestantes nos fins do século XVIII. Sua mentalidade era bem análoga à de Rosenmüller, de Hug, de Jahn. Quando entrei para Saint-Sulpice, o Pe. Garnier já estava muito velho para ensinar. Seus cadernos eram lidos por outros, para os alunos. Tinha uma enorme erudição e um sólido conhecimento de línguas. Uma vez ou outra, certas ingenuidades suas nos faziam sorrir, por exemplo o modo por que o excelente superior resolvia as dificuldades inerentes à aventura de Sara no Egito. Sabe-se que, na época em que o Faraó contraiu por Sara aquele amor que pôs Abraão em tão grandes embaraços, ela já era, segundo o texto sagrado, quase setuagenária. Para dirimir esta dificuldade, Pe. Garnier observava que, afinal, tantas coisas semelhantes se tinham visto, e que “mademoiselle de Lenclos” inspirou paixões e provocou duelos aos setenta anos. Ele não se conservara ao par dos últimos trabalhos da escola alemã; permaneceu sempre numa perfeita quietude quanto às mossas que a crítica do século XIX fizera no antigo sistema. Sua glória é ter formado no Pe. Le Hir um discípulo que, herdeiro do seu

vasto saber, acrescentou-lhe o conhecimento das obras modernas e, com uma sinceridade que se explicava por sua fé profunda, nada dissimulava da extensão das devastações produzidas nas ideias antigas.

Abatido pela idade e absorvido pelos misteres do generalato da companhia, o Pe. Garnier deixava ao diretor, Pe. Carbon, todo o cuidado do seminário de Paris. Pe. Carbon era a bondade, a jovialidade, a retidão em pessoa. Não era um teólogo, não era de modo nenhum um espírito superior. Podíamos a princípio achá-lo simples, quase uma inteligência comum. Mas, depois, nos admirávamos de encontrar sob essa aparência humilde a coisa menos comum do mundo, uma absoluta cordialidade, uma condescendência verdadeiramente maternal, uma encantadora bonomia. Nunca vi uma tão completa ausência de amor próprio. Era o primeiro a rir de si mesmo, de seus erros meio intencionais, das divertidas situações a que o arrastava a sua ingenuidade. Como todos os lentes, fazia a preleção quando chegava sua vez. Não pensava no assunto com cinco minutos sequer de antecedência, e às vezes se embaraçava na improvisação de maneira tão cômica que os presentes sufocavam com o esforço para reprimir o riso. Ele notava isso e achava que era uma coisa perfeitamente natural. Era Pe. Carbon quem lia, no curso das Sagradas Escrituras, o manuscrito do Pe. Garnier; nas passagens obscuras, tartamudeava de propósito para nos divertir. O que havia realmente de singular no caso é que ele não era muito místico. “Qual pode ser, reflita nisto, o móvel da vida do Pe. Carbon?”, perguntei um dia a um dos meus condiscípulos. “O mais abstrato sentimento do dever”, respondeu-me ele.

O Pe. Carbon simpatizou comigo desde o começo; reconhecia que o fundo do meu caráter era a alegria e

a aceitação resignada do destino. “Vejo que viveremos bem, juntos” – disse-me com seu excelente sorriso. Efetivamente, o Pe. Carbon foi um dos homens que eu mais estimei na vida. Vendo como eu era estudioso, aplicado, criterioso, disse-me depois de muito pouco tempo: “Pense em nossa sociedade; aqui é o seu lugar.” Já me tratava quase como um confrade. Era absoluta sua confiança em mim.

Os outros lentes, encarregados do ensino dos diversos ramos da teologia, eram, todos eles, dignos continuadores duma respeitável tradição. No que tocava à doutrina, entretanto, estava aberta a brecha. O ultramontanismo e o gosto do irracional se introduziam na cidadela da teologia moderada. A velha escola sabia delirar com sobriedade, seguia, até no absurdo, as regras do bom senso. Não admitia o irracional, o milagre, senão na medida estritamente exigida pelas Escrituras e pela autoridade da Igreja. A escola nova se compraz nela e parece sentir-se a gosto na tarefa de restringir o campo de defesa da apologética. Não se pode negar, por outro lado, que essa nova escola é, sob certos aspectos, mais aberta, mais consequente, e apresenta, sobretudo devido ao seu comercio de ideias com a Alemanha, elementos de discussão que eram totalmente ignorados dos velhos tratados de *Locis Theologicis*. Nesse caminho cheio de imprevistos, e se querem de perigos, Saint-Sulpice está representado por um único homem, mas esse homem foi sem dúvida a figura mais notável que o clero francês produziu em nossos dias: falo de Le Hir. Conheci-o a fundo, como se verá daqui a pouco. Para se compreender o que se segue, é preciso ser muito versado nas coisas do espírito humano, e, em particular, nas coisas da fé.

O Pe. Le Hir era um sábio e um santo; era eminentemente uma e outra coisa. Essa coexistência, nu-

ma pessoa, de duas entidades que não é comum encontrar juntas, dava-se nele sem conflito muito sensível. Porque o santo predominava e reinava como senhor. Não houve uma só das objeções do racionalismo que não chegasse até ele. Não lhes fazia nenhuma concessão, porque a verdade da ortodoxia nunca foi para ele objeto de uma dúvida. Era isto, de sua parte, um ato de vontade triunfante, mais do que o resultado de um esforço penoso. Inteiramente estranho à filosofia natural e ao espírito científico, cuja primeira condição é não ter nenhuma fé apriorística e repelir tudo que não aconteça realmente, conservou-se nesse equilíbrio em que uma fé menos ardente teria baqueado. O sobrenatural não lhe causava nenhuma repugnância intelectual. Sua balança era muito justa; mas num dos pratos havia um peso infinito: uma fé inquebrantável. Tudo que se houvesse podido colocar no outro prato pareceria leve. Nem todas as objeções do mundo conseguiriam abalá-lo.

A superioridade do Pe. Le Hir vinha, sobretudo, de seu profundo conhecimento da exegese e da teologia alemãs. Apropriava-se do que nessa interpretação era compatível com a ortodoxia católica. Em crítica, as incompatibilidades se manifestavam a cada passo. Em gramática, ao contrário, era fácil a acomodação. Neste assunto, ninguém o sobrepujava. Dominava a fundo a doutrina de Gesenius e de Ewald e a discutia sabiamente em vários pontos. Ocupou-se das inscrições fenícias e estabeleceu uma hipótese muito engenhosa, que depois foi confirmada. Sua teologia era quase toda emprestada da escola católica alemã, às vezes mais avançada e menos razoável do que a nossa velha escolástica francesa. Pe. Le Hir lembra, sob muitos aspectos, Doelinger por seu saber e seus golpes de vista de conjunto, mas sua docilidade o preservou

dos perigos a que o concílio do Vaticano expõe a fé da maior parte dos padres eruditos.

Ele morreu prematuramente em 1868, em meio aos projetos do concílio e dos trabalhos preparatórios de que fora incumbido. Tive sempre a intenção de propor aos meus confrades da Academia das Inscrições e das Belas Letras elegê-lo membro livre da nossa companhia. Ele teria prestado, estou certo, à comissão do *Corpus* das inscrições semíticas, serviços consideráveis.

Ao seu imenso saber, Le Hir juntava uma maneira de escrever precisa e firme. Teria tido muito brilho se isto lhe fosse permitido. Seu intenso misticismo lembrava o do Pe. Gottofrey, mas possuía bem maior segurança de julgamento. Sua fisionomia era estranha. Tinha o porte de uma criança e a mais acanhada aparência, porém uns olhos e uma fronte que indicavam a mais ampla compreensão. Em última análise, somente lhe faltava aquilo que o teria feito deixar de ser católico: a faculdade crítica. Digo mal: ele possuía o dom da crítica e a exercia intensamente em tudo que não dissesse com a fé; mas nele a fé apresentava um tal coeficiente de certeza que nada podia contrabalançá-la. Sua religiosidade era verdadeiramente como as madrepérolas de S. Francisco de Sales, "que vivem no fundo do mar sem que fiquem com o gosto da água do mar". O conhecimento que ele tinha do erro era todo especulativo. Uma separação hermética vedava a menor infiltração das ideias modernas no santuário recôndito do seu coração, onde ardia, como uma chama de petróleo, a pequena lâmpada de uma piedade fervorosa e absolutamente soberana. Como eu não possuo em meu espírito essa espécie de compartimentos estanques, a aproximação de elementos contrários que, em Le Hir, produzia uma profunda paz interior, terminou em mim por estranhas explosões.

II

EM resumo, apesar de suas lacunas, Saint-Sulpice, quando passei por lá há quarenta anos, apresentava um conjunto de estudos bastante sólidos. Minha febre de saber encontrou aí com que se nutrir. Dois mundos desconhecidos estavam diante de mim: a teologia, a exposição racionada do dogma cristão, e a Bíblia, considerada a fonte desse dogma. Mergulhei no trabalho. Minha solidão era ainda maior do que em Issy. Eu não conhecia uma pessoa em Paris. Levei dois anos sem passar em outra rua senão a de Vaugirard, pela qual cada semana íamos a Issy. Falava extremamente pouco. Os professores, durante todo esse tempo, foram duma bondade inexcedível para comigo. Meu caráter brando, meus hábitos de estudioso, meu mutismo, minha modéstia lhes agradaram, e acredito que muitos deles fizeram consigo a mesma reflexão que o Pe. Carbon me transmitiu: "Aí está um futuro bom confrade para nós." A 29 de março de 1844, eu escrevia a um dos meus amigos da Bretanha então no seminário de Saint-Brieuc:

"Estou muito bem aqui. O tom da casa é excelente, distante por igual da rusticidade, de um egoísmo grosseiro e da afetação. Não se sabe muito, e há uma certa frieza de coração, mas as conversações têm dignidade e altitude. Nada há nelas de banalidades e comadrices. Em vão se procuraria cordialidade entre mestres e alunos; esta é uma planta que quase somente dá na Bretanha. Mas os lentes têm um certo espírito largo e bondoso, que agrada e convém perfeitamente à situação moral em que os rapazes chegam aqui.

Mal se sente a administração; é a casa que caminha, não são os dirigentes que a conduzem. O regulamento, os costumes e o espírito do estabelecimento é que fazem tudo; os homens são passivos, sua função é apenas conservar. É como uma máquina bem montada desde há duzentos anos. Marcha sozinha; o mecânico tem apenas que velar por ela, no máximo, de tempos em tempos, apertar um parafuso ou azeitar as molas. Não é como em Saint-Nicolas, por exemplo, onde não deixavam a máquina trabalhar sozinha; o mecânico estava sempre presente, mexendo à direita e à esquerda, enfiando em tudo os dedos, açodado, apressado, porque não se atentava no fato de que a máquina mais bem montada é a que exige menos ação da parte do motor. A grande vantagem que encontro aqui são as notáveis facilidades que há para o estudo, que se tornou para mim uma necessidade, e, tendo em vista meu estado de espírito, um dever. O curso moral é muito bem feito. O mesmo não se dá com o curso de dogma: o professor é novo, o que, acrescido à maior importância, maior e, quanto a mim, pessoal, dos tratados *Da Religião e da Igreja*, seria um transtorno se eu não encontrasse em outros mestres os meios de suprir essa falha."

Eu tinha, realmente, uma paixão especial pela ciência eclesiástica. Os textos se alojavam bem em minha memória. Minha cabeça estava na situação de um *Sic et Non* de Abelardo. Construção, toda ela, do século XIII, a teologia se assemelha a uma catedral gótica. Tem desta a grandeza, os imensos espaços vazios e a pouca solidez. Nem os Doutores da Igreja, nem os escritores católicos da primeira metade da Idade Média pensaram em arranjar uma exposição sistemática dos dogmas cristãos, dispensando a leitura seguida da Bíblia. A *Summa* de Santo Tomaz de Aquino, síntese da escolástica anterior, é como um imenso arquivo que, se o catolicismo é eterno, servirá por todos os séculos: nele as decisões dos concílios e dos papas vindouros terão seu lugar, de qualquer modo, marcado por antecipação. Não pode haver progresso numa tal ordem

de exposição. No século XVI, o concilio de Trento estabelece uma infinidade de pontos que eram até então passíveis de controvérsias, mas cada um desses *anátemas* tinha já sua rubrica aberta no imenso plano de Santo Tomaz. Melchior Canus e Suares refazem a *Summa* sem lhe acrescentar nada de essencial. Nos séculos XVII e XVIII a Sorbonne compõe, para uso das escolas, tratados cômodos, que não são mais do que a *Summa* retocada e diminuída. Por toda parte, são os mesmos textos recortados e separados daquilo que os explica, os mesmos silogismos triunfantes mas agitando no vácuo os mesmos erros de crítica histórica provenientes da confusão das datas e dos lugares.

A teologia se divide em dogmática e moral. A teologia dogmática, além dos Prolegômenos, que compreendem as discussões relativas às fontes da autoridade divina, divide-se em quinze tratados, tendo por objeto todos os dogmas do cristianismo. Em sua base está o tratado *da Verdadeira Religião*, no qual se procura demonstrar o caráter sobrenatural da religião cristã, isto é, das Escrituras reveladas e da Igreja. Depois, todos os dogmas se provam pela Escritura, pelos concílios, pelos Doutores, pelos teólogos. Não se pode negar que haja no fundo de tudo isto um racionalismo bem positivo. Se a escolástica é filha de Santo Tomaz de Aquino pode-se considerá-la neta de Abelardo. Num tal sistema, a razão precede a tudo, a razão prova a revelação, a divindade da Escritura e a autoridade da Igreja. Isto posto, está aberta a porta para todas as deduções. O único acesso de cólera que Saint-Sulpice experimentou, desde que não há mais jansenismo, foi contra Lamennais, quando este exaltado veio dizer que era preciso começar, não pela razão, mas pela fé. E que resta como juiz em última instância dos títulos da fé, senão a razão?

A teologia moral se compõe de uma dúzia de tratados compreendendo todo o conjunto da moral filosófica e do direito, completados pela revelação e as decisões da Igreja. Tudo isto constitui uma espécie de enciclopédia solidamente concatenada. É um edifício cujas pedras estão ligadas por vigas de ferro, mas a base é duma extrema fraqueza. Esta base é o tratado *da Verdadeira Religião*, que se acha completamente arruinado. Porque não só não se chega a estabelecer que a religião cristã seja, mais particularmente que as outras, divina e revelada, mas também não se conseguirá provar que, no campo da realidade ao alcance da nossa observação, tenha ocorrido algum acontecimento sobrenatural, algum milagre. A inexorável frase do Sr. Littré: “Por mais pesquisas que se tenham feito, nunca se produziu um milagre que pudesse ser observado e constatado”, esta frase, dizia eu, é um bloco que ninguém abalará. Ninguém poderá demonstrar que se haja verificado um milagre no passado, e esperaremos sem dúvida muito tempo antes que se produza algum em condições de evidência tais que dessem a um espírito reto a certeza de não se ter enganado.

Admitindo-se a tese fundamental do tratado *da Verdadeira Religião*, o campo de batalha foi reduzido, mas a batalha está longe de ter acabado. A luta é agora com os protestantes e as seitas dissidentes, que, aceitando em tudo os textos revelados, recusam ver neles os dogmas de que a Igreja Católica se sobrecarregou com os séculos. Aqui a controvérsia se exerce sobre mil pontos diferentes; seu balanço se exprime por derrotas sem conta.

A Igreja Católica se obriga a sustentar que seus dogmas sempre existiram tais como ela os ensina, que Jesus instituiu a confissão, a extrema-unção, o casamento; que ele ensinou aquilo que mais tarde decidi-

ram os concílios de Nicéia e de Trento. Nada de mais inadmissível. O dogma cristão se fez, como todas as coisas, lentamente, pouco a pouco, por uma espécie de vegetação interior. A teologia, pretendendo o contrário, acumula contra si montanhas de objeções, obriga-se a rejeitar toda crítica. Convido as pessoas que se queiram dar conta disto a ler numa Teologia o tratado dos sacramentos: verão aí, por meio de que gratuitas suposições, dignas dos Evangelhos apócrifos, de Marie d'Agreda, ou de Catherine Emmerich, procura-se demonstrar que todos os sacramentos foram instituídos por Jesus Cristo em dados momentos de sua existência. As discussões sobre a matéria e a forma prestam-se a observações idênticas. A obstinação em encontrar em todas as coisas a matéria e a forma data da introdução do aristotelismo na teologia, no século XIII. Ora, incorrerá nas censuras eclesiásticas quem repelir essa aplicação retrospectiva da filosofia de Aristóteles às criações litúrgicas de Jesus.

A intuição do futuro, na história como na natureza, era, desde aquele tempo, a essência da minha filosofia. Minhas dúvidas não nasceram dum raciocínio, nasceram de dez mil raciocínios. A ortodoxia tem resposta para tudo, e não confessa uma batalha perdida. Decerto, a própria crítica quer que, em certos casos, se admita uma resposta sutil como válida. O verdadeiro pode, às vezes, não ser mais do que o inverossímil. Uma resposta sutil pode ser verdadeira. Duas respostas sutis podem, mesmo, a rigor, ser verdadeiras ao mesmo tempo. Três é mais difícil que o sejam; quatro, quase impossível. Mas se para defender a mesma tese devam ser aceitas como verdadeiras, simultaneamente, dez, cem, mil respostas sutis, aí está a prova de que essa tese não é boa. O cálculo das probabilidades

aplicado a todas essas pequenas falências de detalhe é, para um espírito sem *parti pris*, de um efeito esmagador. Ora, Descartes me havia ensinado que a primeira condição para se encontrar a verdade era não ter nenhum *parti pris*. O olho completamente acromático é o único capaz de perceber a verdade na ordem filosófica, política e moral.

III

A luta teológica assumia, para mim, um caráter particular de precisão no domínio dos textos tidos como revelados. O ensino católico, sentindo-se seguro de si mesmo, aceitava a batalha nesse terreno como nos outros, com uma perfeita boa fé. A língua hebraica era, no assunto, o instrumento capital, porque, das duas Bíblias cristãs, uma é em hebraico, e mesmo quanto ao Novo Testamento não há exegese completa sem o conhecimento dessa língua.

O estudo do hebraico não era obrigatório no seminário, e só o fazia mesmo um número muito pequeno de alunos. Em 1843-1844, o Pe. Garnier ainda ministrou, em seu quarto, o curso superior, aquele no qual se explicavam os textos difíceis para dois ou três alunos. O Pe. Le Hir, havia alguns anos, dava o curso de gramática. Inscrevi-me nele desde o começo. A filologia exata do Pe. Le Hir me encantava. Ele me cercava de atenções. Era bretão como eu, nossos caracteres tinham muitas afinidades; ao fim de algumas semanas eu era o seu aluno quase único. Sua exposição da gramática hebraica, com a comparação dos outros idiomas semitas, era admirável. “Tenho-o como um verdadeiro sábio – dizia eu em carta ao meu amigo do seminário de Saint-Brieuc. – Se Deus ainda lhe concede mais 10 anos de vida, o que, desgraçadamente, parece duvidoso, nós poderemos opô-lo ao que a ciência crítica da Alemanha tem de mais colossal. Suas lições facilitam singularmente o estudo do hebrai-

co. Tive uma grande surpresa quando me vi em presença dessa língua tão simples, sem construção, quase sem sintaxe, expressão nua de uma ideia pura, uma verdadeira língua de criança.”

Eu tinha, nesse momento, um poder de assimilação extraordinário. Retinha tudo que ouvia ao meu mestre. Seus livros estavam à minha disposição e constituíam uma biblioteca muito completa. Nos dias de passeio a Issy, ele conduzia-me às alturas da Solitude, e lá me ensinava o siríaco. Explicávamos juntos o Novo Testamento siríaco de Gutbier.

Foi o Pe. Le Hir quem fixou minha vida. Eu era filólogo de instinto, e encontrei nele o homem mais capaz de desenvolver em mim essa aptidão inata. Tudo que eu possa ser como erudito, devo-o a ele. Parece-me às vezes, mesmo, que tudo que aprendi com outros e não com ele nunca aprendi bem. Assim, o Pe. Le Hir não era muito forte em árabe, e por isto eu permaneci sempre um medíocre arabista.

Uma circunstância devida à bondade dos professores veio me confirmar a vocação de filólogo, e, sem que eles soubessem, entreabrir para mim uma porta que eu não saberia abrir por mim mesmo. Em 1844, o Pe. Garnier, vencido pela velhice, teve de abandonar o curso superior de hebraico. O Pe. Le Hir passou a dar esse curso, e, sabendo como eu havia bem assimilado suas doutrinas, quis que eu ficasse encarregado do curso de gramática. Foi o Pe. Carbon quem me veio dar, com um sorriso, essa boa notícia, e me comunicar que a companhia me oferecia, como honorários, a soma de trezentos francos. Esta importância me pareceu enorme. Disse ao Pe. Carbon que não precisava de uma quantia assim grande, e agradeci-lhe. Então o Pe. Carbon me impôs a aceitação de cento e cinquenta francos para comprar livros.

Outro favor que me prestaram os meus mestres foi o de me permitirem ir duas vezes por semana ao Colégio de França, afim de acompanhar as aulas do Pe. Étienne Quatremère, que preparava pouco o seu curso. Quanto à exegese bíblica, ele continuara voluntariamente alheio ao movimento científico. Parecia bem mais com o Pe. Garnier do que com o Pe. Le Hir. Jansenista à feição de Silvestre de Sacy, participava do meio-racionalismo de Hug e de Jahn, restringindo tanto quanto possível a parte do sobrenatural, em particular nos casos do que ele chamava "os milagres de execução difícil", como o milagre de Josué, conservando, entretanto, o princípio, ao menos quanto aos milagres do Novo Testamento. Esse ecletismo superficial não me satisfez muito. O Pe. Le Hir estava bem mais perto da verdade não procurando atenuar a coisa narrada, e estudando atentamente, à maneira de Ewald, o próprio relato.

Também em gramática comparativa, o Pe. Quatremère era muito inferior ao Pe. Le Hir, mas sua erudição orientalista era colossal. Abria-se diante de mim o mundo da ciência. Eu via que aquilo que aparentemente só devia interessar aos padres podia interessar também aos leigos. Desde logo me ocorreu mais de uma vez a ideia de que um dia eu ensinaria naquela mesma mesa, naquela pequena "Sala das línguas", onde realmente vim a sentar-me, pondo na obtenção disto uma dose bastante forte de obstinação.

Essa obrigação de clarificar e sistematizar minhas ideias, tendo em vista as lições que tinha de dar a condiscípulos da mesma idade que eu, decidiu da minha vocação. Meu plano de ensino foi desde logo fixado. Tudo que fiz depois disto em filologia saiu desse modesto curso que a indulgência dos meus mestres me confiara. A necessidade de levar tão longe quanto

possível meus estudos de exegese e de filologia semítica me obrigou a aprender o alemão. Não tinha, nesse particular, nenhuma preparação; em Saint-Nicolas, minha instrução fora toda latina e francesa. Não me queixo por isto. O homem não deve saber literariamente mais de duas línguas, o latim e a sua própria, mas deve compreender todas aquelas de que tem necessidade para seus negócios ou sua educação.

Um bom condiscípulo alsaciano, Kl . . . , cujo nome vejo frequentemente citado pelos serviços que presta aos seus compatriotas em Paris, quis facilitar-me a iniciação no estudo do alemão. A literatura era para mim coisa tão secundária, em meio à minha febre de indagação, que não lhe dei de início muita atenção. Senti-me, entretanto, em presença de um espírito novo, bem diferente daquele do nosso século XVII. Admirei-o tanto mais quanto não podia ver-lhe os limites. O espírito particular da Alemanha nos fins do século XVIII e na primeira metade do XIX me comoveu; tive a impressão de que penetrava num templo.

Era bem isto o que eu procurava, a conciliação de um espírito altamente religioso com o espírito crítico. Em certos momentos lamentava não ser protestante para poder ser um filósofo sem deixar de ser cristão. Em seguida, reconhecia o fato de que só os católicos são consequentes. Basta um erro para provar que uma Igreja não é infalível; uma única parte fraca de um livro prova que ele não é revelado. Fora da rigorosa ortodoxia, eu só enxergava o pensamento livre à feição da escola francesa do século XVIII.

Minha iniciação nos estudos alemães colocava-me, assim, na mais falsa situação. Porque, por um lado, mostrava-me a impossibilidade de uma exegese sem concessões, e por outro lado eu percebia claramente que os mestres de Saint-Sulpice tinham razão em não

fazer concessões, pois uma só confissão de erro desmorona o edifício da verdade absoluta e a rebaixa ao nível das autoridades humanas, em que cada um faz sua escolha segundo o gosto pessoal.

Num livro divino, com efeito, tudo é verdadeiro, e não podendo duas ideias contraditarias ser simultaneamente verdadeiras, não deve haver no assunto nenhuma contradição. Ora, o estudo cuidadoso que eu fazia da Bíblia, revelando-me tesouros históricos e estéticos, mostrava-me também que esse livro não estava, mais do que qualquer outro livro antigo, isento de contradições, de inadvertências, de erros. Nele se encontram lendas, fábulas, sinais de uma composição perfeitamente humana. Não é mais possível sustentar que a segunda parte de Isaías seja de Isaías. O livro de Daniel, que toda a ortodoxia dá como se reportando aos tempos do cativeiro, é um texto apócrifo, composto no ano 169 ou no 170 antes de Cristo. O livro de Judith constitui uma impossibilidade histórica. A tese que atribui o Pentateuco a Moisés é insustentável, e quem negar que diversas partes do Gênesis têm caráter mítico obriga-se a explicar, como reais, narrativas como a do paraíso terrestre, a do fruto proibido, a da arca de Noé. Ora; não é católico quem se afasta, num só desses pontos, da tese tradicional. A que fica reduzido este milagre, tão vivamente admirado por Bossuet: “Cyrus nomeado duzentos anos antes do seu nascimento?” Que vêm a ser as setenta semanas de um ano, base dos cálculos da *História Universal* se a parte do livro do Isaías em que Cyrus é nomeado foi justamente composta no tempo desse conquistador, e se o pseudo-Daniel é contemporâneo de Antiocus Epifanio?

A ortodoxia obriga a crer que os livros bíblicos são obras daqueles a quem os respectivos títulos os atribuem. As doutrinas católicas, mesmo as mais atenua-

das, sobre a inspiração, vedam admitir no texto sagrado qualquer erro caraterizado, qualquer contradição, mesmo em coisas que não concernem à fé nem aos costumes. Ora, suponhamos que, entre as mil escaramuças travadas entre a crítica e a apologética ortodoxa, em torno de detalhes do texto pretensamente sagrado, haja algumas em que, por uma descoberta fortuita e contra as aparências, a apologética esteja com a razão: é impossível que ela tenha razão mil vezes em suas pendências, e basta que esteja errada uma só vez para que a tese da inspiração seja reduzida a nada. Esta teoria da inspiração, implicando num fato sobrenatural, torna-se insustentável em presença das ideias estabelecidas pelo bom senso moderno. Um livro inspirado é um milagre. Terá de apresentar-se em condições em que nenhum livro se apresente. "Não sois tão exigente – dir-se-á – em relação a Heródoto ou aos poemas homéricos." Sem dúvida; mas Heródoto e os poemas homéricos não são apresentados como livros inspirados.

Em matéria de contradições, por exemplo, não há espírito livre de preocupações teológicas que não seja forçado a reconhecer divergências inconciliáveis entre os sinóticos e o quarto evangelho, e entre os sinóticos comparados uns com os outros. Para nós racionalistas, isto não tem grandes consequências. Mas o ortodoxo, obrigado a demonstrar que o seu livro tem sempre razão, vê-se embaraçado em sutilezas infinitas. Silvestre de Sacy preocupava-se, principalmente, com as citações que o Novo Testamento faz do Velho Testamento. Achava tanta dificuldade em justificá-las, ele tão exato em matéria de citações, que acabou por admitir em princípio que os dois Testamentos, cada um por seu lado, eram infalíveis, mas que o Novo não era infalível ao citar o Velho Testamento. É preciso não

ter a menor familiaridade com as coisas da religião para se espantar de que espíritos singularmente sérios hajam sustentado posições tão desesperadas. Nesses naufrágios de uma fé, da qual não fizera a pessoa o centro de sua vida, agarra-se ela aos meios de salvamento mais inverossímeis antes de deixar perecer tudo que ama.

Os homens do mundo, que acreditam decidir cada um da escolha de suas opiniões pelas razões de simpatia ou antipatia, se admirarão, certamente, do gênero de raciocínios que me afastou da fé cristã, à qual eu tinha tantos motivos sentimentais e de interesse para continuar vinculado. As pessoas desprovidas de espírito científico não compreendem deixe alguém que suas opiniões se formem ao sabor de influências exteriores, por uma espécie de concreção impessoal, da qual o indivíduo não é mais, de certo modo, do que um espectador.

Entregando-me, assim, ao poder dos fatos, eu acreditava adaptar-me às regras da grande escola do século XVII, sobretudo de Malebranche, cujo princípio primordial é que a razão deve ser contemplada, e que o indivíduo não tem nenhuma influência em seu desenvolvimento, de modo que o dever do homem é pôr-se diante da verdade, despojado de toda a sua personalidade, pronto para se deixar conduzir ao terreno que a demonstração predominante determinar. Longe de visar antecipadamente a certos resultados, esses ilustres pensadores queriam que, na indagação da verdade, cada um se abstivesse de ter um desejo, uma tendência, uma preferência pessoal. Qual era a grande acusação que os pregadores do século XVII lançavam sobre os libertinos? A de terem eles abraçado precisamente a convicção que desejavam, de terem chegado às ideias irreligiosas por desejarem que elas fossem verdadeiras.

Nessa grande luta que se travou entre minha razão e minhas crenças, evitei cuidadosamente formular um único raciocínio de filosofia abstrata. O método das ciências físicas e naturais que em Issy surgiu aos meus olhos como a própria lei da verdade, levava-me a desconfiar de todos os sistemas. Nunca me detive numa objeção em torno dos dogmas da Santíssima Trindade, ou da encarnação, considerados em si mesmos. Esses dogmas, vivendo no espaço metafísico, não chocavam em mim nenhuma opinião contraria. Nada do que pudessem ter de criticáveis a política e o espírito da Igreja, fosse no passado, fosse no presente, me causava a menor impressão. Se eu tivesse podido acreditar que a teologia e a Bíblia eram a verdade, nenhuma das doutrinas mais tarde agrupadas no *Syllabus*, e que desde então já estavam mais ou menos promulgadas, me causaria a menor emoção. Minhas razões foram todas de ordem filológica e crítica; não foram absolutamente de ordem metafísica, nem de ordem política, nem de ordem moral. Estas últimas ordens de ideias me pareciam pouco tangíveis, e, em todos os sentidos, flexíveis. Mas a questão de saber se há contradições entre o quarto evangelho e os sinóticos é perfeitamente passível de demonstração. Vejo essas contradições com uma evidência tão absoluta que empenharia nessa convicção minha vida e, consequentemente, minha salvação eterna, sem um minuto de hesitação. Numa tal questão, não há essas perspectivas imprecisas que tornam tão duvidosas todas as opiniões morais e políticas. Não aprecio nem Filipe II nem Pio V, mas se não tivesse razões materiais para descrer do catolicismo, não seriam nem as atrocidades de Filipe II nem as fogueiras de Pio V que teriam muita força contra minhas crenças.

xcelentes espíritos têm me dado às vezes a entender que eu não me teria afastado do catolicismo se não fosse a ideia muito estreita que formei dele ou, se preferem, que meus mestres me deram dele. Algumas pessoas atribuem a Saint-Sulpice um pouco da culpa da minha incredulidade e o acusam, por uma parte, de me haver inspirado plena confiança numa escolástica que implica num racionalismo exagerado, e, por outra parte, de me haver apresentado como necessário aceitar o *summum* da ortodoxia, de modo que avolumavam desmedidamente o bolo alimentar e ao mesmo tempo estreitavam singularmente o orifício de deglutição. Esta observação é inteiramente injusta. Na sua maneira de apresentar o cristianismo, os mestres de Saint-Sulpice, nada escondendo da carta em que eu deveria acreditar, eram muito simplesmente homens honestos. Não foram eles que acrescentaram a qualificação de *Est de fide* à série de tantas proposições insustentáveis. Umas das piores desonestidades intelectuais é a de jogar com as palavras, apresentar o cristianismo como não impondo quase nenhum sacrifício à razão, e, com o auxílio desse artificio, atrair indivíduos que não sabem a que é que, no fundo, se comprometem. Aí está a ilusão dos católicos leigos que se dizem liberais. Não sabendo nem teologia nem exegese, eles fazem da filiação ao catolicismo uma simples adesão a uma confraria. Pegam e largam, admitem um dogma e repelem outro, e se indignam, depois disto, quando se lhes diz que não são verdadeiros católicos. Quem quer que haja feito o seu curso de teologia já não é capaz de uma tal inconsequência. Como para estes tudo repousa na autoridade infalível da Escritura e da Igreja, nada têm a escolher. Um só dogma desprezado, um só ensinamento da Igreja repelido é a negação da Igreja e da revelação. Numa Igreja fundada sobre a autorida-

de divina, somos heréticos tanto se negarmos um ponto único como se negarmos o todo. Basta arrancar uma pedra desse edifício para que ele fatalmente venha abaixo.

Também nada adianta alegar que a Igreja um dia fará concessões que tornarão inúteis rompimentos como aquele a que tive de me resignar, e que, então, se considerará que eu renunciei ao reino de Deus devido a uma ninharia. Conheço bem a medida das concessões que a Igreja pode fazer e a das que não lhe devemos pedir. Nunca a Igreja católica abandonará nada do seu sistema escolástico e ortodoxo; ela não pode fazê-lo. É como se pedissem ao conde de Chambord que deixasse de ser legitimista. Haverá cisões, acredito, mais do que nunca. Mas o verdadeiro católico inflexivelmente dirá: “Se é preciso largar alguma coisa, largo tudo, porque creio em tudo pelo princípio da infalibilidade, e o princípio da infalibilidade ficará tão ferido por uma pequena concessão quanto por dez mil grandes concessões.” Para a Igreja católica, confessar que o Livro de Daniel é um apócrifo do tempo dos Macabeus seria confessar que ela se enganara, e se ela se enganou nisto pode enganar-se em outras coisas, e já não tem inspiração divina.

Não me lamento, de modo nenhum, de haver caído, por minha educação religiosa, sob a ação de mestres sinceros que teriam escrúpulo em me deixar alguma ilusão quanto ao que um católico tem de aceitar. O catolicismo que eu aprendi não é um inócuo compromisso, próprio para os leigos, que produziu em nossos dias tantos mal-entendidos. Meu catolicismo é o da Escritura, dos concílios e dos teólogos. Este catolicismo, eu o amei e ainda hoje o respeito. Tendo-o julgado inaceitável, separei-me dele. Eis o que é uma atitude leal, de uma e de outra parte. O que não é

leal é disfarçar o peso dos compromissos assumidos, é fazer-se o indivíduo apologista do que ignora. Nunca me prestei a essas mentiras. Sempre achei que era um desrespeito à fé trapacear com ela. Não tive culpa se meus mestres me ensinaram lógica, e, se com suas argumentações implacáveis, fizeram do meu espírito uma faca de aço. Levei a sério o que me ensinaram, escolástica, regras do silogismo, teologia, hebraico. Fui um bom aluno; não deverei ser condenado por isto às penas eternas.

IV

TAIS foram esses dois anos de trabalho interior, que somente posso comparar a uma violenta encefalite, durante a qual todas as minhas outras atividades da vida estiveram suspensas. Por uma pequena pedanteria de cultor do hebraico denominei essa crise de minha existência *Nephtali*[24], e repetia frequentemente para mim mesmo o refrão hebraico: *Naphtoulé élohim niphtalti*: "Combati os combates de Deus." Meus sentimentos íntimos não haviam mudado, mas cada dia se rompia uma nova malha da rede da minha fé. O imenso trabalho a que me entregava impedia-me de tirar as consequências; minhas preleções de hebraico me absorviam. Eu estava como uma pessoa que tem a respiração suspensa. Meu professor, a quem comunicava essas perturbações, dizia-me exatamente, como o Pe. Gosselin em Issy: "São tentações contra a fé! Não dê atenção; siga em linha reta para a frente." Ele deu-me a ler um dia a carta que S. Francisco de Sales escreveu a Mme. de Chantal: "Essas tentações não são mais do que aflições como quaisquer outras. Saiba que tenho visto poucas pessoas irem para a frente sem passar por essa prova. É preciso ter paciência. Não se deve absolutamente responder nem dar mostras de ter ouvido o que o inimigo diz. Que ele bata o quanto queira à porta. Não se deve nem perguntar. "Quem está aí?"

[24] Lucta mea, *Gênesis*, XXX, 8.

A norma dos professores eclesiásticos é, com efeito, as mais das vezes, aconselhar àqueles que confessam dúvidas em relação à fé, que não prestem atenção a isso. Longe de protelar os votos por esse motivo, eles os precipitam, pensando que tais perturbações desaparecem quando já não é mais tempo de lhes dar seguimento e que as preocupações da vida ativa do ministério afastarão mais tarde essas hesitações especulativas. No particular, devo dizê-lo, julguei que até certo ponto falhara a sabedoria dos meus piedosos mestres. Meu professor de Paris, homem muito esclarecido, aliás, queria que eu assumisse resolutamente o subdiaconato, pois a primeira das ordens sagradas constitui um vínculo irrevogável. Recusei-o firmemente. Quanto aos primeiros passos na vida clerical, eu lhe havia obedecido. Foi ele próprio quem me observou que a fórmula exata do compromisso que tais passos implicam está contida nas palavras do salmo que se recita na hora do juramento: *Dominus pars haerereditatis meae et calicis mei. Tu es qui restitues haereditatem meam mihi*. Pois bem, digo-o com a mão na consciência, a esse compromisso eu nunca faltei. Nunca tive outro interesse que não o da verdade e por ele fiz sacrifícios. Uma ideia elevada sempre me manteve firme na direção dada à minha vida, tanto assim que, juro-o! Estou quites com a herança que Deus devia conceder-me, segundo o nosso entendimento recíproco. Meu quinhão foi satisfatório, e posso acrescentar, ainda dentro do salmo: *Portio cecidit mihi in praeclaris; etenim haereditas mea praeclara est mihi*.

Meu amigo do seminário de Saint-Brieuc[25], após grandes hesitações, se decidira a tomar as ordens.

[25] Ele se chamava François Liart. Era uma natureza muito honesta e reta. Morreu em Tréguier, nos últimos dias de março de 1845. Sua família me devolveu, após sua morte, as cartas que eu lhe escrevera: estão todas em meu poder.

Reencontro agora a carta que lhe escrevi sobre o assunto a 29 de março de 1844, num momento em que minhas dúvidas quanto à fé me deixavam uma relativa calma.

Senti-me feliz, mas não surpreso, ao saber que ias dar o passo decisivo. As inquietações que te agitavam terão de sempre manifestar-se na alma daquele que encara a sério a significação do sacerdócio cristão. São provas penosas, mas no fundo honrosas e salutares, e eu não teria muito apreço por aqueles que chegassem ao sacerdócio sem haver passado por elas. . .

Disse-te como uma força independente de minha vontade abalava em mim crenças que até agora constituíam o fundamento da minha vida e da minha felicidade. Oh, meu amigo, como são cruéis essas tentações e como eu me sentiria tomado de compaixão se Deus um dia aproximasse de mim algum infeliz que se sentisse trabalhado por elas! Como aqueles que nunca as experimentaram são injustos para com os que as sofrem! A questão é muito simples. Somente sentimos bem aquilo que conhecemos de experiência própria, e este assunto é tão delicado que não creio possa haver no mundo dois homens mais incapazes de se entenderem do que um crente e um que duvida, quando se encontram face a face, por maior que seja a boa fé e mesmo a inteligência de cada um deles. Falam duas línguas que são ininteligíveis, se Deus não se interpõe aos dois como intérprete. Como eu compreendi bem quanto esses grandes males estão acima de todo remédio humano, e que Deus reserva para si o tratamento deles, *manu mitissima et suavissima pertractans vulnera mea*, como diz Santo Agostinho! Bem se percebe que Santo Agostinho passou por essa provação, pelo modo como fala. Às vezes desperta o *Angelus Satanre qui me colaphizet.* Que queres, pobre amigo? É o nosso destino. *Converte te supra*, *converte te infra*, a vida do homem e, sobretudo, do cristão, é uma luta, e, em definitivo, estas tempestades lhe são talvez mais vantajosas que uma grande calma em que se deixasse adormecer. . . Não me acostumei à ideia, meu caro, amigo de que antes de um ano serás padre, tu, querido Liart, que foste meu condiscípulo e meu amigo de infância. Eis-nos chega-

dos à metade da nossa vida, segundo a média da existência humana, e a outra metade não será, provavelmente, a mais agradável. Como isto nos obriga a encarar o que se passa como inexistente e a suportar pacientemente aflições de alguns dias, das quais riremos dentro de alguns anos e nas quais não pensarmos eternamente! Vaidade das vaidades!

Um ano depois, o mal que eu acreditava passageiro havia avassalado minha consciência completamente. A 22 de março de 1845 escrevi ao meu amigo uma carta que ele não pôde ler. Estava à morte quando ela chegou. Era a seguinte:

Minha posição no seminário não sofreu, depois das nossas últimas conversas, nenhuma alteração muito sensível. Tenho a prerrogativa de assistir regularmente ao curso de siríaco do Pe. Quatremère, no Colégio de França, e o acompanho com extremo interesse. Isto me traz várias vantagens: inicialmente a de adquirir belos e úteis conhecimentos, depois a de me distrair de certas coisas ocupando-me de outras. . . Nada faltaria para minha felicidade se os desoladores pensamentos que tu sabes não me afligissem a alma constantemente, e isto seguindo um ritmo de progressão terrível. Estou firmemente decidido a não aceitar o sub-diaconato na próxima ordenação. Esta recusa não deverá parecer estranha a ninguém, uma vez que a idade me obrigaria a fazer um intervalo entre as minhas ordens. De resto, que me importa a opinião alheia? Devo habituar-me a arrostá-la para estar pronto para qualquer sacrifício. Tenho passado momentos bem cruéis. Esta semana santa, sobretudo, foi para mim dolorosa, porque certa circunstância que me subtrai à minha vida normal faz-me voltar a mergulhar em minhas angústias. Consolo-me pensando em Jesus, tão belo, tão puro, tão ideal em seu sofrimento e a quem amarei sempre em qualquer hipótese. Mesmo que eu viesse a abandoná-lo, isto deveria ser-lhe agradável; porque seria um sacrifício feito à consciência, e Deus sabe quanto me custaria!

Acredito que tu, pelo menos, saberás compreender o que se passa comigo. Oh! como é precária a liberdade do homem na escolha do seu destino! Uma criança age apenas por impul-

são e instinto imitativo, e é nesta idade que a fazem jogar sua vida. Um poder superior a enleia através de vínculos indissolúveis; continua a agir silenciosamente, e, antes que ela seja capaz de se conhecer a si mesma, já está comprometida sem saber como. Numa certa idade, desperta, procura agir. Impossível . . . ; seus braços e suas mãos estão presos numa rede inextricável. É Deus mesmo quem a comprime, e surge a cruel opinião alheia para condenar inapelavelmente as veleidades de sua infância, e rir dela se procura abandonar o brinquedo que divertiu os seus primeiros anos. Oh! E ainda se fosse apenas a opinião alheia! Mas são todos os mais doces vínculos da vida que se incorporam ao emaranhado dessa rede de compromissos que a envolve, e ela terá de arrancar a metade do seu coração se quiser desembaraçar-se. Quantas vezes desejei que o homem nascesse ou inteiramente livre ou de todo destituído de liberdade! Seria menos de lamentar que ele nascesse como a planta invariavelmente fixada ao solo que a deve nutrir. Com este mero farrapo de liberdade, o homem é bastante forte para resistir, mas não o bastante para agir . . . Oh! meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Como conciliar tudo com a ideia do reino de um Pai? Há nisto um mistério, meu amigo. Felizes o que podem sondá-lo apenas por meio de especulação!

Era preciso que fosses muito meu amigo para que eu te dissesse todas estas coisas. Não é necessário que te peça segredo. Compreendes que devo preocupar-me com minha mãe. Eu preferiria morrer a dar-lhe um minuto de aflição. Oh Deus, terei força bastante para sobrepor a ela o meu dever? Recomendo-a a ti, ela aprecia muito tuas atenções. É o maior serviço que me poderás prestar.

V

ASSIM cheguei às férias de 1845, que fui passar, como as precedentes, na Bretanha. Ali tive muito mais tempo para refletir. Os grãos de areia das minhas dúvidas se acumularam e se tornaram um bloco. Meu professor, que, embora com as melhores intenções do mundo, me aconselhava mal, já não estava junto de mim. Deixei de tomar parte nos ofícios religiosos, se bem que conservando o mesmo gosto de antes por suas orações. O cristianismo era, aos meus olhos, maior do que nunca. Mas eu não conservava a crença no sobrenatural senão por força do hábito, por uma espécie de ilusão sobre mim mesmo. A obra do raciocínio lógico estava concluída; começava o trabalho da honestidade. Durante dois meses aproximadamente, fui protestante; não conseguia decidir-me a abandonar de todo a grande tradição religiosa em que tinha vivido. Sonhava com reformas futuras, em que a filosofia do cristianismo, desembaraçada de toda a lava da superstição e conservando contudo sua eficácia moral (este era o meu sonho) permanecesse a grande escola da humanidade e seu guia para o futuro.

Minhas leituras alemãs alimentavam esses pensamentos. Herder era o escritor alemão que eu conhecia melhor. Seu largo descortino me encantava, e eu me dizia a mim mesmo com vivo pesar: "Oh! não poder eu pensar tudo isto, como um Herder, e continuar ministro, pregador cristão!" Mas, com a noção precisa e ao mesmo tempo respeitosa que tinha do catolicis-

mo, não conseguia conceber uma honesta atitude de espírito que me permitisse ser um sacerdote católico conservando as opiniões que tinha. Eu era cristão como o é um professor de teologia de Halle ou de Tubingue. Uma voz secreta me dizia: “Tu não és mais católico; tua batina é uma mentira; despe-a.”

Entretanto eu era cristão. Porque todos os papéis que guardo desse tempo atestam muito claramente o sentimento que mais tarde tentei imprir à *Vida de Jesus*, isto é, uma viva afeição pelo ideal evangélico e pelo caráter do fundador do cristianismo. A ideia de que, abandonando a Igreja, continuaria fiel a Jesus apossou-se de mim, e se eu fosse capaz de acreditar em aparições teria visto Jesus a dizer-me: “Abandona-me para poderes ser meu discípulo.” Era esta ideia que me amparava e me dava ânimo.

Posso dizer que desde esse tempo a *Vida de Jesus* estava elaborada em minha mente. A crença na eminente personalidade de Jesus, que é a alma desse livro, tinha sido a minha força na luta que mantive contra a teologia. Jesus foi bem o meu mestre, sempre. Seguindo a verdade à custa de todos os sacrifícios, eu estava convicto de que o seguia e obedecia ao primeiro dos seus ensinamentos.

Estava agora tão longe dos meus velhos professores da Bretanha, pelo espírito, pela mentalidade, pelos estudos, pela cultura intelectual, que quase já não podia conversar com eles. Um deles percebeu alguma coisa dessa diferença. Disse-me certa vez: “Ah, eu sempre pensei que Você seria levado a fazer estudos muitos sérios.” O hábito que eu contraíra de recitar meus salmos em hebraico, num pequeno livro escrito do meu próprio punho para isto, e que era como o meu breviário, surpreendia-os fortemente. Sentiam-se quase tentados a me perguntar se eu queria fazer-me ju-

deu. Minha mãe adivinhava tudo sem compreender bem a crise. Continuei, como na infância, a acompanhá-la em longos passeios no campo. Um dia nos assentamos no vale do Guindy, perto da capela das Cinco Chagas, à margem da fonte. Durante horas permaneci ao lado de minha mãe sem levantar os olhos. O livro que eu lia era bem inofensivo: as *Pesquisas Filosóficas*, de Bonald. Mas essa obra lhe desagradou. Ela arrancou-me das mãos o volume. Sentia que, se não era aquele, eram livros semelhantes os inimigos do seu mais caro projeto quanto ao meu futuro. A 6 de setembro de 1845,[26] escrevi ao Pe. ***, meu professor, a seguinte carta, da qual encontrei uma cópia entre os meus papéis e que reproduzo aqui sem atenuar nada do que ela contém de contraditório e de ligeiramente exaltado:

Alguma viagem que tive de fazer no começo das férias impediram-me de corresponder-me com o Sr. tão assiduamente quanto o desejava. Tinha, entretanto, necessidade muito imperiosa de me abrir com o Sr. relativamente a aflições que se tornam cada dia mais agudas, tanto mais quanto eu não

[26] O Pe. Cognat, vigário de Notre Dame des Champs, que foi, com o Pe. Foulon, atualmente arcebispo de Besançon, meu melhor amigo no seminário, forneceu ao *Figaro* (3 de abril de 1879) e publicou no *Correspondant* (10 de maio, 10 de junho e 10 de julho de 1882) diversos extratos de cartas escritas por mim na mesma época da que aqui divulgo. Eu gostaria, certamente, de reler todas essas cartas, que me recordariam muitas nuanças de um estado de alma que já desapareceu há 37 anos. O Pe. Foulon e o Pe. Cognat são velhos amigos meus que continuaram a ser-me muito caros. Para eles, espero que o seja também, mas devo ser, a mais, um adversário do dogma que eles professam, se bem que no estado de espírito em que me encontro hoje não haja ninguém de quem eu seja, a bem dizer, um adversário. Depois das longas relações que mantivemos, só revi o Pe. Cognat uma vez: foi nos funerais de Littré. Estávamos os dois com vestes talares, ele como pároco, eu como diretor da Academia; não pudemos conversar.

encontro aqui ninguém a quem possa confiá-las. Aquilo que deveria fazer minha felicidade é justamente a causa do meu maior pesar. Um dever imperioso me obriga a abafar dentro de mim essas torturas para poupar desgostos aos que me cercam com o seu afeto e que, além disto, seriam incapazes de compreender minha perturbação. Seus desvelos e carinhos me angustiam. Ah! se essas pessoas soubessem o que se passa no fundo do meu coração!

Após minha estada aí, reuni dados importantes para a solução do grande problema que me preocupa. Circunstâncias diversas me fizeram desde o começo compreender a grandeza do sacrifício que Deus exigia de mim, e em que abismo me precipitava a resolução aconselhada por minha consciência.

É inútil fazer-lhe a penosa e detalhada exposição da minha situação, porque, afinal, tais considerações não devem pesar de modo nenhum na deliberação a tomar. Renunciar a um caminho que me sorria desde a infância e que me conduziria seguramente aos fins nobres e puros a que me propusera, para seguir outro em que não antevejo mais do que incertezas e mesquinharias; desprezar uma opinião que, para uma boa ação minha, só terá recriminações – teria sido coisa sem importância se eu não tivesse de, ao mesmo tempo, arrancar a metade do meu coração ou, mais propriamente, trespassar outro coração ao qual o meu estava vinculado. O amor filial, em mim, cresceu com a supressão de tantas outras afeições! Pois bem, é nesta parte mais Íntima do meu ser que o dever me impõe os sacrifícios mais dolorosos. Minha saída do seminário será para minha mãe um enigma indecifrável; ela acreditará que foi por um capricho que a matei.

Na verdade, quando atento nessa indestrinçável malha em que Deus me envolveu durante o sono da minha razão e da minha liberdade, no tempo em que eu segui docilmente a linha que ele mesmo traçara diante de ruim, desolados pensamentos se elevam da minha alma. Eu era, Deus o sabe, simples e puro. Não me atrevi a fazer coisa alguma por mim mesmo. Precipitei-me com franqueza e abandono na rota que ele abrira diante de mim, e eis que essa rota me conduziu a um abismo!. . . Deus me traiu, meu padre! Nunca duvidei de que uma Providencia bondosa e sábia governasse o universo, e me governasse a mim, para me conduzir ao fim que eu viso. Não foi, entretanto, sem esforço que consegui esta-

belecer um desmentido formal aos fatos aparentes. Digo frequentemente comigo mesmo que o bom senso vulgar não é capaz de apreciar o governo da Providência, seja da humanidade, seja do universo, seja do indivíduo. A consideração isolada dos fatos não conduziria quase nunca ao otimismo. É preciso coragem para fazer a Deus essa generosidade, apesar da experiência. Espero que nunca vacilarei neste ponto e que, quaisquer que sejam os males que a Providência ainda me reserve, acreditarei sempre que ela me conduz ao maior bem possível através do menor mal possível.

Segundo notícias que acabo de receber da Alemanha, o lugar que me foi oferecido continua à minha disposição[27]; apenas eu não poderei ir assumi-lo antes da próxima primavera. Tudo isto torna bem problemática essa viagem e me mergulha em nova incertezas. Têm-me proposto, constantemente, um ano de estudos livres em Paris, durante o qual eu poderia refletir sobre o futuro que terei de escolher, e também receber meus graus universitários. Estou bem inclinado, meu padre, a adotar esta última hipótese, porque, se bem que esteja ainda resolvido a voltar ao seminário para discutir com o Sr. e com os meus superiores teria, contudo, grande repugnância em permanecer aí muito tempo no estado de espírito em que me encontro. Vejo com pavor aproximar-se o momento em que a mais indefinida situação interior terá de traduzir-se em atos os mais decisivos. Meu Deus! Como é cruel sermos obrigados a remontar assim à corrente que seguimos durante muito tempo, e na qual íamos sendo tão suavemente arrastados! Ainda se estivesse certo do futuro, se estivesse certo de que poderia um dia dar às minhas ideias o lugar que elas reclamam, e prosseguir à vontade e sem preocupações de caráter, exterior a obra do meu aperfeiçoamento intelectual e moral! Mas, quando eu estivesse seguro de mim mesmo, estaria também seguro das circunstâncias que nos impõe o seu tão fatal império? Na realidade, acabo por deplorar a miserável partícula de liberdade que Deus nos concedeu. Temos a liberdade necessária para lutar mas não a liberdade bastante para dominar o destino, e isto é quanto basta para que soframos.

[27] Trata-se de um lugar de professor particular, com que me preocupei durante algum tempo.

Felizes as crianças que não fazem mais do que dormir e sonhar, e nem pensam em empenhar-se numa tal luta com o próprio Deus! Vejo em torno de mim homens puros e simples, aos quais o cristianismo basta para os fazer virtuosos e felizes! Ah! Deus os preserve sempre de que desperte neles uma faculdade miserável, esta crítica fatal, que tão imperiosamente reclama satisfação e que, depois de estar satisfeita, deixa à nossa alma tão pouca margem para os doces prazeres espirituais de antes. Quisesse Deus que dependesse de mim suprimi-la, e eu não recuaria diante dessa amputação, se fosse lícita e possível. O cristianismo satisfez a todas as minhas faculdades, exceto a uma, a mais exigente de todas, porque ela é de pleno direito o juiz de todas as outras. Não seria contraditório impor a convicção à faculdade que cria a convicção? A ortodoxia me dirá, eu sei, que foi por culpa minha que caí nessa situação. Não discutirei; ninguém sabe se essa situação é digna de apreço ou de ódio. De bom grado direi, então: "A culpa foi minha!" contanto que aqueles que me estimam consintam em lastimar-me e me conservar sua amizade.

Um resultado que me parece agora obtido com certeza, é que não voltarei mais à ortodoxia, continuando a seguir a linha que segui, quero dizer, o exame racional e crítico. Até agora esperei que, tendo percorrido todo o círculo da dúvida, voltaria ao ponto de partida. Perdi, de todo, essa esperança. A volta ao catolicismo não me parece possível senão por um recuo, com a ruptura completa da linha com que me comprometi, fulminando minha razão, declarando-a uma vez por todas nula e sem valor, condenando-a a um silêncio respeitoso. Cada passo em minha carreira crítica me afasta mais do ponto de partida. Terei, então, perdido toda esperança de regresso ao catolicismo? Oh! este pensamento é para mim muito cruel. Não; não espero mais voltar ao catolicismo pela evolução racional. Mas estive muitas vezes a pique de me revoltar para todo o sempre contra um guia de que às vezes desconfio. Qual será, então, o móvel de minha vida? Não o sei, mas a atividade de uma inteligência encontra em qualquer parte aplicação. Acredite que eu precisava estar sob o efeito de rudes provações para me deter um instante num pensamento que me parecia mais terrível do que a morte. E, entretanto, se minha consciência me apre-

sentasse essa ideia como lícita eu me apegaria a ela sofregamente, quando mais não fosse por pudor humano.

Pelo menos aqueles que me conhecem reconhecerão, espero, não ter sido o interesse que me afastou do cristianismo. Todos os meus mais caros interesses não me induziam a julgá-lo verdadeiro? As considerações de ordem temporal com que tive de lutar bastariam para persuadir a outros que se encontrassem em situação idêntica. Meu coração sente necessidade de cristianismo, o evangelho será sempre minha moral, foi a Igreja que fez a minha educação, e eu a amo! Oh! e não poder continuar a dizer-me filho da Igreja! Abandono-a a contra-gosto, tenho horror a esses ataques desleais com que a caluniam, confesso com franqueza que nada tenho de completo para substituir os seus ensinamentos. Mas não posso esconder a mim mesmo os pontos vulneráveis que nela acreditei encontrar e sobre os quais não se pode transigir, visto que se trata de uma doutrina que se tem de aceitar em bloco, da qual não se pode destacar nenhuma parte.

Lamento às vezes não haver nascido num país onde os laços da ortodoxia fossem menos apertados do que nos países católicos. Porque desejo a todo custo ser cristão, mas não posso ser ortodoxo. Quando vejo pensadores tão livres e ousados quanto Herder, Kant, Fichte se dizerem cristãos, tenho vontade de ser como eles. Mas poderia sê-lo-dentro do catolicismo? O catolicismo é uma barra de aço e dentro de uma barra de aço não é possível o raciocínio. Quem fundará entre nós o cristianismo racional e crítico? Quero confessar-lhe que acredito haver encontrado em alguns escritores alemães a verdadeira modalidade do cristianismo que nos convém. Possa eu ver o dia em que esse cristianismo tomará uma forma capaz de satisfazer plenamente todas as necessidades do nosso tempo! Possa eu cooperar nessa grande obra! O que me desola é a ideia de que seja um dia necessário para isto ser padre, e eu não posso fazer-me padre sem cometer uma criminosa hipocrisia.

Perdoe-me estes pensamentos que devem parecer-lhe condenáveis. Mas tudo isto, o Sr. sabe, não tem em mim uma consistência dogmática e em meio a todas estas perturbações, apego-me à Igreja, minha velha mãe. Recito os salmos com todo o fervor. Passaria, se me abandonasse aos meus sentimentos, horas inteiras na Igreja. Comove-me até o fundo do coração a piedade que se reveste de doçura, pureza e simpli-

cidade; tenho, mesmo, momentos de volta à devoção. Tudo isto não pode coexistir sem contradição com meu estado geral. Mas já tomei a respeito positivamente minha resolução. Desembaracei-me, ao menos temporariamente, do jugo importuno da coerência. Condenar-me-á Deus por haver aceito simultaneamente o que simultaneamente reclamam minhas diversas faculdades espirituais, se bem que não possa conciliar suas exigências contrárias? Não há épocas na história do espírito humano em que a contradição se toma necessária? Desde o momento em que o exame se aplica às verdades morais são elas postas em dúvida e, portanto, durante essa época de transição, a alma pura e nobre tem de continuar a ser moral graças a uma contradição. Foi assim que cheguei por momentos a ser ao mesmo tempo católico e racionalista. Mas sacerdote não posso ser: não se é padre por momentos, e sim, para sempre.

Os limites de uma carta me obrigam a terminar aqui a confidência das minhas lutas interiores. Bendigo a Deus, que me reservou tão penosas provas, haver-me posto em contato com um espírito como o do Sr. que sabe tão bem compreendê-las e a quem posso confiá-las sem reservas.

O Pe. *** deu à minha carta uma resposta cheia de sensibilidade. Só muito frouxamente combateu meu projeto de estudos livres. Minha irmã, cuja profunda sensatez era, desde alguns anos, como um clarão-guia que eu via caminhar à minha frente, encorajava-me, de um recanto da Polônia, com suas cartas cheias de retidão e de bom senso. Tomei minha resolução nos últimos dias de setembro. Foi um ato de grande honestidade; recordá-lo é hoje para mim uma alegria e dá-me uma sensação de segurança. Mas como me dilacerou a alma! O efeito produzido em minha mãe pelo meu gesto era o que mais me fazia sangrar o coração. Eu me via obrigado a apunhalar-lhe a alma sem dar-lhe a menor explicação. Ainda que muito inteligente ao seu modo, minha mãe não era bastante instruída para compreender que uma pessoa mudava

de fé religiosa por haver chegado à conclusão de que as explicações messiânicas dos Salmos são falsas e que Gesenius, em seu documentário sobre Isaías, tem razão em quase todos os pontos contra os ortodoxos. Decerto que muito me custava também causar um desgosto aos meus velhos mestres da Bretanha, que continuavam a ter por mim uma tão viva afeição. A questão crítica, tal como estava posta no meu espírito, parecer-lhes-ia alguma coisa de ininteligível, tão simples e absoluta era sua fé. Assim, parti para Paris sem lhes deixar entrever nada do que se passava, falando-lhes apenas de viagens ao estrangeiro e de uma possível interrupção nos meus estudos eclesiásticos.

Os professores de Saint-Sulpice, habituados a uma concepção mais larga das coisas, não ficaram muito surpreendidos. O Pe. Le Rir, que tinha uma confiança absoluta no estudo, e que conhecia perfeitamente a seriedade dos meus costumes, não procurou dissuadir-me de empregar alguns anos nas pesquisas livres em Paris, e traçou-me o plano dos cursos do Colégio de França e da Escola de Línguas Orientais que eu devia fazer. O Pe. Carbon mostrou-se penalizado: via como minha situação ia tornar-se difícil e prometeu obter para mim uma colocação tranquila e honesta. No Pe. Dupanloup encontrei aquela grande e calorosa compreensão das coisas da alma humana que constituía sua superioridade. Fui com ele de uma extrema franqueza. O aspecto científico do caso lhe escapava inteiramente; quando lhe falei de crítica alemã, mostrou-se surpreso. Eram-lhe quase desconhecidos os trabalhos do Pe. Le Hir. As Escrituras, ao seu ver, tinham como única utilidade fornecer aos pregadores passagens eloquentes; ora, o hebraico não serve absolutamente para a oratória. Mas que grande, que bom e nobre coração! Tenho agora sob os olhos um bilhete

escrito por ele: “Precisa V. de algum dinheiro? Seria muito natural que precisasse, na sua situação atual. Minha modesta bolsa está à sua disposição. Eu gostaria de oferecer-lhe bens mais preciosos. . . Espero que o meu oferecimento, muito natural, não o melindrará.” Agradeci-lhe, e nisto não houve nenhum mérito de minha parte. Minha irmã Henriette me havia dado mil e duzentos francos para atravessar aquele momento difícil. Mal toquei neles. Mas esta quantia, poupando-me qualquer inquietação imediata quanto ao dia seguinte, constituiu a base da independência e da dignidade de toda a minha vida.

E assim desci, para nunca mais os subir de batina, os degraus do seminário Saint-Sulpice; atravessei a praça, apressado, e ganhei rapidamente o hotel que ocupava, naquele tempo, o ângulo noroeste da atual esplanada, então ainda não desimpedida.

VI

Primeiros passos fora de Saint-Sulpice

I

DISSE como, a 6 de outubro de 1845, deixei definitivamente o seminário de Saint-Sulpice, e fui tomar um quarto no hotel mais próximo. Não sei qual era o nome desse hotel; chamavam-no sempre "o hotel de mademoiselle Celeste", porque assim se chamava a senhora muito distinta que era a sua gerente ou proprietária.

Era um hotel único em Paris, esse de Mlle. Celeste, uma espécie de anexo do seminário, até onde o regulamento do seminário, por assim dizer, continuava. Só aceitava hóspedes recomendados pelos padres de Saint-Sulpice ou de alguma autoridade religiosa. O hotel era o lugar de pousada provisória dos que, entrando para o seminário, ou saindo dele, precisavam de alguns dias livres. Os sacerdotes em viagem, os superiores de convento que tinham negocias a tratar em Paris, ali encontravam uma hospedagem cômoda e barata. A passagem da condição eclesiástica para a condição laica é como a mudança de estado de uma crisálida; exige um pouco de sombra. Sem dúvida, se alguém pudesse contar-nos todos os romances silenciosos e discretos que se desenrolaram sob o teto daquele velho hotel hoje desaparecido, teríamos uma série de interessantes confidências. Não seria preciso, entretanto, para isto, que as conjecturas dos narradores deturpassem os fatos. Recordo-me de Mlle. Celeste; na lembrança reconhecida que dela guardavam muitos eclesiásticos nada

havia que, do ponto de vista dos cânones mais severos, não se pudesse confessar.

Enquanto eu esperava no hotel que se consumasse minha metamorfose, a bondade do Pe. Carbon não permanecia inativa. Ele escreveu em meu favor ao Pe. Gratry, então diretor do Colégio Stanislas, e este me mandou oferecer um emprego de vigilante na divisão superior. Estive com o Pe. Dupanloup, que me aconselhou a aceitar a colocação. Disse-me: “V. não se arrependerá. O Pe. Gratry é um sacerdote muito distinto, o que há de mais distinto”. Aceitei. No colégio só tive motivos para estar satisfeito com toda gente, mas isto durou apena quinze dias. Achei que minha nova situação implicava ainda aquilo a que eu resolvera evitar saindo do seminário, isto é, uma profissão desligada do clero. Assim, minhas relações com o Pe. Gratry foram as mais passageiras. Era um homem de sensibilidade, e um escritor bastante hábil, mas sem base. O que havia de vago no seu espírito me desagradava. Os Pes. Carbon e Dupanloup lhe haviam dito o motivo de minha saída do seminário Saint-Sulpice. Tivemos duas ou três conversas nas quais lhe expus minhas dúvidas positivas, fundadas no exame dos textos sagrados. Ele nada compreendeu de tudo aquilo, e seu transcendentalismo deve ter achado minha precisão muito terra-a-terra. Não possuía nenhum conhecimento de ciência eclesiástica, nem de exegese, nem de teologia. Tudo nele se limitava a frases gerais, a pueris aplicações das matemáticas ao que era “matéria de fato”. A imensa superioridade de teologia de Saint-Sulpice sobre essas combinações vazias que se diziam científicas me saltou aos olhos desde logo. Saint-Sulpice conhece o cristianismo no original; a Escola Politécnica não o conhece. Mas, repito, o Pe. Gratry era

um homem perfeitamente honesto, e muito atraente, um verdadeiro gentil homem.

Separei-me dele com pesar, mas tinha de afastar-me. Deitara o primeiro dos seminários do mundo por outro que lhe era inferior. A perna havia sido mal encanada; tive a coragem de fazer nova operação. A 2 ou 3 de novembro de 1845 transpus os últimos umbrais em que a Igreja procurara reter-me, e fui instalar-me num colégio do bairro de Saint-Jacques, subordinado ao liceu Henrique IV, como repetidor *au pair*, isto é, conforme a linguagem do Quartier Latin de então, sem ordenado. Tinha lá um pequeno quarto, a comida juntamente com os alunos, duas, horas por dia, apenas, de serviço e, portanto, muito tempo para estudar. Estas condições me satisfaziam plenamente.

II

COM a capacidade que eu tenho de bastar à minha felicidade, e, consequentemente, de gostar da solidão, o pequeno internato da rua das Deux-Églises[28] teria sido, com efeito, para mim, um paraíso, não fosse a crise terrível por que passava a minha consciência e a mudança de base que teria de sofrer a minha vida. Diz-se que os peixes do lago Baical levaram milhares de anos para se transformarem em peixes de água doce, depois de haver sido de água salgada. Minha transformação, eu tive de fazê-la em algumas semanas. Como um círculo encantado, o catolicismo envolve toda a vida de uma criatura com tanto poder, que quando nos vemos privados dele tudo nos parece insípido. Eu me sentia terrivelmente despaisado. O universo me dava a impressão de um deserto árido e frio. Desde o momento em que o cristianismo deixava de ser a verdade, o resto me pareceu indiferente, frívolo, pouco digno de interesse. O desmoronamento de minha vida sobre si mesma deixou-me uma sensação de vazio como a que se segue a um acesso de febre ou a um amor despedaçado. A luta que me absorvera inteiramente fora tão ardente que agora tudo para mim era estreito e mesquinho. O mundo me surgia aos olhos medíocre, pobre de virtude. Tudo em torno me parecia uma queda, uma decadência; senti-me perdido em meio a um formigueiro de pigmeus. (26)

[28] Hoje, rua do Abbé-de-l'Épée.

Redobrava minha tristeza a magoa que fora obrigado a causar a minha mãe. Visando arranjar, para ela, as coisas do modo que lhe fosse o menos penoso, usei alguns artifícios aos quais talvez eu fizesse mal em recorrer. Suas cartas me dilaceravam o coração. Ela imaginava a minha situação ainda mais difícil do que o era na realidade, e como, tendo me amimado sempre, apesar de nossa pobreza, ela me tornara uma criatura muito débil, acreditava eu não pudesse suportar uma vida rude e vulgar. Disse-me numa carta: "Tu, a quem um pobre ratinho tirava o sono, como te vais arranjar agora? . . ." Passava os dias a trautear os cânticos de Marselha, que figuravam no seu livro predileto,[29] sobretudo o cântico de Joseph:

O Joseph, ô mon aimable,
Fils affable,
Les bêtes t'ont dévoré;
Je perds avec toi l'envie
D'être en vie;
Le Signeur soit adoré![30]

Quando escrevia dando conta dos seus cuidados, eu sentia o coração confrangido. Quando criança, tinha o hábito de lhe perguntar dez vezes num dia: "Mamãe, está satisfeita comigo?" A ideia de um desentendimento entre nós dois era-me cruel. E então eu empregava todo o meu engenho em inventar meios de lhe demonstrar que continuava a ser sempre o mesmo "fils affable" do passado. Pouco a pouco, a ferida cicatrizou. Quando verificou que continuava

[29] Coletânea do século XVI, da mais extrema ingenuidade. Possuo ainda o velho exemplar de minha mãe. Talvez um dia descreva sobre ele.

[30] "Ó José, ó meu amado – Filho afável, – As feras te devoraram; – Perdi contigo toda a vontade – De viver; – O Senhor seja adorado!" – N. do T.

a ser para ela tão bom e tão temo como sempre, admitiu de bom grado que havia muitas maneiras de ser padre, e que nada mudara em mim senão o trajo, e esta era bem a verdade.

Era completa a minha ignorância das coisas do mundo. Tudo que não figurasse nos livros eu desconhecia. Como, além disto, nunca soube bem senão o que aprendera em Saint-Sulpice, permaneci sempre uma criança em matéria de negócios. E assim não fiz nenhum esforço para tomar minha situação tão boa quanto possível. Pensar me parecia o objeto único da vida. Sendo a carreira do magistério público a que mais se assemelha à de sacerdócio, escolhi-a quase sem refletir. Era duro, decerto, depois de haver estado em contato com a mais alta cultura do espírito e ocupado um lugar já honroso, descer ao degrau mais humilde. Eu sabia melhor do que ninguém na França, depois do Pe. Le Rir, a teoria comparada das línguas semíticas, e minha posição era a do último inspetor de alunos; era um cientista e não tinha o diploma de bacharel. Mas a satisfação íntima de minha consciência bastava-me. Nunca senti, quanto às minhas resoluções decisivas do mês de outubro, a menor sombra de arrependimento.

Uma recompensa, aliás, me estava reservada desde o dia seguinte ao da minha entrada para o obscuro colégio em que devia ocupar durante três anos e meio a mais modesta· situação. Entre os alunos havia um que, devido aos seus sucessos e ao adiantamento, tinha um lugar à parte no estabelecimento. Ele contava apenas dezoito anos, mas o espírito filosófico, o ardor concentrado, a paixão da verdade, a sagacidade inventiva que depois devia celebrizar-lhe o nome já eram visíveis àqueles que o conheciam: aludo ao Sr. Berthelot. Meu quarto era contiguo ao dele, e desde

o dia em que nos conhecemos, fomos tomados de uma viva amizade recíproca. Nossa febre de aprender era igual; a formação de minha cultura e a da sua haviam sido muito diferentes. Pusemos em comum tudo o que sabíamos. Disto resultou uma pequena caldeira onde ardiam as peças mais díspares porém onde a efervescência era intensa. Berthelot me ensinou o que não se ensinava no seminário; por meu lado, tomei como um dever ensinar-lhe teologia e hebraico. Berthelot comprou uma Bíblia hebraica, que ainda hoje, creio, figura em sua biblioteca. Devo dizer que ele não ia muito além dos *shevas*; cedo o laboratório me fez uma concorrência vitoriosa. Nossa honestidade e nossa retidão se aliaram.

Berthelot me fez conhecer seu pai, uma dessas figuras de médicos consumados que Paris sabe produzir. O velho Berthelot era cristão galicano da velha escola e com opiniões política muito liberais. Foi o primeiro republicano que eu conheci: uma tal aparição me assombrou. Era alguma coisa mais.: era um homem admirável pela caridade e o devotamento. Fez a carreira científica do seu filho permitindo-lhe que se entregasse, até além dos trinta anos de idade, às suas pesquisas especulativas, sem emprego, nem concurso, nem escola, nem nenhum trabalho remunerado.

Em política, Berthelot permaneceu fiel aos princípios do seu pai. É este o único ponto em que não estamos sempre de acordo. Porque, quanto a mim, eu me resignaria de bom grado, se apresentasse uma ocasião (devo dizer que tal oportunidade se afasta cada dia mais), em servir, para o maior bem da pobre humanidade, uma hora em que ela está tão desamparada, a um tirano que fosse filantropo, instruído, inteligente e liberal.

Eram intermináveis nossas discussões; nossas conversas sempre recomeçavam. Passávamos uma parte das noites a pesquisar, a estudar juntos. Ao fim de algum tempo, Berthelot, tendo concluído seus estudos de matemáticas especiais no liceu Henrique IV, voltou para a casa do pai, que ficava ao lado da torre de Saint-Jacques de la Boucherie.

Quando ele vinha visitar-me conversávamos durante horas. Depois, eu ia levá-lo de volta à torre de Saint-Jacques. Mas como, de ordinário, o tema das nossas conversas estava longe de esgotar-se, quando chegávamos à porta da casa de Berthelot ele me levava de novo a Saint-Jacques du Haut Pas, depois eu novamente o acompanhava à casa, e esse vai-e-vem se repetia uma porção de vezes. É preciso que as questões sociais sejam bem difíceis para que não as tenhamos resolvido em nosso desesperado esforço. A crise de 1848 nos emocionou profundamente. Não conseguiu, mais do que nós, esse ano terrível resolver os problemas que punha em equação. Mas nos mostrou a caducidade de uma porção de coisas tidas como sólidas; foi para os espíritos jovens e ativos como a queda de uma cortina de nuvens que ocultasse a linha do horizonte.

Os laços de profunda afeição que nos ligaram foram, assim, certamente do gênero mais raro e mais singular. Em nós dois, o acaso aproximou duas naturezas essencialmente objetivas, quero dizer, tão desembaraçadas quanto possível do turbilhão que faz da maior parte das consciências uma pequena enseada egoísta, como a casa cônica da *formica-leo*. Habituados a nos observar muito pouco a nós mesmos também muito pouco nos observávamos um ao outro. Nossa amizade consistiu em que nós nos ensinávamos mutuamente, numa espécie de comum fermentação que

uma notável conformidade de organização intelectual produzia em nós diante dos mesmos objetos. O que havíamos visto conjuntamente parecia-nos certo. Quando se iniciaram nossas relações, ainda me restava uma terna simpatia pelo cristianismo; por seu lado, Berthelot conservava também, da influência do pai, uns restos de crenças católicas. Alguns meses bastaram para apagar esses vestígios de fé na parte de nossas almas consagrada às reminiscências. A afirmação de que tudo no mundo é de uma só cor, de que não há sobrenatural particular nem revelação momentânea, impôs-se de modo absoluto ao nosso espírito. A clara visão científica de um universo onde não haja, de maneira ponderável, nenhuma vontade livre superior à do homem tornou-se, desde os primeiros meses de 1846, a âncora inabalável da qual nunca nos desprendemos. Só renunciaremos a essa convicção quando nos for dado constatar na natureza um fato especialmente intencional tendo uma causa fora da livre vontade do homem ou da ação instintiva dos animais.

Nossa amizade foi, assim, alguma coisa de análogo à dos dois olhos quando fixam um mesmo objeto e que de duas imagens resulta para o cérebro uma só e a mesma percepção. Nosso progresso intelectual era como esses fenômenos que se produzem por uma espécie de ação de vizinhança e de tácita cumplicidade. Berthelot gostava tanto quanto eu dos meus trabalhos; eu apreciava sua obra quase tanto quanto ele próprio. Nunca houve entre nós, não digo uma descaída moral, mas uma simples vulgaridade. Fomos sempre um para o outro como somos para com uma mulher a quem respeitamos. Quando procuro representar por uma imagem o par incomparável de amigos que fomos vem-me a ideia de dois padres em sobrepeliz que se dão o braço. Essa vestimenta não os embaraça na conversa

sobre coisas transcendentes, mas com um tal vestuário eles não se lembrariam de fumar um cigarro juntos, ou de, juntos, se ocupar de coisas rasteiras, ou satisfazer as mais legítimas exigências do corpo. Aquele pobre Flaubert nunca pôde compreender o que nos conta Sainte-Beuve, em seu *Port-Royal*, desses solitários que passavam sua vida sob o mesmo teto tratando-se uns aos outros de monsieur até a morte. É que Flaubert não fazia uma ideia do que são as naturezas capazes de abstração. Não somente Berthelot e eu nunca tivemos um com o outro a menor familiaridade, como até quase enrubesceríamos se tivéssemos de pedir um ao outro um favor, ou mesmo um conselho. Pedir um favor seria aos nossos olhos um ato de corrupção, uma injustiça para com o resto da humanidade; seria, pelo menos, reconhecer que tínhamos apego a alguma coisa. Ora, sabemos tão bem que a ordem temporal é vazia, vã e frívola, que receamos dar corpo até mesmo a amizade. Estimamo-nos muito para que cada um de nós admita uma fraqueza no outro. Igualmente convencidos da insignificância das coisas passageiras, tomados ambos do mesmo gosto pelo eterno, não nos poderíamos resignar à confissão de uma distração voluntária com o fortuito e o acidental. É certo, com efeito, que a amizade vulgar supõe que não se está perfeitamente convencido de que tudo é vão.

No curso da vida, uma tal ligação pode, por momentos, deixar de nos parecer necessária. Retoma, porém, toda a sua vivacidade sempre que a fisionomia do mundo, que muda incessantemente, traz uma nova reviravolta sobre a qual temos que nos consultar. Aquele dentre nós que morrer primeiro deixará no outro a sensação de um grande vácuo. Nossa amizade me recorda a de Francisco de Sales e do presidente Favre: "Esses anos temporais passam, senhor meu

irmão: seus meses se reduzem a semanas, as semanas a dias, os dias a horas, e as horas a momentos, que são os únicos de que dispomos, mas nós só os possuímos à medida que eles morrem . . .”. A convicção, que adotamos quando jovens, da existência de um objeto eterno, dá à vida uma base particular de solidez. Tudo isto – direis – é pouco humano, pouco natural! Sem dúvida, mas só se pode ser forte contrariando a natureza. A árvore nativa não dá bons frutos. A árvore produz bons frutos desde que esteja numa latada, isto é, desde que não seja mais uma árvore.

III

A amizade de Berthelot e a aprovação de minha irmã foram as duas grandes consolações que me sustentaram naquele momento difícil em que o sentimento dum dever abstrato para com a verdade me obrigou a mudar, aos vinte e três anos, a direção de uma vida já tão nitidamente definida. Tudo, na realidade, não foi mais do que uma mudança de domicílio e do aspecto exterior. No fundo, continuei o mesmo: a direção moral de minha existência saiu dessa prova sem sofrer quase nenhum desvio. A sede de verdade, que era o móvel de minha vida, não diminuiu nada. Meus hábitos e minhas maneiras não sofreram quase nenhuma alteração.

Com efeito, Saint-Sulpice deixara em mim uma tão forte impressão que, durante anos, continuei sulpiciano, não pela fé mas pelos costumes. Aquela excelente educação que me dera a conhecer a perfeição da polidez no Pe. Gosselin, a perfeição da bondade no Pe. Carbon, a perfeição da virtude nos Pes. Pinault, Le Hir, Gottofrey, marcara o meu temperamento dócil com um vinco inapagável. Meus estudos, continuados intensamente fora do seminário, me confirmaram de modo tão absoluto em minhas opiniões contra a teologia ortodoxa, que ao fim de um ano eu tinha dificuldade em compreender como pudera anteriormente crer. Mas, desaparecida a fé, permanece a moral. Durante muito tempo meu programa foi abandonar o menos possível o cristianismo,

e conservar dele tudo que se pode praticar sem que se acredite no sobrenatural. Fiz, de certo modo, uma seleção das virtudes do sulpiciano, desprezando aquelas que se relacionam com uma fé positiva, retendo as que um filósofo pode provar. Tal é a força do hábito. O vazio produz às vezes o mesmo efeito que a plenitude. *Est pro corde locus*. A galinha a quem foi arrancado o cérebro continua, apesar disto, se submetida à ação de certos excitantes, a coçar o bico.

Esforcei-me assim, ao deixar Saint-Sulpice, no sentido de continuar tão sulpiciano quanto possível. Os estudos que começara no seminário me haviam de tal modo apaixonado que só pensava em retomá-los. Uma só preocupação me parecia digna de encher minha vida: prosseguir em minhas pesquisas críticas em torno do cristianismo pelos meios, muito mais amplos, que me oferecia a ciência laica. Imaginava-me sempre na companhia dos meus professores, discutindo com eles as objeções e lhes provando que páginas inteiras dos livros de de ensino eclesiástico deviam ser revistas. Por algum tempo continuei a visitá-los, sobretudo ao Pe. Le Hir. Depois compreendi que as relações do homem de fé com o descrente não tardam a se tornar penosas, e me abstive daquelas relações, que não podiam mais ser agradáveis nem trazer proveito senão a mim.

Na ordem das ideias críticas igualmente cedi o menos possível, e foi por isto que, sendo um racionalista sem reserva, pareci, entretanto, mais de uma vez, um conservador, nas discussões relativas à idade e à autenticidade dos textos sagrados. A primeira edição de minha *História Geral das Línguas Semíticas* contém, assim, no que se refere ao Eclesiastes e ao Cântico dos Cânticos, certas fraquezas para com as opiniões tradicionais, que depois fui sucessivamente eli-

minando. Em meu livro *Origens do Cristianismo*, ao contrário, essa reserva me guiou com segurança, porque nesse trabalho me achei em presença duma escola exagerada, a dos protestantes de Tubingue, espíritos destituídos de tato literário de medida, aos quais, por culpa dos católicos, ficaram quase exclusivamente entregues os estudos sobre Jesus e a idade apostólica. Quando vier a reação contra essa escola, verificar-se-á talvez que minha crítica, de origem católica e sucessivamente emancipada da tradição, me fez compreender bem certas coisas e me preservou de mais de um erro.

Mas foi sobretudo pelo caráter que eu continuei essencialmente o discípulo dos meus antigos mestres. Quando examino retrospectivamente minha vida, vejo que ela não foi mais do que uma aplicação das qualidades e dos defeitos daqueles mestres. Apenas, essas qualidades e esses defeitos, transportados para o mundo, produziram as mais originais dissonâncias. Tudo está bem quando termina bem; e tendo sido, em última análise, muito agradáveis para mim os frutos da existência, ponho-me frequentemente a divertir-me, como Marco Aurélio nas margens do Gran, em balancear o que devo às influências diversas que interferiram em minha vida e a entreteceram. Pois bem, Saint-Sulpice me aparece sempre como o fator principal da vida que realizei. Falo de tudo isto muito à vontade, porque tive pouco mérito em tal resultado. Recebi uma boa educação, eis tudo. Minha doçura de temperamento, que resulta de uma fundamental indiferença; minha indulgência, que é muito sincera e se origina do fato de compreender eu muito bem o quanto são injustos os homens uns com os outros; meus hábitos criteriosos, que são para mim um prazer; a capacidade indefinida que tenho de me abor-

recer, proveniente talvez de uma inoculação de tédio tão forte em minha juventude que me tornei refratário para o resto da vida – tudo isto se explica pelo ambiente em que vivi e pelas impressões profundas que recebi. Depois de minha saída de Saint-Sulpice não fiz mais do que declinar e, entretanto, com a quarta parte apenas das virtudes dum sulpiciano, ainda fiquei, acredito, muito acima da mediania.

Agradar-me-ia explicar em detalhes e demonstrar como o empenho paradoxal de conservar as virtudes clericais sem a fé que lhes serve de base, e num mundo ao qual não se adaptavam, produziu, quanto a mim, as descobertas mais divertidas. Gostaria de contar todas as aventuras que minhas virtudes sulpicianas me proporcionaram, e as singulares partidas que elas me pregaram. Depois de sessenta anos de vida levada a sério, tem-se o direito de sorrir; e onde pode alguém encontrar uma fonte de riso mais abundante, mais acessível, mais inofensiva do que em si mesmo? Se algum dia um autor de comédia quisesse divertir o público com os meus ridículos, eu só lhe pediria uma coisa: que me tomasse como seu colaborador, e lhe contaria coisas vinte vezes mais engraçadas do que as que ele pudesse inventar. Mas advirto-me de que com isto faltaria; desairosamente, à primeira das regras que meus excelentes mestres me ensinaram, que é a de nunca falarmos de nós mesmos. Só tratarei, portanto, muito por alto, dessa última parte do meu assunto.

IV

QUATRO virtudes, parece-me, resumem a ilustração moral que me deram, sobretudo por seus exemplos, os piedosos mestres que me cercaram de seus cuidados até a idade de vinte e três anos: o desprendimento ou a pobreza, a modéstia, a polidez e os bons costumes. Vou analisar-me sob esses quatro pontos, não para pôr em relevo o mínimo que seja os meus próprios méritos, mas para fornecer aos que professam a filosofia da dúvida amável a oportunidade de fazer, às minhas custas, algumas de suas finas observações.

1 – A pobreza é, entre as virtudes do clero, aquela que eu melhor guardei. O Pe. Olier havia mandado fazer em sua igreja um quadro no qual Saint-Sulpice estabelecia a regra fundamental de seus clérigos: *Habentes alimenta et quibus tegamur, his contenti sumus*. É bem esta a norma que eu sigo. Meu sonho seria ter um teto, alimentação, vestuário, *chauffage*, sem que precisasse preocupar-me dessas coisas, tudo fornecido por alguém que me tomasse à sua conta, deixando-me toda a liberdade. O regime que foi estabelecido para mim no dia em que entrei a trabalhar *au pair* no pequeno internato do *faubourg* Saint-Jacques deveria ser a base econômica de toda a minha vida. Uma ou duas lições particulares me permitiam deixar de tocar nos mil e duzentos francos de minha irmã. Era precisamente a norma que eu via observada pelos meus professores de Tréguier de Saint-Sulpice: *Victum et vestitum;* casa, comida

e o necessário para comprar uma batina por ano. Eu nunca desejara mais do que isto para mim. O modesto pecúlio que hoje possuo veio-me tarde, e à minha revelia. Encaro o mundo como pertencente a mim, mas dele somente quero o usufruto. Deixarei a vida sem ter possuído outras coisas além "daquelas que se gastam com o uso", segundo a regra franciscana. Toda vez que desejei comprar uma nesga qualquer de terra, uma voz interior me impediu de o fazer. Parecia-me coisa grosseira, material, contrária ao princípio: *Non habemus hic manentem civitatem*. Os valores são coisas mais ligeiras, mais etéreas, mais frágeis; criam vínculos mais fracos, e a gente se arrisca mais a perdê-los.

Dado o rumo que toma hoje o mundo, há nessas ideias um amargo contra-senso, e embora a norma que escolhi me haja trazido a felicidade, eu não aconselharia ninguém a segui-la. Estou muito velho para me modificar, e, além disto; sinto-me contente de ser assim. Mas acredito que enganaria os moços se os aconselhasse a agir como eu. Tirar de suas aptidões todo o proveito que for possível, eis a que se reduz a regra dominante no mundo. A ideia de que o nobre é aquele que não ganha dinheiro, a de que toda exploração comercial ou industrial, por mais honesta, avilta aquele que a exerce e o impede de figurar no primeiro plano da humanidade, é tuna ideia que se vai diluindo cada dia. Eis o que produz uma diferença de quarenta anos nas coisas humanas. Tudo que eu fazia outrora pareceria hoje um ato de loucura, e, olhando em torno de mim, tenho a impressão de viver num mundo que já não reconheço.

O homem que se devota aos trabalhos desinteressados é como uma pessoa de menoridade nos negócios do mundo: precisa de um tutor. Ora, o nosso mun-

do é bastante vasto para que todo lugar disponível seja ocupado; todo emprego cria de algum modo aquele que deve preenchê-lo. Nunca imaginei que o produto de meu pensamento pudesse ter um valor venal. Sempre pensei em escrever, mas não acreditava que esse trabalho viesse a produzir um *sou*. Qual não foi a minha surpresa quando vi entrar em minha mansarda um homem de fisionomia inteligente e agradável, que me cumprimentou por alguns artigos que eu havia publicado e se ofereceu para reuni-los em volumes! Um papel timbrado que ele trouxera estipulava as condições, que me pareceram espantosamente generosas, tanto assim que quando o visitante me perguntou se eu desejava que todos os meus escritos futuros ficassem compreendidos no contrato, concordei. Veio-me, por um momento, a ideia de fazer algumas observações, mas o timbre que eu tinha diante dos olhos me impedia de as formular: deteve-me a ideia de que aquela bonita folha de papel ficaria perdida.

Fiz bem em desistir das objeções. O Sr. Michel Levy deve ter sido criado por um decreto especial da Providencia para ser o meu editor. Um literato que se preza não deve escrever em mais de um jornal, em mais de uma revista, nem ter mais de um editor. Foram sempre excelentes as relações entre o Sr. Michel Levy e eu. Mais tarde ele me observou que o seu contrato não me era bastante favorável, e o substituiu por outro, ainda mais amplo. Depois de tudo, disse-me que eu não lhe acarretei maus negócios. Estou encantado com isto. De qualquer modo, posso dizer que, se havia em mim algum capital de produção literária, era de justiça que ao editor coubesse uma grande parte: fora ele quem o descobrira, nunca tive dúvidas a respeito.

2 – É muito difícil provar alguém que é modesto, pois, desde o momento em que diz sê-lo, já não o é. Nossos velhos mestres cristãos, repito, tinham a respeito uma regra excelente que é a de nunca falarmos de nós mesmos, nem bem nem mal. Eis a verdade; mas o público é no assunto um grande corruptor. Ele nos estimula para o mal. Induz o escritor a faltas para as quais logo em seguida se mostra severo, como a burguesia morigerada de outrora aplaudia o comediante ao mesmo tempo que o excluía da Igreja. "Leve o Diabo a tua alma, contanto que me divirtas!" – eis o sentimento que muitas vezes está no fundo dos incentivos, aparentemente os mais lisonjeiros, do público. A gente vence, sobretudo, por seus defeitos. Quando eu estou muito contente comigo mesmo, tenho o aplauso de dez pessoas. Quando me entrego a perigosos abandonos, nos quais minha consciência literária hesita e minha mão treme, milhares de pessoas me pedem que continue.

Pois bem apesar de tudo, e uma vez obtida indulgência para os pecados veniais, tenho sido, sim, modesto e não foi neste ponto que faltei ao meu programa de sulpiciano obstinado. A vaidade do homem de letras não é o meu fraco. Não participo dos erros de julgamento literário do nosso tempo. Sei que nunca um verdadeiro grande homem imaginou ser um grande homem, e quando alguém desfruta prematuramente em vida sua gloria não a recolhe em espigas depois da morte. Nunca em tempo algum fiz caso da literatura senão para agradar a Sainte-Beuve, que exercia obre mim grande influência. Depois que ele morreu, deixei de dar importância à literatura. Compreendo bem que o talento só tem valor num mundo infantil como o nosso. Se o público pensasse melhor, contentar-se-ia com a verdade. O que ele aprecia são

quase sempre imperfeições. Meus adversários, para me recusarem outras qualidades que contrariam sua apologética, me atribuem tão liberalmente a posse do talento que eu posso perfeitamente aceitar esse elogio, pois em suas bocas ele é uma crítica. Pelo menos, nunca procurei tirar partido dessa qualidade inferior que me prejudicou mais como cientista do que me serviu por si mesma. Nada baseei sobre essa qualidade. Nunca contei com o meu pretenso talento para viver. Aquele pobre Beulé, que me olhava com uma espécie de curiosidade afetuosa, misturada de espanto, não imaginava o pouco uso que eu fazia de tal predicado. Sempre fui o menos literário dos homens. Nos momentos decisivos para minha vida, eu não tinha a menor dúvida de que minha prosa não alcançaria o menor sucesso.

Nada fiz para esse sucesso, e – seja-me permitido dizê-lo – ele teria sido muito maior se eu quisesse. Não cultivei de modo nenhum minha veia literária; antes, empenhei-me em deixá-la correr. O público gosta de que cada um seja exclusivamente o que é; deseja que cada um tenha sua especialidade e nunca reconhece a um homem aptidões antagônicas entre si. Se eu tivesse querido fazer um *crescendo* de anti-clericalismo após a *Vida de Jesus*, qual não teria sido minha popularidade! A multidão aprecia o estilo brilhante. Ser-me-ia lícito não me despojar desses ouropéis e lantejoulas que fazem o sucesso de outros e provocam o entusiasmo dos conhecedores medíocres, isto é, a maioria. Passei um ano entregue à tarefa de podar o estilo da *Vida de Jesus*, por pensar que um tal assunto somente podia ser tratado da maneira mais sóbria e mais simples. Ora, todos sabem a atração que o tom declamatório exerce sobre as massas. Nunca forcei minhas opiniões para me fazer ouvir. Não

foi por minha culpa se, em consequência do meu gosto da época, um fio de voz clara ressoou no meio da noite como repetida por milhares de ecos.

3 – No capítulo da polidez encontrarei menos objeções do que no da modéstia, porque, a nos atermos às aparências, tenho sido mais polido do que modesto. A extrema civilidade dos meus velhos mestres deixou em mim tão viva lembrança que nunca pude perder de vista esse exemplo. Era a velha civilidade francesa; quer dizer, aquela que se exerce não somente para com os conhecidos mas para com toda gente, sem exceção[31]. Uma tal polidez implica uma ideia geral, sem a qual não concebo a vida: é a de que toda criatura humana, até prova em contrário, deve ser tida como boa e tratada com benevolência. Muitas pessoas, sobretudo em certos países, seguem a regra exatamente oposta, o que as leva a grandes injustiças. Quanto a mim; é-me impossível ser áspero para com quem quer que seja *a priori*. Suponho que todo homem que vejo pela primeira vez deve ser um homem de mérito e um homem de bem, salvo se tiver de mudar de opinião (o que frequentemente sucede) forçado pelos fatos. Eis aí a regra sulpiciana que na vida social me levou às situações mais singulares e fez de mim as mais das vezes um ser fora de moda, do antigo regime, estranho ao seu tempo. A velha polidez, com efeito, quase somente serve hoje para causar logros. A gente dá, não recebe. A boa norma na mesa é servir-se sempre muito mal para evitar a suprema impolidez de parecer que deixamos aos convivas que se vão servir depois aquilo que rejeitamos.

[31] Acrescentarei que mesmo para com os animais. Ser-me-ia impossível faltar com a atenção a um cão, tratá-lo rudemente e com um ar autoritário.

Talvez fosse melhor ainda servirmo-nos da parte que estiver mais perto de nós sem a olhar. Aquele que, em nossos dias, trouxesse para a batalha da vida uma tal delicadeza seria uma vítima sem proveito; sua delicadeza nem seria notada. "Ao que chegar primeiro", é a horrível norma do egoísmo moderno. Observar, num mundo tornado incompatível com a civilidade, as boas regras da honestidade de outrora seria desempenhar o papel de um verdadeiro tolo, e ninguém o agradeceria. Desde que a gente se sente empurrada por passos que querem tomar os primeiros lugares nosso dever é recuar com um ar que signifique: "Passe, cavalheiro." Mas é claro que aquele que se apegasse ao cumprimento dessa prescrição no ônibus[32], por exemplo, seria vítima de sua deferência; creio mesmo que estaria violando os regulamentos. Nas estradas de ferro, quantos compreenderão que se apressar, na plataforma, para superar os outros em velocidade e assegurar-se o melhor lugar é uma suprema grosseria?

Por outras palavras, as nossas máquinas democráticas excluem o homem polido. Renunciei desde há muito ao ônibus; os condutores chegavam a me tomar por um passageiro sem compostura. Nos caminhos de ferro, a menos que eu tenha a proteção de um chefe de estação, vem a caber-me sempre o último lugar. Eu nascera para uma sociedade fundada no respeito, na que se é tratado, considerado, acomodado, de acordo com sua condição. Só me sinto à vontade no Instituto e no Colégio de França, porque os nossos empregados são todos homens muito bem educados e nos demonstram uma alta estima. O

[32] Assim se chamavam, à época, em Paris, os veículos coletivos urbanos a tração animal. – N. do T.

hábito oriental de só andar na rua precedido de um *kavas* convinha-me bastante, porque assim a modéstia se ampara no aparato da força. É bom ter-se sob as ordens um homem armado de um chicote, do qual o proibimos de se servir. Eu gostaria muito de ter o direito de vida e morte para não utilizar-me dele, e de possuir escravos para os tratar com extrema doçura e fazer-me adorar por eles.

4 – Minhas ideias clericais dominaram-me ainda mais no que se refere aos costumes. Pareceu-me que haveria de minha parte uma falta de decoro se abandonasse os meus hábitos austeros. A gente mundana, em sua ignorância das coisas da alma, acredita que só se deixa o estado eclesiástico para escapar a deveres muito pesados. Eu não me perdoaria a mim mesmo se houvesse emprestado uma aparência de verdade a modos de ver tão superficiais. Escrupuloso como sou, quis ficar bem comigo mesmo, e continuei a viver em Paris do mesmo modo como vivera no seminário. Mais tarde percebi o quanto era vã essa virtude, como aliás todas as outras; reconheci, em particular, que à natureza não interessa muito que o homem seja casto. Também não insisti, por conveniência, no sistema de vida que escolhera, e impus-me os costumes de um pastor protestante. O homem não se deve permitir duas ousadias ao mesmo tempo. O livre-pensador deve ser severo em seus costumes. Conheço ministros protestantes de ideias muito largas, que salvam tudo com sua gravata branca irrepreensível. Eu, do mesmo modo, tenho feito passar coisas que a mediocridade humana considerava audaciosas graças a uma conduta moderada e à austeridade de costumes.

Os raciocínios mundanos no que concerne às relações entre os dois sexos são extravagantes como os de-

signios da própria natureza. O mundo, cujos julgamentos raramente são de todo falsos, vê uma espécie de ridículo em ser alguém virtuoso quando não obrigado a isso por um dever profissional. O padre, tendo, por sua condição, de ser casto, como o soldado tem de ser bravo, é, segundo essa concepção, quase o único que pode sem ridículo apegar-se a princípios em torno dos quais a moral e a moda travam os mais estranhos combates. É fora de dúvida que nesse ponto, como em muitos outros, meus principias clericais, conservados na vida secular, me prejudicaram aos olhos do mundo, mas não me inutilizaram para a felicidade. As mulheres em geral compreendiam que minha reserva afetiva importava em respeito e simpatia para com elas. Em suma, fui amado das quatro mulheres de quem mais me importava ser amado: minha mãe, minha irmã, minha mulher e minha filha. O quinhão que me coube foi bom, e não me será arrebatado; porque imagino muitas vezes que os julgamentos a serem proferidos sobre cada um de nós no Vale de Josaphat não serão outros senão os julgamentos das mulheres, homologados pelo Eterno.

Assim, tudo bem examinado, não menti em quase nada às minhas promessas de clérigo. Saí do espiritualismo para entrar no idealismo. Observei meus compromissos melhor do que muitos padres na aparência muito cumpridores dos seus deveres. Obstinando-me em conservar no mundo as virtudes de desprendimento, polidez e modéstia que nele não são aplicáveis, dei a medida da minha ingenuidade. Nunca persegui o sucesso; quase posso dizer que ele me aborrece. Basta-me o prazer de viver e de produzir. O que há de egoísta nesse modo de gozar o prazer de viver está neutralizado pelos sacrifícios que acredito haver feito pelo bem público. Sempre tenho estado

às ordens do meu país; ao primeiro sinal, em 1869, pus-me à sua disposição. Talvez lhe tivesse prestado algum serviço; ele não acreditou: estou quites. Nunca lisonjeei os erros da opinião; nunca deixei passar uma oportunidade de expor esses erros, chegando com isto até a parecer aos superficiais um mau patriota. Não devemos ser obrigados ao charlatanismo e à mentira para obter um mandato cuja primeira condição é a independência e a sinceridade. Quanto às desgraças coletivas que possam sobrevir, terei, portanto, a consciência tranquila.

Tudo balanceado, se eu tivesse de recomeçar a vida, com o direito de fazer-lhe correções, nada lhe alteraria. Os defeitos de minha natureza e de minha educação, graças a uma espécie de providência benévola, foram atenuados e reduzidos em suas consequências. Uma certa falta aparente de franqueza no comércio com os homens foi-me perdoada pelos meus amigos que a põem na conta da minha educação eclesiástica. Confesso que na primeira fase de minha vida, mentia com bastante frequência não por interesse, mas por bondade, por desdém, pela falsa ideia que me leva sempre a apresentar as coisas a cada um do modo por que ele possa compreendê-las. Minha irmã chamou vivamente minha atenção para os inconvenientes dessa maneira de agir, e eu renunciei a ela. A partir de 1851, não creio ter cometido uma única mentira, excetuadas naturalmente as mentiras por gracejo, de pura eutrapelia, as mentiras convencionais e de cortesia, que todos os casuístas permitem, e também os pequenos subterfúgios literários exigidos, tendo-se em vista uma verdade superior, pelas necessidades de uma frase bem equilibrada ou para evitar um mal maior, como o de ferir um autor. Um poeta, por exemplo, nos oferece os seus versos. Precisamos

dizer que eles são admiráveis, pois não o dizer seria dar a entender que eles nada valem, e ofender gravemente um homem que teve a intenção de nos fazer uma gentileza.

Meus amigos precisaram de bem maior dose de indulgência para me perdoar outro defeito meu: aludo a uma certa frieza, não para os estimar, mas para os servir. Uma das coisas mais recomendadas no seminário era evitar as “amizades particulares”. Tais amizades eram-nos apresentadas como um roubo feito à comunidade. Esta norma ficou-me profundamente gravada no espírito. Tenho estimulado pouco a amizade; pouco tenho feito pelos meus amigos, e eles pouco têm feito por mim. Uma das ideias que eu tenho mais frequentemente de combater é a de que a amizade, como de ordinário a entendem, constitui uma injustiça, um erro, que somente nos permite ver as qualidades de uma pessoa e nos fecha os olhos para as qualidades de outras mais dignas de nossa simpatia. Digo às vezes de mim para mim, segundo as opiniões dos meus velhos mestres, que a amizade é um furto feito à sociedade humana e que, num mundo superiormente organizado, a amizade desapareceria. Algumas vezes sinto-me ferido, em nome do bem coletivo, ao ver os vínculos particulares que ligam duas pessoas; sou tentado a me afastar delas como de juízes prevaricadores, que perderam sua imparcialidade e sua liberdade de julgamento. Essas sociedades a dois me dão a impressão de uma comandita que coage o espírito, prejudica a amplitude de julgamento e constitui a mais pesada grilheta para a independência. Beulé troçava frequentemente desse meu erro de apreciação. Ele gostava muito de mim e procurava servir-me, embora eu nada houvesse feito por ele. Em certa ocasião, votei contra esse amigo em favor de

uma pessoa que se tinha mostrado malévola para comigo. "Renan – disse-me Beulé – vou fazer-lhe um mal qualquer; assim, por espírito de imparcialidade, V. votará em mim."

Tendo amado muito os meus amigos, pouco lhes dei. O público mereceu de mim mais do que eles. Eis aí por que recebo um tão grande número de cartas de desconhecidos e anônimos; eis aí também por que sou um tão mau correspondente. Acontece-me, quando estou escrevendo uma carta, interrompê-la para expor em termos gerais as ideias que me vêm ao espírito. Não tenho vivido plenamente senão para a coletividade. Ela tem tido tudo de mim. Não haverá, depois de minha morte, nenhuma surpresa: eu nada reservei para pessoa alguma.

Tendo, assim, por instinto, preferido todos os homens a alguns homens, mereci a simpatia do meu século, mesmo a dos meus adversários, e, entretanto, possuí poucos amigos. Desde que começa a nascer em mim um pouco de entusiasmo na amizade, o princípio sulpiciano "Nada de amizades particulares!" vem perturbar, como um bloco de gelo, o jogo de todas as afinidades. À força de ser justo, fui pouco prestativo. Tenho bem em vista que prestar um serviço a um é, de ordinário, prestar um mau serviço a outro; que se interessar por um concorrente é, as mais das vezes, cometer uma preterição contra o seu rival. E assim a imagem do desconhecido cujo direito eu iria lesar aparece para embargar o meu interesse por outrem. Não fiz jus à gratidão de quase ninguém; nunca soube como se conseguia para alguém um varejo de tabaco. Isto fez de mim um homem sem influência no mundo. Merimé teria sido um homem de primeira ordem se não possuísse amigos. Seus amigos se apropriaram dele. Como pode alguém escrever cartas quando tem

facilidade de falar a todos? A pessoa que nos escreve nos amesquinha; somos obrigados a adotar suas medidas. O público tem o espírito mais largo do que um indivíduo, qualquer que ele seja. O vocábulo “todos” compreende muitos tolos, mas abrange também os milhares de homens e mulheres de espírito que são os únicos para quem o mundo existe. Escreverei sempre tendo em vista a esses.

V

TERMINO aqui minhas reminiscências, pedindo perdão ao leitor para a falta imperdoável que um tal gênero faz cometer em cada linha. O amor-próprio é tão hábil em suas secretas manobras que, por mais que façamos a crítica de nós mesmos, ficamos sob a suspeita de não haver sido francos. Há em tais casos o perigo de, por uma pequena esperteza inconsciente, confessarmos, com uma humildade que não tem maior mérito, defeitos leves e exclusivamente extrínsecos, para nos atribuirmos diretamente grandes qualidades. Ah! o demônio sutil que é a vaidade! Terei, por acaso, sido ludibriado por ela? Se as pessoas de gosto me acusam de me haver revelado um filho do meu século, presumindo não o ser, rogo-lhes que fiquem bem certos de que, pelo menos, isto não mais acontecerá.

Claudite jam rivos, pueri; sat prata biberunt.

Restam-me ainda muitas coisas a fazer para que de agora em diante possa distrair-me num jogo que muitos tacharão de frívolo. Minha família materna de Lannion, da qual herdei o temperamento, ofereceu muitos casos de longevidade; mas persistentes perturbações de saúde me induzem a crer que a hereditariedade não prevalecerá quanto a mim. Deus seja louvado, se isto for para me poupar anos de decadência e de amesquinhamento, que são a única coisa de que tenho horror! O tempo que ainda me resta de

vida, de qualquer modo, será consagrado a pesquisas em torno da pura verdade objetiva. Se estas linhas forem as últimas confidências que eu terei trocado com o público, permita-me ele agradecer-lhe o modo inteligente e simpático por que me amparou. Outrora todo o favor a que podia aspirar o homem que mantinha sua personalidade fora das rotinas estabelecidas era o de ser tolerado: Minha época e meu país tiveram para comigo bem mais indulgência. Apesar dos seus sensíveis defeitos, apesar de sua origem humilde, este filho de camponeses e de pobres marinheiros, sobre quem pesava o tríplice ridículo de egresso do seminário, de clérigo que tirou a batina e de "censor" de colégio calejado no ofício, foi de logo bem acolhido, escutado, amimado mesmo, porque todos percebiam em suas palavras o acento da sinceridade. Tive ardorosos adversários mas nenhum inimigo pessoal. As duas únicas ambições que manifestei na vida, entrar para o Instituto e para o Colégio de França, foram satisfeitas. A França me prodigalizou tudo que ela reserva para o que é liberal, sua língua admirável, sua bela tradição literária, suas normas de tato, a ressonância que sua voz encontra no mundo. O próprio estrangeiro ajudou minha obra tanto quanto o meu país; morrerei trazendo no coração o amor da Europa tanto quanto o da França; tenho às vezes ímpetos de me pôr de joelhos para suplicar-lhe que não se deixe dividir por ciúmes fratricidas, que não esqueça o seu dever, sua tarefa comum, que é a da civilização.

Quase todos os homens com quem mantive relações foram para comigo de extrema benevolência. Ao sair do seminário, atravessei, como disse, um período de solidão, durante o qual só tive um apoio, que foram as cartas de minha irmã e as conversações de Berthelot; mas logo encontrei em toda parte sorrisos e estí-

mulos. O Sr. Egger, desde os primeiros meses de 1846, tornou-se meu amigo e meu guia na difícil empresa de retomar, retardatário, meus estudos clássicos. Eugène Burnouf, à vista de um ensaio bem imperfeito que apresentei ao concurso do prêmio Volney, em 1847, tomou-me como seu aluno. O Sr. e a Sra. Adolphe Garnier foram sempre para comigo da maior bondade. Era um casal encantador. A Sra. Garnier, irradiante de naturalidade e graça, foi minha primeira admiração num gênero de beleza de que a teologia me havia privado de apreciar. O Sr. Victor Le Clerc fazia reviver aos meus olhos todas as qualidades de estudo e sábio devotamento dos meus antigos mestres. Desde minha estada em Saint-Sulpice, eu me habituara a estimá-lo; era o único leigo que os padres do seminário levavam em conta; invejavam sua extraordinária erudição eclesiástica. O Sr. Cousin, ainda que mais de uma vez me houvesse testemunhado sua estima, estava muito cercado de discípulos para que eu tentasse romper essa multidão presa à palavra de um mestre. O Sr. Augustin Thierry, ao contrário, foi para mim um verdadeiro pai espiritual. Seus conselhos estão ainda presentes ao meu espírito, e é a ele que devo o ter evitado em minha maneira de escrever alguns defeitos muito chocantes, que eu por mim só talvez não houvesse percebido. Foi por seu intermédio que conheci a família Scheffer, à qual devo uma companheira que se mostrou sempre tão perfeitamente identificada com as condições bastante rígidas do meu programa de vida, que às vezes sou tentado, refletindo em tão felizes coincidências, a crer na predestinação.

Minha filosofia, segundo a qual o mundo, em seu conjunto, está impregnado de um sopro divino, não reconhece vontades particulares no governo do uni-

verso. A providência individual, como era antigamente entendida, nunca foi demonstrada por um fato caracterizado. Não fosse essa convicção, certamente eu me curvaria ante os concursos de circunstâncias em que um espírito menos dominado que o meu pelos raciocínios de ordem geral veria os sinais de uma proteção particular de deuses benevolentes. A coincidência de acasos necessários para se formar um terno ou uma quadra nada significa diante da que foi preciso para que a combinação cujos frutos eu gozo não viesse a ser perturbada. Se minhas origens houvessem sido, conforme o conceito do mundo, menos desfavoráveis, eu não teria entrado nem perseverado nesta estrada real da vida dominada pela supremacia do espírito, à qual meu voto de nazareno me conservou apegado desde a infância. O deslocamento de um átomo romperia a cadeia de fatos ocasionais que no fundo da Bretanha me preparou para uma vida de eleição; que me fez vir da Bretanha para Paris; que em Paris me levou ao estabelecimento de ensino da França onde se podia receber a mais séria educação; que, à minha saída do seminário, me fez evitar duas ou três faltas mortais, que me teriam perdido; que, em viagem, me livrou de certos perigos, aos quais segundo acontece, de ordinário, eu deveria sucumbir; que, em particular, fez que o Dr. Suquet pudesse vir até Amschit arrancar-me dos braços da morte, que já me envolviam. De tudo isto nada concluo senão que o esforço inconsciente no sentido do bem e da verdade, que está no universo, joga seu lance de dados para cada um de nós. Tudo acontece, as quadras como o resto. Não podemos alterar os desígnios da providência de que somos objeto; não exercemos quase nenhuma influência na sua realização. *Quid habes quod*

non accepisti? O dogma da graça é o mais verdadeiro dos dogmas cristãos.

Minha experiência da vida foi, portanto, muito suave, e não acredito que já tenha havido, na medida da consciência que comporta hoje o nosso planeta, muitos seres mais felizes do que eu. Tive sempre um vivo amor ao universo. O ceticismo subjetivo pôde, por momentos, obcecar-me; nunca me fez duvidar a sério da realidade. Suas objeções, eu as conservo segregadas numa espécie de depósito de coisas inúteis; nunca penso nelas. Minha paz de espírito é perfeita. Por outro lado, encontrei uma bondade extrema na natureza e na sociedade. Graças à sorte particular que se estendeu por toda a minha vida e me fez encontrar em meu caminho apenas pessoas excelentes, nunca tive de mudar violentamente as opiniões gerais que havia adotado. Um bom humor que dificilmente se altera, resultado duma boa saúde moral, resultante esta, por sua vez, de uma alma bem equilibrada e dum corpo suportável, apesar dos seus defeitos, manteve-me até agora numa filosofia tranquila, seja traduzindo-se num otimismo reconhecido, seja terminando por uma ironia alegre. Nunca sofri muito. Não dependeria de mim acreditar que a natureza preparou almofadas para me poupar a choques mais rudes. Uma vez, por ocasião da morte de minha irmã, a natureza, literalmente, me cloroformizou para que eu não fosse testemunha dum espetáculo que teria, talvez, produzido uma lesão profunda em meus sentidos e arruinado a serenidade interior do meu pensamento.

Assim, embora sem saber exatamente a quem agradecer, sou grato. Tanto usufruí as vantagens da vida terrena que não tenho, a bem dizer, o direito de reclamar uma compensação *post-mortem*. É por outras razões que às vezes me indigno com a morte:

ela é igualitária num grau que me irrita, é uma democrata que nos trata a golpes de dinamite. Devia ao menos esperar, marcar hora conosco, pôr-se à nossa disposição. Recebo, várias vezes por ano, uma carta anônima contendo estas palavras, sempre com a mesma caligrafia: “E se, entretanto, houvesse um inferno!” Seguramente, a piedosa criatura que me escreve isto deseja a salvação de minha alma, e eu lhe sou grato. Mas o inferno é uma hipótese bem pouco conforme ao que sabemos por outros meios da bondade divina. Além disto, com a mão na consciência, digo que se há um inferno eu não creio tê-lo merecido. Um pequeno estágio no purgatório, sim, seria, talvez, justo, e eu aceitaria esta oportunidade, pois em seguida viria o paraíso, e quantas boas almas não ganhariam, estou certo, indulgências por me tirarem de lá! A infinita bondade que encontrei neste mundo me dá a convicção de que a eternidade está cheia de uma bondade não menor na qual tenho uma confiança absoluta.

E agora nada mais peço ao gênio bom que tantas vezes me guiou, me aconselhou, me consolou, do que uma morte suave e repentina, na hora que me estiver prefixada, seja próxima ou remota. Os estoicos sustentavam que se podia levar uma vida bem-aventurada dentro do ventre do touro de Phalaris. É um exagero. A dor rebaixa, humilha, induz à blasfêmia. A única morte aceitável é a morte digna, que é, não um acidente patológico, mas um fim desejado e precioso em face do Eterno. A morte no campo de batalha é a mais bela de todas; há outras mortes ilustres. Se algumas vezes tenho desejado ser senador é porque imagino que talvez não tarde a chegar a hora em que esse mandato fornecerá aos seus detentores belas ocasiões de se fazer trucidar, fuzilar, formas de morte,

enfim, bem preferíveis a uma longa enfermidade que nos mata lentamente, por destruições sucessivas. Seja feita a vontade de Deus! De agora em diante, não aprenderei mais grandes coisas; compreendo, pouco a pouco, o que o espírito humano, no grau atual do seu desenvolvimento, pode compreender da verdade. Ficaria desolado com o ter de atravessar um desses períodos de enfraquecimento, em que e homem que teve força e virtude já não é mais do que a sombra e a ruína de si mesmo, e muitas vezes, para grande alegria dos tolos, se ocupa em destruir a vida que ele próprio havia laboriosamente edificado. Uma tal sorte é o pior dos destinos que os deuses podem reservar para uma criatura. Se uma tal sorte me estiver reservada, protesto de antemão contra as fraquezas que um cérebro debilitado poderia me levar a dizer ou assinar. É o Renan são de espírito e de coração, como o sou hoje – e não um Renan meio destruído pela morte, e que já não seja ele próprio, como o que eu serei se a morte for me decompondo lentamente – aquele em que eu desejo que acreditem e o escutem. Renego as blasfêmias que os desfalecimentos da hora extrema possam levar-me a pronunciar contra o Eterno. A existência que me foi concedida constituiu para mim um benefício. Se me fosse novamente oferecida, eu de novo a aceitaria, agradecido. O século em que vivi não terá sido provavelmente o maior, mas será tido, sem dúvida, como o mais divertido dos séculos. A menos que meus últimos anos me reservem sofrimentos muito cruéis, só terei, ao despedir-me da vida, que agradecer à fonte de todo bem o encantador passeio que me foi dado efetuar através da realidade.

Apenso

ESTAVA terminada a impressão deste volume quando o Padre Cognat publicou em *Le Correspondant* (25 de janeiro de 1883) as cartas que eu lhe escrevi em 1845 e 1846[33]. Como alguns amigos me declararam haver lido com interesse essas cartas, reproduzo-as aqui.

Tréguier, 24 de agosto de 1845.

Meu caro amigo.

Poucos acontecimentos consideráveis, porem muitos pensamentos e sentimentos têm-me angustiado desde o dia da nossa separação. Cedo à necessidade de lhe comunicar esses pensamentos e sentimentos, tanto mais de bom grado quanto não tenho aqui nenhuma pessoa a quem os confiar. Decerto que não estou só quando estou junto de minha mãe; mas quantas coisas que minha ternura por ela me manda ocultar-lhe e, que, afinal, ela não poderia compreender!...

Nenhum fato importante sobreveio para fazer progredir a solução do grande problema que me preocupa a tão justo título. Eu nada aprendi senão a enormidade do sacrifício que Deus ia exigir de mim. Mil circunstâncias desoladoras de que eu não suspeitava vieram complicar minha situação e demonstrar-me que a solução que minha consciência me aconselhava abria diante de mim um abismo de sofrimentos. Ser-me-ia preciso entrar em longos e penosos detalhes para lhe fazer compreender essas circunstâncias: baste-lhe saber que os obstáculos sobre os quais conver-

[33] Ver página 230 deste volume.

samos algumas vezes nada valem em comparação com os que depois vi de repente surgir à minha frente. Desprezar um julgamento alheio que será bem severo, atravessar longos anos duma vida penosa para chegar a um fim incerto, era já muito, mas não bastava. Deus me ordena que trespasse com minha própria mão um coração em que se concentra todo o afeto do meu. O amor filial havia absorvido em mim todas as outras afeições de que era capaz e às quais Deus não me houvesse induzido; e, além disto, estabeleceram-se entre minha mãe e eu vínculos muito especiais, decorrentes de mil circunstâncias delicadas que não é possível explicar mas apenas sentir. Pois bem, foi nesse domínio que Deus colocou o meu mais penoso sacrifício. Não falei ainda à minha mãe senão da Alemanha, e isto bastou para a desapontar. Oh! bom Deus, como vai ser isto? Os carinhos de minha mãe me desolam; seus belos projetos quanto ao meu futuro, de que ela me fala incessantemente e que eu não tenho coragem de contrariar, me dilaceram o coração. Ela está aqui a dois passos de mim, enquanto lhe escrevo estas linhas. Ah! Se ela soubesse!... Eu lhe sacrificaria tudo, menos meu dever e minha consciência. Sim, se Deus me ordenasse que, para poupar à minha mãe esse sofrimento, eu reprimisse minha capacidade de pensar, me condenasse a uma vida simples e vulgar, eu concordaria. Quantas vezes já procurei mentir-me a mim mesmo! Mas estará na vontade do homem crer ou deixar de crer? Gostaria que me fosse possível abafar em mim a faculdade que requer o exame das questões; é a ela que devo minha infelicidade. Felizes as crianças que, toda a vida, nada mais fazem senão dormir e sonhar! Vejo, em torno de mim, homens puros e simples a quem o cristianismo bastou para os tornar virtuosos e felizes, mas observo que

nenhum dentre eles possui o dom da crítica; devem dar graças a Deus, por isto!

Sou aqui amimado, acariciado, mais do que poderia dizê-lo; isto me desola. Ah! se soubessem o que se passa no meu coração! Tremo, às vezes, à ideia de que haja na minha conduta uma espécie de hipocrisia. Mas já discuti a questão, seriamente, com a minha própria consciência: Deus me livre de escandalizar estas criaturas simples!

Quando considero a malha inextricável em que Deus me envolveu enquanto eu dormia, vêm-me ideias de fatalismo, e muitas vezes pequei alimentando esses pensamentos. Entretanto, nunca duvidei do meu Pai que está no céu, nem de sua bondade. Ao contrário. Sempre lhe rendi graças, nunca estive mais perto dele do que naqueles momentos. O coração somente aprende pelo sofrimento; e acredito, com Kant, que só pelo coração se atinge o conhecimento de Deus. Então também eu era cristão e jurei que sempre o seria. Mas a ortodoxia será crítica? Ah! se eu houvesse nascido protestante na Alemanha!... Aí seria o meu lugar. Herder foi um verdadeiro bispo, e era apenas cristão; mas no catolicismo é preciso ser ortodoxo. O catolicismo é uma barreira de aço; não ouve a voz da razão.

Perdoe-me, meu amigo, um desejo como este que acabo de enunciar.

O Sr. é obrigado, por ser ortodoxo, a julgar que estou nesta situação por culpa minha; isto é duro. Entretanto, estou bem inclinado a crer que tenho bastante culpa. Aquele que conhece seu próprio coração, quando lhe disserem: “a culpa é tua”, responderá logo: “Sim, sim!” Nada, em minha situação, me é mais fácil de admitir. Não serei tão tenaz quanto Job na defesa de minha inocência. Acreditando-me

puro, rogarei somente a Deus que tenha piedade de mim. A leitura de Job me encanta. Nele encontro todo o meu coração. Nele está o que há de divino na poesia que nos faz perceber os mistérios que sentimos em nosso próprio coração e que inutilmente tentamos exprimir.

Prossigo, entretanto, com coragem, na evolução do meu pensamento. Nada me fará abandonar essa obra, ainda que seja obrigado a sacrificá-la, aparentemente, à conquista do pão material. Com a intenção de me amparar, Deus me havia reservado, para este momento, um verdadeiro acontecimento intelectual e moral. Estudei a Alemanha, e então acreditei haver penetrado num templo. Tudo que nela encontrei é puro, elevado, moral, belo e emocionante. Oh, minha alma, sim, a Alemanha é um tesouro, é a continuação de Jesus Cristo. Sua moral me arrebata. Ah! como eles são doce e fortes! Creio que o Cristo nos virá de lá. Considero esta aparição de um novo espírito como um fato análogo ao nascimento do cristianismo, salvo a diferença de forma. Mas isto pouco importa; porque é certo que quando o fato renovador do mundo se der, não se parecerá, na maneira de sua realização, com o que já teve lugar. Acompanho atentamente o surpreendente movimento entusiástico que trabalha a Alemanha do Norte. Cousin acaba de partir, afim de o estudar de mais perto. Quero aludir a Ronge e Czerski, dos quais o Sr. já deve ter ouvido falar. Deus me perdoe se os amo, mesmo quando eles não sejam puros; porque o que amo neles, como em todos os outros homens que despertam o meu entusiasmo, é um certo tipo belo e moral que deles formo; é o meu ideal que neles amo. Agora, se estão esses homens ou não conforme a esse tipo, é o que importa pouco para mim.

Sim, esta Alemanha me encanta, menos no seu aspecto científico do que pelo seu espírito moral. A moral de Kant é bem superior a toda a sua lógica ou filosofia intelectual, e nós franceses não dizemos a respeito uma palavra. Compreende-se por que: os nossos homens do dia não possuem senso moral. A França me parece cada vez mais um país destinado à anulação pela grande obra da renovação da vida na humanidade. Aqui nada mais se encontra do que uma ortodoxia seca, anti-crítica, rígida, infecunda, mesquinha: tipo Saint-Sulpice; ou então um palavreado vazio e superficial, cheio de afetação e de exagero: o neocatolicismo; ou ainda, enfim, uma filosofia seca, sem coração, ríspida e desdenhosa: a universidade e o seu espírito. Jesus Cristo não está em parte alguma. Estive tentado a acreditar que ele nos viria da Alemanha. Não que eu imagine seja ele um indivíduo; será um espírito. E quando dizemos Jesus Cristo, julgamos, sem dúvida, designar antes um certo espírito que um indivíduo. Não que eu acredite, também, que esse aparecimento seja uma subversão ou uma descoberta; Jesus não subverteu nem descobriu. Devemos ser cristãos; mas é impossível ser ortodoxo. É necessário um cristianismo puro. O arcebispo estaria disposto a compreender isto; ele tem capacidade para fundar o cristianismo puro na França. Suponho que uma das consequências do movimento de instrução e estudo que se verifica na França no seio do clero, será o de nos *racionalizar* um pouco. Inicialmente, eles se aborrecerão da escolástica. Posta de lado a escolástica, mudar-se-á a forma das ideias, e depois se reconhecerá a inviabilidade da explicação ortodoxa da Bíblia, etc., etc. Mas haverá luta. Porque essa boa gente é dotada de um espírito dogmático muito tenaz; e, depois ela se revestirá de uma certa apa-

rência de Atanasio, que a levará a arrancar olhos e cortar orelhas. Sim, meu Deus! eu gostaria de participar dessas lutas. Vão talvez decepar-me os braços, porque os padres farão muito nessa hora. Será talvez preciso ser padre para poder alguma cousa no assunto; Ronge e Czerski eram padres. Li uma carta da mãe de Czerski a este, lembrando-lhe os sacrifícios que ela fizera por sua educação eclesiástica e lhe implorando que continue fiel ao catolicismo. Mas poderá ele servir mais sinceramente ao catolicismo do que se devotando ao que acredita ser a verdade?

Perdoe-me, meu amigo, o que acabo de dizer. Ah! se você conhecesse o meu espírito e o meu coração! Não acredite que tudo isto tenha, em mim, uma consistência dogmática. Não; eu nada excluo. Admito contradições, ao menos provisoriamente. Oh, não há situações em que o indivíduo ou a humanidade forçosamente tem de apoiar-se no instável? Não é possível ater-se a gente a coisas mutáveis, dirá o Sr., é um sofrimento. Sim, mas que fazer? Temos de passar por isso. Numa certa época, foi-nos preciso ser cientificamente céticos quanto à moral, e, entretanto, nessa época os homens puros eram e podiam ser morais, mediante uma contradição. Os escolásticos zombariam disto e conseguiriam demonstrar, aí, uma falha da lógica. Na verdade, belo triunfo demonstrar uma evidência! Eles querem um estado moral em que tudo seja rigorosamente formulado, e se contentarão com um fundo miserável desde que se lhe conceda essa forma a que tanto se apegam. Não conhecem nem o homem nem a humanidade tais como são na realidade.

Sim, meu amigo, eu ainda creio. Rezo, recito o *Pater* com satisfação. Gosto muito de ir à igreja. A religiosidade pura, simples, ingênua me comove em

meus momentos de lucidez, quando sinto a presença de Deus. Tenho mesmo acessos de devoção, e os terei sempre, acredito. Porque a piedade possui um valor, embora não seja mais do que psicológica. Ela nos impregna do seu sentido moral, para encanto nosso, e nos eleva acima das miseráveis preocupações utilitárias; ora, onde termina o útil começa o belo, Deus, o infinito, e o ar puro que vem daí é a vida.

Aqui me tomam por um bom seminaristazinho, muito piedoso e muito amorável. Juro por minha fé, a culpa não é minha. Sofro às vezes com isso, porque receio ver em tal aparência ilusória algo que não seja verdadeiro e correto. Mas nada simulo, Deus o sabe; apenas não digo tudo. Seria preferível travar, com os que me cercam, essas miseráveis controvérsias em que eles teriam a vantagem de defender o belo e o puro, e nas quais eu teria o ar de quem se houvesse deixado penetrar do que há de mais vil. Porque o anti-cristianismo tem, neste país, um sentido tão detestável, tão baixo, tão desagradável, que na verdade eu teria de me afastar dele, quando menos por um natural pudor. E, depois, eles nada compreenderiam da situação. Não acham mau que eu fale alemão. Além disto, já lhe disse, meu amigo, tal é a minha posição intelectual que posso parecer uma coisa a este, outra aquele, sem nada fingir, sem que um nem outro se enganem, graças ao jugo da contradição de que, por algum tempo, não conseguirei desembaraçar-me.

E, ainda, o Sr. sabe que em dados momentos tenho estado a dois dedos duma reviravolta completa, e que tenho considerado se não seria mais agradável a Deus cortar de uma vez, no ponto em que me acho, o fio dos meus raciocínios, e retrogradar, a respeito, dois ou três anos. É que não vejo progredir a possibilidade de voltar ao catolicismo; cada passo

que dou mais me distancio dele. Como quer que seja, apresentou-se-me muito nitidamente a alternativa: não posso mais voltar ao catolicismo senão pela amputação duma faculdade, fulminando definitivamente minha razão e lhe impondo para sempre o silêncio respeitoso, mais ainda, o silêncio absoluto. Sim, se eu voltasse ao catolicismo, encerraria minha vida de estudo e de exame, persuadido de que ela somente poderia conduzir-me para o mal, e passaria a viver exclusivamente para a vida mística, tal como a entendem os católicos. Porque de uma vida banal, Deus, eu o espero, me livrará sempre. O catolicismo satisfez a todas as minhas faculdades, exceto à minha razão crítica. Não espero, para o futuro, satisfação completa. E, portanto, é preciso ou renunciar ao catolicismo ou mutilar essa faculdade. É uma operação difícil e dolorosa; mas acredite que, se minha consciência moral não se opusesse a isto, se Deus quisesse dizer-me esta noite que tal gesto lhe seria agradável, eu o faria. Então o Sr. não me reconheceria mais, e eu não mais estudaria, não mais pensaria criticamente, seria um místico decidido. Acredite também que é preciso estar eu terrivelmente abalado para me deter ante a possibilidade de semelhante hipótese, que se me afigura mais terrível do que a morte. Mas não desesperarei de encontrar aí uma fonte de atividade que me possa satisfazer.

E na prática, que farei? É com um pavor indizível que vejo aproximar-se o fim das férias, época em que terei necessariamente de traduzir pelos atos mais decisivos a situação interior mais indefinida. É esta complicação das exterioridades e do íntimo que torna cruel a minha posição. Toda esta preocupação me aborrece e me absorve. E, depois, sinto tão perfeitamente que nada entendo dessas coisas, que nada

farei senão tolices, que terei de sofrer o escárnio e o desprezo alheios! Não nasci cavalheiro de indústria. Zombarão de minha simplicidade; considerar-me-ão um imbecil. Ainda se eu estivesse seguro de mim mesmo! Mas se eu tivesse de perder, no contato dessa gente, a pureza do meu coração e a minha concepção de vida? Se eles me inoculassem seu utilitarismo? E ainda que eu estivesse seguro de mim mesmo, estaria também seguro das contingências exteriores, que age sobre nós de maneira tão inelutável? E quem pode conhecer-se a si mesmo sem se arrecear da própria fraqueza? Na verdade, meu amigo, não é certo que Deus me pregou uma partida bem má? Tenho a impressão de que ele rasgou diante de mim todos os seus caminhos, para me envolver por todos os lados, e não era preciso tanto contra uma pobre criança que não via malicia em nada disso. Não importa, eu o amo, e estou convencido de que ele fez tudo isto para o meu bem, apesar do que há de contraditório nos fatos. O indivíduo, como a humanidade, deve ser otimista, malgrado o perpétuo antagonismo dos fatos tomados isoladamente. Nisto é que está a coragem; só eu posso fazer mal a mim mesmo.

Penso muitas vezes no Sr., meu amigo. Deve ser bem feliz. Um futuro favorável e definido abre-se à sua frente. O Sr. está vendo o fim a atingir, não tem mais do que caminhar para ele... E leva uma imensa vantagem: um dogma rigorosamente formulado... Conservará a largueza de pensamento; não poderá assim, jamais, descobrir uma desoladora incompatibilidade entre duas necessidades de seu coração e de seu espírito. Se o Sr. o descobrisse, uma cruel opção lhe seria imposta. Qualquer que seja a opinião que for forçado a tomar sobre a minha atual situação e sobre a inocência da minha alma, conser-

ve-me, pelo menos, sua amizade. Erros, e mesmo culpas, não devem bastar para a romper. Além disto, repito, tenho confiança em sua elevação, e Deus me guarde de procurar demonstrar que ela não é ortodoxa; pois desejo que o Sr. a conserve e, entretanto, quero também que o Sr. seja ortodoxo. O Sr. é quase o único depositário dos meus pensamentos mais secretos; rogo-lhe, em nome de Deus, que se mostre indulgente para comigo, e consinta ainda que me chame seu irmão. Quanto à minha afeição, meu bom amigo, o Sr. a conquistou para sempre. . .

* * *

Paris, 12 de novembro de 1845.

Não foi sem surpresa, meu caro amigo, que vi terminar o período de férias sem receber resposta sua. Assim, minha primeira preocupação ao chegar a Saint-Sulpice foi exatamente indagar do Sr. afim de conhecer a causa desse silêncio e, mais ainda, para conversarmos. Pode imaginar a tristeza que senti ao saber que uma doença grave fora o motivo da suspensão da sua correspondência. É certo que, logo a seguir, me deram detalhes bastantes a dissipar todas as minhas inquietações, mas ficou-me o pesar de ver proteladas por muito tempo as nossas conversas. Quantas reflexões me despertou, meu bom amigo, essa notícia inesperada que coincidiu com uma fase tão singular de minha existência! Acredite que tive inveja de sua sorte e que desejei a superveniência de um imprevisto que retardasse minha entrada no turbilhão da vida ativa, prolongando a pasmaceira da vida doméstica, sã, calma, tão sem cuidados! O Sr. com-

preenderá isto, meu amigo, quando eu lhe expuser as provações pelas quais tive de passar, e as que ainda me estão reservadas. Não tentarei fazer-lhe a respeito uma narrativa pormenorizada; isto será o objeto das nossas futuras conversas. Dir-lhe-ei apenas os fatos principais e aqueles que tiveram consequência durável.

Minha resolução inabalável, ao chegar a Saint-Sulpice, era romper, afinal, com uma situação que já não estava em harmonia com as minhas disposições atuais, e abandonar uma aparência que já não passava de uma mentira. Mas queria fazer tudo isso serena e lentamente, tanto mais quanto não me parecia improvável uma reação num futuro mais ou menos remoto. Uma circunstância de natureza extrínseca veio apressar, a despeito de minha vontade, meus passos um pouco morosos. À minha chegada a Saint-Sulpice, sou informado de que já não faço parte do seminário, mas do colégio dos Carmes, que o Arcebispo acaba de fundar definitivamente, e intimado a ir levar-lhe no dia seguinte, em pessoa, minha resposta. Avalie o meu embaraço. Ele se torna duas vezes maior quando, algumas horas depois, me dizem que o próprio Arcebispo veio ao seminário e quer falar-nos. Aceitar era imoral; declarar a verdadeira razão da recusa era impossível; dar uma falsa explicação repugnava-me. Recorri ao bondoso Pe. Carbon, que se incumbiu de tudo e me poupou a essa fatal entrevista. Julguei dever continuar, daí em diante, o que as circunstâncias haviam tão bem começado em meu favor. Fiz num dia o que contava fazer em algumas semanas, e na própria tarde da minha chegada já eu não fazia mais parte nem do seminário nem do colégio dos Carmes.

Quantos vínculos, meu amigo, rompidos em algumas horas! Eu estava apavorado. Desejaria deter essa marcha fatal dos acontecimentos, excessivamente rápida, a meu ver; mas a necessidade me impelia para a frente, e já não havia meio de recuar. Foi então, meu amigo, que passei os dias mais cruéis de minha vida. Imagine o isolamento mais completo em que eu me encontrava, sem um amigo, sem um conselho, sem um conhecimento, sem apoio, no meio de pessoas frias e indiferentes, eu que acabava de deixar a companhia de minha mãe, minha Bretanha, minha vida dourada, tantas afeições puras e simples. Agora, via-me sozinho neste mundo em que sou um estranho. Oh! Mamãe, meu pequeno quarto, meus livros, meus estudos tão calmos e agradáveis, meus passeios com minha mãe, adeus para sempre! Adeus a essas alegrias puras e doces, no meio das quais me julgava próximo a Deus. Adeus ao meu encantador passado, adeus àquelas crenças que tão docemente me haviam embalado. Não existia mais para mim felicidade pura. Não havia mais passado e ainda não havia futuro. E este mundo novo quererá saber de mim? Deixo outro mundo, onde era amado e acarinhado. E minha mãe, cujo pensamento era outrora o meu consolo em meio a todas as aflições, constituía desta vez a minha recordação mais dolorosa. Eu a apunhalei, quase. Oh! meu Deus, seria mesmo preciso tornar o dever tão cruel para mim? E a opinião alheia, que dirá de mim? E o futuro!... Como ele me aparecia pálido, descolorido! A ambição não podia levantar esse véu de tristeza e de remorsos que me envolvia o coração. Eu amaldiçoava o meu destino, que me havia arrastado a tão fatais contradições. E a vida material que eu vislumbrava, com suas necessidades grosseiras e imperiosas! Eu invejava a sorte dos simples, que nascem,

vivem e morrem sem ruído e sem pensamentos, deixando-se levar pacatamente na corrente que os arrasta, adorando a um Deus a quem chamam seu Pai. Oh, como eu desejaria reprimir meus devaneios! Passava uma parte das minhas noites na igreja de Saint-Sulpice, e lá fazia esforços para readquirir a fé, mas não podia. Sim, meu amigo, esses dias contarão em minha existência; se não foram os mais decisivos, foram os mais penosos. Com vinte e três anos, recomeçar tudo, como se ainda não houvesse vivido! Imagino-me no meio de uma multidão turbulenta, grosseiramente ambiciosa, e eu, nesse tumulto, uma criatura simples e tímida; e era preciso que me misturasse à turba. Quantas vezes não me senti tentado a escolher uma existência simples e vulgar, que eu saberia enobrecer pela vida interior. Tinha perdido a necessidade de saber, de escrutar, de criticar; parecia-me que me bastaria amar e sentir. Mas bem percebia que, no primeiro dia em que o coração cessasse de bater tão forte, a inteligência recomeçaria a sentir fome de conhecimento.

Era necessário, portanto, procurar criar para mim uma nova existência neste mundo para o qual eu me sentia tão pouco apto. Poupo-lhe a narrativa destas complicações, que lhe seriam tão fastidiosas quanto para mim foram penosas. Imagine seu pobre amigo correndo, dias inteiros, de visita em visita. Eu tinha vergonha disto, mas que fazer contra a necessidade? Nem só de pão vive o homem, mas vive também de pão. Eu não pude, portanto, deixar um instante de olhar para o céu.

Basta dizer-lhe que, para obedecer aos conselhos do Pe. Carbon e por outro motivo peremptório de que lhe falarei logo a seguir, julguei dever recusar algumas propostas bastante vantajosas, para aceitar, na

escola preparatória anexa ao colégio Stanislas, um pequeno emprego, que, sob várias aspectos, estava bastante em harmonia com a minha atual situação. Esse emprego não me ocupava mais de uma hora e meia por dia, e lá eu tinha cursos especiais de matemática, de física, etc., sem falar dos cursos de preparação para o bacharelato, um dos quais dado, duas vezes por semana, pelo Pe. Lenormant. Fiquei, aliás, surpreendido com a bondade cordial e franca que encontrei da parte desses rapazes. Posso dizer que não tive nesse estabelecimento uma sombra de contrariedade e que foi com sincero pesar que o deixei. Mas o que esse curto período de minha vida teve de assinalável foram minhas relações com o Pe. Gratry, diretor do colégio. Falar-lhe-ei dele depois, longamente; estou encantado com o seu conhecimento. É uma miniatura exata do Pe. Bautain, de quem é discípulo e amigo. Entramos, desde o primeiro momento, em contato íntimo e desde então nossas relações prosseguiram em termos verdadeiramente singulares, sem símile em quaisquer outros dos meus conhecimentos. Em vários pontos, nossas ideias se combinavam maravilhosamente: também para ele tudo é filosofia. Em resumo, é um espírito especulativo notável, mas que sob certos aspectos soa falso.

O que foi então – perguntará o Sr. – que me obrigou a deixar essa colocação onde afinal de contas eu não me sentia tão mal e onde tinha tanta facilidade em prosseguir nos meus atuais projetos? Esta é, meu amigo, uma das passagens mais estranhas de minha vida; eu teria mil dificuldades em fazê-la compreender a quem quer que seja: ninguém, creio, a compreendeu bem. Foi ainda o sentimento do dever que me levou àquela resolução. Sim, meu amigo, o mesmo motivo que me forçou a deixar Saint-Sulpice, a

recusar um lugar nos Carmes, forçou-me ainda a abandonar o colégio Stanislas... Além disto, o Pe. Dupanloup e o Pe. Manier me empurravam para a frente; marchei para a frente, e isto significou recomeçar.

Na verdade, meu caro, têm de me acontecer sempre aventuras únicas, e eu me rejubilaria com esta última, ao menos pelas estranhas situações em que me colocou e que me deram oportunidade de aprender uma porção de coisas.

Foi-me fácil, ao deixar o Stanislas, retomar uma das negociações que havia interrompido ao entrar para lá, e prosseguir no meu primitivo plano que era, simplesmente, tomar em Paris um quarto de estudante. Tal é, meu amigo, minha situação atual. Tomei um quarto, como pensionista livre, numa instituição que fica próximo do Luxemburgo, e algumas repetições de matemáticas e de literatura de que me incumbi colocar-me, até certo ponto, na situação de, como se diz, *au pair*. Eu não exigiria tanto. Afinal, tenho o dia livre e posso passar na Sorbonne e nas bibliotecas o tempo que deseje. Aí é que estão meus verdadeiros domicílios e aqueles onde passo as horas mais agradáveis. Esta vida me seria bem suave se penosas recordações e inquietações muito fundadas e, sobretudo, um terrível isolamento, não me acarretassem ainda muitos sofrimentos. Venha, portanto, ter comigo, meu amigo, e passaremos juntos momentos muito agradáveis.

Falei-lhe até aqui dos fatos que concorreram para fixar momentaneamente minha situação em Paris, e nada disse ainda dos projetos ulteriores a que se prendem as negociações de que falei. Porque o Sr. compreenderá, decerto, que em tudo isto nada mais busquei do que conseguir uma posição transitória, propícia à continuação dos meus estudos. É, com efeito,

para um futuro ulterior que se voltam meus pensamentos, uma vez que está fixada minha situação atual. Novas fontes de sofrimentos intelectuais excessivamente agudos, dos quais sou presa atualmente. Porque é para mim um suplício especializar-me, e, além disto, nenhuma especialidade combina perfeitamente com as caraterísticas do meu espírito. E, no entanto, preciso especializar-me. Oh, meu amigo, como é cruel sentir-se a gente coarctada no seu desenvolvimento intelectual por circunstâncias extrínsecas! Calcule quanto eu sofro, eu, sobretudo, que dera meu espírito uma tão ampla liberdade para seguir a linha da sua evolução.

Promovi a princípio alguns entendimentos relativos às línguas orientais. Prometeram-me um curso de conferências com o Pe. Quatremère e Julien, professor de chinês do Colégio de França, e o resultado foi verificar que não era essa minha especialidade exterior (digo exterior, porque no íntimo não terei jamais nenhuma, a menos que classifique a filosofia como uma especialidade, o que a meu ver não seria exato). A Universidade abriu-se então para mim. Aqui, como o Sr. compreenderá, novas dificuldades surgiram. Mal suporto o magistério propriamente dito, e, admitindo que não se tenha de ficar nele a vida inteira, há que ao menos passar por ele durante longo tempo. Só a filosofia me sorriria, se me deixassem escolhê-la, e não me deixariam. Acresce que, para chegar a isso, ser-me-ia preciso fazer alguns anos do que se chama literatura escolar, versos latinos, dissertações sobre retórica, etc., etc. Imagine que suplício!... Fiquei de tal modo apavorado com essa perspectiva que estive algum tempo disposto a me apegar à classe das ciências; mas assim eu teria, mais do que nunca, de me especializar. Porque, enfim, em sua *literatura*, eles ainda

admitem de bom grado uma certa espécie de universalidade. E, além disto, essa especialização me afastaria das ideias que me são caras. Não, não. Aproximar-me-ia o mais possivelmente desse centro que é filosofia, teologia, ciência, literatura, etc. que é Deus, no meu modo de ver. Assim, pois, meu amigo, tenho como provável que me dedicarei às letras afim de me agregar ao ensino de filosofia. Acredite que nada disto tem atração para mim, e que esse espírito universitário me é profundamente antipático. Mas é preciso ser alguma coisa, e eu terei de procurar aquilo que menos se afaste do meu tipo ideal. E depois, que sei eu? Chegarei, talvez, por esse meio, a aclarar minhas ideias. Acontecem tantas coisas imprevistas, que inutilizam todos os cálculos! É preciso, portanto, que a gente se prepare para tudo e esteja pronta a soltar suas velas no primeiro vento que sopre...[34]

Devo também falar-lhe, meu amigo, de um fato de ordem intelectual que bastante me confortou e consolou naqueles momentos terríveis: minhas relações com o Pe. Dupanloup. Dei-lhe, de início, a conhecer, por uma carta, meu estado de espírito e os entendimentos que eu julgava do meu dever promover, em consequência. Ele me compreendeu perfeitamente, e seguiu-se uma longa conferencia de hora e meia entre

[34] O Pe. Cognat se limita a analisar o que se segue nestes termos: "O Sr. Renan entra, em seguida, em alguns detalhes sobre sua preparação para o exame de admissão à Escola Normal e ao bacharelato em letras. Quanto o bacharelato, que ainda não realizou, pouco o preocupa. Teve, entretanto, grandes dificuldades na admissão e só a conseguiu mediante um certificado de exames feitos em domicílio, apesar da repugnância que lhe inspirava esse meio sub-reptício. Não se julgava obrigado a recusar uma faculdade de que toda gente se utilizava e que parecia tolerada pela lei do monopólio do ensino universitário afim de atenuar o que havia de odioso na sua prescrição. "Como quer que seja – acrescentou ele – odiei-o por me ter forçado a mentir: e o diretor da Escola Normal, que, depois disto, me vem gabar a liberalidade da Universidade".

nós dois, na qual pela primeira vez em minha vida expunha a um homem o mais íntimo das minhas ideias e das minhas dúvidas quanto ao catolicismo. Ah! confesso jamais haver encontrado da parte de quem quer que seja maior distinção; encontrei nele a verdadeira filosofia e um espírito positivamente superior. Só nesse momento foi que aprendi a conhecê-lo. Não abordamos a questão frente a frente. Não fizemos mais do que expor eu a natureza das minhas dúvidas e ele o julgamento que tinha de proferir sobre essas dúvidas como ortodoxo. Foi extremamente severo, e me declarou francamente: 1º, que de modo nenhum se tratava de *tentações* contra a fé, expressão de que eu me servira em minha carta, devido ao hábito que contraíra de me adaptar à terminologia sulpiciana para me fazer entender, mas sim, de uma perda total da fé; 2º, que eu estava fora da Igreja; 3º, que, em consequência, eu não podia receber nenhum sacramento, e que ele não me aconselhava a praticar os atos exteriores da religião; 4º, que eu não podia, sem mentira, continuar, um dia mais que fosse, a apresentar-me com a aparência de eclesiástico, etc. etc. Quanto ao mais, em tudo que não se relacionava com a apreciação da minha situação, foi tão bondoso quanto se pode sê-lo... Os padres de Saint-Sulpice e o Pe. Gratry estavam longe de julgar o caso assim francamente, e pretendiam que eu devia considerar-me como *tentado*... Obedeci ao Pe. Dupanloup, e de agora em diante sempre o farei. Entretanto, ainda me confesso. Como não tenho mais à mão o Pe. B. confesso-me com o Pe. Le Hir, a quem estimo imensamente. Devo acentuar que isto atenua meus sofrimentos e me traz um grande consolo. Será o Sr. meu confessor, quando se ordenar. Entretanto, o Pe. Dupanloup, por condescendência, como ele próprio disse, para com os

sentimentos dos outros, quis que eu, antes de deixar o Stanislas, fizesse um retiro espiritual. Essa sugestão formulada por ele me fez rir. Mudei de tom quando me propôs que fizesse o retiro com M. de Ravignan: eu teria concordado, pois isto seria liquidar o catolicismo em mim por intermédio da nobreza. Mas, infelizmente, M. de Ravignan só deveria chegar a Paris a 10 de novembro, e nesse ínterim, o Pe. Dupanloup deixou de ser o superior do seminário menor e eu de fazer parte do Colégio Stanislas. A realização daquele projeto me parecia, assim, pelo menos protelada por muito tempo...

Adeus, bom e caro amigo. Perdoe-me só lhe ter falado de mim. Pelo Sr. e pelos nossos amigos, suplico-lhe que cuide de sua saúde durante a convalescença, e não a comprometa de novo com uma volta prematura ao trabalho. Só lhe peço resposta no caso de que o escrever não o fatigue. A verdadeira resposta será quando eu puder abraçá-lo. À espera desta oportunidade, acredite na minha muito sincera estima.

* * *

Paris, 5 de setembro de 1846.

Obrigado, meu caro amigo, por sua excelente carta. Ela foi para mim uma grande alegria e um grande lenitivo nestas tristes férias, que passo no mais penoso isolamento que se possa imaginar. Não tenho ninguém a quem abrir meu coração, nem mesmo com quem possa manter essas conversações que, nem por ser indiferentes, deixam de repousar o espírito e satisfazer a necessidade de convivência. Em Paris podemos estar mais sós do que no fundo de um deserto,

e eu tenho em mim uma prova disto. Não é o fato de vermos homens que constitui o convívio; é o fato de mantermos com eles quaisquer relações que nos lembra que não estamos sós no mundo. Às vezes, quando me encontro no meio dessas multidões que enchem nossas ruas, tenho a impressão de estar no meio de uma floresta cujas árvores caminhassem. É absolutamente o mesmo.

Quando penso na felicidade tão pura de que antigamente gozava nesta época de férias, sinto-me presa de uma grande tristeza, sobretudo ao atentar no fato ele que já disse adeus para sempre a esses dias tão venturosos. Não sei se o Sr. é como eu, mas não há nada que me pese tanto quanto dizer, mesmo em relação a coisas indiferentes: “Está acabado, absolutamente acabado para sempre!” Calcule, então, quando se trata de prazeres que são os únicos verdadeiramente caros ao meu coração. Mas que fazer, meu amigo? Não me arrependo de nada, e devemos sentir no dever cumprido uma alegria superior a todas aquelas que lhe podemos sacrificar. Dou graças a Deus, meu caro, por me haver permitido encontrar no Sr. alguém que sabe tão bem adivinhar o que sinto que não preciso de lhe expor o estado do meu coração. Sim, porque uma das minhas maiores aflições é pensar que as pessoas, cuja aprovação me seria mais cara, virão a me censurar e me considerar culpado. Felizmente isto não as deve impedir de me lastimar e continuar a estimar-me.

Não sou, meu caro amigo, daqueles que pregam incessantemente a tolerância para com os ortodoxos; isto origina, nos espíritos superficiais de uma e outra corrente, inumeráveis sofismas. É uma injustiça ao catolicismo acomodá-lo assim às nossas ideias modernas, além do que só se pode fazê-lo mediante conces-

sões verbais que denotam má fé ou frivolidade. Ou tudo ou nada: os neo-católicos são os mais tolos de todos.

Não, meu amigo. Não receie dizer-me que me encontro nesta situação por culpa minha; sei que o Sr. deve pensar assim. É penoso para mim imaginar que a metade talvez do gênero humano esclarecido me dirá que eu estou na inimizade de Deus, e que, para falar a velha linguagem cristã – que é a verdadeira – se a morte me chegasse de surpresa eu seria condenado às penas do inferno no mesmo instante. É uma coisa terrível, que antigamente me fazia estremecer, pois não sei por que a ideia da morte me surge sempre como muito próxima. Mas estou armado contra esses terrores, e só desejo aos ortodoxos uma paz de espírito igual à que gozo. Posso dizer que, desde que levei a termo o meu sacrifício, em meio a sofrimentos exteriores maiores do que tudo que se pudesse imaginar, e que uma delicadeza mal entendida, talvez, me força a ocultar de todos, experimentei uma calma interior que me era desconhecida em épocas de minha vida aparentemente as mais serenas. Devemos evitar, meu caro amigo, acreditar em certas ideias generalizadas e muito falsas sobre a felicidade, todas as quais supõem que somente podemos ser felizes consequentemente e com um sistema intelectual perfeitamente harmônico. A este preço ninguém seria feliz, ou somente o seriam as pessoas cuja inteligência limitada não se pudesse elevar até a concepção dos problemas e da dúvida. Felizmente, não é assim; nós atingimos a felicidade graças a uma inconsequência e a um certo modo de ver as coisas que nos faz suportar com paciência fatos que de outro modo constituiriam um suplício. Imagino que o Sr. deve ter experiência disto: verifica-se em nós, a respeito da felicidade, uma espécie de delibe-

ração; à qual, de resto, somos fatalmente arrastados, e pela qual decidimos sobre o modo por que encararemos esta ou aquela coisa; pois não há ninguém que não tenha de reconhecer que traz em si mil causas atuais capazes de torná-lo o mais desgraçado dos homens. Trata-se de saber se devemos dar a esses fatores de infelicidade a liberdade de agir ou fazer abstração deles. Só podemos ser felizes a furto, mas que fazer? A felicidade não é alguma coisa de muito santo para que só devamos aceitá-la em plena consciência.

O Sr. achará talvez estranho, meu caro amigo, que eu, não acreditando no catolicismo, possa falar com uma tal segurança. Teria razão, se eu ainda duvidasse; mas se tenho de lhe dizer tudo, confesso-lhe que hoje já não duvido quase. Explique-me, então, um pouco, o que o Sr. faz para crer. Meu pobre amigo, é muito tarde para lhe dizer: "Tome cuidado!" Se o Sr. não fosse o que é, eu me lançaria aos seus pés para lhe perguntar, em nome da nossa amizade, se se sente capaz de jurar, por si mesmo, que nunca mudará de opinião em nenhuma época de sua vida. Pense no que significa jurar alguém pelo seu pensamento futuro!... Estou desolado com o fato de o nosso pobre amigo X... haver prestado juramento. Aposto mil contra um em como ele tem duvidado ou duvidará. Veremos dentro de vinte anos. Meu caro amigo, não sei o que lhe estou dizendo, mas não me posso privar de desejar como S. Paulo, *omnes fieri qualis et ego sum*, feliz de não ter de acrescentar: *expectis vinculis his*. Quanto aos elos que já me prendiam, não me arrependo de os haver aceito. Qual a filosofia que não deve dizer: *Dominus pars*...? É a profissão da vida bela e pura, e graças a Deus eu conservo sempre por ela uma forte inclinação. Far-lhe-ei uma confi-

dência, meu caro, pois que desejo dizer-lhe tudo, tão certo é ser este um dos pensamentos que me vêm ao espírito com mais satisfação para mim.

No momento em que eu me dirigia ao altar afim de receber a tonsura, dúvidas terríveis já me trabalhavam o espírito; mas empurravam-me para o compromisso, e ouvia dizer que era sempre conveniente obedecer. Segui, portanto; mas tomo a Deus por testemunha do pensamento íntimo que se apossou de mim e do voto que fiz bem no fundo do coração. Aceitei como tarefa servir à verdade, que é Deus oculto; consagrei-me a buscá-la, renunciando por ela a tudo que fosse profano, a tudo que pudesse afastar o homem do fim sagrado e divino a que o solicita a sua natureza. Assim a entendi, e minha alma atestava que eu nunca me arrependeria de minha promessa. E não me arrependo, meu amigo; sinto-me feliz em repetir incessantemente estas doces palavras: *Dominus pars*... e acredito ser com isto agradável a Deus, tão fiel à minha promessa quanto os que acreditam poder pronunciá-las com um coração vazio e um espírito frívolo. Somente elas, portanto, serão para mim uma recriminação se, prostituindo meu pensamento com preocupações vulgares, eu der à minha vida um desses móveis grosseiros, que satisfazem os homens profanos, e preferir os prazeres subalternos à sagrada procura do belo e da verdade. Até lá, meu amigo, recordarei sem remorso o dia em que as pronunciei. O homem nunca pode estar bastante seguro de seu pensamento para jurar fidelidade a tal ou qual sistema que tem no momento como o verdadeiro. Tudo que ele pode fazer é consagrar-se à verdade, qualquer que ela seja, e dispor o seu coração para a seguir a toda parte onde julgue vê-la, ainda à custa dos mais dolorosos sacrifícios. Escrevo-lhe estas linhas, meu caro amigo, às

pressas e inteiramente preocupado com o trabalho, bem pouco atraente, de minha preparação para o licenciamento... Desculpe, portanto, a desordem dos meus pensamentos. Espero do Sr. uma carta extensa, que me refresque um pouco a alma em meio a toda esta aridez.

Adeus, meu caro amigo, creia na sinceridade da minha afeição e prometa-me que terei a sua amizade para sempre.

*   *   *

Paris, 11 de setembro de 1846.

Gostaria de poder comentar, linha por linha, a sua carta que acabo de receber, há uma hora, e lhe transmitir as reflexões que ela me inspirou em mil sentidos diversos. Mas imperiosas tarefas me impedem de o fazer. Não posso, entretanto, privar-me de deitar às pressas no papel os principais pontos sobre os quais é importante que, desde já, nos entendamos.

Muito sofri com sua declaração de que de agora em diante há um abismo entre as suas e as minhas crenças. Não, meu caro; nós acreditamos nas mesmas coisas, o Sr. de uma forma, eu de outra. Os ortodoxos são muito concretos, apegam-se a fatos, a nadas, a minúcias. Lembra-se o Sr., decerto, da definição que deu do cristianismo aquele procônsul (*ni fallor*) de quem se fala nos *Atos*: "Trata-se de um certo Jesus. Paulo diz que ele está vivo; outros dizem que está morto. Evite levar a questão a tão míseros termos. Em que pode afetar, pergunto-lhe eu, o valor moral de um

homem a crença em determinado fato ou, antes, a maneira de apreciar e de criticar esse fato? Oh, como Jesus era bem mais filósofo! Ele não foi superado; mas a Igreja, embora de boa fé, o foi.

O Sr. me dirá – "Deus quer que acreditemos nessas pequenas coisas, desde que as revelou." Demonstre-o; nisto está o meu forte. Não aprecio o método das objeções. Mas o Sr. não dispõe de uma prova que resista à crítica filosófica ou histórica. Só Jesus resiste. Mas ele é para mim o que é para o Sr.. Para ser alguém platônico, precisa de adorar Platão e crer em todas as suas palavras?

Não encontro, entre todos os homens que têm escrito, indivíduos mais tolos do que todos esses apologistas modernos: espíritos chãos, cérebros destituídos de crítica. Há outros mais sutis, porem estes não abordam a questão.

O Sr. me dirá, como me diziam no seminário: – "Não julgue o valor intrínseco das provas pela maneira inferior pela qual são elas apresentadas. Não possuímos homens de grande mérito mas poderíamos tê-los: isto não afeta à verdade intrínseca." Respondo: 1°, uma boa prova, sobretudo em crítica histórica, é sempre boa, qualquer que seja a maneira por que seja apresentada; 2°, se a causa fosse absolutamente verdadeira, teria melhores defensores.

Classifico assim os ortodoxos:

1 – Espíritos vivos, não destituídos de sutileza, mas superficiais. Esses se defendem melhor, mas a ortodoxia rejeita seu sistema de defesa, e eles não contam mais do que os outros.

2 – Espíritos deprimidos, velhos ruminadores de disparates. Esses são os estritamente ortodoxos.

3 – Os que só creem pelo coração, como crianças, sem entrar na engrenagem apologética. Oh! Esses, eu os aprecio, formo deles o mais favorável conceito. Mas estamos falando de crítica, e nisto eles não contam. Em moral eu confraternizaria com essa categoria de ortodoxos.

Outros há ainda que não podem ser definidos. São descrentes sem o saber. A descrença está nos seus princípios mas eles não levam esses princípios às últimas consequências. . . Outros acreditam em retóricos, porque os autores a quem dedicam o seu culto foram dessa opinião. É uma espécie de religião clássica, literária. Acreditam no cristianismo como os sofistas da decadência acreditavam no paganismo.

Lamento não ter tempo para concluir e pôr em ordem esta classificação.

O Sr. desconfia da razão individual quando ela procura elaborar um sistema de vida. Muito bem; então, aponte-me um sistema melhor, e eu acreditarei nele. E na falta de coisa melhor que sigo esta razão individual, e muitas vezes me irrito com ela.

Quanto à posição, em face dos outros, que tudo isto acarretará para mim, não me importa. Não me classificarei em parte alguma. Se minhas convicções significam uma classificação, será isto um fato, nada mais. Se encontrar pessoas que pensem como eu, confraternizaremos; em caso contrário, ficarei só. Sou muito egoísta: recolhido em mim mesmo, desdenho de tudo mais. Espero fazer o de que viver. Os que não me conhecerem me classificarão entre aquele com quem menos simpatizo: tanto pior para eles, que se enganarão.

Para se exercer influência é preciso empunhar uma bandeira e ser dogmático. Vamos, tanto melhor para aqueles que têm inclinação para isto. Quanto a mim, prefiro acariciar meu humilde pensamento e não mentir.

Se por um retrocesso que não seria o primeiro a se verificar no mundo, uma tal maneira de ver se tornar influente, está bem; virão a mim, mas eu não me confundirei nessas multidões.

Eu poderia incluir na classificação que fazia há pouco uma categoria a mais: aqueles que nada veem acima da ação e encaram o cristianismo como um meio de ação: espíritos vulgares, se comparados com o pensador. Este é o Júpiter Olímpico, o homem espiritual que julga todas as coisas e não é julgado por ninguém. Que as almas simples possuam muito da verdade, oh! meu Deus, eu o creio; mas o modo pelo qual a possuem não pode satisfazer àquele cuja razão está na justa proporção das outras faculdades. Esta faculdade elimina, discute, depura, e é impossível sufocá-la. Ah! se eu tivesse podido abafar em mim a razão, tê-lo-ia feito.

Quanto ao *cupio omnes fieri*, eis o que penso. Eu só o aplico à minha liberdade. Devemos, tanto quanto possível, manter-nos numa posição em que estejamos sempre prontos a mudar de rumo desde que mude o vento das convicções. E quantas vezes ele varia no curso de uma existência? Isto depende da extensão dessa vida. Ora, um compromisso não é o que mais convém para essa mudança de rumo. A gente honra mais a verdade conservando-se numa posição em que possa dizer-lhe: “Leva-me aonde quiseres; estou pronto para te seguir.” Um padre não pode dizer isto sem inconveniente. Precisa de coragem para recuar.

Se ele não é, afinal, um ser celestial, sua situação ser horrível; e isto é tão certo que não conheço nem um bom exemplar nesse gênero, nem mesmo Lamennais. O padre tem de caminhar à frente e dizer resolutamente: “Verei sempre as coisas como as vi no passado, e nunca as verei de outro modo.” Como viver um instante dizendo tal coisa?

Quanto ao caso de X..., fora de qualquer consideração pessoal, eis aqui o meu silogismo. Não se deve jurar pelo de que não se está certo. Ora, ninguém pode garantir que não mudará de crença no futuro, por mais certo que se esteja quanto ao presente e ao passado. Portanto. . . Também um dia jurei, e entretanto. . .

O que o Sr. diz sobre os antagonismos do catolicismo está muito certo. Eu mesmo já fiz incidentemente sobre esse ponto pesquisas bastante curiosas, que, completadas, poderiam constituir uma *História da Incredulidade no Cristianismo*. Os resultados desses estudos pareciam uma vitória para os ortodoxos, sobretudo o primeiro, a saber: que o cristianismo quase só tem sido atacado até aqui em nome da imoralidade e das doutrinas abjetas do materialismo, numa palavra, por libertinos. Eis o fato, e eu o provarei. Mas explico isto. Naqueles tempos todos tinham de acreditar nas religiões; era a lei de então, e aqueles que não criam ficavam fora da ordem normal. É tempo de que se inicie uma nova ordem. Creio mesmo que ela já começou, e a última geração alemã me fornece a respeito admiráveis exemplares: Kant, Herder, Jacobi, o próprio Goethe.

Desculpe-me, meu caro amigo, que lhe escreva neste tom. Mas eu faço pelo Sr. o que não faço pelo que tenho de mais caro no mundo, minha irmã, por exemplo, a quem acabo de mandar uma carta de um

quarto de lauda, tão sobrecarregado estou de trabalho. Deleito-me pensando nas conversas que teremos pessoalmente depois do meu exame, sobretudo, pois então eu tomarei férias. Teria, entretanto, ainda, mil coisas a dizer-lhe sobre o que fala a seu respeito. Ainda aí eu desempenharia o papel refutativo, com mais razão, sem dúvida. Meu amigo, projetar certas coisas é ficar obrigado a realizá-las.

Adeus, caríssimo amigo... Acredite em minha afeição muito sincera.

F I M